Horia Sima

A História do Movimento Legionário

Horia Sima

A História do Movimento Legionário

Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

Sumário

Preparando o Cenário....6
As Origens do Movimento Legionário....11
I. A Romênia após a Primeira Guerra Mundial....11
II. O Jovem Combatente Anticomunista....12
III. A Guarda da Consciência Nacional....14
IV. O Esmagamento do Comunismo na Universidade....17
V. O Movimento Estudantil....19
VI. A Liga da Defesa Nacional-Cristã....23
VII. A Conspiração Estudantil....24
VIII. A Educação da Juventude — O Primeiro Campo de Trabalho....32
IX. O Terror Policial e suas Consequências....34
X. O Julgamento....37
XI. A Vitória e o Colapso da Liga....39
XII. Os Políticos....42
A Fundação do Movimento Legionário....47
I. O Homem....47
II. O Contexto....51
III. O Ato....55
IV. O Capitão....57
V. A Plataforma....59
VI. O Homem Novo....62
VII. A Doutrina....65
VIII. Organização....67
IX. Influências Estrangeiras....71
A Criação do Movimento (1927–33)....75
I. Os Primórdios da Vida Legionária....75
II. O Método Legionário de Propaganda....83
III. O Movimento avança em direção às Grandes Massas....87
IV. A Guarda de Ferro....93
V. As Primeiras Medidas Arbitrárias: A Proibição da Guarda de Ferro....95
VI. As Eleições....101
VII. No Parlamento....104
VIII. O Movimento Legionário e a Democracia....108
A Primeira Perseguição....114
O Partido Liberal decide destruir a Guarda de Ferro....114
I. A Organização Legionária em 1933....118
II. A Equipe da Morte....122
III. As Provocações....125
IV. De onde a Guarda de Ferro tira seu Dinheiro?....129
V. A Soldo de Estrangeiros....131
VI. O Rei Carol e o Movimento Legionário....133
VII. O Papel de Nicolae Titulesco....139
VIII. A Política do Partido Liberal....143
IX. Eleições Sangrentas....146
X. A Proibição do Movimento Legionário....151
XI. General Cantacuzène....154
XII. A Morte Violenta de Duca....156
XIII. Em uma Atmosfera de Violência....162
XIV. O Julgamento....167
XV. Um Documento Esclarecedor....175
XVI. Traição....183

O Período de Expansão (1935–1937)..... 191
A Reorganização do Movimento..... 194
I. A Formação do Partido “Tudo pela Pátria”..... 195
II. A Criação das Regiões..... 197
III. A Política Externa do Novo Partido..... 200
IV. O Congresso de Montreux..... 203
V. A Atitude do Governo..... 208
VI. Sob a censura e o Estado de Emergência..... 212
VII. O Ataque dos Estudantes..... 215
VIII. A Associação do Movimento Estudantil da Geração de 1922..... 220
IX. Os Campos de Trabalho..... 226
X. O Comércio Legionário..... 232
XI. As Equipes de Conferencistas..... 237
XII. O Homem Íntegro..... 241
XIII. Uma nova Ideia de Punição..... 243
XIV. As Maquinações do Palácio..... 245
XV. Os Partidos de Oposição e o Movimento..... 248
Leituras Complementares..... 261

Dedicatória

A Ion Marii, Traian Golea e a todos os legionários fiéis ao redor do mundo que conservaram a Fé e transmitiram a chama legionária da Esperança.

Christus Vincit!

Preparando o Cenário

Quando Corneliu Codreanu e treze de seus camaradas legionários foram estrangulados na floresta de Tancabesti, muitos tiveram a impressão de que, de algum modo, a história do Capitão e do Movimento Legionário ainda não havia chegado ao fim, mas que teria continuidade em outro tempo e em outro lugar.

Nos anos seguintes da história da Romênia, com o país mergulhando na mais terrível e brutal repressão — tão vividamente descrita por Baciu em seu livro *The Anti-Humans* —, alguns chegaram a acreditar que, afinal, aquele sacrifício sangrento talvez tivesse sido em vão. No entanto, como tantas vezes acontece na história humana, as aparências se mostraram enganosas.

Após a tomada do poder na Romênia do pós-guerra por um Partido Comunista dirigido por estrangeiros, houve um êxodo de romenos patriotas para o Ocidente, que levaram consigo suas histórias e seus relatos sobre a trajetória gloriosa e trágica da Legião. Foi essa onda de refugiados que preservou a lenda da Legião para as gerações futuras e permitiu que sua mensagem essencial e inspiradora fosse transmitida a outras nações e povos.

Caberia à juventude radical e anticomunista da Europa e das Américas ser influenciada por essa saga do Capitão e de seu movimento, um movimento que havia lançado um desafio que ultrapassava a Romênia e o seu próprio tempo.

Esse desafio poderia ser resumido de forma simples e sucinta em alguns pontos:

1. *Que não era possível construir uma Nova Ordem Social sem antes formar o Homem Novo.*
2. *Que era possível transformar a realidade da situação social em que se vivia antes de alcançar a plenitude do poder nacional e do Estado.*

3. *Que não fazia absolutamente nenhum sentido conquistar o poder do Estado se isso fosse feito por meio da traição e do engano.*

Esses pontos são muito simples e, ainda assim, foram e continuam sendo profundamente revolucionários em seu significado e importância. O Homem Novo deveria nascer não nas pranchetas de arquitetos políticos materialistas, mas no calor da batalha, no sacrifício e na luta, na vivência de um novo código de Honra que se proclamava herdeiro da cavalaria medieval. ***Ou o Homem Novo é um Exemplo, ou não é nada; ou traz nos olhos o amor por seu povo, ou é uma fraude; ou está de corpo e alma na luta, ou é melhor que fique completamente fora dela.***

O que isso significava na vida real, na vida de um povo e de uma nação? Significava que, se fosse necessário construir um dique em determinado lugar, duzentos legionários se reuniam na hora marcada para doar seu tempo, seu trabalho, a si mesmos. Em suma, estavam sempre dispostos a se sacrificar a serviço de uma Causa maior. Significava que, se os legionários fossem espancados, torturados e assassinados pela polícia do Estado, seus corpos não deveriam ser escondidos como se fossem motivo de vergonha. Pelo contrário, deveriam permanecer expostos no santuário da "Casa Verde", em Bucareste, como uma advertência permanente ao submundo que governava e envenenava a vida da nação; uma advertência que proclamava que ainda havia **homens de verdade** no mundo. Significava que, se uma guerra irrompesse do outro lado da Europa — como ocorreu na distante Espanha —, a Legião tinha a obrigação de enviar alguns de seus melhores filhos à frente antibolchevique; uma obrigação que levou dois mártires a tombar na fúria satânica da Guerra Civil Espanhola, dois mártires que fizeram uma *peregrinação do dever* para oferecer tudo o que tinham a Deus e à Europa.

E foi assim que a Legião se tornou conhecida, passou a ser reverenciada e honrada para além das fronteiras da sofrida Romênia. É profundamente comovente ler o testemunho de Elena, esposa de Codreanu, concedido a um jornal italiano no fim de 1994, sobre a terrível perseguição daqueles tempos.

É o testemunho de uma mulher que passou décadas de sua vida em prisões comunistas infames apenas por carregar o nome *Codreanu*. Ainda assim, ela se lembra daqueles dias em que, fraca e debilitada, foi detida por tropas alemãs na fronteira da Alemanha, no fim de 1944. Ao ouvir seu nome, um oficial alemão manda que ela o acompanhe. Pouco depois, ela se vê diante de um pelotão de soldados da Wehrmacht. *"Meu Deus", pensou ela, "vão me fuzilar. Com voz metálica, o oficial deu alguma ordem ao pelotão em alemão. Fechei os olhos e comecei a rezar. Quando os abri novamente, fiquei atônita. Os soldados estavam imóveis, em posição de sentido, e me apresentavam armas! Ali estava eu, refugiada e viúva, sendo recebida na Alemanha com honras militares".*

Pilhas de livros e montanhas de palavras foram dedicadas ao caráter, à consciência e à missão de Codreanu. Falaram de sua beleza física, de sua "distância" do mundo e, ao mesmo tempo, de sua proximidade, embora misteriosa, com seu povo. Falaram de como ele depositava todas as suas esperanças em São Miguel Arcanjo, visto como a arma suprema na luta para despertar e revitalizar a nação. Tudo isso diz muito sobre a grandeza e a natureza transcendental do Capitão, bem como sobre o singular movimento que ele concebeu, moldou e transformou em uma força nacionalista revolucionária.

Como já foi assinalado, a Legião não acreditava em conquistar o poder pelo poder; não procurava tomá-lo por meio da traição, do engano ou da respeitabilidade, por uma razão simples: *uma concessão leva a outra.* Se você fraqueja ou trai na marcha rumo ao poder, que garantia existe de que não fará o mesmo depois de conquistá-lo? Simples, lógico e, ainda assim, quase desconhecido entre os homens.

Ainda assim, o fato de não deter o poder supremo não gera frustração nas fileiras legionárias. A Legião se move, age, inspira. Constrói barragens e diques, casas, igrejas e escolas. Ampara o camponês pobre, o trabalhador explorado, a juventude alienada e constrói uma economia alternativa formada por lojas, acampamentos de trabalho e restaurantes. ***E sobre todo esse edifício ergue-se uma ordem cavalheiresca***.

É evidente que todos esses elementos continuam pertinentes em nossos dias, sobretudo numa época em que o Liberalismo e a Democracia demonstraram, ao longo de sua história, não passar de uma fachada para a oligarquia e a escravidão.

Paradoxalmente, mais do que a Romênia dos anos 1930, a Europa dos anos 1990 é um terreno de atuação mais fértil para essas ideias geradoras de vida. Essas ideias já começaram a fazer brotar uma nova vida, uma nova esperança. Movimentos nacionalistas revolucionários estão agora criando sua economia alternativa por meio da ocupação de terras, da construção de casas, da abertura de lojas e da criação de estruturas educacionais, além de muitas outras iniciativas por toda a Europa.

Mas a influência da Legião parece destinada a ultrapassar as fronteiras do atual campo legionário. Como podem os militantes de um partido como o MSI italiano — hoje dominado por uma direção liberal — esquecer seu passado, agora que de repente se viram na esfera do poder? Como podem esquecer aqueles dias dos anos 1970 em que, entrincheirados em suas sedes políticas por todo o país, aproveitavam os intervalos entre sucessivas ondas de ataques com coquetéis molotov e agressões abertas para ler sobre a Legião? Como podem esquecer aquela atmosfera que serviu de pano de fundo para a história de Man on a White Horse, em cujos olhos se podia ver toda a história da Romênia?

Tudo isso foi esquecido? Talvez sim, talvez não. Será que um novo prefeito do MSI achou estranho, numa Itália corroída pela corrupção, ser abordado por um antigo militante que não lhe pediu emprego nem favor algum, mas apenas uma coisa simples: *"Por favor, não se esqueça de Codreanu"*. Como tudo isso está distante da política contemporânea das taxas de juros e do índice Dow Jones — e como esta, por sua vez, está distante daquele mundo em que Codreanu reafirmava a antiga verdade de que existe uma corrente indissolúvel entre Deus, a Pátria e a Família.

Será mesmo que o Homem Moderno já não ergue os olhos para as estrelas? Como pode não sentir que nossa vida, nossa luta, faz parte de outra guerra travada há muito tempo nos céus entre São Miguel e os asseclas do Mal? Como pode um homem esquecer que, assim como Jesus

Cristo foi crucificado por aqueles que guerreavam contra Codreanu e contra a humanidade, isso constituiu, ainda assim, a condição da vitória? Quando Cristo proferiu as últimas palavras: *"Está consumado"*, assim era, mas não da maneira como seus inimigos compreenderam. Era o fim do reinado das Trevas e da Morte, e a Ressurreição anunciaria o reinado da Luz e da Vida. O Templo de Mamon foi despedaçado para que se pudesse erguer o Templo do Santo dos Santos.

Da mesma forma, os inimigos de Codreanu respiraram aliviados quando souberam que ele fora morto de maneira ignominiosa. Acreditavam ter visto o fim daquele Man on the White Horse — ou assim pensavam. Mas a mensagem de Codreanu não se destinava a uma época e a um lugar; *era para todos os tempos e todos os lugares, como convém a um seguidor de Cristo.* Agora, que tremam os crucificadores e assassinos, pois "os mortos" retornam para consumar a vitória!

Esta história da Legião não é obra de um acadêmico distante dos acontecimentos, mas de alguém que esteve lá e testemunhou o ódio do inimigo por Codreanu e o amor do povo romeno por aquele que foi o Mensageiro de São Miguel. É, portanto, a história em sua forma mais elevada e mais rica.

Um livro não pode mudar o mundo, mas pode mudar o coração e a alma de alguém capaz de mudá-lo. Acreditamos que o futuro das Ilhas Britânicas e da Europa repousa nas verdades incontestáveis proclamadas e preservadas pelo Movimento Legionário: que o homem de coração puro, que luta com justiça e sem descanso, salvará sua alma e sua terra natal.

A bandeira do Movimento Legionário não é apenas a bandeira da Romênia, mas a bandeira de todos aqueles que procuram trilhar o mesmo caminho. Essa bandeira permaneceu parcialmente oculta nas trevas sombrias do mundo do pós-guerra, mas um Novo Dia nos chama a desfraldar a bandeira da Esperança Legionária na investida final rumo à Vitória!

A IMPRENSA LEGIONÁRIA.

As Origens do Movimento Legionário.

I. A Romênia após a Primeira Guerra Mundial.

A Romênia lutou durante a Primeira Guerra Mundial ao lado das Potências Ocidentais. Graças a seus sacrifícios e à vitória alcançada pelos Aliados, o país duplicou a extensão de seu território e o tamanho de sua população. A Transilvânia, a Bessarábia e a Bucovina, províncias romenas até então sob domínio estrangeiro, foram reincorporadas ao Antigo Reino da Romênia, dando origem a um Estado amplo e poderoso na configuração geopolítica da Europa Oriental.

Entretanto, a alegria do povo pela conquista da unidade nacional foi ofuscada pelo espectro da ameaça comunista na fronteira oriental da Romênia. Após a queda da Rússia nas mãos dos bolcheviques, no início de novembro de 1917, toda a Europa Central ficou exposta ao risco de sofrer o mesmo destino. Por isso, durante o verão de 1919, o Exército romeno teve de enfrentar duros combates no rio Tisza contra as forças do ditador comunista Bela Kuhn, que governava a Hungria, a fim de salvar o país da tirania sangrenta imposta pelo feroz chefe marxista. Um ano depois, às margens do Vístula, o marechal Pilsudski esmagou os exércitos bolcheviques que haviam invadido a Polônia.

Ao término dessas campanhas militares, uma ao sul e outra ao norte dos montes Cárpatos, as vias de acesso para a penetração bolchevique na Europa Central haviam sido bloqueadas, e os dirigentes comunistas de Moscou tiveram de adiar seus planos de conquista da Europa, contentando-se com a vitória obtida na Rússia.

Entretanto, embora as operações militares contra os bolcheviques tivessem chegado ao fim no final de 1919, na Romênia a ameaça nem sequer havia sido afastada. Do outro lado do rio Dniester, chegava um fluxo constante de agentes comunistas, enviados com o propósito de provocar distúrbios no país e incitar as grandes massas a uma atividade

revolucionária contra o Estado romeno. Aproveitando-se da situação confusa comum a todos os períodos do pós-guerra, os comunistas procuraram lançar o país numa guerra civil.

Iași, a capital da Moldávia, parecia aos dirigentes soviéticos a região mais promissora para desencadear uma revolução. A cidade sofrera terrivelmente durante a guerra, e um grande número de refugiados havia se concentrado ali. Além disso, fora a mais exposta à propaganda comunista, pois por ela haviam passado, em fuga desabalada, as tropas russas estacionadas na Moldávia, que voltaram a cruzar o Dniester tomadas pela febre vermelha.

Foi justamente nessa cidade, onde o comunismo havia contaminado todas as classes sociais, dos trabalhadores aos intelectuais, que surgiu um jovem estudante anticomunista da Universidade Mihăileană: Corneliu Zelea Codreanu.

II. O Jovem Combatente Anticomunista.

Corneliu Zelea Codreanu nasceu em Iași, em 13 de setembro de 1899. Passou a infância em Huși, uma pequena cidade do interior, onde seu pai, Ion Zelea Codreanu, lecionava no colégio local.

A família Zelea Codreanu era originária da Bucovina, onde o avô e o bisavô do jovem haviam trabalhado como guardas florestais.

Corneliu Zelea Codreanu realizou a maior parte de seus estudos secundários na academia militar de Mănăstirea Dealului, próxima a Târgoviște, antiga capital da Valáquia. Esse colégio era conhecido em todo o país pela qualidade excepcional de seu corpo docente.

A educação recebida por Corneliu Codreanu nesse colégio de elite deixaria marcas indeléveis em seu caráter:

"Ordem, disciplina, senso de hierarquia" — escreveria ele muito mais tarde — "corriam em meu sangue desde muito jovem, ao lado da crença

na dignidade humana, e constituiriam a base de toda a minha atividade posterior."

Entre 15 e 28 de agosto de 1916, a Romênia entra na guerra contra as Potências Centrais. Codreanu é surpreendido pelos acontecimentos na casa de seu pai, em Huși, onde passava as férias. Embora ainda não tivesse completado 17 anos, parte imediatamente à procura do pai no front.

O regimento ao qual o professor Codreanu pertencia já havia atravessado as montanhas e se encontrava em combate na Transilvânia. O jovem Codreanu se junta ao regimento e participa da contraofensiva do Exército romeno; porém, quando os combates se tornam cada vez mais intensos, o coronel Piperesco, comandante do regimento, obriga o professor Codreanu a mandar o filho de volta para casa. Corneliu Codreanu retorna e ingressa na Escola Militar de Infantaria de Botoșani, onde se forma segundo-tenente. Nesse meio-tempo, a guerra chega ao fim.

Na primavera de 1919, Corneliu Codreanu fica preocupado com os rumores que circulam por todo o país e anunciam uma iminente invasão bolchevique na região do Dniester. Por isso, reúne vários colegas e amigos em uma floresta não muito distante da cidade de Dobrina e lhes faz a seguinte pergunta: *"O que faremos se os bolcheviques invadirem?"*

Sob o impulso de Corneliu Codreanu, esses jovens, com idades entre 16 e 18 anos, decidem que, caso o país fosse invadido pelos vermelhos, refugiariam-se nas montanhas e formariam um núcleo de resistência, uma força clandestina a partir da qual atacariam incessantemente o inimigo, a fim de manter viva entre as grandes massas a esperança de liberdade.

A decisão tomada por esse grupo de estudantes nunca chegou a produzir resultados concretos. As chamas da revolução comunista foram detidas antes de alcançar o Dniester, e os jovens estudantes de Huși não tiveram a oportunidade de provar sua coragem. Ainda assim, o episódio ocorrido na floresta de Dobrina possui um significado profundo. **Esse incidente representa o ponto de partida, a semente da qual nasceria o Movimento Legionário.** É nesse lugar e nesse momento que se revela, pela primeira vez e com dramática intensidade, o caráter extraordinário de

Corneliu Codreanu, fundador do Movimento. Numa idade em que outros jovens ainda se debatem com as incertezas da adolescência, ele se sente responsável pelo destino de seu povo. A angústia que toma conta de sua alma quando ainda é estudante jamais o abandonará até o fim da vida.

O que acontecerá com a Romênia se o comunismo se fortalecer na Rússia?

Não é provável que o povo romeno seja uma de suas primeiras vítimas?

Essa visão trágica do futuro de seu povo levou-o a consagrar cada fibra de seu ser à luta pela defesa do país, para que ele jamais caísse sob a escravidão comunista.

III. A Guarda da Consciência Nacional.

No outono de 1919, Corneliu Codreanu parte para Iași, onde se matricula na Faculdade de Direito. Ali, porém, uma grande decepção o aguarda! Em vez de encontrar uma juventude universitária mobilizada contra o comunismo, com pensamentos e sentimentos semelhantes aos seus, depara-se com uma massa atomizada, cuja grande maioria já havia se inclinado para a esquerda.

As teorias marxistas estavam *na moda*, difundidas até mesmo pelos próprios professores. Os intelectuais já haviam esquecido as centenas de milhares de soldados mortos no campo da honra e confraternizavam abertamente com o inimigo mortal do povo romeno. Para esses intelectuais enfermos, a doutrina marxista era a palavra definitiva da Ciência e do Progresso. Quem falasse em *"Pátria"*, *"Igreja"* ou *"Rei"* era ridicularizado e considerado retrógrado e ultrapassado.

Os trabalhadores, levados à beira do desespero pela pobreza, eram facilmente manipulados por agentes comunistas e impelidos a greves e manifestações antipatrióticas. As autoridades assistiam, completamente impotentes, às passeatas das multidões revolucionárias, que gritavam:

“Abaixo o Exército!”, *“Abaixo o Rei!”*, *“Viva a União Soviética!”*. A situação não era melhor na capital nem nos demais grandes centros do país. A Romênia estava a apenas um passo da revolução.

Corneliu Codreanu fica chocado com a falta de discernimento que caracteriza a população estudantil. Embora toda a atmosfera da universidade seja hostil às suas convicções, ele não hesita nem por um instante em se lançar à luta para tentar conter essa tendência perniciosa. As dificuldades de tal tarefa pareciam insuperáveis. Não havia qualquer esperança evidente de encontrar apoio entre a massa estudantil. As estruturas universitárias estavam nas mãos dos comunistas. Corneliu Codreanu teria de enfrentar sozinho a tendência dominante e obrigá-la a mudar completamente de rumo. Qualquer outra pessoa teria ficado profundamente desanimada só de pensar em semelhante situação. Era uma tarefa sobre-humana!

Algumas semanas depois de chegar a Iași, ele conhece por acaso uma figura extraordinária, um autêntico combatente nacionalista: o operário Constantin Panco.

Esse homem liderava um movimento nacionalista e cristão da classe trabalhadora chamado ***Guarda da Consciência Nacional***. Panco queria libertar os trabalhadores da influência dos dirigentes comunistas e dos lemas internacionalistas. Embora não fosse um intelectual, conhecia profundamente os problemas da classe trabalhadora. Em seus discursos aos operários, mostrava-lhes que suas reivindicações legítimas poderiam ser atendidas com bastante facilidade no âmbito da Nação; que não precisavam se deixar desviar por ideologias estrangeiras. Em um Estado dirigido por homens verdadeiramente preocupados com seu país, os trabalhadores deixariam de ser tratados como “párias” da sociedade.

Constantin Panco torna-se o principal aliado de Corneliu Codreanu na luta contra os comunistas. Na alma desse homem simples e na estrutura de sua organização, Codreanu encontra o elemento espiritual que reflete suas próprias convicções. Graças ao apoio do jovem estudante, o movimento de Panco cresce de forma animadora. De reuniões secretas realizadas em uma pequena sala, com não mais que vinte pessoas, surgem encontros públicos

com dez mil participantes. Graças à força de vontade de ambos, a corrente comunista perde seu ímpeto entre milhares de trabalhadores e acaba reduzida a uma presença insignificante em todas as grandes empresas de Iași.

Panco e Codreanu aproveitam o entusiasmo despertado entre as massas trabalhadoras por sua plataforma política e por seus discursos inspiradores para organizar esses trabalhadores em Sindicatos Nacionais, os primeiros da Romênia inteiramente livres da influência marxista. Em 9 de fevereiro de 1920, eles também fundam uma organização política à qual dão o nome de *Socialismo Nacional-Cristão*.

Nas conversas mantidas com Panco para definir o programa político do novo partido, Codreanu expõe sua posição diante dos problemas dos trabalhadores nos seguintes termos:

"Não reconhecemos a ninguém o direito de erguer em solo romeno qualquer bandeira que não seja a de nossa história nacional. Quaisquer que sejam os direitos da classe trabalhadora, não lhe concedemos o direito de se voltar contra nosso país.

Justiça individual no âmbito da justiça para o povo. Essa é a nossa convicção. É inadmissível que, em nome de sua justiça pessoal, você pisoteie o direito histórico da nação à qual pertence.

Tampouco aceitaremos que, sob o manto da bandeira, uma classe pequena e tirânica se imponha sobre os ombros dos trabalhadores de toda espécie e literalmente lhes arranque a pele enquanto repete sem cessar: ***PÁTRIA*** *— que não ama;* ***DEUS*** *— em quem não acredita;* ***IGREJA*** *— na qual nunca entra;* ***EXÉRCITO*** *— que envia à guerra de mãos vazias".*

O movimento de Panco atinge seu auge na primavera de 1920. Em seguida, começa a perder relevância e impulso, na mesma proporção em que a própria ameaça comunista diminui. Quando o general Averesco chega ao poder, em março de 1920, adota medidas enérgicas contra os comunistas, afastando o perigo imediato de uma revolução.

IV. O Esmagamento do Comunismo na Universidade.

Depois de conter o movimento comunista entre os trabalhadores de Iași, Corneliu Codreanu concentra seus esforços nos estudantes. Consegue reunir ao seu redor um punhado de estudantes nacionalistas e, com a ajuda deles, ingressa no ambiente universitário dominado pelos comunistas. O primeiro confronto do pequeno grupo nacionalista com a facção vermelha da universidade ocorre no outono de 1920, no início do semestre.

Desde a fundação da universidade, era costume iniciar o semestre com uma missa, da qual participavam os professores, os estudantes e as personalidades da cidade. Agora, pela primeira vez na história da instituição, as autoridades universitárias anunciavam o início do semestre sem a tradicional cerimônia religiosa. Os professores “progressistas” da época, que constituíam a maioria no Senado Universitário, sustentavam que a invocação do Espírito Santo em uma instituição de ensino era um sinal de “obscurantismo” e “uma afronta à ciência”.

Depois de várias reuniões com o Senado Universitário, na tentativa de fazê-lo revogar essa decisão, Corneliu Codreanu resolve opor-se ativamente ao início do novo semestre sem missa.

No dia do grande acontecimento, ele é o primeiro a chegar à universidade, bloqueia as portas da entrada principal e, na hora da abertura, diz a todos os que já se encontravam reunidos diante da porta que não permitirá a entrada de ninguém que não lhe prometa que o ano letivo será abençoado por um sacerdote. É recebido com insultos e ameaças.

Enquanto conversa com um professor, a multidão do lado de fora aproveita um momento de distração, força a abertura das portas, e uma onda de estudantes comunistas invade furiosamente o prédio, derruba seu único defensor, Codreanu, espanca-o e o prende contra a parede.

Ainda assim, a vitória final é dele. O Senado Universitário, preocupado com as repercussões do conflito na população e entre os estudantes, anuncia que o retorno às aulas ocorrerá em uma data posterior e com a tradicional missa.

Ao longo do ano letivo de 1920–1921, aumenta o número de confrontos entre o pequeno grupo de estudantes nacionalistas, que mal chegava a quarenta membros, e a grande maioria dos demais, dominada por grupos comunistas. No entanto, a luta contra o domínio comunista na universidade é conduzida por Codreanu com tamanha coragem e inteligência que, ao final do ano, os comunistas já não ousam realizar manifestações.

É então que o Senado Universitário vem em auxílio dos comunistas derrotados. Corneliu Codreanu, acusado de ser um agitador, é expulso da universidade. A decisão, porém, não pode ser executada, pois a secretaria da Faculdade de Direito é dominada por professores de orientação nacionalista, que se opõem ao Senado; Codreanu continua matriculado na Faculdade e pode prestar seus exames.

No início do ano letivo seguinte, 1921–1922, Codreanu é eleito presidente da Sociedade dos Estudantes de Direito. As atividades variadas e criativas promovidas a partir de então por essa sociedade atraem para suas fileiras a maioria dos estudantes das outras faculdades. Assim, o Centro Estudantil de Iași, organização oficial que já se encontrava nas mãos dos comunistas, começa a perder sua influência sobre a comunidade universitária. Esse Centro desaparece definitivamente quando, por sugestão de Codreanu, em 20 de maio de 1922, é fundada na Universidade de Iași a *Associação dos Estudantes Cristãos*. A nova Associação substitui o antigo Centro Estudantil e, à medida que cresce entre a comunidade acadêmica, elimina a influência comunista na universidade.

O exemplo dos estudantes de Iași é seguido em outras universidades. A aurora do Nacionalismo desponta em todas elas. A massa estudantil, momentaneamente desorientada pelo movimento revolucionário russo e pela ação subversiva dos agentes comunistas, retoma seu papel tradicional de luta pelas teses mais avançadas da nacionalidade romena.

V. O Movimento Estudantil.

Corneliu Codreanu conclui o curso de Direito em junho de 1922. No outono daquele mesmo ano, deixa o país e parte para a Alemanha, onde pretende completar os estudos fazendo um curso de Economia Política. Permanecerá ali por apenas alguns meses.

Enquanto está na Alemanha, fica sabendo que poderosas agitações estudantis eclodiram na Romênia. Se, nos anos anteriores, o movimento estudantil não havia passado de um fenômeno local — isto é, restrito a Iași, com alguns reflexos em Cernăuți e na Bucovina —, desta vez ele assume caráter generalizado, espalhando-se como um furacão por todas as universidades. Em Cluj, Bucareste, Iași e Cernăuți, os estudantes abandonam os estudos e vão às ruas em manifestação. Os confrontos com a polícia e o Exército tornam-se frequentes. O episódio é ainda mais significativo porque não resulta de uma organização articulada. Trata-se de uma explosão espontânea. É:

"uma mobilização coletiva e maciça, sem organização prévia, sem discussões a favor ou contra, sem que nenhuma decisão de comitê tivesse sido tomada".

É um *"espasmo de uma nação enferma"* — como o definiu Ion Moța, outro grande romeno daquela geração.

Codreanu sente-se profundamente abalado, até o âmago de seu ser, por esse despertar da consciência nacional. Perde a tranquilidade necessária para estudar. Abandonando os planos anteriores, retorna às pressas à Romênia. Considera o levante da população estudantil um sinal providencial, um fenômeno de verdadeira importância histórica, e sente que não pode deixar de participar da luta.

O movimento estudantil sempre fora essencialmente anticomunista, mas, nesse meio-tempo, adquirira outra característica: tornara-se antijudaico.

A passagem do anticomunismo ao antijudaísmo ocorrera da maneira mais natural. A maioria dos dirigentes comunistas da Romênia e a maioria

dos agentes enviados pela Rússia eram judeus. Ao combater os comunistas nas universidades, os estudantes deparavam-se por toda parte com judeus. Eram os judeus que promoviam agitações entre os trabalhadores e os estudantes. Eram os judeus que incitavam as grandes massas a se rebelar contra o Estado romeno. Eram os judeus que exigiam a derrubada do Rei e a transformação da Romênia em uma *"República Soviética"*. Eram os judeus que difundiam o ateísmo e atacavam o clero. Eram eles que, por meio da imprensa que controlavam, apoiavam todas as causas antinacionais e ridicularizavam a Nação, a Tradição e o passado da Romênia.

Cada uma dessas manifestações judaicas levava os estudantes a ver em cada judeu um inimigo de seu país, um elemento a soldo daqueles que pretendiam destruir o Estado romeno, ainda mal reconstituído. **O anticomunismo da nova geração conduzira inevitavelmente ao antijudaísmo.**

Havia também outras causas de natureza social e econômica, estreitamente ligadas ao estágio de desenvolvimento do país, que explicavam o antijudaísmo da comunidade estudantil. Um grande número de judeus havia ingressado nas escolas e universidades após a Primeira Guerra Mundial. Na maioria dos colégios da Bucovina, da Bessarábia e da Moldávia, o número de judeus era superior ao de romenos; e isso não se devia simplesmente ao fato de serem mais numerosos nessas regiões do que nas demais províncias.

Algumas faculdades, sobretudo as de Cernăuți, na Bucovina, e de Iași, na Moldávia, estavam literalmente tomadas por judeus. Na Faculdade de Medicina de Iași, por exemplo, havia, em 1920, 556 estudantes romenos contra 831 judeus. Ninguém podia negar que a proporção de judeus matriculados nessas universidades estava em flagrante contradição com a verdadeira composição étnica do país!

Os judeus ocupavam uma posição privilegiada na Romênia. Senhores da economia, podiam enviar todos os seus filhos às instituições de ensino superior, enquanto a massa da população, composta em grande parte por camponeses, não tinha qualquer condição de arcar com as despesas dessas

mesmas escolas para seus filhos. O perigo era evidente! Se a maioria dos alunos e universitários de hoje era judia, então a classe dirigente de amanhã seria necessariamente composta nas mesmas proporções étnicas. Além disso, como a comunidade judaica romena simpatizava com o movimento comunista, isso significava que cada judeu instruído se tornaria, no futuro, um fator de desagregação da nação romena e de lealdade à Rússia Soviética.

Conscientes da situação de inferioridade econômica em que se encontrava o povo romeno naquele período e empenhados em impedir que a classe dirigente romena fosse dominada, os estudantes exigiam a única solução política possível diante dessa grave situação: reivindicavam o *Numerus Clausus* — isto é, a limitação do número de judeus admitidos nas universidades em proporção direta à porcentagem de judeus e romenos no território nacional.

As manifestações estudantis colocaram a *"Questão Judaica"* no centro do interesse nacional. Na verdade, esse problema não era novo. A novidade estava na veemência da reação da juventude.

Nos anais políticos da Romênia moderna, o antijudaísmo é uma tradição. A agitação antijudaica teve início na Romênia na primeira metade do século XIX, provocada pelo *número excessivo de judeus* que, naquele período, haviam ingressado nos principados romenos vindos da Galícia, da Polônia e da Rússia. A Moldávia, em particular, sofrera enormemente com essa invasão silenciosa.

As figuras mais ilustres da cultura nacional eram antijudaicas. Basta mencionar o poeta mundialmente famoso Mihai Eminesco, os historiadores Hasdeu, Xenopol e Iorga, o filósofo Vasile Conta e o estadista Mihail Kogalniceanu. Foram eles que deram o alarme sobre a ameaça judaica e se opuseram decididamente à assimilação civil dos judeus em *bloco*.

Deixemos claro, ao mesmo tempo, que o antijudaísmo do povo romeno **jamais teve fundamento religioso ou racial.** Do ponto de vista religioso,

o povo romeno está entre os mais tolerantes do mundo. Em toda a sua história, não houve na Romênia um único caso de perseguição religiosa.

A causa do antijudaísmo romeno era **social e econômica.** Ele havia sido provocado pelo número desproporcional de judeus que se estabeleceram na Romênia ao longo do século XIX e que, depois de alcançar importantes posições econômicas, procuraram dominar o país. A tensão entre romenos e judeus se agravou após a Primeira Guerra Mundial em razão da participação aberta e provocadora das minorias judaicas na agitação promovida pelos comunistas.

Antes da Primeira Guerra Mundial, existia até mesmo um partido que, entre outros pontos, incluíra em seu programa *"adotar medidas para defender o povo romeno da exploração econômica judaica"*. Esse partido, chamado ***Partido Nacionalista Democrático***, era liderado pelos professores Nicolae Iorga e A.C. Cuza. Nas primeiras eleições realizadas imediatamente após a guerra, em 1919, o Partido Nacionalista Democrático conquistou 34 cadeiras. Porém, logo após esse expressivo sucesso, dissolveu-se. O professor Iorga abandonou sua linha antijudaica e afastou-se de Cuza.

A.C. Cuza manteve suas convicções. Professor de Economia na Universidade de Iași, desenvolveu as teses antijudaicas com tamanho rigor científico que nem mesmo seus inimigos conseguiam contestá-lo. O debate sobre esse problema vital para o povo romeno atraía para suas aulas muitos estudantes de outras faculdades.

Não se pode negar o impacto das ideias "cuzistas" sobre os estudantes, mas seria exagero afirmar que o movimento estudantil nasceu dos ensinamentos doutrinários do professor. A reação estudantil não surgiu de ideias ouvidas em sala de aula, nem de ideias encontradas em livros, tampouco de especulações filosóficas sobre a Questão Judaica. A juventude estudantil reagiu ao tomar consciência, no ambiente em que vivia, de sua inferioridade numérica diante dos judeus que lotavam as universidades. O antijudaísmo dos estudantes tinha como fundamento uma realidade concreta, um fato visível e fácil de comprovar.

VI. A Liga da Defesa Nacional-Cristã.

Ao retornar do exterior, Corneliu Codreanu depara-se com a seguinte situação: o meio estudantil está em greve e prossegue com determinação na luta pela adoção do *numerus clausus*. O governo, por sua vez, mostra-se igualmente decidido a não atender a nenhuma das reivindicações dos estudantes.

Ao analisar as forças em confronto, Codreanu chega à conclusão de que a causa estudantil trava uma luta isolada, sem qualquer esperança de êxito.

É claro que os estudantes constituíam apenas uma parcela diminuta da população. Sua força, apesar da coragem com que enfrentavam a repressão governamental e de todas as vitórias parciais que poderiam alcançar, era insuficiente para obrigar o governo a ceder. Para que suas reivindicações triunfassem, era necessário difundi-las mais amplamente na consciência nacional.

A atividade estudantil precisava sair do ambiente universitário, do campo de ação restrito em que atuara até então, para se transformar em um *movimento de massas*, um movimento político de alcance nacional. Desse modo, por meios legais e valendo-se da forte corrente de opinião pública criada em seu favor, o movimento poderia obrigar o Parlamento a aprovar o *numerus clausus*.

Corneliu Codreanu demonstra aos líderes estudantis a necessidade de criar uma organização política sob a direção do professor Cuza, cuja probidade ideológica estava acima de qualquer suspeita. Os estudantes deveriam constituir a *vanguarda* da nova organização, enquanto as pessoas mais velhas formariam a estrutura política propriamente dita.

Esse ponto de vista não foi aceito de imediato.

A maioria dos líderes estudantis considerava que o movimento não deveria sair do ambiente universitário. Após longas discussões, acabaram por se convencer com os argumentos de Codreanu e adotaram sua proposta.

Em 4 de março de 1923, reuniu-se em Iași a Assembleia de Fundação do novo agrupamento político. Diante de mais de 10.000 pessoas vindas de todos os cantos do país, foram lançadas as bases da *Liga da* ***Defesa Nacional-Cristã***, tendo o professor A.C. Cuza sido nomeado presidente.

O primeiro ato do novo presidente é encarregar o jovem advogado Corneliu Codreanu de organizar a Liga em todo o território nacional, tarefa correspondente ao cargo de secretário-geral.

VII. A Conspiração Estudantil.

No meio estudantil, a greve prossegue em condições cada vez mais difíceis, enquanto aumentam os sinais de desorientação e cansaço. Com grande esforço, os líderes das massas estudantis conseguem impedir o início das aulas em junho de 1923 — retomada determinada pelas autoridades governamentais —, que havia levado os estudantes a pensar em prestar os exames no prazo e, assim, não perder o ano letivo. Com esse último esforço, os estudantes haviam chegado ao limite de suas forças.

É fácil imaginar os sacrifícios feitos por esses estudantes para manter a greve ininterruptamente durante um ano inteiro nas quatro universidades do país. Depois da guerra, a população universitária havia crescido enormemente. Somente na Universidade de Bucareste, havia mais de 30.000 estudantes matriculados. Todos esses jovens que se recusavam a assistir às aulas não podiam prestar os exames e, por isso, eram obrigados a perder um ano. Cada um deles fazia um sacrifício doloroso para que a batalha pelo *numerus clausus* fosse vencida. Além disso, não se tratava de uma pessoa, nem de cem ou mil, mas de dezenas de milhares.

Para obrigá-los a encerrar a greve, o governo fechou os refeitórios e os alojamentos estudantis. Sem recursos de qualquer espécie, a maioria desses estudantes, filhos de camponeses, operários ou funcionários públicos de baixo escalão, foi obrigada a voltar para casa. Ali os aguardavam as recriminações dos pais, que os aconselhavam a *“abandonar aquela insensatez e voltar aos estudos; haveria muito tempo*

para a política depois que tivessem assegurado seu futuro”. Os estudantes resistiam, apesar de serem perseguidos por toda parte, sem apoio nem incentivo de lado algum. Todas as grandes forças estavam unidas contra eles: o governo, os professores, a imprensa, os partidos e até os próprios pais.

Entre 22 e 25 de agosto de 1923, os líderes estudantis de todo o país realizaram uma conferência para analisar a situação. Os delegados dos Centros Estudantis decidiram se opor ao início das aulas no novo ano letivo e reafirmaram a intenção de prosseguir com a greve; além disso — e isso era de extrema importância para a vitória da corrente nacionalista —, decidiu-se conceder o apoio oficial da população estudantil à Liga da Defesa Nacional-Cristã.

Entretanto, a decisão de continuar a greve não pôde ser mantida. A grande maioria dos estudantes estava cansada e desanimada. O governo, plenamente consciente disso, estava mais decidido do que nunca a não ceder às reivindicações e aguardava sua rendição iminente. Chegara até mesmo a atrair vários líderes com a promessa de bons empregos após a conclusão dos estudos, sob a condição de que trabalhassem para pôr fim à greve.

Ion Moța — presidente do Centro Estudantil da Universidade de Cluj — ficou consternado diante da perspectiva da derrota. Tantos sacrifícios inúteis colocavam-no diante de um grave dilema de consciência. Quebrava a cabeça em busca de uma saída honrosa para o impasse enfrentado pelo movimento estudantil. Depois de longa reflexão, procura Corneliu Codreanu para lhe expor seu plano. O encontro ocorre na pequena cidade de Câmpulung, na Bucovina, onde Codreanu participava de uma conferência da Liga.

Os dois partem imediatamente para o monte Rarău, onde, na tranquilidade da natureza, em meio a árvores centenárias, estariam livres de qualquer influência para decidir que caminho seguir. Moța expõe seus temores. A comunidade estudantil havia chegado ao limite de sua capacidade de resistência. O governo e todas as forças antinacionais aguardavam triunfantes sua capitulação iminente.

Moța considerava que os estudantes deveriam ter permissão para voltar às aulas, mas acreditava que os líderes não podiam abandonar a luta sem deixar um exemplo para as gerações futuras. Correndo o risco de morrer ou de ser condenados à prisão perpétua, deveriam golpear sem piedade todos os responsáveis pela situação trágica dos estudantes e pelos sofrimentos de toda a nação.

Corneliu Codreanu ouve o apelo de Moța com profunda emoção. Ele também acredita que o ato final de sua luta deve ser a punição dos traidores. Também está disposto a sacrificar sua liberdade e até mesmo a própria vida, mas antes considera necessário acertar contas com rigor com os responsáveis. Eles retornam a Iași para comunicar sua decisão aos demais líderes estudantis.

Os responsáveis pelos sofrimentos do povo eram numerosos demais para que todos fossem eliminados, como seria justo fazer; por isso, escolheram apenas algumas pessoas, consideradas as mais culpadas: vários ministros liberais e vários banqueiros judeus — estes, por financiarem os partidos parlamentares e corromperem a vida pública —, que deveriam tombar sob as balas dos líderes estudantis. Depois de definir o papel de cada um nesse ato histórico de punição, os integrantes do grupo partiriam para Bucareste, onde os atentados seriam realizados.

O plano não chega a ser executado devido à deserção de um dos integrantes do grupo. O estudante Vernichesco os denuncia às autoridades. Mais tarde, descobriu-se que ele era um agente dos serviços de segurança que havia se infiltrado no círculo dos líderes estudantis. Enquanto todo o grupo se reúne na casa de um amigo em Bucareste para acertar os últimos detalhes do plano e marcar uma data, a casa é cercada pela polícia e todos são presos, inclusive Vernichesco, para não levantar suspeitas.

Todos pensaram que a prisão fosse consequência de uma indiscrição ou de algum erro, até descobrirem que a polícia também havia encontrado o local onde estavam escondidos os revólveres e as cartas que haviam escrito para seus familiares e amigos, nas quais explicavam os motivos da ação. Então perceberam que havia um traidor entre eles e, mais tarde, após

os depoimentos prestados no Ministério da Justiça, conseguiram identificá-lo.

Os estudantes presos foram levados primeiro à Prefeitura de Polícia, onde prestaram seus primeiros depoimentos. Os indícios circunstanciais eram bastante graves; ainda assim, com certa agilidade mental, seria possível que se desvencilhassem da situação e evitassem uma condenação.

Quando chega a vez de Codreanu prestar depoimento, ele ainda é atormentado pela dúvida. Não sabe como proceder. Sua alma e sua consciência não lhe permitem defender-se no tribunal adotando uma postura dissimulada, negando suas verdadeiras convicções e seus atos. Pede um momento para refletir e, nesse intervalo, decide contar toda a verdade — e não apenas repeti-la, mas afirmá-la com vigor, insistir nela e transformá-la em uma arma com a qual golpearia pela última vez os inimigos da nação antes de ser condenado à prisão perpétua — pois era isso, de fato, que os aguardava em caso de condenação.

O depoimento de Codreanu e dos outros estudantes provoca inquietação no governo. Este teria preferido que o julgamento não assumisse um rumo tão dramático e se limitasse a atacar a ação indigna de alguns exaltados. No entanto, a opinião pública fica profundamente abalada com as confissões dos estudantes, pois a notícia da conspiração vinha à tona justamente quando fontes governamentais anunciavam enfaticamente que os estudantes haviam desistido das manifestações e decidido retomar os estudos.

As descobertas da polícia e, sobretudo, os depoimentos dos acusados semeiam o pânico nos círculos governamentais, pois, longe de acalmar os estudantes, fazem com que as manifestações tomem um rumo preocupante.

Uma imprensa judaica desenfreada censura o governo por sua fraqueza diante dos agitadores estudantis e exige uma punição severa para os “conspiradores”.

O que mais preocupa o governo e todos os partidos políticos é **a qualidade espiritual desses jovens.** No cenário nacionalista romeno, **havia surgido um novo tipo de estudante.** Até então, o movimento

estudantil havia se limitado a atividades que as autoridades podiam controlar com facilidade: os estudantes se recusavam a assistir às aulas? — Eram eles e seus pais que realmente sofriam. Manifestavam-se nas ruas? — As forças da ordem estavam ali para impedi-los. Quebravam as vitrines das lojas judaicas? — Mesmo que a polícia não conseguisse detê-los, não havia prejuízo, pois o Estado indenizava os danos causados. Mas, dessa vez, esses jovens haviam adotado uma forma diferente de agir: deram as costas à agitação de rua e passaram a se dedicar à conspiração — queriam matar os dirigentes do país!

No fundo, não é tanto a conspiração em si que assusta a classe dirigente. Exaltados e fanáticos existem em todas as gerações, prontos para resolver problemas políticos à bala. Com o passar dos anos, o fanatismo arrefece, seus adeptos arranjam emprego, constituem família e os sonhos da juventude se dissipam.

O que realmente alarma o governo é a firmeza da decisão desses jovens, a clareza de suas convicções e a fé que depositam em sua causa. Havia surgido um novo tipo de caráter: homens com uma visão integral da luta nacionalista e dispostos a dar a vida pela vitória do Ideal. Era algo novo na história política da Romênia.

Com a “Conspiração Estudantil”, abre-se um novo capítulo nas relações entre governantes e governados na Romênia. A nova geração já não estava disposta a ceder diante de ilegalidades e abusos. Decidira não mais tolerar o sistema de governo vigente, baseado na exploração do povo pela classe dominante em aliança com os judeus. O tempo dos acordos fáceis havia chegado ao fim. Diante dos usurpadores e traidores da nação erguia-se uma geração inabalável, que já não se rendia a ameaças nem se deixava comprar por bajulações, vantagens materiais ou posições de prestígio.

Ao término do interrogatório preliminar, apenas seis pessoas continuavam implicadas na conspiração: Corneliu Codreanu, Ion Moța, Corneliu Georgescu, Ilie Gârneață, Tudose Popescu e Radu Mironovici.

Até o dia do veredicto, permaneceram detidos na famosa prisão de Văcărești, nos arredores de Bucareste. Essa prisão havia sido anteriormente um mosteiro, embora a capela tivesse sido preservada para os prisioneiros. É ali, na capela da prisão, que tem início a extraordinária evolução espiritual da qual nasceria o Movimento Legionário.

À esquerda do altar, havia um ícone de extraordinária beleza do ***Arcanjo Miguel***. Quando Corneliu Codreanu o vê, fica extasiado. Sempre que a capela está aberta, vai rezar diante dele, inteiramente absorto, dominado por seu incrível poder. O Arcanjo lhe parece estar vivo.

De suas numerosas reflexões diante do ícone, surge uma ideia que lhe toma a mente e a alma: lançar, dentro da Liga, as bases de uma organização juvenil que receberia o nome de ***Arcanjo Miguel***.

Essa organização deveria orientar as gerações futuras e impedir que elas caíssem no lamaçal das negociatas políticas corruptas. A jovem intelectualidade, em vez de se consumir nas velhas estruturas políticas e, com isso, perder suas qualidades espirituais, como aconteceu até então, passaria a integrar um movimento que correspondesse às suas verdadeiras convicções. Essa nova organização teria ainda outro objetivo: a "corrupção política", já não alimentada por um fluxo constante de jovens, teria uma bela morte; essa praga da sociedade romena desapareceria por si mesma, por um processo natural de extinção.

Após ser libertado, Corneliu Codreanu tentou pôr essa ideia em prática dentro da Liga, mas, diante da incompreensão do professor Cuza, teve de esperar até deixar a organização para começar a executar seus planos.

Na véspera do julgamento, um drama irrompe na prisão de Văcărești. Ion Moța dispara várias vezes contra Vernichesco, o traidor, e o fere gravemente.

O gesto de Moța não nasceu de um desejo de vingança; era, antes, a expressão de uma profunda crença na ética nacional. As forças vivas de nosso povo haviam sido destruídas, de maneira mais ou menos permanente, por traidores. Todos os grandes homens da nação haviam

morrido em consequência da traição. Nessas condições, qualquer esforço para rejuvenescer a nação estava condenado ao fracasso. Essa convicção era amplamente difundida tanto nos círculos nacionalistas quanto na alma de todos os patriotas. Já não era possível prosseguir com a luta estudantil e tolerar a traição de um Vernichesco; outros seguiriam seu exemplo e se deixariam comprar pelos inimigos declarados da nação romena, certos de que permaneceriam impunes.

O gesto de Moța é ainda mais impressionante por ocorrer na véspera do Grande Julgamento que decidiria o destino deles. A punição de Vernichesco agravava consideravelmente a situação do grupo. Moța, porém, já não pensava em aumentar suas chances de absolvição adiando para outro momento o castigo do traidor. Aproveitara a primeira oportunidade real, sem refletir se aquele era ou não o momento mais conveniente.

O julgamento da “Conspiração Estudantil” ocorreu em Bucareste, em 29 de março de 1924. O governo só podia exercer sua influência de maneira indireta. O destino dos seis estudantes estava nas mãos dos jurados. Estes, por sua vez, eram submetidos a duas forças opostas: de um lado, o governo, os partidos políticos e a imprensa judaica; de outro, os estudantes da capital, aos quais se somavam numerosas delegações das demais universidades. Os milhares de estudantes reunidos em Bucareste mantêm a capital em constante agitação e conseguem conquistar a opinião pública para sua causa.

No dia do julgamento, o Palácio da Justiça estava fortemente protegido por cordões policiais, que, por sua vez, eram cercados por milhares de homens que entoavam canções patrióticas e exigiam a absolvição dos estudantes.

O julgamento transcorre em uma atmosfera que desorienta os círculos governamentais. Os papéis se invertem: já não se trata de levar os estudantes a julgamento, mas de colocar a classe dirigente no banco dos réus. **Os estudantes acusados haviam se tornado os acusadores do governo, os porta-vozes da** *Consciência Nacional*. A opinião pública havia identificado os verdadeiros culpados nas fileiras do governo.

A força da opinião pública neutralizou o poder de intimidação do governo, bem como o da imprensa controlada pelos judeus. O júri proferiu o veredicto de “Inocentes”, sob os aplausos de todos os presentes. Além disso, do ponto de vista jurídico, o veredicto era perfeitamente justificável: não estavam presentes todos os elementos necessários para que a ação dos estudantes pudesse ser qualificada como uma “conspiração”, tal como definida em lei — os estudantes não haviam marcado uma data para a ação pretendida, e essa omissão técnica eliminava a base jurídica da acusação.

Entretanto, muito mais importante do que o aspecto jurídico e formal do veredicto era o significado político da absolvição. Os jurados haviam reconhecido que a reação daqueles jovens nascia de um temor legítimo pelo futuro do país; essa reação expressava a indignação da nação, constantemente ultrajada pelas ações dos partidos e dos políticos. Era a reação de todo um povo contra os aproveitadores e os que haviam fugido de suas obrigações na Primeira Guerra Mundial e que, elevados à direção do Estado e a cargos de responsabilidade, saqueavam o país e exploravam o povo. Os jurados confirmaram os sentimentos de toda a nação. A comunidade nacionalista havia conquistado uma vitória esmagadora sobre a classe parasitária que sufocava o país.

Quando a imensa multidão do lado de fora, que havia esperado durante horas pelo fim das deliberações, ouve o veredicto, explode em aplausos intermináveis. A capital presencia um momento inesquecível de emoção. À saída, os estudantes são carregados nos ombros em triunfo. A opinião pública se alinha aos jurados e confirma sua decisão ao condenar os governantes que, com sua política de enfraquecimento e repressão da identidade romena, haviam levado aqueles jovens ao desespero.

Por algum tempo, o governo e seus sinistros apoiadores deixaram de aparecer em público. Logo, porém, os inimigos implacáveis do movimento nacionalista elaboraram novos planos para destruir esse movimento, que de fato atrapalhava suas intrigas secretas.

VIII. A Educação da Juventude — O Primeiro Campo de Trabalho.

Ao retornar a Iași, Corneliu Codreanu retoma seu trabalho na Liga, dedicando-se especialmente à educação da juventude nos moldes que havia concebido durante sua permanência na prisão de Văcărești. No entanto, ao iniciar esse trabalho, depara-se com um grande obstáculo: não havia onde realizar as reuniões. Eram tão pobres que sequer dispunham de recursos para alugar uma sala. Além disso, tanto as salas de conferências da Universidade quanto os alojamentos estudantis lhes haviam sido fechados pelas autoridades governamentais, que os expulsaram desses locais.

Codreanu, então, convoca uma reunião de universitários e alunos do ensino secundário e lhes propõe que construam com as próprias mãos o salão de que necessitavam. A ideia é recebida com espanto e até com certa frieza. O plano não apenas lhes parece impossível de realizar, como também afronta a mentalidade predominante. Até então, os intelectuais romenos desprezavam o trabalho manual! Codreanu, porém, insiste em seu discurso aos estudantes e alunos:

"Antes de tudo, é fundamental rompermos com a mentalidade em que fomos criados, essa mentalidade que faz o jovem intelectual sentir vergonha, desde o dia em que se torna estudante, de ser visto carregando até mesmo um embrulho pela rua."

A construção do salão pelos estudantes era, portanto, uma tarefa educativa: representava **o enobrecimento do trabalho manual**. Os jovens que passassem por essa experiência aprenderiam a olhar para os trabalhadores de uma nova maneira e tomariam consciência de **uma verdadeira solidariedade entre os jovens intelectuais e os trabalhadores.**

Sem dinheiro, sem sequer as ferramentas necessárias, Codreanu, acompanhado de 26 jovens, parte para Ungheni, uma pequena aldeia às margens do rio Prut, perto de Iași, e se dirige a um terreno colocado à

disposição deles por um homem que os compreendia. Ali, começam a escavar os alicerces e a fabricar tijolos. É uma data memorável na história da Nova Romênia: **em 8 de maio de 1924, realiza-se o primeiro Campo de Trabalho voluntário do país.**

Os camponeses e trabalhadores da região observavam atônitos aquele grupo de universitários e alunos que amassavam barro com os pés. Nunca tinham visto nada parecido!

Uma nova geração se prepara sob o olhar atento de Corneliu Codreanu; uma geração que não se envergonha das dificuldades nem do trabalho do povo e que compartilha suas dores e privações: ***O NASCIMENTO DA AÇÃO CRIADORA.***

"Nosso primeiro campo de trabalho" — diz Corneliu Codreanu — "teve um impacto revolucionário sobre a mentalidade dominante. Todos os jovens da região — camponeses, trabalhadores e intelectuais — reuniam-se ao nosso redor, cheios de curiosidade, para nos observar. Estavam acostumados a ver estudantes desfilando pela avenida Lăpușneanu, elegantemente vestidos, ou entoando canções populares ao redor das mesas dos cafés durante o tempo livre. Agora, viam-nos amassando barro com os pés, cobertos de lama da cabeça aos pés, carregando baldes de água do Prut e cavando a terra sob o sol do verão. Era o colapso de uma mentalidade antes todo-poderosa: uma mentalidade que considerava vergonhoso um intelectual realizar trabalho manual, sobretudo trabalho braçal, que outrora fora reservado aos escravos ou às classes mais baixas."

Para ajudar os que trabalhavam na fábrica de tijolos de Ungheni, Codreanu abre um segundo campo de trabalho em Iași; tratava-se de uma horta gentilmente colocada à disposição deles por uma admiradora do movimento estudantil.

IX. O Terror Policial e suas Consequências.

O trabalho avançava de forma tranquila e produtiva nos dois campos de trabalho voluntário. Era possível acreditar que até mesmo as autoridades haviam adquirido algum respeito por aquela juventude que, em vez de se divertir ou se ocupar com banalidades, passava as férias trabalhando arduamente às margens do Prut. Que ilusão!

O governo se preparava para desferir um novo golpe contra o movimento estudantil, proclamando que todo o trabalho realizado nos campos voluntários era subversivo. No entanto, os estudantes já não estavam em greve, já não quebravam vitrines de lojas judaicas nem entravam em confronto com a polícia. O que faziam agora parecia muito mais perigoso às autoridades: era um novo tipo de subversão e um exemplo contagioso.

Até então, os jovens haviam sido esmagados por uma montanha de críticas: não trabalhavam, abandonavam os estudos, não passavam de vagabundos e desordeiros. Agora, porém, não apenas haviam retornado aos livros, como também faziam algo mais: construíam seu Salão com as próprias mãos. Desprezando uma vida fácil, dedicavam-se voluntariamente aos trabalhos mais pesados. Trabalhavam juntos, levavam uma vida de disciplina austera, sem que ninguém os obrigasse e sem receber nada em troca.

Nada semelhante jamais havia sido visto na Romênia, onde o trabalho braçal havia sido relegado às classes mais baixas. Segundo o governo, esse homem, Codreanu, era perigoso porque despertava a juventude e apontava um modo de vida completamente diferente dos costumes da época. Na opinião das autoridades, ele estava criando uma poderosa corrente que perturbava a ordem social, econômica e política vigente. Era fundamental pôr fim a uma influência aparentemente tão inofensiva, considerada repleta de perigos futuros para a segurança do Estado.

Certo dia, enquanto Codreanu trabalhava na horta com um grupo de 50 voluntários, policiais armados invadem o local e, ameaçando-os com fuzis,

jogam-nos no chão, chutam-nos e os golpeiam com coronhadas e cassetetes. Em seguida, os jovens são algemados e conduzidos pelas principais ruas da cidade até a Chefatura de Polícia. Ali, os prisioneiros são novamente espancados sob o pretexto de lhes arrancar *"o que Codreanu lhes havia dito"*, *"os detalhes da revolução que estavam preparando enquanto trabalhavam na horta"*. Como aqueles infelizes nada tinham a dizer, os golpes recomeçam; as solas de seus pés ficam enegrecidas de sangue.

Os torturadores levam então Codreanu à sala de interrogatório para submetê-lo ao mesmo tratamento. No momento em que essas feras se preparam para iniciar seu trabalho infame, ouve-se um tumulto no corredor. São os pais dos estudantes torturados que, ao saberem da violência praticada na Chefatura, vieram salvar seus filhos. Eles também haviam solicitado a presença do procurador-chefe e estavam acompanhados pelos professores nacionalistas da universidade, tendo A.C. Cuza à frente. Flagrado em pleno abuso de poder, o chefe de polícia Manciu é obrigado a libertar suas vítimas.

A cidade ferve de indignação! Os policiais culpados estão a um passo de sofrer uma represália sangrenta por parte da população.

Os pais dos estudantes e os alunos espancados apresentam ao Ministério da Justiça uma denúncia contra Manciu, exigindo sua demissão e punição. O Ministério não apenas mantém Manciu no cargo, como também lhe concede uma medalha, enquanto os policiais que participaram das brutalidades são promovidos.

Manciu havia sido nomeado chefe de polícia de Iași com a clara intenção de aterrorizar a juventude e obrigá-la a abandonar a luta nacionalista. Antes de tudo, atacara Corneliu Codreanu. Queria provocá-lo, fazê-lo perder a paciência e obrigá-lo a revidar, levando-o a um ato de legítima defesa que pudesse servir ao agente do governo como pretexto para torturá-lo, afastá-lo da luta ou até mesmo matá-lo.

O movimento nacionalista encontrava-se diante de uma encruzilhada: ou se deixava intimidar pela violência de Manciu e talvez se desintegrasse,

caso em que de todos os sacrifícios feitos até então restaria apenas a lembrança de uma luta ineficaz; ou não cedia e se opunha aos insultos, espancamentos e atos de violência praticados por Manciu sob o pretexto de que faziam parte de seu trabalho e protegido pela imunidade de seu cargo, caso em que os próprios jovens seriam considerados culpados pela violência.

Na história turbulenta do Movimento Legionário, seus líderes muitas vezes se viram diante de situações semelhantes: ceder aos golpes e aos ataques injustos ou responder a essas agressões abrindo caminho à força, espada em punho, depois de esgotadas todas as demais vias legais para dar continuidade à luta.

Corneliu Codreanu permanece por muito tempo atormentado por esse problema. Depois das humilhações e dos golpes sofridos, parece outro homem, um homem desesperado. Algo dentro dele acabara de desmoronar. Já não confia em suas próprias capacidades nem na luta à qual consagrou os melhores anos de sua vida. Já não se sente capaz de coisa alguma. Até os campos de trabalho deixam de interessá-lo. É uma águia de asas cortadas.

Com o espírito abatido, recolhe-se ao silêncio das montanhas. No monte Rarău, na Bucovina, a dois mil pés de altitude, constrói uma cabana para si, isola-se do mundo durante seis semanas e medita sobre os acontecimentos recentes. Dilacera-se por dentro sem encontrar resposta. Uma coisa, porém, toma forma em sua consciência: a decisão inabalável de jamais voltar a aceitar a menor humilhação ou o menor golpe, viessem de onde viessem. Se alguém ousar atacá-lo, ainda que apenas encoste nele, revidará, mesmo que isso lhe custe a vida.

Nesse estado de espírito, retorna a Iași, onde retoma sua rotina habitual na fábrica de tijolos e na horta; além disso, já inscrito na Ordem dos Advogados de Iași, divide seu tempo entre as atividades cívicas e o tribunal. A violência policial, porém, não diminui. Partindo de Iași e tomando Manciu como exemplo, as autoridades espalham o terror por toda a Moldávia. Todo policial que deseja uma promoção ou procura aumentar o salário tem diante de si um método infalível: espancar um estudante.

Em 25 de outubro de 1924, Codreanu comparece a um dos tribunais de Iași, onde defenderia a causa de um estudante contra o chefe de polícia Manciu por agressões e ferimentos. O chefe de polícia chega à audiência acompanhado de todos os seus agentes e de 25 policiais armados. Mal os trabalhos têm início, Manciu, seguido por seu grupo de policiais, avança diante do juiz contra Codreanu e o grupo de testemunhas arroladas. Codreanu, vendo o número de agressores e a intenção hostil de Manciu, acredita ter o direito de se defender. Saca o revólver e atira. Manciu cai mortalmente ferido, enquanto dois agentes ficam gravemente feridos; os demais policiais fogem.

A notícia da morte de Manciu se espalha pela cidade como fogo. A população respira aliviada. Um grande peso parece ter se dissipado. O torturador recebeu o castigo merecido. Os estudantes deixam os alojamentos, tomam as ruas e expressam sua alegria entoando canções patrióticas.

X. O Julgamento.

É expedido um mandado de prisão contra Codreanu, que é encarcerado na prisão de Galata, perto de Iași, onde é submetido a violência física. É colocado em uma cela sem aquecimento, tendo como cama uma simples tábua de madeira. O inverno havia chegado, e a masmorra era tão úmida que a água escorria pelas paredes. Não lhe dão nada com que se cobrir, e ele sofre terrivelmente com o frio. Como alimento, recebe um pão preto por dia. É assim que passa os treze dias seguintes.

O governo queria, a qualquer custo, garantir a condenação de Codreanu. No entanto, como o ambiente em Iași não parecia favorável a esse propósito, o Ministério da Justiça determina que o acusado seja transferido para Focșani. Como o julgamento seria realizado perante o Tribunal Criminal, era da máxima importância que o meio social do qual o júri seria escolhido não estivesse sob a influência da corrente nacionalista.

Focşani era considerada um reduto do Partido Liberal. Contudo, para grande surpresa do governo, a partir do momento em que Codreanu é levado à cidade, ocorre uma mudança radical na opinião pública. O reduto liberal transforma-se em um reduto nacionalista. Toda a população, independentemente de sua filiação política, passa a aclamar o herói da juventude. As famílias mais influentes da cidade preocupam-se com seu destino, e seus filhos figuram entre os defensores de Codreanu.

O julgamento é marcado para 14 de março de 1925. O acusado já havia sido conduzido ao tribunal e os jurados, escolhidos por sorteio, quando se anuncia que Bucareste ordenara o adiamento do julgamento. A multidão que havia tomado Focşani para assistir à sessão — somente de Iaşi vieram 300 pessoas — protesta ruidosamente, ao lado da população local, contra o adiamento e condena como abusiva a atitude do governo.

O governo havia sido informado pela administração local de que não poderia contar com os jurados da cidade e de que a absolvição de Codreanu era certa. Era fundamental encontrar rapidamente outra cidade onde não houvesse uma presença judaica expressiva, pois sua existência despertava automaticamente os sentimentos nacionalistas dos romenos.

O ministro da Justiça ordena que o julgamento seja transferido para Turnu Severin, na Oltênia, uma região de população exclusivamente romena que parecia adequada aos planos ocultos do governo. Ali havia pouquíssimos judeus, e a atividade antijudaica era desconhecida. A administração local havia garantido ao governo que Codreanu seria condenado naquele lugar.

Entretanto, os cálculos do governo mostram-se infundados, como da primeira vez. A morte de Manciu havia adquirido as proporções de um acontecimento nacional. A corrente de simpatia por Codreanu espalhara-se por todo o país, e a sentença exigida em toda parte era a mesma: **absolvição**. Quanto mais o governo se empenha em determinar o desfecho do julgamento, mais cresce a indignação popular.

Em Turnu Severin, os dias do julgamento são dias de festa. A prisão onde Codreanu está detido transforma-se em local de peregrinação. O

acusado é envolvido pelo caloroso afeto do povo. Milhares de pessoas vindas de todos os cantos do país acorrem à cidade para manifestar seu apoio. A administração local não apenas se mostra incapaz de cumprir as promessas feitas ao governo, como também acaba arrastada pelo entusiasmo geral.

O julgamento começa em 20 de maio de 1925. O presidente do tribunal havia recebido 19.300 pedidos por escrito de pessoas que desejavam atuar na defesa do jovem nacionalista. No tribunal, ninguém presta atenção à leitura das acusações; todo o restante parece mera formalidade. As testemunhas de acusação, os policiais de Iași que haviam torturado os estudantes, têm dificuldade para atravessar a multidão hostil.

Quando é lida a absolvição, um fervor indescritível toma conta da multidão. Todos os olhares se voltam para o jovem, sereno e altivo no banco dos réus. Ele é carregado em triunfo pelas ruas da cidade.

De Turnu Severin, Corneliu Codreanu, acompanhado de sua equipe de defesa e dos estudantes que haviam comparecido ao julgamento, parte em um trem especial para Iași. Ao longo de todo o trajeto, milhares de homens se reúnem nas estações para saudá-lo. Em Bucareste, na Gare du Nord, 50.000 pessoas aguardam a chegada do trem. Uma força misteriosa conduziu as multidões até a estação naquele dia, como explica Codreanu:

“Venham à estação, porque, entre os trens que por ali passam, há um que hoje percorre os trilhos do futuro romeno. Os outros trens viajam em benefício de seus passageiros; este, porém, percorre os trilhos da nação, em nome da nação.”

XI. A Vitória e o Colapso da Liga.

O clima despertado pelo julgamento em todo o país é extremamente promissor. Ele repercute favoravelmente sobre a organização política da qual o herói faz parte: a Liga da Defesa Nacional-Cristã.

Infelizmente, o professor Cuza, presidente da Liga, não sabe tirar proveito desse precioso momento político e deixa que o entusiasmo popular se dissipe. Codreanu, por sua vez, insiste para que se inicie imediatamente uma campanha destinada a canalizar esse potencial, criando estruturas onde ainda não existiam e consolidando as já existentes.

Dessa diferença de pontos de vista nasce o primeiro desentendimento entre o professor e Codreanu. O presidente da Liga está convencido de que o partido vencerá sem dificuldades, conduzido ao poder por uma onda irresistível das massas, enquanto Codreanu, mais consciente das fraquezas da natureza humana, enfatiza a necessidade de organização. Para evitar que se agravassem as divergências entre ele e o professor quanto à organização da Liga, e sentindo também a necessidade de concluir sua formação acadêmica, Codreanu decide partir para o exterior, escolhendo desta vez a França. No outono de 1925, deixa o país e se estabelece em Grenoble, onde inicia um curso de doutorado em Economia Política.

Em março de 1926, o general Averesco chega ao poder. Em maio do mesmo ano, são convocadas novas eleições, e a Liga participa delas pela primeira vez. Por insistência das principais figuras da Liga, o professor Cuza aceita que Codreanu seja o candidato em Focșani. Codreanu interrompe os estudos e retorna ao país para participar da campanha eleitoral.

No departamento de Putna, cuja capital é Focsani, a Liga é sistematicamente impedida de entrar em contato com a população. Foi declarado um "*estado de sítio*" e, para ir até lá fazer propaganda, é necessário obter um salvo-conduto. Embora Codreanu esteja com esse documento e seja o candidato, a polícia quer impedi-lo de sair da cidade. Ele se recusa a se submeter a esse ato ilegal e passa por eles. A polícia abre fogo, e o carro parte com duas balas cravadas na lataria. Por milagre, nem Codreanu nem seus companheiros ficam feridos.

Após esse incidente, Codreanu retorna a Bucareste para apresentar uma queixa ao ministro da Justiça, Octavian Goga, de quem, ao que tudo indica, partira a ordem de detê-lo. Depois de uma conversa com Goga, ele obtém autorização para circular livremente durante sua campanha eleitoral;

mas faltam apenas dois dias para a eleição, e ele só tem permissão para falar durante um minuto em cada aldeia.

No dia da eleição, os dirigentes da Liga são enganados e não conseguem chegar às seções eleitorais. Aldeias inteiras ficam impossibilitadas de votar. O resultado estava decidido de antemão: Codreanu não é eleito, apesar de sua enorme popularidade nesse departamento.

Mesmo assim, o jovem candidato está satisfeito com o resultado obtido. A Liga alcançara um resultado bastante bom, apesar das manobras do governo: em todo o país, recebeu 120 mil votos e conquistou dez cadeiras no Parlamento. O professor Cuza, acompanhado de um excelente grupo de pessoas, entra no Parlamento. A Liga vislumbra a possibilidade de se tornar a principal força política do país dentro de poucos anos, caso esse primeiro pequeno grupo consiga dar provas concretas de ação e oferecer garantias de sua lealdade ao *credo* nacionalista. Todos os olhares e todas as esperanças da nação estavam voltados para **esse grupo de dez deputados da Liga.** De sua energia, de sua coragem e de sua devoção depende o futuro do nacionalismo romeno.

Codreanu parte novamente para Grenoble a fim de dar continuidade aos estudos. No início de maio de 1927, chegam-lhe do país notícias alarmantes: a Liga de Defesa Nacional-Cristã havia se dividido em duas. Cartas desesperadas — entre elas, algumas de Ion Mota — imploram que ele retorne à Romênia para tentar salvar a Liga.

Profundamente abatido com esse triste acontecimento, ele pede aos professores que lhe permitam antecipar os exames e, depois de ser aprovado, retorna ao seu país.

A situação que encontra é muito pior do que imaginava. O professor Cuza havia expulsado da Liga a maior parte de sua liderança, incluindo oito de seus dez deputados. Para imensa satisfação dos demais partidos políticos, a Liga, organização na qual o povo romeno depositara tantas esperanças, havia desmoronado, minada por dissensões internas. O grande movimento nacionalista, fruto de tantas lutas e tantos sacrifícios, que, após

as esperanças do início, deveria ter chegado ao poder dentro de alguns anos, estava reduzido a nada, destroçado e impotente.

A principal causa dessa situação não era outra senão o próprio presidente, o professor Cuza. Ele não tinha perfil de líder, tampouco era um organizador ou uma força motriz. Era, antes, um homem de ciência e um ideólogo. Extremamente bem preparado para as questões teóricas, mostrava-se ineficaz e desajeitado ao entrar em contato com a realidade. Codreanu reconhecia sinceramente que parte da culpa por esse revés também cabia a ele e ao grupo de jovens que haviam pressionado e persuadido o professor a aceitar uma posição para a qual não era adequado.

Após uma tentativa desesperada de reunir novamente a Liga, tentativa que apenas confirma que qualquer reconciliação está fora de cogitação, Codreanu decide não apoiar nenhuma das duas facções. Diante desse desastre, fará o possível para erguer perante seus adversários **uma nova linha de resistência**, formada exclusivamente pela juventude nacionalista. Era preciso proteger o movimento universitário dos efeitos desagregadores da cisão nas fileiras dos “velhos”. Com a juventude ainda intacta, era necessário começar algo novo.

XII. Os Políticos.

Corneliu Codreanu havia iniciado a luta com base no anticomunismo e, depois, atuara no movimento estudantil das universidades em defesa do “*numerus clausus*”. Com a fundação da Liga, adota a política antijudaica do professor Cuza. A propaganda promovida pela Liga expressava a convicção de que o **JUDEU** era a causa de todos os males que afligiam o povo romeno e de que, uma vez resolvido o Problema Judaico por um Parlamento dominado pela Liga, o futuro das massas romenas melhoraria automaticamente.

É inegável que a minoria judaica constituía um poderoso fator contrário ao progresso do povo romeno, tanto por controlar os recursos do

país quanto por suas tendências políticas pró-comunistas. Mas afirmar, como fazia o professor Cuza, que o judeu era a *única* causa dos problemas na vida econômica, social e política do país era um exagero. Ainda que o judeu tivesse alcançado uma posição de destaque na economia, ainda que tivesse reduzido a Romênia à escravidão, ainda que exercesse uma influência perniciosa na política, na arte, na literatura, na imprensa, na burocracia e em todas as instituições do Estado, isso se devia, acima de tudo, à corrupção desenfreada da classe dirigente romena.

Se essa classe dirigente tivesse sido digna, o judeu jamais teria conseguido praticar suas artes venenosas e, diante de uma resistência generalizada, teria sido obrigado a se tornar uma força positiva na sociedade ou a partir em busca de outro país.

Em última análise, não se pode exigir que um povo estabelecido em um país há apenas algumas décadas e que, ao longo de sua extensa história de dispersão, jamais se dedicou a um trabalho verdadeiramente produtivo, limitando-se a especular sobre a riqueza produzida por outros; um povo que nunca demonstrou apego nem gratidão pelo povo que o acolhera, mude seus hábitos de um dia para o outro e passe a trabalhar sinceramente ao lado daqueles que o acolhem! Cabia aos políticos romenos, aos partidos e aos estadistas dos diversos governos a que pertenciam dar provas de lealdade. Cabia a eles garantir que o povo romeno não se tornasse vítima dos instintos agressivos da minoria judaica. Eram eles que deveriam ter assegurado que os talentos da nação se desenvolvessem livremente, em condições generosas de concorrência com o judeu e com os demais estrangeiros do país.

Assim, nem sequer havia necessidade, propriamente falando, de um antijudaísmo político. Bastava uma política digna. Com leis equilibradas e rigorosamente aplicadas, uma administração eficiente e um programa econômico saudável, cujo objetivo fosse melhorar as condições de vida das massas, sobretudo do campesinato, a ameaça judaica poderia ter sido muito reduzida, e as turbulências do pós-guerra não teriam ocorrido.

Ao longo desses nove anos de batalhas e sofrimentos, Codreanu descobre que existe um mal tão grave quanto o “comunismo” e a “Questão

Judaica”, um mal que corrói a vitalidade do povo: a maldição da política suja.

Com isso, Codreanu se refere àquele espírito, àquela mentalidade, àquela formação presentes em todos os partidos políticos e incutidos nos elementos que constituíam a classe dirigente do país: futuros parlamentares, lordes, funcionários públicos e ministros, longe de serem formados segundo os valores da bondade e do patriotismo, longe de terem consciência de seus deveres para com o povo e o Estado, estavam acostumados a pensar apenas em seus próprios interesses pessoais ou nos interesses do grupo ao qual pertenciam, a considerar uma conduta íntegra um obstáculo à carreira política, a recorrer a qualquer meio para abrir caminho e conquistar um lugar na vida pública; depois, uma vez alcançado o poder, só lhes restava enriquecer, trabalhando com os de sua espécie na tarefa de saquear as receitas do Estado e os recursos do país. Em todos os antigos partidos políticos, ensinavam-se às novas gerações a covardia, a traição, o perjúrio e a imoralidade.

Para Corneliu Codreanu, naquela época, a política suja representava um perigo infinitamente maior do que o comunismo, do que o acúmulo de riquezas pelos judeus, do que todos os sofrimentos do povo considerados em conjunto, pois minava a integridade moral da nação, enfraquecia sua capacidade de reagir ao perigo e chegava até mesmo a destruir a possibilidade de renovar o país. A esse respeito, ele disse:

“O maior perigo para a nação está no fato de que nossa origem racial daco-romana se deformou e desfigurou, dando origem a esse tipo de homem, criando esse destroço humano, essa caricatura moral: o político, que já não possui a nobreza de nossa raça, que nos envergonha e nos destrói.”

O político estava presente em todos os partidos. Todos eles, sem exceção, estavam podres até o âmago. Nenhuma reforma saudável, benéfica ao povo romeno, poderia ocorrer enquanto esse tipo maligno controlasse o destino do país, e o Movimento Nacionalista só poderia vencer derrubando de uma vez por todas o domínio desse tipo. Nas lutas travadas até então, Codreanu tivera de se opor constantemente a esse

inimigo, que defendia seus privilégios com dureza e crueldade, **e aliava-se aos judeus na exploração do povo.**

É o político que se opôs às justas reivindicações do movimento estudantil, que incentivou a polícia a espancar os jovens; foi igualmente ele quem provocou e justificou os excessos de Manciu, quem deixou a classe trabalhadora na pobreza e a abandonou aos agitadores comunistas; e é ele ainda quem, falsificando toda a vida política, transformou a democracia numa farsa vulgar e trágica. Corneliu Codreanu teve ainda outra triste experiência política nas eleições de 1926. Eis o que ele diz sobre a maneira como o governo respeitava os artigos da Constituição:

"Ai da Justiça e da Lei neste país! Recebo o direito de votar, sou convidado a 'ir votar'; se não vou, sou multado; se vou, sou violentado por políticos romenos, sejam eles liberais, partidários de Averescu ou camponeses nacionais, que não passam de um bando de tiranos e que, sob os lemas da 'legalidade', da 'liberdade' e dos 'direitos do homem', pisoteiam o país com todas as suas leis, com todas as suas liberdades e com todos os seus direitos. Então, para o futuro, que saída nos resta?"

"Como poderemos vencer se todo governo nasce de eleições semelhantes, usando contra a vontade nacional a corrupção, a traição e a força física?"

O Capitão

Fazendo a Saudação.

A Fundação do Movimento Legionário.

Na história de uma nação, todos os movimentos revolucionários, todos os acontecimentos que transformam profundamente sua vida, são resultado de dois fatores: um conjunto de circunstâncias que prepara seu surgimento e o homem que abre o caminho, lançando ao mundo uma nova ideia política e espiritual.

No caso da revolução legionária, a síntese desses dois fatores aparece com uma clareza impressionante. Depois de alcançar a unidade nacional, o povo romeno buscava uma nova maneira de expressar seu destino. Todas as manifestações políticas e culturais do período pós-guerra expressavam a mesma inquietação, o mesmo desejo de uma nova concepção de vida.

Codreanu surgiu no momento mais propício da história romena para cumprir sua tarefa, isto é, para dizer, ao mesmo tempo em que um grande vento de mudança soprava sobre o povo romeno. Uma década antes, seu apelo não teria encontrado a mesma repercussão na nação. Além disso, é importante reconhecer que, sem sua extraordinária personalidade, o Movimento não teria se formado com seu estilo característico. Muito provavelmente, sem a chegada providencial de Corneliu Codreanu, o movimento nacionalista já existente, ainda pouco estruturado, não teria sobrevivido à fase de imaturidade política ou, na melhor das hipóteses, não teria ultrapassado o nível dos antigos partidos, como ocorreu com a Liga de Cuza.

I. O Homem.

Desde o primeiro encontro com Corneliu Codreanu, o que mais impressionava era sua presença física. Ninguém conseguia estar perto dele sem percebê-lo, sem se sentir atraído por ele e sem se perguntar quem era. Sua simples aparição em público despertava curiosidade. Aquele jovem parecia um deus entre meros mortais.

Era alto e tinha uma cabeça maior que a média, sem ser, contudo, um gigante capaz de intimidar os outros. Seu desenvolvimento físico parara exatamente onde era necessário para lhe conferir, de modo natural, um ar de distinção. Bem proporcionado, esbelto e flexível, era todo músculos, vigor e estilo.

Ao examinar os traços perfeitamente arredondados de seu rosto, a admiração aumentava. Nenhuma nota dissonante perturbava a harmonia do conjunto. Seu rosto era arredondado, a tez pálida; a testa erguida, com as arcadas levemente elevadas; os cabelos densos, castanhos, destacavam-se nitidamente da pele; as sobrancelhas, da mesma cor, curvavam-se naturalmente. Entre os olhos, duas linhas paralelas ressaltavam sua capacidade interior de concentração. Seus olhos eram grandes e verdes, de um verde límpido, cálido e sereno; o nariz, reto e regular; a boca, de contornos belos. Uma voz de barítono, melodiosa e profunda; mãos longas e delicadas, que causariam inveja a qualquer pianista; um porte régio.

Se quiséssemos defini-lo segundo os cânones artísticos de nossa civilização, teríamos de dizer que ele era a síntese da beleza nórdica com a beleza ideal da Grécia Antiga. Até mesmo os irmãos Tharaud, em seu livro *The Messenger of the Archangel*, e sem dirigir uma única palavra elogiosa ao Capitão, haviam comentado “seus traços clássicos”.

Ao contemplá-lo, a pessoa se sentia arrebatada, fascinada. Seu rosto irradiava uma fascinação irresistível. Ele era “*um manifesto vivo*”, como costumavam dizer os legionários.

Era o líder sem igual, aquele que se impunha em qualquer reunião, fosse qual fosse a situação. Em sua presença, todos os demais naturalmente passavam para segundo plano, e era ele quem permanecia sempre no centro do interesse geral.

Sem dúvida, há neste mundo muitos indivíduos dotados de algum traço especial, mas interiormente vazios, sem consciência de qualquer impulso moral ou espiritual correspondente aos dons físicos que a natureza lhes concedeu. Em Corneliu Codreanu, a essa imponência física somava-se uma extraordinária riqueza interior. As aclamações da multidão não o

afetavam em nada. Os elogios o irritavam. Possuía apenas o orgulho do combatente e as ambições dos grandes reformadores.

O bom senso do Capitão era proverbial. Nas relações humanas, era dotado de uma rara humildade e de um tato perfeito. Era inteiramente incapaz de ser injusto com qualquer pessoa, até mesmo de causar conscientemente o menor mal. Desse espírito procede, além disso, um de seus grandes ensinamentos: agir sempre com correção e cortesia, até mesmo com os inimigos; usar apenas armas morais na luta. Uma vitória obtida pela traição estava corrompida e não podia durar.

Ao mesmo tempo, porém, quando a situação o exigia, essa mesma alma gentil transbordava de energia vulcânica. Seus gestos, normalmente calmos e precisos, cortavam o ar como uma lâmina de aço. Seus traços serenos endureciam, e seus olhos emitiam clarões.

A principal característica de sua alma era a bondade. Se alguém quisesse saber qual foi a razão fundamental que levou Corneliu Codreanu a se lançar numa luta tão difícil, quase impossível, a única resposta verdadeira seria a compaixão que sentia pelo sofrimento do povo. Seu coração sangrava por mil feridas ao contemplar a miséria em que lutavam os camponeses e trabalhadores romenos. Seu amor pelo povo não conhecia limites! Era sensível a todo sofrimento que afligia as massas trabalhadoras. Tinha profunda reverência pelos pobres e dedicava atenção infinita a seus sonhos e esperanças. A menor queixa, o menor pedido, era examinado com a mesma seriedade dispensada aos grandes problemas políticos.

É esse imenso amor pelo povo que dá origem e impulso ao Movimento Legionário. Em seus alicerces, ele depositou todos os seus sentimentos e sacrifícios. Uniu-se ao povo com orgulho e devoção em sua interminável estrada de sofrimentos, até que os torturadores lhe tiraram a vida. Sua morte foi um crime, não apenas contra a nação romena e o Movimento Legionário, mas contra todos os princípios morais e espirituais da humanidade, que ele defendeu e encarnou como todos os verdadeiros mártires. O futuro certamente lhe será mais generoso do que seu próprio tempo.

No entanto, seu sacrifício não foi em vão! Sob os escombros de um holocausto que deveria ter marcado o fim de toda esperança, a árvore da vida da doutrina legionária faz brotar as ideias imortais do Capitão.

O papel central do Capitão na construção da nova consciência romena e do Movimento Legionário, ao menos em sua expressão política, foi admiravelmente descrito pelo Dr. Ion Banea.

Esse companheiro da primeira hora, um dos mais queridos entre seus colegas e que, como ele, morreu mártir, caracterizou seu líder da seguinte maneira:

“O Capitão!

Um marco inabalável, uma fronteira. Uma espada erguida entre dois mundos. Um mundo antigo, que ele se esforça valentemente para derrubar; um mundo novo, que ele cria, ao qual dá vida, que traz à luz.

Sua figura no conjunto do movimento nacionalista desde a guerra se ergue como uma muralha de fogo acima da qual passarão todos os acontecimentos importantes. Ele foi sua inspiração, sua força motriz.

Sempre na linha de frente da luta, cheio de fé e determinação, sem jamais hesitar nem tentar fugir à responsabilidade.

Sua vida está tão entrelaçada com a luta e com o movimento nacionalista que já não há espaço para uma vida privada; tudo nele se funde constantemente num único grande gesto a serviço do interesse nacional.

Predestinado ao sacrifício, levou uma vida intensa e atormentada.

Sua vida foi repleta de ação e ameaçada por toda espécie de perigo. Elevou-se a alturas vertiginosas e precipitou-se no abismo, de onde somente Deus, em quem acreditava com tanta força, poderia salvá-lo. Desafiando a perspectiva de uma vida de trabalhos forçados, queria apenas contemplar a grandeza da solidariedade nacional romena.

Os terríveis dias de prisão corroeram sua saúde, mas ele também conheceu a exaltação dos momentos mais comoventes, quando dezenas de milhares de jovens o cercavam e erguiam os olhos para ele.

Caminhou no mesmo passo de seu tempo, recebendo com um sorriso nos lábios tanto o sarcasmo quanto o elogio.

Com uma coragem verdadeiramente incomparável, dedicou sua vida à luta. Entregou-se por inteiro ao Movimento, sem pedir nada para si.

Seus inimigos desejavam sua morte, mas isso apenas o elevou ainda mais.

O Capitão! Pensamento, Decisão, Ação, Coragem, Vida!”

Ainda hoje, podemos nos unir a Ion Banea e dizer que, embora tenham se passado trinta anos desde seu infame assassinato, que ocorreu apesar do desejo de seus inimigos de vê-lo destruído, Corneliu Codreanu ergueu-se irresistivelmente na consciência do povo romeno, tornando-se o lar espiritual da resistência ao invasor vindo do Oriente.

II. O Contexto.

Entendemos por essa palavra tudo o que veio antes, todos os esforços da nação em busca de uma vida melhor que, mesmo sem alcançar resultados positivos, prepararam o caminho para o surgimento do Movimento Legionário.

O Movimento não surgiu da mente de um único homem, nem foi a expressão de algo efêmero. Nasceu das profundas inquietações que perturbavam todas as classes sociais. Após o fim da Primeira Guerra Mundial e a reunião de todas as províncias romenas num Estado unitário, a opinião pública esperava uma compensação pelos sacrifícios suportados no front, desejando uma vida melhor e mais justa em todos os aspectos. A tendência geral da época era exigir da liderança política reformas estruturais em todos os setores da vida nacional.

Recapitularemos aqui brevemente a vida política da Romênia entre 1919 e 1930, a fim de explicar as causas da perda de confiança nos antigos partidos, bem como a desilusão surgida logo após a guerra entre as massas

e o fato de elas depositarem suas últimas esperanças na juventude legionária.

A geração dos antigos combatentes — oficiais e homens que haviam forjado a Grande Romênia a um custo inacreditável — voltou das trincheiras com a alma em rebelião contra os antigos líderes políticos. Durante a guerra, todos os males que afligiam o Estado romeno ficaram expostos: o Exército havia sido enviado ao combate mal armado e mal preparado; a administração demonstrara sua inutilidade; e, atrás das linhas, exibia indecentemente seu favoritismo e suas negociatas. Os antigos combatentes queriam, portanto, novos homens à frente do país e uma profunda depuração da vida pública desde os alicerces. Os antigos partidos haviam se tornado detestados.

Antes da guerra, dois partidos governavam alternadamente o país: o Partido Conservador e o Partido Liberal. Depois da guerra, o Partido Conservador desapareceu rapidamente, incapaz de sobreviver às mudanças provocadas pelo conflito na vida política, econômica e social da Romênia. O Partido Liberal teria sofrido o mesmo destino se não tivesse sido salvo por outra força. Privado de apoio popular, esse partido prolongou artificialmente sua existência graças apenas à cumplicidade da Coroa. O rei Ferdinando I levava os liberais ao poder sempre que Ion Bratianu, líder do partido, julgava oportuno, violando assim regularmente a vontade da nação.

Quando o general Averesco, um dos chefes militares que haviam conquistado glória durante a guerra, ingressou na vida política e fundou o Partido do Povo, a geração das trincheiras imediatamente se reuniu sob sua bandeira. Ele parecia ser o homem predestinado a conduzir a nação a um futuro melhor. Mas o Partido do Povo, depois de uma brilhante vitória eleitoral e de um período de governo dos mais fecundos, perdeu-se no pântano da política suja, tornando-se, por fim, um simples peão eleitoral na estratégia sutil do Partido Liberal.

A estrela política do general Averesco se apaga durante seu segundo período de governo, entre 1926 e 1927.

Mais uma vez, como expressão dinâmica das novas tendências de depuração da vida pública após a Primeira Guerra Mundial, surge outro partido: o Partido Camponês, sob a liderança de Ion Mihalache.

Esse partido, ao contrário dos demais, possuía uma base de classe. Apoiavase no campesinato, que pretendia elevar política e economicamente. Inaceitável para o rei Ferdinando — que raramente rejeitava os conselhos de Ion Bratianu —, o Partido Liberal mantinha artificialmente o Partido Camponês afastado do poder, apesar da grande popularidade de que desfrutava.

Todos esses partidos tinham sua origem e sua base no Antigo Reino. No entanto, o quadro da vida política romena no pós-guerra precisa ser completado pela contribuição política, não menos entusiástica, das novas províncias: Transilvânia, Bessarábia e Bucovina, todas reintegradas à pátria-mãe.

Na Transilvânia, de fato, existia o Partido Nacional Romeno, sob cuja bandeira os romenos dessa região haviam lutado contra a dominação húngara. Sob a liderança de Iuliu Maniu, esse partido começou a se expandir por todo o Antigo Reino, na esperança de conquistar o poder por si mesmo. Não o alcançou pelas mesmas razões que haviam impedido o Partido Camponês. A Coroa, dominada pelo Partido Liberal, bloqueou-lhe o caminho durante muito tempo.

Em 1926, os dois partidos marginalizados — o Partido Camponês e o Partido Nacional Romeno — uniram-se num único bloco contra o tradicional Partido Liberal, que pretendia permanecer no poder indefinidamente, fosse diretamente ou por meio daqueles que nomeava.

Na atmosfera da época, o povo romeno via Iuliu Maniu como um salvador. Quando, depois de permanecer na oposição por quase dez anos, o Partido Nacional Camponês finalmente chegou ao poder, em 1928, nem seu presidente nem o próprio partido já representavam as esperanças da nação. Em vez de introduzir um novo espírito de honestidade nas estruturas do Estado, os dirigentes políticos da Transilvânia — que constituíam a elite do novo partido — adaptaram-se aos hábitos corruptos

da classe dirigente do Antigo Reino, o que provocou uma nova frustração entre as grandes massas.

Até 1928, ano de sua ascensão ao poder, o Partido Nacional Camponês era uma incógnita política, repleta de promessas. No entanto, depois de um governo desastroso de quase três anos, entre 1928 e 1930, o partido perdeu rapidamente seu apoio.

Quanto aos políticos da Bessarábia e da Bucovina, estes, com poucas exceções, integraram-se às organizações políticas já existentes no país e compartilharam o destino desses grupos.

Aquilo que o povo esperava, isto é, o **rejuvenescimento da vida política** de todo o país, sob o impulso dos políticos vindos das províncias libertadas, esvaiu-se após apenas alguns anos de coexistência demagógica sob o teto de uma Romênia unificada!

A terceira grande tendência que buscava transformar o cenário político do país no pós-guerra era o movimento nacionalista. Já falamos longamente sobre as origens desse movimento e vimos como ele acabou se transformando numa estrutura política: a Liga de Defesa Nacional-Cristã.

É preciso observar que a corrente nacionalista se tornara tão poderosa por volta de 1926 que, caso a Liga não tivesse se dividido em duas, poderia ter se tornado o partido mais forte do país. Por causa de sua fraqueza estrutural, não apenas deixou de realizar o sonho tão acalentado por todos os romenos, como também perdeu até mesmo a posição que até então conquistara na vida política. Enquanto nas eleições de 1926 a Liga havia obtido dez cadeiras no Parlamento, nas eleições do ano seguinte nenhuma das duas facções nacionalistas conseguiu eleger sequer um parlamentar. O próprio movimento nacionalista também havia decepcionado a nação.

Depois dessas três revoluções abortadas, o povo romeno voltou a mergulhar na resignação e na indiferença, suas armas habituais de defesa diante das vicissitudes da história. O povo suportava a dominação dos partidos como suportava uma calamidade natural. Mas os grandes problemas nacionais, aqueles que haviam levado as massas a depositar

suas esperanças, um após outro, no general Averesco, no professor Cuza e em Iuliu Maniu, continuavam sem ser resolvidos por nenhum deles. A exploração escandalosa das massas não diminuiu nem mesmo quando o chamado partido “dos camponeses” chegou ao poder. Esse foi o último surto de popularidade que os partidos tradicionais ainda conheceriam. Por causa de suas deficiências, todos os ideais políticos que haviam acompanhado a geração das trincheiras ruíram. A partir de 1930, o cenário se abre para a obra do Movimento Legionário.

O Movimento Legionário preencherá um vazio na consciência nacional. É para Corneliu Codreanu que, dali em diante, as massas populares se voltarão, em busca de justiça social e orgulho nacional. Esperanças frustradas voltarão a ganhar vida quando, por todas as cidades e aldeias da Romênia, ressoarem as canções legionárias.

III. O Ato.

Na sexta-feira, 24 de junho de 1927, Corneliu Codreanu escreve num registro, *Ordem do Dia*, item número 1:

Hoje, sexta-feira, 24 de junho de 1927 (Festa de São João Batista), às 22h, é fundada, sob minha liderança, a Legião de São Miguel Arcanjo. Quem ingressar em suas fileiras, que creia plenamente. Quem ficar de fora, que tenha dúvidas.

Nomeio Radu Mironovici Guardião do Ícone.”

Corneliu Codreanu.

Assim nasce o Movimento Legionário. Algumas linhas: uma ordem dada em pleno campo de batalha, no exato momento em que as forças nacionalistas mergulhavam na desordem. Um chefe militar assume a responsabilidade pela situação, como se faz diante de uma catástrofe. Somente depois de redigir essa ordem, que representa a criação do Movimento, Codreanu convoca seus companheiros de armas, aqueles dos

tempos do movimento estudantil, para lê-la e lhes perguntar se a aceitam ou não.

Nenhum grupo político foi criado na Romênia ou em qualquer outro lugar por meios tão simples: **um homem toma uma decisão em nome de uma geração**; os demais têm a opção de segui-lo ou de permanecer escravos por toda a vida. Todo o drama humano está contido nessa liberdade de escolha. Corneliu Codreanu, visionário e psicólogo, compreendeu plenamente esse momento de sinceridade do homem consigo mesmo. Até seus amigos mais próximos, aqueles com quem havia compartilhado tanto sofrimento e prisão, são chamados a escolher.

Ao criar o Movimento Legionário sem qualquer consulta prévia às grandes massas ou a seus próprios companheiros, teria Codreanu agido arbitrariamente? Dificilmente! Arbitrariedade significa alguém fazer algo segundo o próprio capricho, sem outra razão além de uma simples vontade. Ora, Codreanu não agia em benefício de seus interesses pessoais nem satisfazia algum tipo de ambição não declarada: ele interpretava o destino, dava expressão a um estado espiritual. Quem poderia tê-lo ajudado nessa tarefa, se apenas ele compreendia todo o seu significado político, social, histórico e humano? Tratava-se de uma questão movida, acima de tudo, pela visão inabalável de um país e de uma nação ameaçados pela desintegração moral. Não era um novo partido que se fundava; antes, forjava-se um instrumento para a regeneração e o renascimento do destino da Romênia no mundo. Contra os inimigos implacáveis da Romênia, era necessário abrir uma nova frente sem demora, num momento em que a antiga desmoronava sob suas intrigas e seus aplausos.

Corneliu Codreanu não desejava dialogar com indivíduos ou grupos entrincheirados em seus privilégios ou perigosamente obstinados em suas exigências; ele sentia diretamente a alma da nação, que queria interpretar e traduzir em ação por meio de suas ordens. Somente ele compreendeu, naquele momento da história, os gritos lancinantes de um país humilhado e ultrajado. Apenas em sua mente se refletia todo o horror da tragédia romena, ameaçada até mesmo em sua existência física.

Codreanu, dirigindo-se aos jovens de sua geração, disse-lhes: “*Esta é a minha escolha. Não fui eu quem a escolheu. Ela me foi concedida por um poder superior. Vocês, se têm coragem e se o espírito de sacrifício por uma causa maior ainda não se extinguiu em vocês, sigam-me por este caminho difícil, no qual, a cada curva, há um perigo à espreita. Se as alegrias da vida lhes são mais preciosas, não se lancem nesta luta, que exige que o indivíduo rompa com todos os prazeres humanos.*”

IV. O Capitão.

Quando os legionários se dirigiam ao chefe ou lhe escreviam, usavam a expressão “*Capitão*”, a menos que estivessem entre os companheiros mais antigos, com quem ele havia compartilhado suas primeiras lutas e penas de prisão; nesse caso, chamavam-no simplesmente de *Corneliu*.

O título de “Capitão” surgiu muito cedo nas relações entre os legionários e o chefe, mais ou menos desde o início do movimento. Não foi Codreanu quem o escolheu. O título apareceu de modo bastante espontâneo nos lábios dos legionários e permaneceu como uma expressão natural de respeito pelo Fundador da Legião.

Esse título não tem relação com a patente militar correspondente. Para os romenos, “o Capitão” é uma ideia que aparece com frequência na história da nação. Antes de Corneliu Codreanu, houve outras figuras históricas homenageadas por seus contemporâneos com o título de “Capitão”. Havia, por exemplo, os famosos “*capitani de oaste*” — capitães do exército — dos príncipes romenos, como o célebre Baba Novac, do príncipe Miguel, o Valente, que eram importantes oficiais militares dos Principados.

No século XVIII, surgiram os não menos célebres “*capitani de haiduci*”, líderes das insurreições romenas contra a dominação fanariota. Viviam escondidos nas montanhas e florestas e, de lá, atacavam os funcionários do governo que oprimiam o povo.

No entanto, os verdadeiros “*capitani*” do povo romeno, aos quais Codreanu se uniu por meio dos legionários, foram as grandes figuras revolucionárias dos séculos XVIII e XIX: Horia, Tudor Vladimiresco e Avram Iancu. Eles não eram comandantes de grupos militares de maior ou menor importância, nem de grupos de combatentes patrióticos reduzidos a algumas dezenas de homens. Esses “*Capitani*” reuniam ao seu redor toda a população da região ou província de onde provinham. Sob sua liderança, dezenas de milhares de homens eram congregados, e eles exerciam um poder considerável em grande parte do país.

Ao longo de nossa história, os “Capitães”, no sentido revolucionário da palavra, surgiam quando os governantes legítimos — príncipes e semelhantes — deixavam de defender o povo, fosse até a morte nas guerras, fosse porque se afastavam da nação ao colaborar com o inimigo para preservar seus privilégios de classe.

Nesses períodos, quando já não havia ninguém da classe dirigente para defendê-lo da opressão estrangeira, o povo tomava o próprio destino nas mãos. De seu seio irrompia um novo impulso que já nada queria ter a ver com a classe deposta. É então que surgia o “*capitani*”: homens valentes, vindos das fileiras do povo, decididos a defendê-lo até a morte contra os abusos que o esmagavam.

Esses capitães, instruídos ou não, eram camponeses ou filhos de camponeses. Surgiam sempre quando o povo romeno se desesperava, quando o sofrimento causado pela dominação estrangeira se tornava insuportável. Prontos para se sacrificar, para abrir um novo caminho na história da nação, os “*capitani*” eram homens determinados, verdadeiras forças, capazes de, com uma palavra ou um gesto, erguer as massas perseguidas. Nunca foram anarquistas nem criptoanarquistas; buscavam objetivos políticos claros. Não eram homens dedicados à violência, mas, quando percebiam que não havia outra maneira de combater a injustiça, não hesitavam em empregá-la.

Todos os capitães tiveram um fim trágico. Sua temeridade ao se colocarem à frente das massas populares provocou uma coalizão de forças reacionárias, tiranos privilegiados e cruéis, e eles acabaram mortos. Esses

capitães invencíveis morreram por sua Causa, mas seus pensamentos e atos permaneceram para sempre entrelaçados à história da nação e, muito tempo depois, produziram frutos graças à inspiração de seu exemplo.

Na Romênia, entre as duas guerras mundiais, apesar de uma fachada de força e prosperidade, reapareceram as condições políticas e sociais que antes haviam abalado as grandes massas e as levado a buscar sua salvação na figura mítica dos "*capitani*". A classe dirigente, agrupada em partidos, havia se separado por completo do povo, aliando-se a aproveitadores estrangeiros.

É desse período sombrio para a nação que Corneliu Codreanu irrompe de suas profundezas. Como os capitães do passado, convocou o povo a lutar unido, como um só, para eliminar os aproveitadores estrangeiros concentrados no sistema partidário e abrir a perspectiva de uma vida melhor. Codreanu se aproximava de todos os seus célebres predecessores, que souberam abrir novas vias de avanço na história da nação, foi reconhecido como tal e recebeu a designação de "Capitão", primeiro dos legionários e, depois, de todo o país, quando este depositou sua confiança e suas esperanças nos pensamentos e atos do jovem combatente.

V. A Plataforma.

Ao examinarmos a declaração de fundação do Movimento Legionário, surpreende-nos constatar que ela não apresenta nenhuma plataforma, nem mesmo das mais rudimentares. Essa é uma omissão inquietante para quem conhecia a clareza do pensamento de Codreanu e sua atenção aos detalhes. Na prática, ele se recusava, de forma deliberada e consciente, a seguir o hábito de fundar partidos mediante a publicação de uma declaração de princípios. Em sua opinião, o movimento não podia ser definido apenas pelos termos de uma plataforma. A Legião era uma estrutura política assentada sobre uma base espiritual. Ela irrompia das profundezas da nação e de sua linha de continuidade.

Uma plataforma é algo próprio do momento e das circunstâncias. É restritiva demais e, ao mesmo tempo, ligada demais ao transitório para poder expressar objetivos nacionais. Não pode conter em si o ethos de uma nação. Os grandes desejos e imperativos nacionais não podem se manifestar visivelmente numa simples declaração de objetivos materiais apresentada às grandes massas. A função educativa e espiritual reservada ao Movimento impedia que ele se apresentasse ao público com uma plataforma nas mãos. Qualquer um pode escrever **um manifesto**, mas **somente ele foi capaz de criar um movimento**. Desde o nascimento, esse movimento possuía algo mais do que um programa: possuía uma doutrina — uma síntese social e espiritual do nacionalismo romeno.

O Movimento Legionário tinha uma natureza inteiramente diferente de qualquer grupo político já existente. Não representava interesses de setores ou classes. Abrangia e expressava os interesses e desejos de toda a nação. Codreanu considerava o Movimento um **meio de expressar o destino da nação**. Cada povo possui seu modo de vida e uma forma particular de manifestá-lo na história e na cultura. Codreanu tinha uma visão precisa e completa do destino da Romênia no mundo, esse *sentido de la patria*, como os espanhóis chamam a relação entre o indivíduo e os traços constantes de uma nação.

Uma concepção da vida e do mundo, surgida do laboratório espiritual de uma nação, não pode ser encerrada na estrutura rígida de um programa político. Suas fronteiras são estreitas demais para expressar toda a riqueza interior de uma nação. Entre os programas políticos dos diferentes partidos romenos, **havia apenas diferenças de ênfase**. Entre o novo Movimento e todos os partidos reunidos, **havia uma diferença de essência**. Codreanu concebeu uma doutrina na qual se encontram reunidos todos os fundamentos vivos da alma romena.

Certos elementos básicos necessários a um programa de ação política não estavam inteiramente ausentes nem mesmo do ato de fundação. Tratava-se, como ele diria mais tarde, de *"minha vida de luta e a de meus companheiros de prisão"*, pois, mesmo na época em que foram lançados os alicerces do movimento, Codreanu não era um desconhecido; não surgia

pela primeira vez no cenário político nem na vida pública da Romênia. Suas lutas, seus julgamentos, dos quais sempre saíra vitorioso, já o haviam transformado numa espécie de lenda. Por isso, sua simples presença à frente do movimento bastava para provocar forte repercussão na opinião pública. Seu passado já era uma plataforma, e sua atuação presente era mais do que uma plataforma: conferia um sentido positivo à vitalidade nacional.

Assim, quando, em 1918-19, encontrou o país diretamente ameaçado pela anarquia comunista, o jovem Codreanu se dispôs a enfrentar esse perigo, impedindo-o de alcançar a vitória, sobretudo na região mais ameaçada do país. Alguns anos depois, quando a juventude tomou consciência da invasão judaica nas escolas e universidades, ele voltou a se colocar à frente da resistência, transformando um movimento puramente estudantil num movimento nacional. Quando, por fim, descobriu que o comunismo e a ameaça judaica eram apenas sintomas secundários, isto é, que deviam sua existência à desordem reinante na vida pública, voltou a combater imediatamente esse mal, desejando expulsar a corrupção política do Estado e da sociedade.

Essas atitudes — anticomunismo, antijudaísmo, antipoliticagem — podem, sem dúvida, ser consideradas elementos de uma plataforma. Mas constituem apenas o lado negativo de uma plataforma. Indicam os perigos que devem ser combatidos e eliminados da vida de um povo para que os fundamentos e a existência de uma nação sejam preservados. Sua aplicação era, contudo, vital, pois somente eliminando ou restringindo esses perigos seria possível abrir os caminhos que conduziriam ao rejuvenescimento espiritual e social do país. Uma nação sitiada por inimigos ardilosos e traída por aqueles cujo dever era defendê-la — a classe dirigente — não pode se dedicar a uma obra de construção.

Essa plataforma fundadora seria completada por ordens construtivas, inspiradas por uma nova visão do Estado e da História. Esses preparativos da luta nacionalista seriam, além disso, rapidamente superados pelos acontecimentos. Corneliu Codreanu apresenta uma solução criativa e dinâmica: **“O Homem Novo”**, com cuja ajuda esperava resolver todos os

problemas políticos, econômicos e sociais enfrentados pela Romênia no pós-guerra.

VI. O Homem Novo.

Criar um movimento, dizia Codreanu, significa, antes de tudo, fazer nascer um novo espírito no seio do povo. Acreditar que delinear "*uma plataforma*" e redigir "*uma constituição*" bastava para criar um movimento era como acreditar que, ao confeccionar um terno para um homem, havia-se criado o próprio homem.

O Movimento Legionário é o movimento daquilo que há de intangível na nação. Onde as almas não palpitam por puro amor à nação, não há Movimento.

Esse espírito, que constitui a base da Legião, não foi criado *ex nihilo* — do nada — por Codreanu. Examinando suas próprias declarações, vemos que ele nasceu da fusão de vários fatores:

1. A contribuição pessoal de nossa capacidade de sentir.
2. *A contribuição dessa capacidade de sentir pelos outros romenos.*
3. A presença, na consciência de todos, dos mortos da nação.
4. *O chamado da terra.*
5. A bênção de Deus.

A base da doutrina legionária é a expressão racional desse espírito. Além disso, o fenômeno legionário, em seu sentido mais verdadeiro, permaneceu para sempre um fenômeno da vida e da compreensão interior. Legionário não era aquele que conseguia aprender racionalmente a doutrina e as regras do Movimento, mas aquele que as assimilava e absorvia em seu ser e que, dia após dia, as aplicava à própria vida.

Ao fundar a Legião de São Miguel Arcanjo, Codreanu apenas dava forma à expressão visível desse estado espiritual. Depois de participar de uma sequência de acontecimentos, todos malsucedidos, sem ser o principal responsável por eles, Codreanu já não podia continuar descendo pela

mesma ladeira, que o teria levado a resultados igualmente negativos. Precisava extrair deles os ensinamentos necessários para que as aspirações do povo não voltassem a ser frustradas.

Refletindo sobre o fracasso do movimento estudantil e sobre o desastre que atingira a Liga, chegou à conclusão de que todos esses insucessos se deviam à ausência de **uma casta de líderes**. Os homens da política estavam insuficientemente preparados, espiritualmente falando, para a imensa tarefa que o destino lhes havia confiado.

O nacionalismo surgiu como uma força elementar entre a juventude estudantil e as grandes massas, mas não encontrou líderes de qualidade capazes de transformá-lo, por meio da lucidez de propósitos, em ações significativas de importância histórica. As massas estavam dispostas a seguir seus líderes, mas estes mal haviam percebido as verdadeiras aspirações do povo e a tarefa que lhes cabia. Pode-se afirmar que os políticos profissionais jamais temerão as forças nacionalistas enquanto os líderes dessas forças não conseguirem compreendê-las em suas disposições mais íntimas. Indivíduos movidos pela ambição e por interesses mesquinhos serão facilmente manobrados pelos políticos, e as organizações que dirigem acabarão se desintegrando. Com líderes assim, jamais será possível alcançar a vitória final; e, mesmo que ela fosse conquistada, esses homens nunca seriam capazes de promover as mudanças exigidas pelo espírito da época. Como seus interesses estão estreitamente ligados à própria pessoa, no dia seguinte à vitória já terão esquecido seus deveres para com a nação.

Um país não pode ser regenerado se não possuir um grupo de homens inteiramente devotados ao Bem Comum. *“O país está morrendo por falta de homens verdadeiros, não por falta de plataformas. Portanto, antes de tudo, não são plataformas que devemos criar, mas homens, HOMENS NOVOS.” “Proclamem por toda parte”, disse ele em outra ocasião, “que o mal, a pobreza e a ruína vêm de nossa alma. A alma é o ponto essencial, sobre o qual devemos trabalhar neste momento. A alma do indivíduo e a alma da multidão.” “É por isso que a pedra angular da Legião é o*

homem, não a plataforma política. Reformem o homem e deixem de lado o programa político."

Codreanu concentrou toda a força de sua alma nessa direção: **criar um novo tipo de romeno.** Em vez do espécime corrupto que até então dominara a vida pública, era vital formar um homem íntegro, um homem de caráter, para quem a moralidade pública fosse um dogma. Se essa casta de homens honestos e políticos não fosse formada primeiro, seria perfeitamente inútil começar a luta contra os antigos partidos.

A realização dos objetivos políticos do Movimento só seria possível na medida em que o homem novo surgisse no próprio seio da sociedade. O Movimento Legionário, antes de se tornar um movimento político, terá de cumprir uma profunda missão educativa na vida da nação: **"***Antes, possui o caráter de uma grande escola espiritual, na qual se entra homem e da qual se deve sair herói***."**

O Homem Novo **não** é apenas um homem de caráter, no sentido habitual da palavra, isto é, correto em todas as suas relações com os outros, com a sociedade e com o Estado. O conceito possui um significado mais profundo. A educação legionária busca desenvolver todas as forças criativas do indivíduo. Cada homem possui poderes desconhecidos. Mas, para a maioria, essas forças permanecem adormecidas, ignoradas até por quem as possui. Essas tremendas forças da alma humana poderiam ser comparadas à energia atômica. Assim como a energia atômica só pode ser liberada da matéria depois que esta é bombardeada externamente, também essas imensas reservas de energia da alma não conseguem vir à tona sem a presença de um processo educativo. Para alcançar esse objetivo, a educação legionária conduz o indivíduo das margens da vida ao núcleo criador do mundo, integrando-o à nação e abrindo-lhe as perspectivas de uma vida cristã. De um indivíduo em estado vegetativo, **que suporta a própria existência**, forma-se um indivíduo dinâmico **que cria a existência**, que afirma sua presença ativa tanto na vida da nação quanto na vida em geral.

É nesse sentido, a partir de uma reconstrução interior, de uma transformação do indivíduo em um ser criador, que o Movimento

Legionário dá o sinal para uma profunda revolução espiritual no coração do povo romeno.

VII. A Doutrina.

É evidente que, numa obra breve como esta, não se pode expor integralmente a doutrina legionária. Por isso, limitaremos nossa análise a alguns pontos importantes do conjunto, para que o leitor possa compreendê-la.

A Legião leva uma vida dupla: **uma política**, propriamente dita, presente em todos os partidos, e **uma educativa e espiritual**, que serve de sustentação à primeira. Neste capítulo, apenas esboçaremos a estrutura do movimento, seus imperativos doutrinários e aquilo de que derivam todas as suas demais atividades.

No próprio ato de fundação da Legião, encontramos algo típico e significativo: o Movimento Legionário escolheu para si um patrono espiritual, o Arcanjo Miguel, e levou seu nome durante os primeiros anos de existência. O fato de a Legião ter sido colocada sob a proteção do Arcanjo Miguel não deve ser considerado um ato religioso irrefletido. Possui um significado mais elevado. Os princípios da filosofia legionária estão ancorados nos Evangelhos. Evidentemente, o Movimento trabalha para alcançar seus objetivos políticos e sociais, e sua luta busca garantir ao povo romeno melhores condições de desenvolvimento, tanto histórico quanto moral. No entanto, a atividade política não pode ser separada da verdade primordial da vida, que é a **ideia religiosa**. Não se pode fazer política e ignorar as verdades eternas. Os povos, assim como os espíritos e os deveres, são de criação divina. É por causa dessa origem que devem se esforçar continuamente para se conformar ao ensinamento da Igreja, a fim de alcançar uma visão verdadeira da realidade. Somente mantendo contato estreito com a Igreja um povo pode evitar se desviar. *“As verdades da revelação”*, escreve Ion Mota, *“são as únicas capazes de nos conduzir a um porto seguro nesta vida.”*

As credenciais cristãs do Movimento Legionário voltam a ser encontradas em suas aplicações práticas:

Na política externa, o nacionalismo aceita uma limitação, uma atenuação. Subordinado à visão cristã do mundo, o nacionalismo jamais poderia degenerar em chauvinismo ou imperialismo. **O verdadeiro nacionalismo respeita o direito à vida dos outros povos.**

O cimento da organização legionária é o amor cristão. *"O Homem Novo"* é aquele que se desapegou de si mesmo, esvaziou-se de ambições sórdidas e interesses enganosos. Cada legionário ingressa no movimento com a disposição de se sacrificar e doar, sem buscar honras nem recompensas. A Legião é aquela comunidade de romenos que têm algo a oferecer à Nação e à Cristandade; nisso ela contrasta com os antigos partidos, que são a comunidade unida pela ambição pessoal. *"Olhe diretamente nos olhos daquele que ingressa em nossas fileiras e, se perceber ali o menor interesse pessoal, saiba que ele jamais poderá se tornar legionário"*, disse Codreanu.

O segundo ponto da doutrina legionária é a nação. Codreanu estabelece uma distinção entre **a massa atual de nacionais** e **a Nação**, tomada em seu sentido histórico. A primeira representa a soma total dos indivíduos vivos que hoje constituem o povo romeno. A nação, como ser histórico, abrange tanto os mortos quanto os vivos e aqueles que ainda virão e levarão o nome de romenos. A nação *"vive além dos séculos, com suas raízes nas brumas do tempo e um futuro sem fim."*

A massa contemporânea, em si mesma, está subordinada à nação histórica. É a guardiã de um patrimônio que deve enriquecer e transmitir às gerações futuras. Não deve consumir mais riquezas nem exigir da nação mais sacrifícios do que aqueles indispensáveis à sua continuidade. A tendência geral de nossa época é que a geração atual sacrifique o futuro da nação para satisfazer desejos materiais imediatos, o que constitui, de fato, uma violação da ordem natural que rege a vida de um povo.

A verdadeira esfera em que uma nação se manifesta e se realiza é a cultura. **É somente pela criação de uma cultura verdadeira que uma**

nação justifica sua existência. Uma nação alcança glória e esplendor apenas pelo que oferece ao domínio da cultura. Não existe cultura internacional. *"A cultura torna-se internacional por sua influência, mas é nacional em sua origem."*

Toda cultura nasce da concepção de vida de um povo. Seus esforços históricos no mundo têm como único objetivo erguer uma barreira protetora contra as tendências nocivas e desenfreadas de outros povos. Assim, o verdadeiro sentido da história deveria ser garantir o livre desenvolvimento de um povo no domínio cultural.

Por fim, em ordem decrescente de importância, o terceiro e último princípio da doutrina legionária é **o indivíduo**. Ele está subordinado à entidade nacional coletiva, que, por sua vez, está subordinada à nação. E, como as aspirações das nações convergem para o Absoluto, para Deus, a personalidade humana se realiza na medida em que participa conscientemente dos elementos essenciais de uma ordem superior.

Existe uma escala ascendente de existência: **Indivíduo, Nação, Deus.**

O indivíduo condena a si mesmo à ineficácia quando se afasta da ordem fundamental da criação. Em termos concretos, Corneliu Codreanu definiu a filosofia legionária da seguinte maneira: *"O Indivíduo dentro da estrutura da Nação. A Nação dentro da estrutura e a serviço de Deus e da Lei Divina"*.

VIII. Organização.

A organização legionária cresceu por etapas, evoluindo de acordo com o crescimento do Movimento. Corneliu Codreanu não criou, desde o início, uma estrutura completa e imutável. Partiu da unidade básica, *"o ninho"*, e sobre esse alicerce construiu toda a organização, pouco a pouco. Não criou uma veste prevendo como a organização se estruturaria em sua forma definitiva, mas ajustou incessantemente essa veste na medida em que isso se tornava necessário ao desenvolvimento do Movimento.

Quando a Liga estava em plena expansão, havia uma grande reserva de pessoas que precisavam ser imediatamente integradas. Por isso, organizações departamentais foram formadas de imediato em todo o país, sem qualquer etapa intermediária. No momento da fundação da Legião, essa reserva já não existia. Codreanu só podia contar com indivíduos isolados nas cidades e aldeias. Era tudo o que restava dos milhares de jovens que haviam militado nas fileiras do movimento estudantil. A maioria, absorvida pelo turbilhão da vida, afastou-se da política, enquanto outros hesitavam sobre o que fazer. Nessas condições, a antiga estrutura organizacional, baseada em comitês departamentais, já não era viável. Não era possível nomear chefes de departamento quando havia apenas um punhado de pessoas em cada departamento. Codreanu viu-se obrigado a adotar um novo sistema que reunisse num todo dinâmico e eficaz o reduzido número de militantes. Daí a necessidade do ninho.

O que é o Ninho? É um grupo de três a treze pessoas sob a liderança de um chefe. A unidade básica de construção do ninho é o indivíduo. Cada um dos poucos membros da Legião, no período de sua formação, era incentivado a reunir ao seu redor um grupo de amigos e, com eles, fundar um Ninho. Os chefes de ninho não eram nomeados diretamente por Codreanu, mas, com o tempo, eram confirmados por ele nessa função, depois de terem demonstrado seu valor.

Por meio desse sistema, os membros isolados da Legião forjavam entre si um *esprit de corps*, pois todos eram movidos pelos mesmos ideais. Alguns legionários isolados numa localidade não representavam uma força, mas, reunidos sob a liderança de um chefe, perdiam a sensação de desamparo político que os envolvia e se transformavam num todo dinâmico. Como resultado, nos primeiros anos, a organização legionária era composta apenas por ninhos isolados espalhados por todo o país.

Quando os ninhos aumentaram em número, Codreanu criou outras estruturas organizacionais mais complexas. Se, por exemplo, vários ninhos fossem formados numa localidade, eles constituíam coletivamente uma unidade superior, conhecida como **Guarnição**, colocada imediatamente sob a autoridade de um chefe de Guarnição. Mais tarde, as guarnições

foram agrupadas em **Setores**, depois em **Distritos**, estes, por sua vez, em **Departamentos**, e estes, por fim, em **Regiões**.

Os chefes de departamento foram nomeados em 1932, e somente em 1933 foram criadas as Regiões. Foram necessários, portanto, oito anos desde a fundação da Legião para construir a organização legionária completa.

Além da estrutura básica, existiam também ***Corpos Legionários****:*

— **O Corpo Estudantil**, composto por estudantes que ingressavam no movimento.

— **O Corpo de Trabalhadores**.

— **A Organização Feminina**.

— **As Irmandades da Cruz**, esta última destinada aos menores de 18 anos que frequentavam o ensino secundário.

A principal tarefa do Ninho era educar. É dentro do ninho que o legionário aprende política e espiritualidade, pois o ninho é um microcosmo do país. Durante as reuniões do ninho, o legionário vive uma experiência de comunhão mística com a nação. Assim como, durante a missa, os fiéis se afastam das preocupações deste mundo e elevam a mente a Deus, também o legionário, durante as reuniões do ninho, se distancia por um momento de suas preocupações cotidianas e eleva a alma e o espírito aos sofrimentos e às esperanças do país.

O Ninho cumpre diversas funções. É **um ser vivo** que passa imediatamente à aplicação dos princípios assimilados. Os legionários não se limitam apenas a participar das reuniões. Criam novos ninhos, distribuem propaganda, organizam desfiles de propaganda, arrecadam contribuições dos membros e realizam outras tarefas. Desse modo, entre a teoria e a prática, entre as reuniões e as ações no terreno, estabelece-se um movimento constante. Os dois meios tradicionais de educação, a exortação e o exemplo, complementam-se. Codreanu explicou em outra ocasião que *“o sistema dinâmico de educação, isto é, instrução mais ação, era inteiramente superior ao sistema estático.”*

O chefe do ninho não liderava segundo seus caprichos, de acordo com a própria vontade. Isso seria uma ditadura em miniatura, diz Codreanu. Em vez disso, ele o fazia de acordo com certas leis:

1. ***A Lei da Disciplina:*** Seja disciplinado, legionário, pois somente assim você vencerá. Seja senhor de si mesmo, tanto nos bons quanto nos maus momentos.
2. ***A Lei do Trabalho:*** Trabalhe todos os dias, trabalhe com amor. Que a recompensa por seu trabalho não seja o ganho pessoal, mas a consciência de ter contribuído para a glória da Legião e para o crescimento da Romênia.
3. ***A Lei do Silêncio:*** Fale pouco; diga apenas o necessário. Fale somente quando for preciso. Que seus atos sejam sua oratória. Ação. Deixe que os outros falem.
4. ***A Lei da Educação:*** Você deve se tornar alguém diferente. Um herói. Faça do ninho sua escola. Conheça a Legião.
5. ***A Lei da Solidariedade:*** Ajude seu irmão caído em desgraça. Não o abandone.
6. ***A Lei da Honra:*** Siga os caminhos indicados pela honra. Lute e jamais seja covarde. Abandone os caminhos da infâmia aos outros. Em vez de vencer pela infâmia, é melhor morrer no caminho da honra.

O Movimento Legionário funciona **com base na hierarquia e na disciplina**. É por isso que certos adversários mal-intencionados frequentemente nos acusam de totalitarismo. Essa acusação é absurda, porque o totalitarismo é inteiramente diferente da hierarquia e da disciplina. O totalitarismo é uma doutrina que tende a sufocar toda manifestação da individualidade. Ora, quem chegou a conhecer bem o Movimento descobre uma perspectiva completamente diferente. Ordem, Hierarquia e Disciplina não possuem o sentido monolítico que nossos adversários lhes atribuem. Esses elementos não constituem o fundamento supremo da Legião. Todos esses princípios e leis se baseiam, ao contrário, **na liberdade interior do indivíduo**. A disciplina existe na organização legionária apenas na medida em que é livremente aceita.

Quando um legionário cumpre uma tarefa que lhe foi confiada por seus superiores, não o faz por força ou obrigação, mas por convicção. É apenas na aparência exterior que ele cumpre uma ordem. Na realidade, participa, por meio de seus próprios esforços, da construção de valores que transcendem sua pessoa.

A comunidade legionária é uma comunidade de homens livres.

A disciplina legionária termina quando, na alma do indivíduo, desaparece a consciência dos valores supremos. O Ninho é uma pequena família que tem o amor como fundamento. Onde não há amor, a disciplina enfraquece e toda a vida legionária sofre.

A hierarquia e a disciplina são necessárias por duas razões:

a). **Garantem a concentração dos esforços individuais numa determinada tarefa.** Quando o Centro dá o sinal para a batalha, todos os legionários, em todas as partes do país, começam a marchar, assegurando assim a vitória da ação pretendida.

b). **Determinam a seleção dos oficiais legionários.** A elite de uma nação não pode ser escolhida por critérios democráticos. O povo não consegue avaliar verdadeiramente o valor de um indivíduo. As multidões podem julgar o valor de um partido político inteiro, de um programa de governo considerado em seu conjunto, mas não as qualidades profundas de um determinado indivíduo. A seleção dos quadros é prerrogativa do líder e de seus colaboradores mais próximos.

IX. Influências Estrangeiras.

Desde suas primeiras manifestações, o Movimento Legionário foi alvo de todo tipo de mentira. Uma das acusações mais recorrentes, difundida por seus muitos inimigos internos e externos, era a de que a Legião seria *“um instrumento do nazismo”*. Somente por ignorância ou má-fé alguém poderia afirmar semelhante coisa.

O antijudaísmo do Movimento Legionário nada tinha em comum com o antijudaísmo alemão. Ao se opor à ameaça judaica, então extremamente ativa e poderosa na Romênia, Corneliu Codreanu apenas dava continuidade a uma tradição romena de quase um século.

Além disso, entre os dois movimentos existia um abismo doutrinário. O nacional-socialismo alemão era, em essência, um movimento racista, enquanto o Movimento Legionário era, acima de tudo, nacional, porque acreditamos que a nação é o elemento criador da história e da cultura.

Além disso, o nacional-socialismo rejeitava o cristianismo que professara em seus primeiros anos, aproximando-se de uma espécie de panteísmo. O Movimento Legionário não apenas mantém relações filiais com a Igreja cristã, como também considera a Fé um dos elementos de sua própria doutrina.

Também é essencial observar que Codreanu iniciou sua luta em 1919, época em que ninguém sequer ouvira falar do nome Adolf Hitler.

A subordinação do Movimento aos hitleristas tampouco é crível por outra razão. A geração estudantil de 1922, da qual foram recrutados os primeiros oficiais da Legião, vivera a Primeira Guerra Mundial e guardava apenas as mais dolorosas lembranças da ocupação alemã de parte do país. Muitos outros fatores contribuíram para que, pouco a pouco, se extinguisse a hostilidade da juventude romena em relação a tudo o que era alemão.

Corneliu Codreanu jamais fez parte de uma agência estrangeira. Ao contrário, por meio das lutas de sua juventude, antecipou em vários anos o fenômeno do renascimento nacionalista na Europa. Somente mais tarde surgiria, em outros países, a reação nacionalista, numa escala comparável à do nacionalismo romeno. É por essa razão que Codreanu deve ser incluído entre os *precursores* do fenômeno.

Quando o movimento nacional-socialista alemão começou a se manifestar, Codreanu observou com simpatia essa nova organização, reconhecendo nela uma das muitas formas do fenômeno. Na Romênia surgiu a Legião; na Itália, o Fascismo; na Alemanha, o Nacional-Socialismo; na Espanha, o Falangismo. Cada um desses movimentos

nasceu de forma independente, sendo a expressão do gênio político do povo do qual brotou, mas todos foram gerados por uma necessidade comum a todos os povos europeus.

O Movimento Legionário jamais aceitou a tutela de outro Estado ou de um movimento semelhante. Sempre teve consciência de manifestar o destino romeno no mundo e na história. Eis algumas linhas de Ion Mota em resposta àqueles que acusavam o Movimento Legionário de ser uma imitação do Nacional-Socialismo ou, pior ainda, um fantoche do hitlerismo:

"Se o hitlerismo alemão realmente estivesse se tornando um perigo para a Romênia, nada poderia afastar esse perigo do pangermanismo com mais eficácia do que opor-lhe o pan-romeno de 'extrema direita'.

O 'espírito de Genebra' jamais será substituído por um 'espírito de Berlim' ou de Roma. Os políticos do senhor Titulesco nos julgam segundo seus próprios padrões, acreditando que somos capazes de sacrificar as realidades romenas por amor a alguma espécie de internacionalismo hitlerista".

O Movimento Legionário foi influenciado, em certa medida, pelo Fascismo italiano. Mas essa influência se limitou a meros detalhes: o uso de um uniforme (a Camisa Verde) e a Saudação Romana. A ideia de organizar a Legião com base na hierarquia e na disciplina pertence a Codreanu. Desde o dia em que deixou a Escola Militar, ele manteve grande respeito pela disciplina militar. Apreciava o Exército e o considerava um contrapeso à maledicência e à irresponsabilidade da vida pública. Ao fundar a Legião, imprimiu-lhe um espírito militar, para distingui-la da esterilidade dos demais agrupamentos políticos.

Corneliu Codreanu tinha grande respeito por Mussolini porque, pela primeira vez na história, o fundador do Fascismo havia demonstrado que a Questão Social podia ser resolvida em âmbito nacional; com isso, derrubava as pretensões dos comunistas, que sustentavam que a melhoria das condições de vida dos trabalhadores não seria possível sem a destruição da nação e sua substituição por um Estado Proletário Mundial.

Com o surgimento dessas tendências nacionalistas, uma nova esperança vem **reavivar as aspirações das grandes massas.**

A "Cruz Viva" Legionária lidera o imenso cortejo que sepulta o corpo de Codreanu na Casa Verde, em Bucareste, em 1940.

A Criação do Movimento (1927–33)

No momento em que lançou os alicerces do Movimento, Corneliu Codreanu era seguido por apenas um punhado de homens: seus antigos companheiros de prisão, **os Vacaresteni** — alguns estudantes de Iasi e várias pessoas mais velhas, antigos membros da Liga Cuzista. Era tudo o que restava depois do naufrágio da Liga.

Onde estavam os milhares de estudantes da heroica geração de 1922? Onde estavam as dezenas de milhares de pessoas que o haviam aclamado em Iasi, em Turnu Severin, em Bucareste? Alguns haviam sido arrastados pelas preocupações da vida; outros, desiludidos com o triste fim da Liga, afastaram-se, deixando assim exposta a frente nacionalista.

Codreanu ficou profundamente magoado com a atitude dos estudantes e falou duramente sobre eles. Se era difícil, quando não impossível, pedir às grandes massas — mergulhadas no trabalho cotidiano — que continuassem a luta, não era aceitável que jovens intelectuais, plenamente familiarizados com a dialética do nacionalismo, se perdessem na escravidão da vida diária. Seu “acomodar-se” era pura deserção. Isso porque sabiam por que estavam lutando; conheciam, acima de tudo, os problemas que o povo romeno enfrentava e os perigos que o ameaçavam. A maioria desses jovens voltaria mais tarde à vida política, não para ajudar aqueles que haviam permanecido nas trincheiras “enfrentando o inimigo”, mas para reforçar as fileiras dos antigos partidos, abrindo fogo contra seus antigos companheiros de armas.

I. Os Primórdios da Vida Legionária.

O Capitão não era apenas um excelente organizador e um visionário do destino romeno. Ele se movia com a mesma desenvoltura no campo da ação prática. Tinha o dom da organização, agindo com precisão em todas as situações. Ao perseguir os objetivos do Movimento, jamais confundia as

coisas nem as considerava de maneira desconexa. O tático não era de calibre inferior ao estrategista.

Embora seu pensamento abrangesse horizontes amplos, ele nunca perdeu o contato com a realidade, o que lhe permitia empregar os meios de que dispunha com a máxima eficiência. Ao contemplar seu pequeno exército, que mal chegava a duas dúzias de homens, embora convicto, ainda que heroico, não podia partir para a conquista das massas. A iniciativa teria de se limitar ao que era viável. Era vital avançar por etapas. Por isso, durante os dois primeiros anos de existência da Legião, não vemos Codreanu percorrendo cidades e aldeias para recrutar pessoas e realizar comícios públicos. Era cedo demais para criar um movimento de massas, porque os quadros necessários para organizá-lo e dirigi-lo ainda não existiam. Foi por essa razão que, nos primeiros meses, ele concentrou todos os seus esforços no pequeno grupo que o seguia e procurou educá-lo com toda a plenitude de suas ideias.

A primeira preocupação do jovem líder do Movimento foi conseguir uma sede para a organização. Esse problema parecia mais fácil de resolver agora, porque a construção do Salão Cultural Cristão de Iasi estava próxima da conclusão. Um cômodo ali foi preparado para servir de base.

Assim, o Salão de Iasi tornou-se o único bem concreto do Movimento em formação. Era ali que viviam os poucos estudantes legionários e também de lá que a correspondência era enviada.

Depois de resolver a questão da sede, o Capitão pensou em publicar um jornal destinado a ampliar a influência da Legião. O país precisava tomar conhecimento da existência da nova organização e conhecer o espírito que a inspirava. O jornal surgiu em 1º de agosto de 1927 e recebeu o nome de *The Ancestral Earth*. Em alguns artigos breves assinados pelos fundadores do Movimento, destacava-se a necessidade de reconstruir a frente nacionalista e estabelecer as primeiras normas da vida legionária.

Com a publicação do jornal, começaram também as dificuldades materiais. Todos aqueles que, vindos de fora, se haviam unido ao Capitão eram tão pobres que não conseguiam reunir sequer dinheiro suficiente para

cobrir as despesas postais da organização. Eles próprios se envergonhavam de sua extrema pobreza! *"Empreender a criação de uma organização política sem sequer um centavo"*, escreveu Codreanu, *"era difícil e audacioso. Numa época em que os recursos financeiros são todo-poderosos, ninguém pode tomar a menor iniciativa sem se perguntar quanto dinheiro possui. Deus quis mostrar que, na luta e na vitória legionárias, os recursos não desempenhavam papel algum."*

O problema financeiro não é um fato acidental na história legionária. O Movimento jamais possuiu outros recursos além daqueles que ele próprio criava, apelando ao espírito de sacrifício dos legionários. Codreanu recusava-se firmemente a bater às portas dos capitalistas, como faziam todos os demais agrupamentos políticos. Sabia que o menor passo nessa direção significaria a escravização do Movimento. A organização perderia sua liberdade de ação, pois aqueles que lhe oferecessem dinheiro também imporiam condições. Do mesmo modo, um partido que precisa ser financiado não pode desenvolver suas próprias ideias nem se tornar uma força poderosa e independente. Além disso, o que acontece quando o financiamento cessa? O que acontece com ele?

"*É como um homem*", disse Codreanu, "*cujo corpo se acostuma a viver à base de remédios. Na medida em que se administram medicamentos ao corpo, impede-se que ele reaja por si mesmo. Do mesmo modo, quando se interrompe o medicamento, ele morre. Assim, esse homem fica à mercê do farmacêutico. O mesmo ocorre com uma organização que se vê à mercê de seus financiadores. Estes poderiam, a qualquer momento, suspender o subsídio, e o Movimento, desacostumado a viver por seus próprios meios, morreria.*" Um movimento não deve empregar mais recursos do que aqueles que pode gerar por seu próprio espírito de sacrifício. Caso contrário, perde sua independência e estagna.

A decisão de levar adiante a fundação do Movimento sem sequer um centavo em seus cofres tinha um significado moral mais profundo. Codreanu queria criar um Movimento que não estivesse maculado pelo poder do dinheiro nem dependesse dele. *"Com nosso ato audacioso, rompemos com a mentalidade dominante deste século e do mundo.*

Eliminamos em nós mesmos um mundo para construir outro, mais elevado, que alcance os céus. *A soberania absoluta do dinheiro é destruída para ser substituída pelo poder do espírito e dos valores morais. Não negamos, nem jamais negaremos, o papel e a necessidade do material no mundo, mas negamos e sempre negaremos seu direito à primazia."*

Para manter o jornal, Codreanu lança **a primeira batalha legionária: a batalha das assinaturas**. Os legionários — 59 ao todo — partem por toda parte em busca de assinantes. Em outubro de 1927, os resultados da batalha haviam rendido 2.586 assinantes. A publicação do jornal estava garantida por um ano.

Logo após esse êxito, ele lança os legionários numa nova batalha: a compra de uma caminhonete. Dois meses depois, esse objetivo é alcançado. Em 10 de fevereiro de 1928, a caminhonete, apelidada de *The Kid*, faz sua primeira viagem de Bucareste a Iasi.

No verão de 1928, Codreanu dá a ordem para que os legionários se reunissem na olaria de Ungheni e na horta de Iasi. Uma pequena atividade de comércio de hortaliças é proposta e iniciada. Os legionários precisavam comprar os produtos em Iasi e transportá-los de caminhonete nas condições climáticas da Moldávia. O dinheiro obtido era destinado aos cofres da Legião.

É evidente que, vistos de uma perspectiva nacional, esses "êxitos" não significavam grande coisa. Fora de um círculo restrito de amigos e conhecidos, poucas pessoas haviam ouvido falar deles ou lhes davam valor. Mas, para aqueles pioneiros empenhados em construir um mundo novo, os primeiros êxitos assumiam proporções épicas: **algo havia sido criado do nada** — um salão, um jornal, uma caminhonete.

Uma alegria imensa inundou suas almas! Haviam extraído água de uma pedra seca. O legionário, como novo modelo de vida social, surgia como um ser extraordinário. Já não havia problema algum que ele não pudesse resolver, obstáculo algum que não pudesse superar, situação alguma que não pudesse dominar, desde que se lançasse à ação de todo o

coração e com total desprendimento. Uma regra de vida tomava forma: o êxito dependia do esforço despendido e da intensidade do espírito de sacrifício.

Paralelamente a essas “batalhas”, o Capitão também se dedicava à organização. Queria verificar se o sistema de ninhos estava funcionando. Nos dias 3 e 4 de janeiro de 1929, realizou em Iasi uma reunião com todos os chefes de Ninho do país. Eram entre 40 e 50, o que significava que os militantes da Legião haviam aumentado para cerca de 400 ou 500 homens. A partir do contato com esses chefes, concluiu que o sistema de ninhos era capaz de criar uma força incomensuravelmente superior à que possuía naquele momento. O sistema havia dado frutos e deveria ser mantido.

Nessa reunião, o Capitão também fundou o **Senado Legionário**, como órgão consultivo do Movimento, composto pelos legionários mais antigos e oriundos de todas as classes sociais. Com esse órgão, o Capitão procurava reunir os “*sábios*” da Legião, com os quais poderia se aconselhar nos períodos mais difíceis para o movimento.

Pertencer a esse grupo era a maior honra que o Chefe da Legião podia conceder a um legionário. Os primeiros senadores da Legião nomeados nessa reunião foram: Hristache Solomon, general Dr. Marcidesco, general Ion Tarnoschi, Spiru Peceli, coronel Paul Cambureanu e Ion Butnaru, núcleo que, alguns meses depois, foi ampliado com a inclusão do professor universitário Traian Braileanu, antigo sociólogo de renome da Romênia.

Como foi possível criar tão cedo um órgão desse tipo, quando, sob outros aspectos, a organização só se consolidaria muito mais tarde? Eis a explicação: quando a Legião começou a tomar forma, várias figuras de renome nacional aderiram imediatamente — generais reformados, professores universitários, heróis de guerra mutilados, médicos e engenheiros; tratava-se de alguns representantes da antiga geração que formavam um bloco capaz de atestar moralmente, perante o grande público, a seriedade dessa obra de salvação nacional criada por Codreanu. Sua filiação à Legião também servia de incentivo para a juventude, que desde o início constituía a imensa maioria de seus membros. Essas figuras representavam, por seu passado e pela obra de toda uma vida, um capital

político e moral infinitamente superior ao valor dos mais jovens. Foi por isso que o Capitão, contornando o processo normal de seleção que havia instituído para a promoção dos membros do Movimento, reuniu-os num corpo à parte, antes da criação dos demais corpos, e os organizou como o Senado Legionário, incumbido da séria tarefa de atuar como seus conselheiros mais próximos.

Mas a principal preocupação de Codreanu concentrava-se na educação. Ele queria transformar "*os militantes da primeira hora*" em fontes autossuficientes de iniciativa, capazes não apenas de superar as adversidades, mas também de recomeçar do zero quando fossem enviados a outras regiões do país para liderar.

A primeira escola de quadros da Legião foi realizada no verão de 1929. Legionários vindos de todos os cantos do país empreenderam, sob a liderança de Codreanu, uma longa marcha pelas montanhas da Moldávia e da Bucovina. Ao permanecer com eles, queria observar e estudar suas reações diante das dificuldades e do cansaço. Por meio de marchas extenuantes, sob calor intenso, chuva e vento, pretendia desenvolver neles a capacidade de resistência e a força de vontade. Nenhum desvio era permitido quando encontravam um obstáculo no caminho: a coluna tinha de escalar penhascos e atravessar rios. Para moldar um novo tipo de ser, criar o herói, o conquistador, era preciso superar os obstáculos, não contorná-los. "*Em lugar do homem fraco e derrotado, que se curva a cada sopro de vento, um homem tão comum na política e em outros campos, devemos criar para esta nação um homem que não se dobre, que seja inflexível.*"

Os períodos de descanso eram usados pelo Capitão para fortalecer entre eles o *esprit de corps*, por meio de instruções e explicações sobre os objetivos fundamentais do Movimento. Ao mesmo tempo em que realizavam exercícios físicos, os jovens legionários conheciam o país, admiravam sua beleza e aprendiam os fundamentos da organização, da educação e da política. Entre os participantes dessa escola surgiram homens que mais tarde se destacariam, tornando-se oficiais da organização.

Os esforços empreendidos pelo pequeno exército legionário sucediam-se num ritmo extenuante. Não havia pausas. Os legionários estavam sempre ativos porque não existiam equipes de revezamento. Os mesmos homens terminavam uma batalha apenas para se lançar em outra. Contudo, em seus rostos não se via nenhum vestígio das tensões e privações constantes daquela vida. As pessoas contemplavam com espanto aqueles jovens cheios de energia, que recordavam sorrindo as difíceis provações pelas quais haviam passado. A alegria de ver a estrutura legionária se erguer, tijolo por tijolo, graças ao seu trabalho e aos seus sacrifícios, era recompensa suficiente por seus sofrimentos.

Mais difíceis de suportar eram os ataques iníquos de que eram alvo. Os inimigos do movimento nacionalista, políticos e judeus, perceberam imediatamente a diferença de caráter que separava a Legião da frágil organização cuzista. Codreanu não era apenas um brilhante chefe teórico como o professor Cuza. Dera provas extraordinárias de coragem e força de vontade. Tampouco podia ser manipulado por infiltrados em seu movimento, como ocorrera com os líderes da Liga. Adquirira grande experiência política durante as lutas estudantis e sabia distinguir uma ação útil ao Movimento de outra inspirada por seus inimigos. Além disso, os legionários não se deixavam arrastar para a violência, como os judeus desejariam. Os judeus não podiam se queixar de maus-tratos nem de que os legionários haviam quebrado suas vitrines. O método legionário de luta era inteiramente diferente. Eles ofereciam exemplos concretos do que podia ser construído por meio do esforço coletivo dedicado ao Bem Geral. O Capitão incentivava aqueles jovens a criar, construir e demonstrar pelo exemplo que o país só poderia voltar ao bom caminho por meio do trabalho e do sacrifício livremente assumido.

As antigas armas usadas pelos partidos para desacreditar o movimento nacionalista já não produziam efeito algum no caso da Legião. Por isso, tiveram de mudá-las. Agora predominavam a Mentira, a Calúnia e a Insinuação. *“Onde os legionários conseguiram dinheiro para comprar caminhonetes?”* — gritava a imprensa judaica.

Esses ataques não surpreenderam ninguém. Era natural que ocorressem. O inimigo já não dormia. Mas o que mais afligia a alma do Capitão e a de seus companheiros eram os golpes desferidos por antigos camaradas de armas. Enquanto alguns membros da Liga permaneceram com o professor Cuza, outros passaram para os "Constitucionalistas", cobrindo a Legião com as calúnias mais vis: *"Corneliu Codreanu"*, afirmavam, *"recebia dinheiro dos judeus"*, *"havia criado o Movimento por interesse pessoal, movido por uma ambição doentia"*. Seu passado, seus sofrimentos, os anos de prisão, sua contribuição incomparável ao movimento estudantil e, depois, à Liga nada significavam para esses detratores. Aquele que servira com fé inabalável à causa nacionalista e sofrera por ela mais do que qualquer outro para levá-la à vida pública era agora atacado pelos jornais cuzistas como "um vigarista nacionalista".

Codreanu sentia-se profundamente enojado com esses ataques vis. Embora se pudesse respeitar os adversários de certo tipo, esses pigmeus, esses covardes, que recorriam às armas mais indignas para golpeá-lo, despertavam nele profunda repulsa. Incapaz de combatê-los ou neutralizá-los, só podia desprezá-los. Por essa razão, durante uma reunião dos chefes legionários, decidiu-se que não haveria resposta a esses ataques; eles estavam abaixo de qualquer consideração. Do ponto de vista moral, era difícil atravessar essa onda de provocações sem reagir a uma saraivada tão intensa. Mas responder-lhes significaria rebaixar-se ao nível deles. Além disso, os inimigos comuns ficariam satisfeitos demais em fomentar a discórdia entre os grupos nacionalistas. Codreanu não lhes deu essa satisfação. Ele seguiu seu caminho, deixando ao futuro a tarefa de desmascarar as calúnias de seus detratores.

A partir de uma análise das atividades legionárias durante os três primeiros anos de existência do Movimento, ele identifica o que havia ocorrido por meio de um processo de cristalização interna. Antes de entrar em contato com as grandes massas, a Legião precisava definir seu caráter. Esses anos foram dedicados ao reagrupamento e à reestruturação dos poucos elementos salvos do naufrágio da Liga. O trabalho de criar uma atmosfera legionária própria teve importância primordial. Esses primeiros

militantes entregaram a vida ao Movimento. Com um pequeno grupo de homens desiludidos e alguns jovens inexperientes, era preciso criar, a qualquer custo, um novo centro de gravidade para o movimento nacionalista. Da mesma forma, era necessário incorporar todos aqueles que não haviam abandonado as fileiras do movimento nacionalista a uma nova maneira de agir. Até mesmo as lutas que Codreanu travou acabaram, em última análise, reforçando a estrutura interna do Movimento; na verdade, serviram para testar os elementos disponíveis e moldá-los por meio da pressão constante a que eram submetidos.

Corneliu Codreanu imprimiu a um pequeno grupo vida e vontade próprias. Determinou sua estrutura política e espiritual e dotou-o de características que já não podiam ser confundidas. **Um Mundo Novo veio à luz**, com leis e costumes próprios, vitalmente diferentes daqueles que, até então, haviam caracterizado a sociedade romena.

Depois de quase três anos de intenso esforço, o Movimento vivia e se agitava no interior da sociedade segundo seu impulso singular e reagia aos acontecimentos de acordo com sua própria lei interna. Havia se tornado um ser. Somente nesse momento Codreanu pôde entrar no mundo e enfrentar o desconhecido das grandes massas.

II. O Método Legionário de Propaganda.

A conquista das massas tornava-se essencial para a política da Legião. Corneliu Codreanu se opunha terminantemente a qualquer tentativa de chegar ao poder por meio de motins ou de um golpe de Estado.

Desde o início, propôs-se a atuar apenas dentro dos limites da legalidade: *“Respeitaremos as leis do país, sem jamais procurar provocar, evitando todas as ocasiões de provocação e jamais respondendo a provocações.”*

Na Romênia, o caminho legal para um partido político chegar ao poder era o eleitoral. De acordo com a Constituição, a Romênia era uma

democracia parlamentar. Para chegar ao poder, um partido precisava conquistar a confiança das grandes massas e, por meio de seus votos, obter a maioria. A decisão de Codreanu de seguir rigorosamente as regras da luta parlamentar obrigava-o a transformar a Legião num partido de massas.

Desde o primeiro contato com essas massas, as equipes de propaganda da Legião obtiveram êxitos notáveis. A forma mais eficaz de propaganda era, sem dúvida, a presença do Chefe Legionário nas diferentes regiões do país. Depois de cada reunião pública da qual Codreanu participava, milhares de homens ingressavam na Legião. No entanto, o Capitão não podia dedicar todo o seu tempo à propaganda, por mais proveitosas que fossem suas visitas. Participava apenas ocasionalmente, para abrir novos caminhos, criar uma brecha no eleitorado dos antigos partidos. Normalmente, a propaganda era realizada integralmente pelos corpos legionários.

A maioria dos legionários era jovem. Era incomum que alguém tivesse mais de 30 anos. Alguns nem sequer haviam concluído os estudos universitários. Não possuíam dinheiro nem prestígio. Portanto, não era por posição pessoal nem por outros meios de persuasão — dinheiro, promessas, ameaças —, o recurso habitual dos antigos partidos, que poderiam conquistar as grandes massas. Tinham apenas **Fé, uma visão patriótica e juventude**.

Para acentuar as diferenças em relação aos antigos partidos, o Capitão introduziu mudanças revolucionárias na técnica de propaganda. Destacou precisamente aquilo que os líderes dos velhos partidos ignoravam: **os aspectos intangíveis da vida comunitária**. Proclamava: é das profundezas do coração que devemos falar ao povo. Eles estremecem diante dos gritos angustiados do país quando lhes falamos na frequência nacional. Compreendem quem busca seus verdadeiros interesses, sem que seja necessário recorrer a uma retórica engenhosa.

Há uma base espiritual, própria de cada povo, que se encontra em todas as suas filhas e filhos. Quando esse elemento começa a vibrar, estabelece-se imediatamente o contato com as massas. Em lugar de discursos vazios, programas mentirosos e falsas promessas, dos quais o

povo já estava farto, os legionários procuravam incutir nas massas o espírito da Legião. A propaganda legionária procurará arrancar o povo romeno do desespero e da resignação em que buscava refúgio e infundir-lhe confiança em sua própria força. O objetivo principal dos legionários, ao entrar em contato com as massas, será despertar nelas a coragem e a vontade de derrubar a antiga mentalidade e criar para si mesmas um novo destino.

Quais eram os meios utilizados para despertar as massas, para suscitar nelas uma sensibilidade aos aspectos intangíveis da nação? Antes de tudo, os legionários partiam em jornadas de propaganda, sempre em equipes, em colunas sob a liderança de um chefe. Era ele quem comandava a ação. Determinava a marcha, as paradas e a partida. Às vezes, falava aos camponeses. Uma sensação de força deveria emanar de sua postura e de seus movimentos, mesmo que a equipe fosse composta por poucas pessoas. Operários e camponeses ficavam impressionados ao ver aqueles jovens marchando em estilo militar pela lama e sob o rigor do inverno.

Os representantes dos partidos só se ocupavam dos camponeses e dos operários às vésperas das eleições e, então, chegavam em seus grandes automóveis por estradas esburacadas, cobrindo de lama tudo ao redor: cercas, casas, homens e animais. Depois das eleições, não voltavam a ser vistos até o pleito seguinte, quando o ritual da caça aos votos recomeçava. Os camponeses e os operários viam nos legionários um tipo diferente de homem.

Eles vinham a pé, percorrendo grandes distâncias enquanto cantavam, e aquilo que diziam aquecia o coração dos camponeses. Eram homens que compreendiam suas preocupações e seus sofrimentos.

As multidões também se encantavam com as belas canções legionárias. Onde quer que surgisse um grupo de legionários, ressoavam os acordes de uma canção. Muitas eram antigos hinos do povo romeno, mas também havia novas canções escritas por legionários, que proclamavam os nobres objetivos e as esperanças da Legião e da nação romena. Depois de cada batalha, depois de cada perseguição, sempre aparecia alguém para transformar o acontecimento em versos e, depois, essa mesma pessoa ou

algum companheiro improvisava a melodia. Não foram poetas nem compositores famosos que escreveram as primeiras canções legionárias. Os primeiros poetas legionários eram anônimos: um estudante ou uma estudante, um padre, um camponês, um trabalhador. As canções então passavam de pessoa em pessoa, como todo folclore. Se o Capitão também gostava delas, tornavam-se parte da herança espiritual do Movimento. Muitas nasceram na prisão; respiravam o espírito melancólico do sofrimento e a grandeza do sacrifício, e muito contribuíram para manter o moral dos legionários.

É evidente que, no início, o efeito propagandístico da canção não foi objeto de estudo. As canções não eram compostas especificamente para servir de propaganda. Quando alguém escrevia uma canção, inspirado pelo momento legionário, não tinha outra intenção além de expressar o próprio sentimento. A inspiração era espontânea; brotava de sua alma como água pura de uma nascente.

Os legionários cantavam em todas as ocasiões porque sentiam a necessidade interior de cantar. Nas reuniões, nos comícios públicos, no trem, numa confraternização, nos acampamentos, até mesmo quando eram levados para a execução. *"Para poder cantar"*, observou Codreanu, *"é preciso haver certa disposição espiritual, uma harmonia dentro da alma. Quem vai roubar não pode cantar. Tampouco aquele que vai cometer uma injustiça. Da mesma forma, aquele cuja alma é dilacerada pelo vício ou pelo ódio ao companheiro. Tampouco aquele cuja alma não possui fé."*

O mundo legionário nasceu envolto por uma aura de canção. Aquilo que as simples palavras não conseguiam expressar era revelado pela poesia e pela melodia. Toda disposição espiritual interior se manifesta e se faz compreender com mais facilidade por meio da canção. Por meio dela, os legionários falavam às multidões de maneira mais eloquente do que seria possível até mesmo com o mais belo discurso, pois assim estabeleciam contato mais rápido com os desejos do próprio povo. E, como o Movimento se inclinava, antes de tudo, para os mistérios sutis da alma, era natural que dele nascessem os hinos legionários. *"Toda a história de nossa consolidação está contida na canção. Desde o primeiro passo vacilante*

até a formação dos grandes temas da rebelião contra os tempos de perseguição, tudo é cantado. Dos tempos despreocupados e felizes às tristes canções das prisões."

Outra característica da propaganda legionária era seu **espírito criador**. Os legionários não apenas prometiam recolocar o país no caminho reto e estreito depois que chegassem ao poder, mas davam provas disso desde o início, com toda a disposição de mobilizar-se e cooperar; ajudavam a construir a casa de um camponês pobre, cuidavam de um cemitério, erguiam uma cruz votiva, consertavam uma ponte, cavavam uma vala e trabalhavam nos campos ao lado dos camponeses. Nada pediam em troca pelo trabalho realizado, mas, por onde quer que passassem, deixavam provas concretas de seu amor pelo povo.

Dessa maneira, os camponeses percebiam ainda melhor a diferença entre os antigos partidos, indiferentes às suas necessidades e aos seus sofrimentos, e aqueles jovens que não se envergonhavam de empunhar uma foice, uma pá ou uma enxada. Com esses homens, sempre prontos a socorrê-los, sentiam-se à vontade. Os legionários eram os brotos de um mesmo tronco. Com eles, os camponeses perdiam a timidez com que geralmente recebiam as pessoas da cidade.

As marchas em equipe, a canção e o trabalho constituíam as principais armas da propaganda legionária.

Também não faltavam discursos, mas, quando um legionário se levantava para falar, em termos simples e convincentes, a atmosfera já estava preparada. As palavras traduziam e esclareciam, no espírito do povo, aquela corrente de simpatia que se formara entre ele e os legionários durante os dias de trabalho conjunto e de comunhão espiritual.

III. O Movimento avança em direção às Grandes Massas.

Antes de descrever o desenvolvimento das primeiras iniciativas da Legião em direção às massas populares, é necessário delinear em poucas

palavras a atmosfera política existente no momento em que foram empreendidas.

O poderoso Partido Liberal havia sofrido dois golpes graves, dos quais ainda não se recuperara.

Durante o verão de 1927, morreu o rei Ferdinando, principal protetor do partido, e, no outono do mesmo ano, faleceu seu mais destacado líder, Ion Bratianu. O Partido Nacional Camponês, mantido afastado do poder durante oito anos, foi o primeiro beneficiário dessa situação. O caminho para o poder se abriu diante dele. Os liberais já não contavam com o mesmo grau de apoio constitucional, cuja cumplicidade até então lhes permitira governar contra a vontade popular.

A Coroa também atravessou uma grave crise. O filho mais velho do rei Ferdinando, Carol, herdeiro do trono, havia sido excluído da sucessão em janeiro de 1926, depois de abandonar sua esposa, a princesa Helena, e fugir para o exterior com sua amante, a judia Elena Lupescu. A Coroa da Romênia passara para seu filho, Miguel, um menino de 5 anos. Até que ele atingisse a maioridade, fora nomeada uma Regência, composta pelo príncipe Nicolae — irmão de Carol —, pelo patriarca Miron e pelo primeiro presidente do Tribunal de Apelação, Georges Buzdugan. As três pessoas que compunham a regência não permitiam, com a mesma facilidade que o rei Ferdinando, a manipulação da Constituição em favor do Partido Liberal.

Após a morte do rei Ferdinando, os liberais se mantiveram no poder por mais um ano, mas, diante da ameaça de uma revolta dos camponeses nacionalistas, que realizavam comícios antigovernamentais reunindo centenas de milhares de pessoas, a regência cedeu. Os liberais foram afastados do poder, e o governo de Iuliu Maniu foi formado em novembro de 1928.

A popularidade do Partido Nacional Camponês era enorme. Nas eleições realizadas um mês depois, em 15 de dezembro de 1928, quase todo o país votou nele. Foi um dos raros casos da história eleitoral romena em que o governo não ordenou à burocracia que manipulasse os

resultados. Os liberais saíram completamente esmagados. De um total de 387 cadeiras, conquistaram apenas 13. Foi a esse número que se reduziu a verdadeira popularidade daquele partido, por tanto tempo considerado *"o partido do governo"* e que governara o país por mais tempo do que qualquer outro agrupamento político.

Depois dessa impressionante demonstração de confiança, o país inteiro estremeceu de alegria; todos aguardavam o anúncio das medidas positivas e populares do governo de Iuliu Maniu, o principal líder dos camponeses nacionais. Mas, em pouco tempo, o governo nacional-camponês se mostraria tão incapaz quanto seu predecessor. Os camponeses, em nome dos quais os novos dirigentes haviam chegado ao poder, não sentiram alívio algum nem qualquer melhora em sua condição. Os novos líderes simplesmente imitaram os liberais, envolvendo-se em escândalos. Em troca, os judeus e outros estrangeiros tornaram-se uma classe privilegiada para o governo, que lhes deu rédea solta à ganância. Como no passado, os direitos fundamentais do cidadão, garantidos pela Constituição, continuaram letra morta, enquanto os abusos do Executivo prosseguiam.

Quando os legionários quiseram estabelecer contato com as grandes massas, depararam-se com os métodos sinistros do governo, herdados dos liberais: policiais que os impediam de falar ao povo; prisões e espancamentos; condução acorrentada de uma delegacia a outra; e processos nos tribunais como *"perturbadores da paz"*.

O primeiro comício público da Legião ocorreu em 15 de dezembro de 1929, em Beresti, no condado de Covurlui, na Moldávia. Foi também o primeiro do qual o Capitão participou desde a fundação da organização legionária. Imediatamente após a chegada de Codreanu à localidade, o chefe de polícia e o promotor do condado foram até a casa onde ele estava hospedado para informá-lo de que o governo havia proibido a reunião.

"Eu lhes disse: O que os senhores disseram não é justo nem legal. Neste país, todos têm o direito de realizar reuniões: alemães, húngaros, turcos, tártaros, búlgaros, judeus. Por que eu não teria esse direito? Sua

decisão é arbitrária. Ela contraria a lei, e eu me recuso a aceitá-la. Realizarei esta reunião, aconteça o que acontecer.”

Depois de um debate acalorado, a reunião foi autorizada, mas, devido à intimidação policial, compareceu apenas um pequeno número de pessoas.

Indignado com a atitude das autoridades que, depois de concederem permissão, haviam assustado o público usando a polícia, Codreanu decidiu tomar em suas próprias mãos os assuntos de toda a região. Percorreu-a a cavalo de ponta a ponta, indo de aldeia em aldeia, a princípio apenas com alguns companheiros; durante o trajeto, porém, outros cavaleiros se juntaram a eles, de modo que, quando retornaram a Beresti, já eram cerca de 50.

Na segunda reunião, realizada no mesmo local, compareceram 3.000 pessoas. Ele lhes falou sobre o novo mundo que nascera com a Legião e os incentivou a trilhar o caminho da ressurreição nacional.

Isso ocorreu um ano depois da chegada dos camponeses nacionais ao poder. Durante seus oito anos na oposição, esse partido havia denunciado as ilegalidades cometidas pelos liberais no governo com uma violência até então desconhecida na história política da Romênia: os liberais governavam contra a vontade do país, por meio do terror, da fraude eleitoral e do assassinato. Agora, o “novo” governo demonstrava respeito ainda menor pela lei. Não havia censura nem estado de emergência no país. De acordo com o direito comum, qualquer partido podia realizar reuniões sem necessidade de autorização prévia; no entanto, as autoridades locais, aplicando a política do governo de Bucareste, proibiam as reuniões legionárias. Com base na Constituição? Não! Com base em alguma lei específica aplicável a todo o país ou a parte dele? Não! Com base em ordens, medidas arbitrárias e força bruta. As autoridades que haviam proibido a reunião abandonaram o terreno da lei para se colocar no terreno da força. O governo dava a impressão de zombar do novo grupo político: *“Quem é mais forte, senhor Codreanu: o senhor, com seus poucos homens, ou nós, com todo o aparato do Estado à nossa disposição?”*

Desde o início, o Movimento Legionário havia declarado, nas palavras de seu fundador, que desenvolveria sua atividade política dentro dos limites da lei. Mas aqueles que detinham o poder haviam encontrado uma maneira simples e engenhosa de impedir a propaganda legionária: ultrapassar eles próprios os limites da legalidade. Codreanu, porém, invocava os fundamentos jurídicos do Estado e os respeitava. Por isso, quando encontravam resistência, as autoridades recuavam enquanto buscavam um acordo. Sabiam muito bem que seus atos arbitrários não possuíam base legal.

O que aconteceu em Beresti também ocorreu em Cahul, no sul da Bessarábia, em 27 de janeiro de 1930. Codreanu, acompanhado por 30 legionários, chegou à cidade, onde haviam convocado um comício público na praça central; 7.000 pessoas haviam se reunido ali. Na entrada da cidade, um destacamento de soldados, com as baionetas caladas, surgiu diante deles. O coronel que comandava o destacamento apontou a pistola para o peito do Capitão:

“Pare ou atiro!”

Ele parou.

“Por que me matar, se não fiz nada de errado? Eu também tenho uma pistola, mas não vim lutar contra ninguém, muito menos contra o Exército romeno.”

“Todos os meus argumentos foram inúteis. Permaneci ali quase uma hora, suportando todo tipo de insulto e humilhação. Eu poderia ter respondido da mesma forma e revidado. Foi preciso toda a minha paciência para não cair numa situação ainda pior: a de eu, um nacionalista romeno, combater o exército de meu país diante de judeus comunistas.”

Codreanu cancelou a reunião. Retornou a Bucareste, onde procurou o subsecretário do Ministério da Justiça para lhe explicar o que havia acontecido com as autoridades locais na Bessarábia. Como resultado, obteve autorização para realizar o comício proposto na mesma cidade alguns dias depois. Tomou essa precaução, embora a legislação do país não

exigisse autorização prévia em casos como aquele. Na reunião, realizada uma semana depois, em 2 de fevereiro de 1930, compareceram mais de 20.000 camponeses e 300 legionários vindos de todas as partes do país. Tudo transcorreu de forma inteiramente pacífica.

A tentativa de impedir a propaganda legionária pelo uso da força não ajudou o governo nem os partidos. O Movimento jamais teria alcançado os níveis de popularidade que alcançou sem a aura de sofrimento que adquiriu com as perseguições constantes de que foi alvo. Os camponeses queriam saber por que todos os partidos tinham liberdade para ir a suas aldeias pedir votos, enquanto a polícia fazia de tudo para impedir que os legionários falassem com eles.

As grandes massas nunca haviam mantido boas relações com a burocracia. Sabendo, por experiência própria, o que eram os abusos de poder, era natural que vissem os legionários, espancados e perseguidos pela polícia, como vítimas por causa da justiça de sua causa. Para eles, aqueles que cometiam injustiças e procuravam manter o povo acorrentado odiavam mortalmente os que lutavam por sua libertação. Aos olhos deles, os legionários já haviam assumido o papel de salvadores.

Durante o inverno de 1929-30, Codreanu realizou três experiências junto às massas, em três regiões diferentes do país: Beresti, na Moldávia; Ludosul de Mures, na Transilvânia; e Cahul, na Bessarábia. Falou ao povo em termos simples e evocativos. Constatou, com a maior satisfação, que em toda parte a reação das multidões era a mesma: **todos concordavam com ele.** Todos haviam estremecido quando ele lhes falara dos sofrimentos do país e dos perigos que ameaçavam sua existência.

Os camponeses da Transilvânia haviam vivido mil anos sob a dominação magiar; os camponeses da Bessarábia haviam retornado à Pátria-Mãe depois de um século de separação e, ainda assim, pensavam e sentiam exatamente como os camponeses do Antigo Reino. Era a alma da nação que palpitava por toda parte, era a mesma reação ao seu chamado para uma nova vida. As fronteiras traçadas por potências estrangeiras não haviam conseguido alterar as verdadeiras características da nação. Somente a classe dirigente constituía um corpo estranho no país, e foi sua

ruptura entre Estado e Nação que deu origem a todos os sofrimentos. Foi sobre esse fundamento único de todo o povo romeno que o Capitão construiria a Legião.

IV. A Guarda de Ferro.

Na primavera de 1930, a agitação comunista havia atingido proporções alarmantes na Bessarábia. O governo, fosse por covardia, fosse por corrupção, mostrava-se totalmente incapaz de resistir de maneira eficaz ao trabalho social e político destrutivo realizado por agentes comunistas. Essa província estava prestes a se tornar uma base para a revolução na fronteira oriental da Romênia, graças à ação subversiva de elementos enviados pela União Soviética.

O Capitão não podia permanecer indiferente a esse trabalho que minava o Estado romeno. Tomado de apreensão, Codreanu fez um apelo à juventude da nação, pedindo-lhe que esquecesse as diferenças partidárias e se unisse aos legionários numa frente comum para combater os comunistas. Com esse objetivo em mente, criou uma nova organização, a **Guarda de Ferro**, à qual, além dos legionários, poderiam pertencer todos os jovens dispostos a aderir ao seu programa mínimo, qualquer que fosse sua filiação partidária.

A Guarda de Ferro surgiu em circunstâncias especiais. Foi concebida como um meio de reunir a juventude romena, para além das diferenças partidárias, a fim de fortalecer a capacidade defensiva da Nação diante da ameaça comunista.

Infelizmente, o apelo de Codreanu não obteve a resposta esperada. Fosse por incompreensão da gravidade política da situação, fosse por ciúme, os jovens pertencentes a outros partidos preferiram ficar de fora, deixando os legionários sozinhos no combate à agitação comunista. Reduzida aos legionários, a Guarda de Ferro já não podia ser distinguida da Legião do Arcanjo Miguel. As duas organizações acabaram se tornando

a mesma coisa, e Guarda de Ferro passou a ser apenas outro nome para o Movimento.

O povo gostou mais desse novo nome. Era mais viril, mais guerreiro. O nome Guarda de Ferro tornou-se popular em detrimento do antigo nome Legião do Arcanjo Miguel. Seus inimigos também preferiam o novo nome. Imaginavam que seria muito mais fácil atacá-la se pudessem falar da Guarda de Ferro em vez da Legião, desejando assim enfatizar o caráter duro, ofensivo e feroz da organização legionária. O mesmo aconteceu no exterior: a Guarda de Ferro substituiu a Legião.

Apesar dessa rejeição por parte da maioria da juventude romena, Codreanu não hesitou nem por um momento em colocar em prática a plataforma proposta pela Guarda de Ferro. Para romper a atmosfera sombria criada pelos bolcheviques na Bessarábia, propôs uma marcha pela região com todos os legionários disponíveis e com os jovens que desejassem se unir a eles. Para evitar qualquer problema com as autoridades, como os ocorridos em Cahul, dirigiu-se primeiro ao ministro da Justiça, Vaida Voevod, para lhe explicar suas intenções e assegurar que não haveria desordens. Voevod compreendeu o efeito benéfico que a chegada da juventude nacionalista poderia exercer sobre a população romena do outro lado do rio Prut e deu seu consentimento.

Assim que se soube da marcha da Guarda de Ferro na Bessarábia, a imprensa judaica iniciou uma campanha virulenta contra Voevod, acusando-o de antissemitismo e exigindo sua demissão. Voevod foi obrigado a retirar a autorização concedida e a proibir a marcha legionária na Bessarábia.

Numa declaração de protesto contra esse abuso, o Capitão condenou nos termos mais enérgicos a atitude do governo, que preferia deixar a Bessarábia cair nas mãos dos comunistas a permitir que a juventude nacionalista romena pregasse o amor à Pátria na província:

“Em Turda”, disse ele, “eles — os inimigos da Legião — pediram ao governo que proibisse nossa manifestação sob o pretexto de que a

Transilvânia iria explodir; em Cahul, também, porque uma revolução eclodiria na Bessarábia; em Galati, porque haveria massacres e pogroms.

Em toda parte, eles se mostraram agitadores mesquinhos, enquanto a Legião manteve perfeita ordem e disciplina.

Hoje, vamos ao Dniester para voltar o rosto da Bessarábia para Bucareste. Mas isso não convém aos mercenários do comunismo.

A Bessarábia deve continuar sendo presa do comunismo e olhando para Moscou, para que esta possa continuar aterrorizando não apenas a província bessarabiana entre o Prut e o Dniester, mas toda a Romênia."

A proibição da marcha na Bessarábia não era apenas ilegal, mas também um ato extremamente prejudicial aos interesses do Estado romeno. Em primeiro lugar, de acordo com as leis do país, a propaganda da Guarda de Ferro não podia ser proibida. Depois, do ponto de vista nacional, como o próprio Vaida Voevod reconhecera em determinado momento, a intervenção da Guarda de Ferro nessa província teria sido benéfica para a reconstrução da consciência nacional naquele momento de crise, quando os comunistas se preparavam para se insurgir contra o Estado romeno. Apesar de suas próprias convicções, Voevod foi obrigado a ceder às exigências judaicas e à pressão de seu próprio partido.

V. As Primeiras Medidas Arbitrárias: A Proibição da Guarda de Ferro.

Ao ver que os legionários conquistavam rapidamente o apoio das massas, apesar dos esforços obstinados da polícia, o governo mudou de tática para neutralizar sua propaganda e seu avanço. Em vez dos ataques periféricos empregados até então, decidiu atingir a liderança. Era inútil tentar espalhar o terror entre as equipes legionárias que atuavam pelo país enquanto a organização central permanecesse intacta. Outras equipes, igualmente corajosas e intrépidas, logo as substituiriam para dar continuidade à obra da Legião.

Em primeiro lugar, as estratégias do governo concentraram-se na pessoa de Corneliu Codreanu. Como neutralizá-lo, privando-o da possibilidade de “perturbar” a ordem pública? O governo procurou um pretexto para prendê-lo e iniciar um novo julgamento que o condenasse a vários anos de prisão. Como era difícil obter uma condenação por determinação do Tribunal da Coroa — como haviam demonstrado os julgamentos anteriores envolvendo Codreanu —, o governo evitou esse caminho desde o início e quis recorrer a circunstâncias comuns, nas quais Codreanu pudesse ser levado a julgamento por violar a Lei de Ordem Pública. Nesse âmbito, nada havia a temer de jurados sujeitos à influência do sentimento popular. Bastava ao governo contar com alguns cúmplices entre os membros do tribunal e da Corte de Apelação para encerrar de uma vez por todas a questão da Legião. A mais leve condenação de Codreanu por ameaça à segurança do Estado teria levado, sem dúvida, à dissolução da Legião.

A oportunidade de colocar esse plano em prática surgiu antes do que o governo poderia esperar. Em julho de 1930, um estudante romeno, originário da Macedônia, atacou o ministro Anghelesco, ferindo-o levemente. Anghelesco era considerado responsável por uma lei que prejudicava os interesses dos romenos da Macedônia no sul da Dobruja.

Codreanu não tinha conhecimento nem qualquer ligação com esse atentado. Como o juiz de instrução não conseguiu demonstrar nenhum vínculo com o Capitão, ele foi posto em liberdade. Mais tarde, porém, sob pressão do governo, Codreanu foi novamente preso e levado a julgamento. O pretexto era bom demais para que o governo o deixasse escapar.

No entanto, o Tribunal e o Tribunal de Apelação o absolveram e, após seis semanas de prisão, ele foi libertado mais uma vez. O Judiciário romeno mostrou-se digno e firme, resistindo a todas as pressões do governo.

O governo, porém, não se daria por vencido. Era preciso enfrentar a todo custo aquele “perigo” nacionalista, que crescia diante de seus próprios olhos. Decidiu repetir o processo inúmeras vezes, na esperança de encontrar juízes menos zelosos de sua independência e menos

conscienciosos. Após o fracasso nos tribunais, o ministro da Justiça, Voevod, acusado de fraqueza e indulgência em relação à extrema direita, foi obrigado a renunciar. O vice-presidente do Partido Nacional Camponês, Ion Mihalache, foi nomeado para substituí-lo e se comprometeu a destruir “os ninhos legionários anarquistas” em todo o país.

Surgiu uma oportunidade inesperada que permitiu ao novo ministro da Justiça mostrar do que era capaz: Dumitresco-Zapada, um jovem recentemente admitido no Movimento, exasperado com a campanha de mentiras e calúnias promovida pelo jornal judeu *Dimineata* (A Manhã) contra a Guarda de Ferro, sem falar com ninguém e sem pensar nas consequências, entrou no gabinete do editor, Socor, e atirou nele, ferindo-o levemente. Naquela época, Codreanu estava em Hushi, na casa dos pais, durante as férias de Natal. Foi imediatamente convocado a Bucareste pelo juiz de instrução. No decorrer da investigação, ficou comprovado que ele não tivera qualquer participação no atentado, e foi libertado.

A decisão do juiz de instrução não agradou em nada ao governo. Ion Mihalache não queria perder aquela oportunidade ideal de liquidar a Legião. Suas ambições eram muito maiores que as de seu antecessor. Procurou envolver todo o Movimento no processo, com a intenção de destruí-lo como força política. O caso do atentado de Dumitresco-Zapada passou a outro nível. Por insistência do ministro da Justiça, o Movimento Legionário como um todo foi levado a julgamento, acusado de ser “*uma associação subversiva*”. Codreanu já não era acusado individualmente pelo atentado contra Socor, mas como chefe terrorista da Guarda de Ferro.

Em 11 de janeiro de 1931, a Legião do Arcanjo Miguel e a Guarda de Ferro foram proibidas pelo governo, e *Codreanu*, juntamente com outros seis dirigentes, foi preso e levado a julgamento por “*conspiração contra a segurança do Estado*”. As sedes do Movimento foram lacradas, os arquivos apreendidos e toda atividade legionária, proibida. No mandado de prisão, o Capitão era acusado principalmente dos seguintes crimes:

“*.....tentou minar a forma de governo estabelecida pela Constituição e provocar desordens que poderiam pôr em risco a segurança pública da*

Legião do Arcanjo Miguel — a Guarda de Ferro —, tendo como objetivo instaurar uma ditadura que seria imposta por eles, em um momento escolhido, por meios violentos.”

Ao mesmo tempo que o Ministério da Justiça empreendia essa ação, e por instigação do governo, toda a imprensa controlada pelos judeus e pelos partidos lançou uma nova onda de mentiras e calúnias contra a Legião. Entre outras coisas, publicaram um “documento” falsificado, segundo o qual Codreanu teria dado ordem aos legionários para que se preparassem e se mobilizassem para agir. Essa mentira não era apenas odiosa em si mesma, mas também ridícula. Mesmo que ele tivesse reunido todos os legionários naquele momento, teria apenas algumas centenas de homens à sua disposição! Seria realmente possível iniciar uma guerra civil com esse punhado de homens, como alegavam o governo e a imprensa a seu serviço?

O julgamento teve início em 27 de fevereiro de 1931, no Tribunal de Ilfov-Bucareste. Os acusados consideravam tão evidentemente absurdas as acusações levantadas contra eles e estavam tão convictos de sua inocência que não convocaram testemunhas. Cabia, porém, ao promotor provar suas acusações.

Apesar das minuciosas buscas realizadas nas casas de legionários em todo o país, as autoridades não conseguiram encontrar nada que comprometesse os acusados: nem uma única linha conclamando à revolta; nenhuma arma; nenhum esconderijo de explosivos. Absolutamente nada que pudesse ser vagamente interpretado como preparação para a derrubada do Estado, conforme alegava o promotor. Codreanu e os demais réus foram absolvidos por unanimidade pelo tribunal. Eis a declaração final do tribunal:

“*Não ficou provado que aqueles que recrutaram ou que foram recrutados tenham empreendido qualquer ação contra a atual forma de governo, tal como estabelecida pela Constituição, nem que tenham praticado qualquer ato capaz de pôr em risco a segurança do Estado.*

Considerando que não se pode afirmar que os acusados tenham visado, por seus atos, a uma mudança da forma de governo; considerando que consta dos autos — fato não contestado pelo Ministério — que os acusados, Corneliu Codreanu e os demais, assim como os membros da organização, defendiam a criação de um órgão dotado de autoridade no lugar dos partidos parasitários, reconheciam a autoridade do Rei, de quem falavam com o devido respeito e com quem gostariam de colaborar, como afirmaram reiteradamente durante suas manifestações: "Quando se trata de trabalhar com o Chefe de Estado, não se pode cogitar derrubar a forma de governo sem o consentimento do Soberano".

Considerando que, nessas condições, a ação subversiva — que, além disso, em nenhum momento se provou ser subversiva — da qual os réus são acusados não pode ser enquadrada nos termos do Artigo 11.

Assim, os acusados não são culpados dos atos que lhes são imputados e devem ser absolvidos..."

De volta à prisão após essa surpreendente vitória perante a lei, Codreanu e seus camaradas esperavam ser libertados muito em breve. O promotor, porém, recorreu, e eles tiveram de permanecer na prisão até o julgamento seguinte. Mais um período de sofrimento e espera. Por fim, o julgamento foi marcado para 27 de março de 1931. O Tribunal de Apelação de Bucareste, perante o qual o julgamento foi realizado, também proferiu um veredicto unânime de absolvição. Após a sentença, foi expedida a ordem para libertá-los. O promotor, porém, recorreu novamente. O Supremo Tribunal de Recursos também rejeitou o recurso por unanimidade.

"Estamos diante de duas decisões", comentou Codreanu, "uma delas, a do senhor Mihalache, proíbe a Legião do Arcanjo Miguel e a Guarda de Ferro, considerando-as organizações subversivas e hostis ao Estado romeno; a outra, a da Justiça romena — Tribunal, Tribunal de Apelação e Supremo Tribunal de Recursos —, proclama por unanimidade que esses jovens não são culpados de modo algum, que a Legião e a Guarda não representam qualquer perigo, nem para a ordem pública nem para a segurança do Estado."

Apesar da posição inequívoca da Lei, o governo não revogou suas decisões, e a Legião e a Guarda continuaram proibidas. O Movimento Legionário, porém, retomou gradualmente suas atividades.

Nem sequer havia transcorrido um ano desde que o sistema judiciário concedera à Legião um atestado de idoneidade política quando, em março de 1932, o governo de Iorga-Argetoianu, que sucedera ao dos nacional-camponeses, decretou uma nova proibição da Guarda de Ferro. Essa proibição coincidiu com a entrada do Movimento na disputa eleitoral na região de Tutova. Havia uma vaga parlamentar nessa região, e o pai do Capitão, o professor Ion Codreanu, foi escolhido como candidato da Legião.

O governo desencadeou o mais feroz terror para impedir a vitória do candidato legionário. A proibição foi apenas mais uma medida destinada a justificar todos os horrores cometidos pelas autoridades contra os legionários durante a campanha eleitoral. O governo de Iorga-Argetoianu não se sentia obrigado a dar a menor atenção a todas as decisões judiciais proferidas, pelas quais a Legião havia sido absolvida de todas as acusações feitas contra ela pelo governo anterior.

A terceira proibição ocorreria sob o governo liberal de John Duca, em dezembro de 1933. Mas, como essa proibição representará apenas um episódio de uma enorme repressão desencadeada em todo o país contra a Legião durante o inverno de 1933-34, voltaremos a ela quando tratarmos da questão em seu conjunto.

O ano de 1931, apesar da prolongada prisão do Capitão e das terríveis provações que ele teve de suportar, encerra-se com um enorme êxito interno para o Movimento. Após um apelo de Codreanu, em poucos meses são arrecadados os fundos necessários para comprar uma máquina tipográfica, que é então instalada no Salão Cultural Cristão, em Iassy. Até então, o jornal *The Ancestral Earth* era publicado em Orastia, na Transilvânia, na máquina tipográfica do Pe. Ion Mota, pai de Ion Mota, braço direito do Capitão desde a fundação da Legião.

Enquanto isso, à medida que o Movimento crescia, suas necessidades de propaganda aumentavam na mesma proporção. Cada vez mais pessoas pediam publicações legionárias: jornais, revistas, periódicos, livros. A jovem Legião não sabia como arcar com todas essas despesas elevadas. Diante dessa situação difícil, o Capitão cortou o nó górdio com sua habitual destreza, decidindo criar uma tipografia própria.

O apelo do Capitão para a compra dessa máquina tipográfica, enviado a todos os legionários e amigos do Movimento, terminava com esta vibrante declaração:

"Respondam prontamente a este apelo. Apesar da pobreza generalizada, que ninguém consegue superar, mostraremos ao país que nós, e somente nós, somos capazes de vencê-la."

E, de fato, essa pobreza foi superada; a máquina tipográfica foi instalada e começou a funcionar, pois quem poderia permanecer surdo à força da convicção dessa grande alma, de quem as decisões pareciam brotar das profundezas da história!

O primeiro trabalho da tipografia legionária de Iassy foi um cartão de oração em honra e agradecimento a Deus.

VI. As Eleições.

A participação do Movimento nas eleições segue a linha de legalidade traçada por Codreanu desde os primeiros dias da Legião. O Movimento não se apresentou às eleições gerais de 1927-28 porque ele não queria expô-lo ao ridículo de obter apenas alguns milhares de votos em todo o país. Primeiro, preparou seus quadros, seus futuros dirigentes; depois, voltou-se para o contato com as massas; por fim, somente depois que o povo demonstrou certo grau de confiança na Legião e em seus objetivos é que ela pôde enfrentar o julgamento eleitoral do país.

A oportunidade de disputar eleições surgiu no verão de 1931. Os nacional-camponeses haviam renunciado, e o Rei entregou o governo ao

gabinete Iorga-Argetoianu, apoiado pelos liberais. As novas eleições foram marcadas para 1º de junho. A apresentação de uma lista de candidatos criou um problema para Codreanu. A Legião do Arcanjo Miguel e a Guarda de Ferro, como organizações políticas, já haviam sido proibidas. Ele não podia concorrer nessas eleições em nome dessas organizações sem correr o risco de ter suas candidaturas invalidadas, embora os tribunais as tivessem absolvido de todas as acusações.

Para evitar isso, registrou a organização na Comissão Eleitoral Central sob o nome de *"Associação Corneliu Zelea Codreanu"* e conseguiu lançar candidatos em 17 dos 71 departamentos. Isso foi suficiente, pois o Movimento conseguira estabelecer ao menos um esboço de organização nesses departamentos.

As eleições transcorreram sob o pano de fundo habitual: terror e fraude eleitoral. Presente em apenas alguns departamentos, a Guarda de Ferro recebeu apenas 34.000 votos, menos que a barreira de 2% exigida por lei para que um grupo político conquistasse representação parlamentar. Isso não representou propriamente uma derrota. Os resultados eleitorais (somados às perdas causadas pela intimidação do governo) refletiam a força do Movimento no verão de 1931.

Muito rapidamente, surgiu para a Legião a oportunidade de se vingar. Uma cadeira ficou vaga no departamento de Neamtz, e a eleição foi marcada para 31 de agosto de 1931. Nas eleições gerais de junho, o Movimento obtivera apenas 1.200 votos nesse departamento. Codreanu decidiu candidatar-se pessoalmente, enfrentando os antigos partidos, que dispunham ali de uma sólida organização. Para equilibrar, em alguma medida, a força local dos demais partidos, o Capitão recorreu à tática de combate legionária. Reuniu no departamento de Neamtz todos os militantes disponíveis: várias centenas de legionários. Cada um chegou por conta própria e às próprias custas. Para conseguir alojamento e alimentação, os legionários trabalharam ao lado dos camponeses. Os políticos ridicularizaram os esforços dos *"Dom Quixotes"* legionários. Estavam certos de que Codreanu ficaria muito atrás dos demais partidos.

O resultado superou as expectativas mais otimistas: a Guarda de Ferro obteve 11.000 votos; os liberais, 7.000; os nacional-camponeses, aliados aos averesquistas, 6.000; e os demais, ainda menos. Essa nova vitória legionária em Neamtz semeou o pânico entre os inimigos e provocou uma euforia generalizada entre os romenos que desejavam um futuro melhor para o país.

Depois disso, os antigos partidos afirmaram que a vitória da Guarda de Ferro em Neamtz havia sido um voto de protesto local, sem importância política. Vários meses mais tarde, ainda sob o governo de Iorga-Argetoianu, surgiu uma nova vaga parlamentar no departamento de Tutova. A eleição foi marcada para 17 de abril de 1932. Codreanu analisou a situação e decidiu participar da eleição com seu pai, o professor Ion Zelea Codreanu, como candidato. Queria verificar se a vitória da Guarda de Ferro em Neamtz havia sido um voto de protesto, como alegavam os antigos partidos, ou se o resultado refletia uma popularidade verdadeira.

Os antigos partidos estavam certos de que o "*protesto*" não se repetiria, mas, para garantir que sua previsão se cumprisse, solicitaram a ajuda do governo. Constantin Argetoianu, ministro da Justiça, enviou um grande contingente policial a Tutova com instruções de "*retirar os legionários do departamento em macas*". A polícia cumpriu suas ordens à risca, com uma violência até então sem precedentes. Sempre que encontravam grupos de legionários, os policiais os atacavam e os espancavam brutalmente, muitas vezes deixando-os inconscientes. Os legionários se defenderam heroicamente. Era um inverno rigoroso, e as estradas estavam cobertas de neve. Os legionários seguiram de aldeia em aldeia, quase completamente soterrados pela neve, castigados pela fome, pelo frio e pelos golpes das coronhas dos fuzis da polícia. Sangue foi derramado em mais de uma ocasião; dezenas de legionários foram "*retirados em macas*", com a cabeça ou os membros quebrados, conforme ordenara Argetoianu. Contudo, embora o aparato repressivo tivesse funcionado bem, o "protesto" voltou a ocorrer: o professor Ion Codreanu obteve 5.600 votos, contra 5.200 dos liberais e 4.000 dos nacional-camponeses.

Em junho de 1932, o governo Iorga caiu. Os nacional-camponeses voltaram ao poder, desta vez com Voevod como presidente do Parlamento. O Parlamento foi dissolvido, e as novas eleições foram marcadas para 17 de julho de 1932. Mal os legionários haviam saído da extenuante batalha de Tutova, e já se apresentava um novo desafio. Dessa vez, o Movimento Legionário conseguiu lançar candidatos em 36 departamentos. A campanha eleitoral não foi diferente das anteriores. Nos departamentos em que o Movimento não representava qualquer ameaça aos antigos partidos, era possível distribuir livremente a propaganda legionária; em contrapartida, nas regiões onde as organizações nacionalistas já eram fortes, entravam em cena a polícia e os arruaceiros. Um dos incidentes mais repugnantes ocorreu em Focsani. Uma figura venerada no departamento, o idoso Hristache Solomon, que integrava a lista da Guarda de Ferro, foi atacado por um grupo de arruaceiros do Partido Nacional Camponês e brutalmente espancado.

Nessa eleição, a Legião dobrou o número de votos em relação à anterior, obtendo 70.000 votos. Ao alcançar a barreira dos 2%, a *"Associação Corneliu Zelea Codreanu"* conquistou cinco cadeiras no Parlamento. Entre os novos parlamentares estavam o próprio Codreanu, o professor Ion Codreanu e um jovem de 25 anos, Michael Stelescu, que até então havia se destacado na luta.

VII. No Parlamento.

Após a eleição suplementar de Neamtz, Codreanu ingressou no Parlamento. Além disso, guardava as mais dolorosas lembranças daquela instituição. Viu-se em um mundo estranho e hostil. Naqueles bancos estavam sentados os que perseguiam os legionários, os que haviam enviado a polícia para expulsá-los das aldeias e atacá-los, os que ordenaram as buscas nas casas dos legionários e destruíram seus escritórios, os responsáveis por toda a infâmia dirigida contra o

Movimento Legionário. Que contato verdadeiro poderia haver entre ele e aqueles homens?

Mas esses homens não eram apenas seus inimigos e os da organização que ele liderava. Eram inimigos do país e da Nação. O Parlamento era claramente um fórum político alheio aos interesses do povo. Os parlamentares não conheciam outra lei além da defesa dos interesses pessoais. O povo era vítima de uma exploração impiedosa e, no Parlamento, onde os representantes da nação deveriam defender seus verdadeiros interesses, perdia-se tempo com tagarelices inúteis. **Os problemas reais enfrentados pelo país não eram debatidos nem tratados por ninguém naquela câmara**. A vasta maioria dos parlamentares era alheia à nação, em sua mentalidade, na maneira de compreender seus problemas e em seus ideais.

O Capitão não se destacava no Parlamento como orador. Não era essa a sua maneira de agir e, além disso, ele não conseguia falar àqueles homens com quem nada tinha em comum. Por isso, raramente se levantava para discursar. Mas, enquanto foi parlamentar, manteve uma atitude digna e sóbria.

"Durante todo o tempo em que tive assento no Parlamento, jamais ultrapassei os limites da boa educação e do respeito pelos mais velhos, nem mesmo diante de meus maiores inimigos. Nunca fiz apartes hostis, não me levantei para insultar, não ridicularizei nem ofendi ninguém. Por isso, não pude participar daquele modo de vida. Permaneci só, não apenas porque estava sozinho entre aqueles homens, mas também porque me mantive alheio àquele tipo de vida."

Durante o período legislativo iniciado no outono daquele mesmo ano, participou do debate sobre a Mensagem já muito tarde da noite, conta ele, quando a sessão se aproximava do fim e os assentos estavam quase todos vazios. Foi por isso que o convidaram a falar. Começou descrevendo a terrível pobreza dos camponeses. Citou vários exemplos comoventes: em algumas regiões do país, eles comiam pão feito de farinha misturada com serragem. Em seguida, denunciou os vínculos existentes entre o sistema partidário e a alta finança, nacional e internacional. Leu uma lista de

políticos de vários partidos cujos nomes figuravam nos registros do banco judeu Blank, associados a quantias que variavam entre um e vinte milhões de lei.

O Banco Blank estava à beira da falência em 1931. Para salvá-lo, Constantin Argetoianu, um dos nomes da lista, fez com que o Estado injetasse vários bilhões de lei naquele banco sem valor. O dinheiro que os políticos haviam tomado emprestado ao banco os obrigava a socorrê-lo, impondo à nação um fardo extremamente pesado.

Codreanu condenou a política do governo Iorga-Argetoianu, que desperdiçava bilhões enquanto os camponeses, esmagados por dívidas com juros elevados, necessitavam urgentemente do auxílio do Estado. Exigiu a pena de morte para os corruptos, a investigação e o confisco das fortunas acumuladas por meio do saque dos cofres públicos, bem como o indiciamento de todos os políticos que haviam dado apoio a determinados esquemas fraudulentos às custas do Estado.

Esse discurso não agradou à Assembleia. A maioria de seus membros havia, de uma forma ou de outra, enriquecido às custas da receita pública ou procurava tirar proveito de sua condição de parlamentar para conquistar influência e acumular riqueza.

Após as eleições de julho de 1932, que deram maioria ao Partido Nacional Camponês, Codreanu ingressou no Parlamento pela segunda vez. Dessa vez, não estava sozinho. Ao mesmo tempo que ele, outros quatro candidatos do Movimento foram eleitos. Codreanu passou a participar com mais frequência dos debates, sempre que considerava que as leis propostas ou as políticas adotadas pelo governo eram prejudiciais aos interesses do povo romeno.

Em fevereiro de 1933, eclodiu uma greve nas oficinas centrais das Ferrovias em Griviţa, Bucareste. Os trabalhadores se entrincheiraram e se recusaram a deixar as oficinas quando foram intimados pelas autoridades. Por ordem do governo nacional-camponês, o Exército abriu fogo contra os trabalhadores, causando várias dezenas de mortes. Indignado com esse massacre, que poderia ter sido evitado com um pouco de paciência e

compreensão, Codreanu se levantou no Parlamento e, censurando a violenta repressão ordenada pelo governo:

“É ruim que os trabalhadores tenham saído às ruas, mas teria sido pior para eles e para a nação se, diante da injustiça, não o tivessem feito e houvessem se submetido ao jugo, deixando o país nas mãos de políticos gananciosos.”

“Em seguida, gostaria de dizer que, como todos os homens de bom senso deste país, não temo o comunismo nem o bolchevismo. Tememos outra coisa: o fato de que os operários das oficinas não têm o suficiente para comer; estão passando fome.”

“E há algo mais que temo: a sede de justiça. É preciso atender a essas duas necessidades: a fome e a sede de justiça; então, a mais perfeita ordem voltará a este país.”

Se a greve nas oficinas de Griviţa tivesse degenerado em revolta, isso se devia inteiramente à atuação de agentes comunistas, posteriormente identificados e condenados por tribunais militares. No entanto, enquanto os agitadores comunistas receberam apenas penas leves de prisão, dezenas de trabalhadores romenos perderam a vida, abatidos pelas balas do Exército. Eles haviam se manifestado porque já não conseguiam sobreviver com seus salários miseráveis. Os verdadeiros culpados não eram esses homens, mas os dirigentes do país. Foram eles que os levaram ao desespero, a ponto de já não saberem o que faziam, tornando-se, assim, marionetes dos comunistas.

Sem dúvida, a responsabilidade cabia aos governos anteriores, mas, acima de tudo, ao governo nacional-camponês, que contava em suas fileiras com várias figuras conhecidas por suas ideias marxistas. Quem dera a ordem de abrir fogo contra os trabalhadores e quem supervisionara a repressão? Armand Călinescu, subsecretário de Estado da Justiça, o mesmo homem que ordenou a perseguição aos legionários e que, mais tarde, sob o regime carlista, aceitaria desempenhar o papel de carrasco de nossa geração.

VIII. O Movimento Legionário e a Democracia.

Por que todos os antigos partidos atacavam o Movimento Legionário com tamanha veemência? Agiam movidos por razões mais elevadas, que escapavam à compreensão dos jovens? Estavam ao menos defendendo os interesses do Estado? Nesse caso, a perseguição teria alguma aparência de justificativa. Poderia ser vista como a reação de homens mais velhos que, por amor à pátria, se recusavam a entregar a condução do país a jovens inexperientes.

Nenhuma dessas suposições “honrosas”, ou ao menos defensáveis, era verdadeira. Os antigos partidos não tinham o menor interesse no bom funcionamento do país. Sua única preocupação era enriquecer durante os anos em que estavam no governo, para sobreviver — como eles próprios diziam — aos anos de vacas magras na oposição. Os partidos haviam se transformado em exploradores dos recursos da nação e do trabalho do povo. A nação, com seu passado e seu futuro, seus problemas atuais e as ameaças que enfrentava, mal lhes passava pela cabeça. Tudo podia desmoronar ao redor deles, tudo o que fora construído com a dor e os sacrifícios das gerações anteriores, e nada mudaria sua postura cínica.

“Não há um único homem, dotado de olhos para ver, que não compreenda que este país rico se transformou em ruínas. A economia camponesa está em ruínas, assim como a aldeia — um punhado de homens queixosos —; o distrito está em ruínas, a região está em ruínas, as montanhas foram abandonadas à ruína, os campos incultos estão em ruínas e já não sustentam o pobre trabalhador, o orçamento do Estado está em ruínas, e o país está em ruínas.

E acima dessas ruínas, espalhada por todo o interior da Romênia, uma quadrilha de covardes, uma quadrilha de idiotas, uma quadrilha de ladrões desavergonhados construiu residências palacianas destinadas a zombar do país que geme de dor e a insultar o seu sofrimento, camponês romeno!”

(A declaração: *Uma Ruína*, de Corneliu Codreanu)

Os partidos políticos atacavam o Movimento para não perderem a presa que saqueavam: o país e todas as suas riquezas. Era inteiramente do interesse da classe exploradora exigir a perseguição aos legionários.

Naturalmente, nas discussões públicas, os líderes partidários alegavam outros motivos para justificar sua posição. Seu principal argumento, o mais usado, era que o Movimento Legionário pretendia mudar a natureza do governo. Codreanu, diziam eles, fizera declarações hostis à democracia e defendia a criação de um Comando Nacional, que seria semelhante a uma ditadura ou a um regime autoritário.

Esse argumento merece ser discutido mais detidamente, pois as declarações do Chefe da Legião a respeito da reorganização do Estado romeno foram muitas vezes mal compreendidas e, com frequência ainda maior, deliberadamente deturpadas pelos adversários do Movimento.

Antes de tudo, precisamos conhecer esses dedicados defensores da democracia romena. Quem eram eles e quais eram suas verdadeiras convicções? Tinham uma devoção especial às liberdades do povo? Respeitavam a vontade popular como deveriam fazer em uma democracia? O governo romeno tinha consciência de suas responsabilidades como representante da nação?

O Movimento Legionário tinha uma amarga experiência com a democracia romena. O sistema de governo, baseado no sufrágio universal, funcionava apenas no papel. A principal característica dessa democracia era a influência esmagadora do Executivo sobre o aparato estatal. No fundo, não passava da ditadura velada de uns poucos. A fonte do poder não era o Parlamento, mas o rei; e o rei não atuava como árbitro da vida pública nem seguia as indicações das urnas, mas agia segundo o próprio arbítrio. O rei levava ao poder um partido ou outro, sem levar em conta seu apoio popular. Depois que esse partido assumia o poder, o Parlamento anterior era dissolvido e novas eleições eram convocadas. Como um partido impopular não podia permitir eleições livres, era obrigado a recorrer à intimidação e à fraude eleitoral para garantir uma maioria parlamentar. A vontade nacional era pisoteada pela burocracia e moldada às necessidades eleitorais do governo.

Codreanu demonstrou que o “regime democrático” na Romênia era, na verdade, um estado crônico de anarquia política:

“Onde estão os tão proclamados direitos do povo soberano de decidir seu próprio destino?”, exclamou ele, “quando as manifestações públicas são proibidas, quando, no dia da votação, dezenas de milhares de homens são perseguidos, maltratados, ameaçados de morte e mortos?”

Eis quem eram os defensores da democracia: aqueles que juravam defender as leis e a Constituição do país quando estavam fora do poder, apenas para pisoteá-las no dia seguinte à sua ascensão. Os detentores do poder abusavam, portanto, perpetuamente do sistema democrático. Assim, os políticos não tinham autoridade moral para levar Codreanu a julgamento por supostas intenções, quando eles próprios não demonstravam o menor respeito pelas instituições fundamentais do Estado.

Vejamos agora a opinião de Codreanu sobre a democracia. É inegável que o estado deplorável da vida pública romena não poderia deixar de suscitar sérias dúvidas em sua mente a respeito de tal sistema de governo. Portanto, já não deveria nos surpreender que ele tenha se declarado antidemocrático, que tenha lançado um ataque contundente contra essa forma de governo, responsabilizando-a por todos os males que afligiam o povo romeno. Mas não é menos verdade que, aos 30 anos, sua experiência política se limitava à Romênia. Ele julgava a democracia de acordo com os resultados desastrosos que ela produzia na Romênia.

Em nome da democracia, o povo romeno havia sido espancado, ridicularizado e explorado sem piedade. Que espécie de governo popular era aquele em que ao povo cabiam apenas a humilhação e a injustiça? E, quando era chamado, uma vez a cada quatro anos, a decidir nas eleições o destino do país, era calado a golpes de coronha de fuzil. Suas conclusões refletiam as falhas da democracia romena. Não sabemos se ele teria chegado às mesmas conclusões caso tivesse vivido na atmosfera política do Ocidente.

Ao lado dessa condenação da democracia, notamos, porém, em seu pensamento político outra tendência que, aparentemente, fazia parte do

ideal democrático: um imenso respeito pela vontade do povo, algo que não se encontrava entre os antigos partidos, os quais agiam continuamente em um ambiente de duplicidade. Fingiam governar em nome do povo, mas, ao mesmo tempo, recorriam a todos os meios imagináveis para sufocar o direito de livre escolha na vida do Estado.

Codreanu estabelece uma distinção entre a democracia e o fundamento do poder no Estado: a vontade da nação. Essa vontade não pode ser ignorada nem desprezada. Ele não defende sua destruição, muito pelo contrário. Ela é a base de todas as formas de governo. Exige ser continuamente respeitada. Deseja que seus anseios sejam acolhidos: a essência de um Estado encontra-se nessa vontade, e não na forma do Estado. As formas mudam, evoluem. Hoje, a democracia; amanhã, talvez algo diferente, um governo menos democrático, mais autoritário. O essencial, em todas essas mudanças de governo, é que a nação esteja presente, que tudo seja feito de acordo com sua vontade. Eis o que Codreanu disse no Parlamento àqueles que o acusavam de querer suprimir os partidos:

"Somos a favor ou contra a supressão dos partidos? Vou expressar meu ponto de vista pessoal sobre essa questão. Quem deve decidir sobre a supressão dos partidos? É possível criá-los ou proibi-los? Não, quem deve decidir é o povo, a nação faminta e nua."

"Seja como for, afirmo que o povo não gosta dos partidos políticos. Isso é um fato, e vocês, no sistema democrático, não podem permanecer à frente do Estado contra a vontade do povo. Isso também é um fato. Mas há ainda outra questão. Já se disse que os partidos não surgem por acaso, mas são o resultado de uma evolução. Sim, esse argumento me parece válido, e aplico aos partidos a lei da evolução. Os partidos, como tudo o mais neste mundo, nascem, crescem e morrem. Não creio que sejam uma forma superior dotada do dom da imortalidade."

Em sua visão de mundo, toda mudança na forma de governo deve ocorrer de acordo com os procedimentos constitucionais. Ele se opõe à alteração repentina da ordem vigente, feita contra a vontade do povo, impondo-lhe uma Constituição vinda de cima.

Essa distinção entre a democracia e a vontade da nação constitui um elemento importante do pensamento político de Corneliu Codreanu. A vontade do povo pode se expressar, em determinado momento, por meio da democracia e dos partidos, mas nada a impede de encontrar outras formas de expressão. Se o povo é soberano em suas decisões, como sustentam os princípios democráticos, em virtude dessa mesma soberania ele pode rejeitar a democracia parlamentar e adotar outra forma de governo. *"O Estado é apenas uma veste que cobre o corpo da nação"*, disse Codreanu. Pela própria natureza das coisas, a veste deve ser talhada de acordo com as necessidades do corpo que a usa. O corpo — isto é, a nação, com sua constelação de interesses, desejos e ideais. A Nação precede o Estado e o determina. O Estado é criado pela vontade da Nação.

Corneliu Codreanu, sem declarar qual forma de governo a Legião adotaria, formula um juízo fundamental sobre as relações entre o Estado e a Nação. Se, em determinado momento, a estrutura vigente do Estado já não corresponder aos interesses da Nação, o que deve ser feito? Devemos acelerar o processo, dar um golpe de Estado, para facilitar a renovação constitucional da Nação? Não, categoricamente não, responde Codreanu. Se a Constituição e as leis vigentes impedirem a adoção de medidas salutares, afirmou ele no Parlamento, então deveria ser convocada uma Assembleia Consultiva *"para que o povo possa escolher quem será designado para levar adiante as medidas necessárias à salvação do país"*.

Veremos mais adiante como o pensamento político de Codreanu se desenvolveu à medida que ele se tornou, em última análise, o principal defensor da Constituição, numa época em que os demais grupos políticos haviam renunciado à democracia e se submetido à ditadura do rei Carol.

O grande respeito que Codreanu demonstrava pela vontade das amplas massas tinha origem na estrutura espiritual do Movimento. A vida de amor, ideia própria da comunidade legionária, não admite, na vida política, nenhum outro meio positivo além do convencimento: o legionário atrai as pessoas para si e, pelo poder de seu amor, desperta nelas suas forças espirituais e faz com que se interessem pelas grandes tarefas da nação. A violência, a desordem ou as promessas mentirosas não são armas

que o legionário possa usar para conquistar as massas populares. As multidões devem ser conquistadas pelos ideais da Legião, por meio da persuasão e da adesão voluntária. Se os legionários não forem capazes de atrair as massas para o seu lado na luta pela salvação da nação, isso significa que ainda não estão aptos a governar o país.

A Primeira Perseguição.

O Partido Liberal decide destruir a Guarda de Ferro.

A Legião nasceu sob o signo da perseguição. Os períodos em que gozou de liberdade são tão raros e breves que nem merecem ser discutidos. Toda a sua história é, na verdade, um ciclo de perseguições. Os perseguidores mudavam, mas a maneira de tratar a Legião permanecia a mesma. Os governos continuavam apegados aos métodos de opressão, independentemente de quem estivesse no poder. Confrontos com a polícia, espancamentos, prisões, batidas, julgamentos e encarceramentos eram riscos inerentes à vida do legionário. Seu prontuário sempre trazia este detalhe peculiar: *número de dias cumpridos na prisão*. A perseguição acompanhava o legionário como a sombra acompanha o homem.

Em termos legionários, porém, perseguição significava algo mais do que as escaramuças cotidianas com as autoridades, que eram, por assim dizer, parte orgânica de sua vida. A perseguição constituía um capítulo à parte do sofrimento. Tinha início e fim claramente definidos. Atingia o corpo do Movimento como uma doença que se manifesta por meio de uma febre intensa. A organização era submetida a choques terríveis, quase fatais: enquanto, na opressão constante, o terror se mantém dentro de certos limites, durante a perseguição propriamente dita ele não conhece limites. Então, a ação do governo contra o Movimento se desencadeava com extrema violência, com a intenção de aniquilá-lo como força política.

A perseguição começava quando a Lei deixava de vigorar e os legionários ficavam expostos à brutalidade do Estado, isto é, ao poder Executivo manipulado por elementos tirânicos. Somente após a completa eliminação do poder Judiciário o Estado pôde dar livre curso à sua capacidade de aterrorizar. Nesse ponto, os legionários eram enquadrados na categoria de criminosos contra o Estado, subversivos e proscritos. Em sua defesa, não podiam invocar a Constituição nem as demais leis. Já não eram julgados segundo as disposições ordinárias, mas por medidas

excepcionais que os declaravam culpados por ordem superior. Os membros da Guarda de Ferro podiam permanecer detidos por semanas e meses sem mandado de prisão. Essas detenções eram realizadas pelo poder Executivo por sua própria autoridade, que pouco se importava com a opinião pública, os artigos da Constituição ou os prazos processuais. Por fim, os legionários podiam ser mortos impunemente pelas forças da lei e da ordem, embora a Constituição romena não permitisse a pena de morte. O Estado, que por razões humanitárias proibia a execução até mesmo do criminoso mais violento, tornava-se de uma crueldade sem limites quando se tratava dos legionários.

Outra característica das grandes perseguições deve ser lembrada: sua escala. Era todo o Movimento que estava condenado ao Calvário. Milhares de homens tinham de sofrer pelo simples fato de pertencerem à organização. Durante os períodos normais de opressão, os únicos a sofrer eram aqueles surpreendidos pelas autoridades enquanto organizavam atividades e faziam propaganda. A perseguição excepcional impunha um sofrimento coletivo. A fúria do governo abatia-se sobre todos os legionários, conhecidos ou suspeitos.

A perseguição pode, portanto, ser definida nos seguintes termos: uma ofensiva geral do governo contra o Movimento, conduzida à margem da estrutura jurídica do Estado e durante a qual os membros da organização ficavam expostos ao brutal aparato repressivo.

Entre as duas guerras, os governos romenos sucediam-se de forma caótica; de um governo para outro, não havia continuidade de políticas, de ideais políticos nem de esforços coordenados. Cada governo começava por destruir as iniciativas do partido que estivera anteriormente no poder, mesmo quando se tratava de algo eficaz; depois, governava o país segundo sua própria visão das coisas, que, no fundo, não passava de um meio de enriquecer seus próprios partidários.

Em uma única questão, porém, estavam em completo acordo: no desejo de exterminar o Movimento Legionário. Os partidos passavam de um para outro a missão de perseguir a Legião, movidos por seu ódio comum.

A passagem da “opressão normal” para a “perseguição dolorosa” não dependia realmente de quem governava. A decisão de mobilizar todas as forças do Estado contra a Legião era, em grande medida, determinada pelo grau de apoio que ela atraía em determinado momento. Vimos que o terror constante, embora mantido sob controle, não produziu o efeito desejado pelas autoridades. O exército legionário não apenas não se desfez, como surgiu um resultado ainda mais indesejado: a violência dirigida contra ele serviu apenas para aumentar a popularidade da Guarda de Ferro. A brutalidade policial e as prisões em que padeciam difundiram a fama dos legionários por todo o país e despertaram cada vez mais a simpatia das massas populares por aqueles *“que sofriam por causa da justiça”*. O Movimento crescia apesar de toda a oposição, avançando com a força de uma maré que, de uma forma ou de outra, varria os diques erguidos para contê-la. Os quadros do Movimento, em vez de ceder à pressão do governo, cresciam e reforçavam suas fileiras. Já não se tratava apenas de *“jovens sem juízo”*, como as autoridades rotulavam os estudantes ativos na organização, pois agora também havia nas fileiras homens sérios de todas as classes sociais. As sondagens do governo indicavam que, em futuras eleições, uma parcela considerável da opinião pública votaria nos legionários.

Nesse momento, com os antigos agrupamentos políticos sentindo-se cada vez mais ameaçados pela crescente ascensão dos legionários, o governo viu-se diante de uma encruzilhada: ou recuava — como seria normal em um Estado democrático —, interrompendo a perseguição e reconhecendo o direito da Legião de se expressar livremente; ou levava a perseguição ao extremo, a fim de obrigar os legionários a capitular.

A primeira solução, justa e legal, pressupunha um elevado senso de responsabilidade social e de respeito humano por todos os cidadãos. Nessas condições, os governantes poderiam ter reconhecido não apenas a força política do Movimento, mas também o espírito de sacrifício que o impulsionava e o elevado patriotismo do qual sempre dera amplas provas. Na realidade, porém, a classe dirigente romena não era uma expressão da Nação. Era inteiramente incapaz de reconhecer a grandeza de um

movimento nacionalista como aquele; não conseguia fazer um gesto nobre e permitir que a oposição nacionalista se organizasse livremente. Tal solução seria contrária à sua mentalidade e aos seus objetivos. Como classe privilegiada, dedicada à exploração das riquezas da nação e do trabalho de seu povo, não podia conceder liberdade de expressão àqueles que desejavam pôr fim a esse regime, principal fundamento de seu poder político. A classe dirigente romena não era conhecida por suas virtudes cívicas. Todo e qualquer grupo político que ousasse tocar em seus privilégios econômicos ou cogitasse a mínima melhoria nas condições sociais das massas romenas, independentemente dos princípios que declarasse defender, tornava-se automaticamente seu inimigo implacável.

Foi por isso que todos os governos, sempre que tiveram de tomar uma decisão a respeito do Movimento Legionário, optaram pela violência e pelo assassinato. Fundado na injustiça social, o regime político romeno só podia se salvar, num momento em que a popularidade da Legião crescia em proporções alarmantes, recorrendo ao máximo ao aparato coercitivo do Estado para esmagar seu adversário. Era vital impedir, a qualquer custo, que a Legião se firmasse na vida política do Estado, **pois estava claro que, numa disputa eleitoral livre, *os antigos partidos estariam definitivamente acabados***.

Naquele momento, inevitavelmente, a **perseguição** começaria com a mais extrema violência e atingiria todo o Movimento, multiplicando enormemente o número de vítimas inocentes nas fileiras legionárias. Uma vez abolido o Estado de Direito, ele cedeu lugar ao Estado fundado na força bruta, que não reconhecia outros limites além daqueles impostos, por sua vez, por outra força.

Os legionários irão se defender, enfrentando a avalanche de ilegalidades e crimes, a fim de preservar a existência do movimento.

I. A Organização Legionária em 1933.

No início de 1933, o Movimento Legionário já estava estabelecido na maior parte do país. Restavam apenas alguns departamentos nos quais ainda precisava se organizar. Paralelamente a esse crescimento impressionante da organização, ocorrera uma mudança na composição de seus membros. Enquanto, entre 1927 e 1930, a maioria deles provinha do meio estudantil, agora o Movimento se fortalecia política e socialmente com representantes de todas as classes sociais. Sem dúvida, esses novos legionários eram relativamente jovens — estavam na casa dos trinta anos —, mas eram homens de sólida formação e posição profissional: professores, advogados, engenheiros, sacerdotes e personalidades do mundo das artes, da ciência e da literatura.

Em seus seis anos de existência, o Movimento alcançara um progresso extraordinário. Um pequeno grupo provinciano, formado por algumas dezenas de membros, transformara-se numa poderosa organização que abrangia a maior parte do país. As autoridades observavam o aparecimento constante de legionários em todos os departamentos do país.

Ainda não se podia falar em um movimento de massas. Mas o Movimento já contava com uma sólida rede de Ninhos e quadros suficientes para entrar na luta pelo poder e ousar disputar eleições com os demais partidos. Diante do crescimento do Movimento ao longo de 1932 e 1933, Codreanu deu um passo adiante em termos estruturais, nomeando Chefes de Departamento.

Mas o maior sucesso do Movimento ocorreu entre os estudantes. Em 1933, os Comitês Centrais Estudantis de todas as universidades do país estavam sob o controle dos legionários. Assim, nas eleições anuais para a renovação desses comitês, as chapas legionárias eram eleitas com frequência. Na prática, os legionários constituíam apenas uma minoria entre a massa estudantil, mas essa minoria, dinâmica e disciplinada, contava com a simpatia da maioria dos estudantes. Após o eclipse sofrido entre 1926 e 1929, o movimento estudantil nacionalista, inspirado pelo ideal legionário, renasceu mais forte e mais consciente de sua missão.

A partir do outono de 1930, Codreanu passou a permanecer com mais frequência em Bucareste. Em 8 de novembro de 1930, abriu o primeiro escritório da Legião na capital: Calea Victoriei, 40. Sua inauguração ali significou, na prática, a transferência da sede do Movimento de Iași para Bucareste. Estando na capital, o Movimento podia ser informado com mais rapidez e precisão sobre os planos do inimigo e tomar medidas defensivas mais prontamente.

A presença de Corneliu Codreanu em Bucareste deu um impulso decisivo ao Movimento na capital. Até então, a organização legionária local não havia se estendido para além da universidade. As adesões provenientes de outros meios sociais eram extremamente raras. Os habitantes da capital só conheciam o Movimento por meio da imagem distorcida criada pelas mentiras acumuladas nos jornais controlados pelos judeus ou pelos antigos partidos, o que gerava certo “distanciamento” em relação a ele. Após os julgamentos em Bucareste, em 1930 e 1931, e depois das expressivas vitórias eleitorais nos departamentos de Neamț e Tutova, a capital começou a demonstrar interesse pelo Movimento.

O Capitão havia instalado ali a sede nacional do Movimento e, por ser membro do Parlamento, passou a ter contato com a população. Muitos homens honestos que, até então, só conheciam os piores aspectos da politicagem e ansiavam de todo o coração por uma mudança radical nos rumos do país procuraram-no para ouvir suas opiniões. Depois dessas conversas, muitos deles abandonaram as falsas ideias que até então tinham sobre o Capitão e sobre a luta da juventude legionária.

As observações que fazia se destacavam pela clareza das ideias e pela maturidade de seu pensamento. Codreanu era um agitador das massas, mas não era um homem exaltado. Todos reconheciam nele um patriotismo desinteressado e viam nele o modelo de honra e dignidade que desejava transmitir às gerações futuras, mesmo quando, por vezes, seus interlocutores discordavam quanto aos métodos. O Capitão sorria diante das objeções que já ouvira mil vezes de homens bem-intencionados. Que métodos poderiam ser empregados quando os governos ridicularizavam a lei e recebiam os legionários a golpes de cassetete e coronhadas? Se não

tivesse reagido ativamente, o Movimento inevitavelmente teria desaparecido.

Em Bucareste, o Capitão pôs em prática suas próprias ideias sobre propaganda. Em vez de discussões inúteis, ofereceu um exemplo vivo das convicções legionárias. No início de agosto de 1933, o Capitão instalou um campo de trabalho em um subúrbio da capital, Bucurestii-Noi, e reuniu ali jovens vindos de todo o país para trabalhar na construção de um Pavilhão destinado aos legionários feridos, que mais tarde ficaria conhecido como *Casa Verde*. Os constantes confrontos, as torturas infligidas pela polícia e os sofrimentos da prisão haviam provocado doenças graves em muitos legionários. Para esses legionários feridos, decidiu-se construir um Pavilhão, para que não se tornassem um peso grande demais para suas famílias ou para si mesmos.

Às ameaças dos políticos, que exigiam uma repressão ainda mais impiedosa, a Guarda de Ferro respondeu construindo um Pavilhão para as vítimas dessa perseguição.

Sobre a Casa Verde, Codreanu tinha ainda outra ideia, que de tempos em tempos expressava a seus camaradas mais próximos: *"Se for necessário, construirei ali um cemitério para os legionários tombados na luta pela salvação da Nação. Permaneceremos unidos, mesmo no túmulo. Não fugiremos ao sacrifício e, se tivermos de morrer, que nosso lugar de descanso eterno já esteja preparado…"*

O campo de Bucurestii-Noi causou forte impacto na população da capital. Todos os dias, centenas de visitantes iam ao canteiro de obras da "Casa Verde" e voltavam impressionados com o que haviam visto. Unidos pelo mesmo ideal, trabalhavam lado a lado estudantes de todas as partes da Romênia, professores universitários, sacerdotes, advogados, engenheiros, camponeses e trabalhadores braçais. Toda a Nação estava ali representada. As diferenças de classe haviam desaparecido. Restava apenas a luta comum pela salvação do país. O campo despertou o interesse de importantes personalidades romenas e estrangeiras. Os legionários que ali trabalhavam receberam visitas do marechal de campo Averesco, do

professor Nae Ionesco, do general Cantacuzène, de um senador italiano, do general Coselsch e de muitos outros.

A “Casa Verde” foi construída pelo esforço conjunto dos legionários, graças às doações dos visitantes que vinham conhecer *“o fenômeno de Bucurestii-Noi”*. O campo trabalhava em ritmo tão acelerado que, no início de novembro de 1933, o telhado do edifício já estava pronto. Essa iniciativa legionária constituiu um exemplo marcante do que poderia ser feito para reconstruir o país por meio da disciplina e do esforço coletivo desinteressado. O canteiro de obras da “Casa Verde” oferecia, em pequena escala, uma amostra da Romênia do futuro sob a Legião.

Entre os intelectuais da capital, a presença de Codreanu provocou uma mudança de opinião. Até então, a maioria se interessava pelos partidos e pelas questões mais amplas da cultura — filosofia, sociologia, artes e ciências —, mas agora demonstrava clara preocupação com a nação e seus problemas. Muitos deles, especialmente os mais jovens, ingressaram na Legião, encontrando nela aquele elemento espiritual tão vital para seu desenvolvimento criativo. Não apenas vestiam a camisa verde, como também davam uma contribuição considerável à difusão das ideias legionárias.

Uma consequência importante dessa mudança entre a intelectualidade de Bucareste foi a revista *Axa*, em torno da qual se reuniu um grande número de jovens escritores, liderados por Mihail Polihroniade, Victor Voien e Alexandru Constant. Entre os colaboradores regulares da revista estavam os melhores representantes do pensamento legionário da época: Ion Mota e Vasile Marin, que defendiam energicamente as propostas ideológicas do Movimento. Pouco depois, sofreriam juntos nas masmorras da prisão de Jilava e também morreriam juntos, em 1937, na frente espanhola, em defesa de Cristo e da Europa.

Outros jovens intelectuais, recrutados entre 1932 e 1933, expunham a visão de mundo legionária nas páginas de dois jornais nacionalistas: *Calendarul* (O Calendário) e *Cuvantul* (A Palavra). O primeiro estava sob a direção do poeta e escritor Nichifor Crainic; o segundo, sob a do filósofo Nae Ionesco. Esses dois jornais travavam uma luta semelhante à do

Movimento. Por caminhos diferentes e após amargas experiências pessoais com os antigos partidos, Nichifor Crainic e Nae Ionesco chegaram à mesma conclusão que Corneliu Codreanu: **somente uma Revolução Nacional, com ênfase na criação de um Novo Romeno, poderia salvar o país.**

Essas três publicações políticas, com seus títulos sucintos e a elevada qualidade com que apresentavam as ideias nacionalistas e cristãs, barraram de uma vez por todas o avanço das ideologias de esquerda. Expulsaram-nas da vida pública romena e ajudaram a intelectualidade do país a compreender o fenômeno legionário.

Na linha de frente do esclarecimento da opinião pública, além dos nomes já citados, estavam o poeta Radu Gyr, o historiador Vasile Christesco, o professor Vladimir Dumitresco e os pintores Zlotesco e Basarab.

Com a chegada desse grupo de escritores da capital, a Legião também começou a superar seu caráter provinciano no campo ideológico. A nova geração, com tudo o que viria a representar no campo da cultura, passou a aderir progressivamente à Legião, de tal modo que, em 1937, ela já dispunha da maior força intelectual do país.

II. A Equipe da Morte.

No início de maio de 1933, Codreanu formou uma forte equipe de propaganda, que enviou para percorrer, no furgão da Legião, os departamentos do Banato e do sul da Transilvânia.

Após as trapaças do governo nacional-camponês, julgou oportuno reacender a chama da esperança entre os habitantes dessas regiões, que até então eram consideradas o feudo eleitoral de Jules Maniu.

Por que chamá-la de *"Equipe da Morte"*?

O nome não veio do Capitão; surgiu espontaneamente entre aqueles que participaram da missão, em respeito ao espírito de sacrifício. Os

inimigos do Movimento, sempre interessados em atribuir os piores motivos possíveis às ações legionárias, difundiram amplamente a ideia de que se tratava de um grupo formado pelos elementos mais radicais do Movimento e que, por onde passasse, espalhava sangue e morte. Um amontoado de mentiras, pois a verdade era exatamente o contrário. Os membros da equipe haviam escolhido esse nome para demonstrar sua disposição de suportar as piores torturas e até mesmo a morte a fim de cumprir sua missão.

Eles sabiam o que os esperava; seriam submetidos a sofrimentos terríveis e às mais duras provações. Antes mesmo de partirem, já conheciam a ordem dada pelo governo à polícia de todo o país: maltratá-los e persegui-los em todas as cidades e aldeias por onde passassem.

Os legionários dessa “Equipe da Morte” não partiam para fazer propaganda com a intenção de provocar desordens. O Capitão lhes dera instruções rigorosas para que evitassem bravatas, não entrassem em confrontos e se esquivassem cuidadosamente das provocações das forças da lei e da ordem. Ao mesmo tempo, porém, aqueles homens haviam decidido não se submeter a nenhuma ilegalidade. Não provocariam desordem, mas tampouco recuariam ou cederiam. Haviam decidido resistir até a morte às autoridades que tentassem impedi-los de exercer seus direitos legais. Assim, a “Equipe da Morte” não era um grupo terrorista enviado para espalhar morte pelo país, como afirmavam seus inimigos, mas um punhado de homens convictos, cheios de fé, que queriam levar palavras de consolo e encorajamento aos camponeses da Transilvânia depois das terríveis decepções que haviam sofrido nas mãos dos antigos partidos.

Por toda parte, o povo recebia com entusiasmo a equipe de propaganda do Movimento. Desde o início, porém, a polícia os seguia como uma matilha de lobos. Aonde quer que fossem, a polícia bloqueava as estradas e ordenava que se dispersassem. Quando se recusavam, começavam os empurrões e as brigas.

Os obstáculos aumentavam à medida que se aproximavam das cidades. Em Oravița, Reșița e Arad, era o Exército que os recebia, com

metralhadoras prontas para abrir fogo. Por causa desses impedimentos constantes, não foi possível realizar nenhuma manifestação pública.

Uma reunião pública semelhante havia sido convocada em Reșița, na qual Codreanu deveria discursar. Em virtude de sua condição de parlamentar, ele tinha o direito de se reunir com o eleitorado em todo o país. Para impedi-lo de falar, todas as forças executivas da localidade foram mobilizadas. Foi em vão que, nas conversas com as autoridades, o Capitão tentou fazer valer sua condição de parlamentar e insistiu no caráter ilegal das medidas adotadas. No fim, teve de cancelar a reunião prevista para evitar consequências mais graves.

Nessa época, em Chier, no departamento de Arad, as autoridades incitaram a população da aldeia contra a equipe legionária, espalhando que se tratava de um bando de bolcheviques vindos da Hungria. Os aldeões armados atacaram a equipe legionária. Seguindo as ordens recebidas, os legionários não se defenderam. Foram espancados sem piedade pelos camponeses, e vários deles ficaram gravemente feridos. Depois, presos pela polícia, foram levados a julgamento sob a acusação de rebelião.

O julgamento em Arad resultou em uma nova vitória do Movimento nos tribunais. A “Equipe da Morte” foi absolvida. Os camponeses que haviam espancado os legionários aproximaram-se deles com lágrimas nos olhos, pedindo perdão. Contudo, o calvário dessa equipe ainda não havia terminado.

Os incidentes mais graves ocorreram em Teius, uma pequena cidade no centro da Transilvânia. Havia sido organizada uma conferência, na qual discursaria o professor Ion Codreanu, pai do Capitão e também membro do Parlamento. O salão onde a conferência seria realizada estava lotado. Quando o professor começou a falar, a polícia entrou ruidosamente no recinto e passou a desferir golpes de coronha para todos os lados, a fim de expulsar o público. Quanto ao orador, sofreu uma fratura no crânio e foi deixado numa poça de sangue.

“O Estado de Direito! O Estado de Direito!”, exclamou Corneliu Codreanu. “Um membro do Parlamento romeno, amparado por seus

direitos legais e pela imunidade parlamentar, profere uma conferência, e as forças da lei e da ordem entram no salão e fraturam-lhe o crânio a golpes de coronha. Ah, o Estado de Direito!"

Após esses incidentes, a "Equipe da Morte" e outros cinquenta legionários foram presos, enviados a Alba Iulia, capital da província, e encarcerados no local onde Horia, líder dos revolucionários romenos do século XVIII, havia sofrido. Outro julgamento, outra absolvição. Diante de um Judiciário honesto e independente, o governo perdia sistematicamente as batalhas que tramava e conduzia de maneira fraudulenta contra o Movimento. As acusações injustas das autoridades derretiam como neve ao sol. Ao longo desses julgamentos, demonstrou-se repetidas vezes que a verdadeira causa da desordem eram as próprias autoridades.

III. As Provocações.

Após dois meses de lutas, confrontos com a polícia, prisões e julgamentos, a "Equipe da Morte" retornou a Bucareste coberta de glória. A coragem daqueles legionários e seus sacrifícios não haviam sido em vão. O mito legionário havia se espalhado como fogo por toda a província, o berço do povo romeno. Dali em diante, a Transilvânia depositaria suas esperanças no jovem movimento nacionalista. Os antigos partidos estavam irremediavelmente desacreditados na região, e nem mesmo o nome de Jules Maniu, tão venerado na Transilvânia, já era capaz de conter o declínio do Partido Nacional Camponês.

A violência suportada pela "Equipe da Morte" não foi um caso isolado. Fazia parte de uma provocação sistemática, presente em todo o país, destinada a criar uma atmosfera de tensão em torno da Legião. No verão de 1933, o Movimento foi submetido a uma escalada de ilegalidades e perseguido pelas autoridades até quase ser sufocado.

Os golpes caíam incessantemente por toda parte. Em todos os lugares se fazia sentir *"o longo braço"* do Estado. Armand Calinesco,

subsecretário de Estado da Justiça, tratava pessoalmente do *"problema legionário"*. Ele dava as ordens, analisava as reações e conduzia passo a passo a campanha de provocações contra a Legião. Desse modo, o governo preparava o terreno para a Grande Perseguição que estava sendo planejada nos corredores do Palácio Real.

Em maio de 1933, Codreanu teve uma entrevista com o primeiro-ministro, Vaida Voevod. Este se queixou das desordens provocadas pela Guarda de Ferro.

"Por que o senhor não faz algo de positivo?"

"Primeiro-ministro", eu lhe disse, "tomei a decisão de construir um dique ao longo das margens do rio Buzău. O senhor tem alguma objeção?"

"Não. Muito bem. É uma excelente ideia."

Encorajado por essa declaração e por essa autorização, Codreanu ordenou que os legionários se reunissem em 10 de julho de 1933 em Vișani, uma aldeia às margens do Buzău. Esse rio inundava os campos todos os anos, sem exceção. Atendendo ao pedido dos aldeões, Codreanu decidiu construir um dique de proteção com a ajuda dos legionários.

Mais de duzentos jovens, em sua maioria estudantes, responderam ao chamado do Capitão e afluíram a Vișani. Mal haviam chegado à região quando se viram cercados por várias companhias policiais, que lhes ordenaram que se deitassem no chão e começaram a espancá-los com a crueldade de animais selvagens. Os jovens legionários suportaram todos os golpes sem oferecer a menor resistência. Depois, amarrados com cordas, foram deixados durante metade do dia na lama e sob uma chuva torrencial. Dali, foram levados a pé até a capital do departamento, Râmnicu Sărat, onde voltaram a ser maltratados na delegacia e só foram libertados após quatro dias de tortura.

"A polícia havia obedecido às ordens de seus superiores — do Ministério da Justiça, onde Armand Călinescu, segundo suas próprias declarações, desempenhara um papel decisivo na imposição da opressão e das torturas infligidas a nós —, de modo que golpearam esses rapazes

com o mesmo ódio que teriam empregado contra os inimigos da nação romena.”

Os abusos cometidos pelas autoridades em Vișani ultrapassaram tudo a que os jovens haviam sido submetidos até então. Nunca antes a repressão governamental havia feito tantas vítimas entre os legionários, nem demonstrado tamanho desprezo pelos procedimentos legais.

Afinal de contas, que crime esses jovens pretendiam cometer? Queriam salvar os habitantes de uma aldeia das enchentes que destruíam regularmente suas plantações, oferecendo, assim, um belo exemplo à juventude e a toda a população do país. Mas aqueles que viviam da exploração do povo não podiam permitir semelhante exemplo, não podiam tolerar que a juventude romena seguisse um caminho diferente do deles: o caminho da corrupção e da ruína política e social.

A atmosfera era sufocante; por toda parte, as pessoas estavam no limite de suas forças; em tal ambiente, a menor provocação bastaria para desencadear uma catástrofe sobre o país e a Legião. Codreanu sentiu o desespero tomar conta do espírito dos legionários. Abalado por tantas humilhações e injustiças, enviou uma carta ao primeiro-ministro Voevod, advertindo-o das consequências trágicas que ocorreriam caso as provocações continuassem.

Era mais do que um grito de revolta. Era um grito de desespero vindo do fundo de sua alma, nascido de sombrios pressentimentos. Voevod era, portanto, advertido de que a política de repressão dirigida contra a Legião não poderia continuar sem provocar uma reação grave.

No início da carta, Codreanu relatava o martírio que, durante mais de dez anos, todos os governos haviam imposto à juventude nacionalista por sua fé na Romênia e na Fé Cristã:

“*Gostaria apenas de lhe dizer que, há dez anos, os governos da Romênia Maior não param de nos golpear. Primeiro, o governo liberal tentou nos esmagar sob seus golpes. Depois veio Goga, que recorreu contra nós a seus golpes ardilosos; em seguida, em 1926, o senhor Mihalache granjeou glória junto a seus senhores estrangeiros,*

espancando-nos de forma bárbara e tentando nos exterminar. O governo de Iorga-Argetoianu, por sua vez, golpeou-nos até o fim. Agora o senhor chegou e continua a nos golpear.

Nenhum de vocês, senhor primeiro-ministro, perguntou a si mesmo se podemos continuar suportando para sempre essa tortura moral e física que, repetidas vezes, procura vencer nossa capacidade de resistência."

Depois de descrever em detalhes o que havia acontecido em Vișani, Codreanu demonstrou que os abusos cometidos naquela localidade não eram um incidente isolado. A ordem de atacar o Movimento valia para todo o país. Em conclusão, o Capitão expôs a atitude dos legionários e o que o governo poderia esperar caso prosseguisse com a política de provocações:

"Senhor primeiro-ministro,

Chamo sua atenção, da maneira mais cortês possível, para o fato de que nós, que conhecemos a história e sabemos dos sacrifícios feitos por cada povo quando deseja conquistar um futuro melhor, nós, a juventude romena de hoje, não viramos as costas para esse sacrifício.

Não somos covardes que fogem dos sacrifícios essenciais à criação de uma nova Romênia.

Mas, mais uma vez, chamo sua atenção para o fato de que ensinei a esses jovens o valor da dignidade humana e a escola da honra.

Sabemos morrer e estamos prontos para demonstrá-lo. Nossos ossos podem apodrecer nas profundezas das prisões. Podemos ser fuzilados, mas não aceitaremos levar bofetadas no rosto; não seremos insultados e nos recusamos a ter as mãos amarradas atrás das costas.

Não acreditamos que nosso país — ao longo da triste, porém orgulhosa história da Romênia — possa jamais permitir-se ser desonrado.

Nossa terra está coberta de mortos, mas não de covardes. Hoje somos homens livres, plenamente conscientes de nossos direitos. Não somos escravos e jamais seremos.

Aceitamos a morte, mas não a humilhação.

Esteja certo, senhor primeiro-ministro, de que não viveremos uma vida repleta de humilhação e indignidade.”

Depois de dez anos de tortura, esteja certo de que temos convicção moral suficiente para encontrar uma saída honrosa de uma vida que não podemos suportar sem honra e sem dignidade.”

IV. De onde a Guarda de Ferro tira seu Dinheiro?

Mal se encerrara o doloroso episódio de Vișani, os legionários leram no *Patria* (22 de julho de 1933), órgão oficial do Partido Nacional Camponês de Cluj, esta nova estupidez:

“Em Răşinari, uma aldeia próxima a Sibiu, foi feita uma descoberta sensacional, que lança a pior luz possível sobre uma organização política contra a qual o governo, agora que tem em mãos provas esmagadoras, deve agir com o máximo rigor.

Uma operação de falsificação da Guarda de Ferro!

Foi na aldeia de Răşinari que se descobriu uma das muitas operações de falsificação. Após a investigação realizada, constata-se, para surpresa de todos, que desta vez não se trata de um bando de ciganos ou de irresponsáveis que, desafiando a lei, esperam enriquecer rapidamente, mas da própria Guarda de Ferro, o agrupamento político do senhor Codreanu que, nos últimos tempos, vem conduzindo a mais violenta campanha contra o governo e os partidos políticos da Romênia.”

O artigo prosseguia no mesmo tom, afirmando que a propaganda da Guarda de Ferro, que crescera consideravelmente nos últimos tempos, era financiada com dinheiro proveniente dessa operação de falsificação.

Sem esperar que fosse realizada uma investigação séria, os jornais do Partido Nacional Camponês de todo o país, prontamente apoiados pela imprensa judaica, reproduziram a informação colhida no *Patria*, apresentaram-na como fato incontestável e cobriram o Movimento com os insultos e as mentiras mais abjetos.

“Está provado”, lia-se em todos os jornais do partido, “que essa organização, que ousou atacar o sistema partidário em nome da honestidade, da justiça e do respeito às leis do país, é, na verdade, formada por uma quadrilha de vigaristas. Seus membros integram uma quadrilha de exploradores profissionais do país” — concluiu Chemarea Romanilor (O Chamado dos Romenos) — “e, diante dessa grave violação da lei que cometeram, aconselhamos o governo a julgá-los como merecem, pelo que são: ‘mandem os falsificadores para a forca’.”

Essa feroz campanha da imprensa não se baseava em um único fato concreto. O que ocorrera na aldeia de Răşinari fora que alguns ciganos, reincidentes nesse tipo de delito, haviam falsificado dinheiro. Nem a organização legionária local nem a departamental estavam envolvidas no caso, nem de perto nem de longe. No decorrer da investigação, ficou plenamente revelada a má-fé da imprensa governista.

Foi o subsecretário de Estado do Conselho da Presidência, Viorel Tilea, membro do governo nacional-camponês, quem orquestrou a campanha da imprensa. Tilea fazia parte da camarilha e era um conselheiro de confiança do rei Carol no governo Voevod. Paralelamente à atuação de Armand Călinescu no Ministério da Justiça, Tilea havia criado o caso de Răşinari para desmoralizar a Guarda de Ferro.

Nos corredores do Palácio, preparava-se uma nova perseguição contra o Movimento, e os dois subsecretários receberam a tarefa de intensificar as provocações contra a Legião, na esperança de que os legionários perdessem a paciência e revidassem. Tilea chegara até mesmo a antecipar as intenções da camarilha do Palácio, declarando, durante a campanha, que:

“dada a gravidade dos atos praticados por certos membros, a Guarda de Ferro teria de ser proibida.” (*Patria*, 22 de julho de 1933)

Depois de três semanas de ataques incessantes, a campanha da imprensa perdeu força, pois não podia ser sustentada por nenhuma prova juridicamente válida. Em vão os legionários tentaram publicar um

desmentido, indo de jornal em jornal. Nenhum deles quis admitir a verdade. Era a idade de ouro da Democracia Romena!

V. A Soldo de Estrangeiros.

A campanha de difamação contra o Movimento Legionário estendia-se igualmente às questões internacionais. Os jornais partidários, apoiados pela imprensa judaica, espalhavam todas as mentiras imagináveis. Mesmo quando suas acusações, feitas uma após a outra, se contradiziam entre si, eram lançadas com o mesmo descaramento. Num dia, líamos nesses jornais que a Guarda de Ferro recebia dinheiro de Mussolini; no outro, que estava a soldo do *Despertai*, *Húngaros!* (um grupo revisionista húngaro). Ainda se difundia a alegação de que havia recebido dinheiro de Mussolini, embora ela não se baseasse em nada; mas sugerir que um movimento nacionalista romeno não poderia encontrar outro financiador senão os revisionistas húngaros era um completo absurdo!

Depois que Hitler chegou ao poder, Mussolini deixou de ser acusado de chefe e principal financiador da Guarda de Ferro. Agora, o Movimento havia se vendido aos hitleristas! Mais uma mentira igual a todas as outras. Isso não impediu que os judeus publicassem em sua imprensa outra calúnia inteiramente contrária às acusações anteriores, embora ninguém parecesse notar a contradição: o Movimento estava a soldo de Moscou; era um movimento de inspiração comunista, oculto por trás de palavras de ordem nacionalistas.

Em seu ódio, inimigos de toda espécie misturavam seus argumentos. O que realmente lhes interessava era lançar no espaço público todo tipo de calúnia para semear dúvidas. Por fim, como nenhuma dessas mentiras produzira o efeito desejado, procuraram ridicularizar o Movimento, alegando que os próprios judeus financiavam a Legião!

O leitor dos principais jornais da capital teria a impressão de que a Guarda de Ferro não tinha outra missão senão criar distúrbios com o único

objetivo de enriquecer; que vendia seus serviços a quem quer que pagasse: hoje aos fascistas ou hitleristas, amanhã aos comunistas, sem desprezar o dinheiro dos judeus.

O Movimento Legionário definira sua política externa desde o primeiro discurso de Codreanu perante o Parlamento, em 3 de dezembro de 1931: o mundo caminhava para os extremos, declarou Codreanu naquela ocasião, tanto à direita quanto à esquerda. Os agrupamentos políticos de centro não seriam capazes de resistir a essas tendências revolucionárias. Os povos teriam de escolher.

"Quanto à nossa posição, se for preciso escolher entre esses dois extremos, estamos com aqueles que acreditam que o sol não nasce em Moscou, mas em Roma."

O Capitão havia se manifestado a favor de uma política externa orientada para os grandes Estados nacionalistas, ao lado da Itália e da Alemanha. Deixando de lado certa semelhança ideológica entre a Legião, o Fascismo e o Nacional-Socialismo, todo estadista com um conhecimento razoável dos assuntos europeus tinha de reconhecer que, diante da ameaça bolchevique, somente uma aliança com a Alemanha e a Itália poderia salvar a Romênia.

Os países da Europa Ocidental podiam buscar uma terceira solução, fosse a neutralidade, fosse uma aliança com as democracias de além-mar, enquanto a Romênia, com sua fronteira no Dniester, não podia evitar a necessidade de escolher entre a Rússia e a Alemanha. A aliança com os Estados nacionalistas tornara-se um imperativo categórico de sua política externa.

Os líderes dos antigos partidos não compreendiam o que havia acontecido na Europa desde 1933. As democracias ocidentais já não eram capazes de defender a Romênia, que, para simplesmente sobreviver, era obrigada a se aliar aos Estados nacionalistas abertamente anticomunistas. Os antigos partidos conduziam a política externa com base em palavras de ordem ultrapassadas. Eram hostis à nova Itália e à nova Alemanha porque temiam que um processo semelhante ocorresse na Romênia e levasse o

Movimento Legionário ao poder. Era apenas isso que compreendiam do grande drama europeu, do apocalipse que ameaçava nosso continente: o país não lhes interessava, tampouco os perigos que o espreitavam do exterior; a única coisa que lhes importava era como conservar seu poder e seus privilégios. A classe dirigente havia perdido toda a sensibilidade em relação aos grandes interesses nacionais, ignorando deliberadamente a situação precária do país na nova configuração internacional.

Além disso, os partidos estavam infiltrados por agentes do comunismo mundial. Tanto na direção do Partido Nacional Camponês quanto na do Partido Liberal havia facções de orientação marxista que exerciam forte influência. Essas facções fomentavam e mantinham vivo o ódio contra a Alemanha e a Itália, impedindo, assim, uma abordagem objetiva da política externa. Por fim, o elemento judaico na Romênia opunha-se ferozmente a cada passo da *aproximação* entre a Romênia e os Estados nacionalistas, por motivos evidentes.

Como as divergências entre o Movimento e os antigos partidos haviam se estendido à política externa, era bastante natural que os ataques contra a Legião também alcançassem esse campo. O Movimento Legionário era rotulado de *"terrorista"*, *"subversivo"* e *"anarquista"* em matéria de política interna, mas também era acusado de constituir uma ameaça à segurança nacional porque *"estava a soldo de potências estrangeiras"*. Os especialistas dos antigos partidos concluíram: *"É tanto por razões de política interna quanto de política externa que se deve buscar a proibição da Guarda de Ferro."*

VI. O Rei Carol e o Movimento Legionário.

A campanha de provocações desencadeada pelo governo nacional-camponês durante a primavera e o verão de 1933 foi apenas o prelúdio da Grande Perseguição que se aproximava.

As forças obscuras que controlavam essa operação haviam organizado uma segunda etapa do plano, que seria executada por outro governo do

mesmo tipo. Com a culminação do plano, essas forças esperavam pôr fim definitivamente ao *"problema da Guarda de Ferro"*. Mas, antes de relatar como se desenrolou a "Fase Dura" da perseguição, devemos examinar as mudanças políticas ocorridas no país durante os três anos anteriores.

O príncipe Carol, excluído da linha de sucessão pelo Ato de 4 de janeiro de 1926, havia retornado secretamente ao país em 6 de junho de 1930 e, graças ao apoio que obtivera do Exército, do Partido Nacional Camponês e da opinião pública, foi proclamado rei em 8 de junho de 1930.

Com a ascensão do rei Carol ao trono, a vida política do país mudou rapidamente. As rédeas do poder escaparam das mãos dos antigos partidos e foram assumidas pelo soberano.

O ROSTO DE UM ASSASSINO.

REI CAROL DA ROMÊNIA.

Até então, segundo a Constituição, o rei era o árbitro da vida política, mas, na realidade, as mudanças de governo eram sempre ditadas por esses partidos, de acordo com qual deles exercia maior influência no Palácio. Os governos chegavam ao poder e dele saíam independentemente de sua popularidade ou de sua representação parlamentar. Durante a primeira década após a Primeira Guerra Mundial, o Partido Liberal exercera uma influência decisiva na formação dos governos. O rei Ferdinand substituía os governos de acordo com as recomendações de John Bratianu, líder desse partido; durante a Regência — enquanto o rei Michael era menor de idade —, a esfera constitucional foi dominada pelo Partido Nacional Camponês.

Com a ascensão do rei Carol ao trono, os antigos partidos deixaram de determinar os rumos da política romena. O rei Carol já não se deixava manipular pelos partidos, nem governava a vida pública de acordo com a Constituição. Reservou para si o poder, instaurando uma ditadura mal disfarçada e manipulando alternadamente os partidos com a ajuda da camarilha monarquista presente nos escalões mais altos de suas direções. Para um partido chegar ao poder, já não bastava, como antes, contar com homens que gozassem da confiança do Palácio ou ser capaz de organizar tumultos de rua que pudessem assumir um caráter ameaçador para a Coroa quando as intrigas palacianas se mostrassem inúteis. O rei Carol obrigou os partidos a renunciar à própria identidade, a abandonar toda aparência de independência e a se reduzir a meros fantoches em sua busca pelo poder. Os partidos foram obrigados a mendigar o poder e a reconhecer o rei como o verdadeiro poder discricionário do Estado. O rei Carol não se contentou com o papel passivo desempenhado pelos monarcas romenos anteriores e procurou concentrar todo o poder em suas mãos, reduzindo os partidos a meros subordinados.

À medida que o poder passava das mãos dos partidos para as do rei, era lógico que a direção da luta para exterminar a Guarda de Ferro também passasse dos partidos para o rei e sua camarilha. Os partidos mantinham sua hostilidade ao Movimento, mas já não lideravam a luta. **Dali em diante, os planos para aniquilar o Movimento Legionário eram**

tramados no Palácio; os partidos contribuíam materialmente para sua execução, de acordo com o poder que exerciam no governo, fosse como partidos, fosse apenas por meio de indivíduos.

A destruição dos partidos todo-poderosos não teria sido algo ruim para o país se o rei, movido por uma compreensão adequada da situação, tivesse usado sua autoridade real para fortalecer e fazer avançar a nação. Mas seu desejo de humilhar os partidos não era inspirado pela intenção de instaurar um governo consciencioso e forte, dedicado aos grandes interesses nacionais. O motivo que o levava a subjugar os partidos era simplesmente o orgulho e a sede de engrandecimento pessoal.

Além disso, essa tendência foi acentuada pela influência de sua amante, Helen Lupesco. O poder pessoal degenerou em uma tirania sanguinária, repleta de ódio contra todos aqueles que representavam as forças criadoras da nação.

Embora, ao retornar ao país, o rei Carol tivesse garantido solenemente às figuras políticas que o haviam ajudado a recuperar o trono que se afastaria definitivamente de Helen Lupesco e retomaria a vida familiar, poucos meses depois de sua coroação essa mulher reapareceu em Bucareste, para grande apreensão das massas e, sobretudo, daqueles que haviam sido seus mais leais apoiadores.

A fraqueza do rei Carol por Helen Lupesco não era passageira nem se restringia à sua vida privada. Ela se tornou um problema político nacional. Lupesco dominava o rei e influenciava suas decisões como chefe de Estado. Toda a estrutura constitucional sofreu a influência dessa relação. Não há dúvida de que, desde a fundação da monarquia romena, influências ocultas foram exercidas sobre o soberano, alterando suas decisões. Mas essas influências provinham do próprio meio nacional, enquanto, sob o rei Carol II, fatores imprevisíveis passaram a interferir na vida pública. Antes, a vontade real era moderada pelos partidos, que ainda demonstravam certa preocupação com o país.

Com Helen Lupesco, entramos numa fase em que a política do país é absorvida pelos judeus, uma minoria que atuava em estreita colaboração

com a conspiração comunista mundial. O fato de o rei ter caído sob o fascínio de Lupesco significava que aqueles que governavam o país o faziam à sombra dos judeus, não apenas dos judeus romenos, mas do judaísmo mundial, com sua influência em Londres, Paris, Washington e Moscou.

Até a ascensão do rei Carol ao trono, os judeus já exerciam considerável influência no Estado por meio de políticos comprados por eles. Sob o reinado de Carol II, já não precisavam de homens pagos nos partidos, pois haviam se apoderado das alavancas do poder estatal. Dominado por sua amante, o rei deixara de ser o rei dos romenos, tornando-se a principal arma dos interesses judaicos na Romênia e de todas aquelas tendências satânicas e internacionalistas que minavam a segurança do Estado. Os políticos que ainda desejassem desempenhar algum papel na vida pública tinham, antes de tudo, de conquistar o apoio da "princesa", Helen Lupesco, ou ao menos garantir sua neutralidade. Qualquer político que ousasse murmurar contra *"a rainha sem coroa"* perdia definitivamente a confiança do rei.

O Movimento Legionário era um movimento monarquista convicto. Em seu primeiro discurso perante o Parlamento, Codreanu havia proclamado os princípios que fundamentavam a política do Movimento: **DEUS, PÁTRIA, REI, FAMÍLIA, PROPRIEDADE, EXÉRCITO.** Além disso, quando Codreanu soube do retorno do príncipe Carol à Romênia, e apesar de os antigos partidos hesitarem em reconhecê-lo como rei, organizou uma manifestação em Iași, em 7 de junho de 1930, durante a qual exigiu que ele fosse coroado. Depois disso, nenhuma declaração antimonarquista, por menor que fosse, saiu dos lábios de um único legionário, embora soubessem que as ordens para persegui-los vinham diretamente do Palácio.

No entanto, todas essas provas da profunda lealdade da Legião ao ideal monárquico e à casa reinante de nada serviram. O rei havia rompido com a nação e com suas aspirações. Corrompido pelo ambiente em que vivia, tornara-se inimigo declarado do nacionalismo romeno. Sentia profunda repulsa por tudo o que refletisse os valores romenos, o espírito

criador e a vontade de reconstruir o país. Por isso, ardia dentro dele um ódio violento contra a juventude legionária. O trabalho construtivo daqueles jovens o enfurecia. Quando soube que Codreanu havia sido aclamado por milhares de jovens, sua fúria já não conheceu limites. O Capitão tornara-se uma obsessão para aquele rei vaidoso. Os líderes dos antigos partidos eram corruptos demais para que ele temesse qualquer reação da parte deles. Mas aquela juventude, formada na escola do sacrifício e do sofrimento, constituía um poderoso obstáculo à sua busca pelo poder absoluto.

A mudança ocorrida no cenário político do país agravou ainda mais as condições em que a Legião tinha de sobreviver e atuar. Dali em diante, como já foi dito, todas as conspirações contra o Movimento seriam tramadas no segredo do Palácio, e os políticos promovidos a ministros seriam sempre escolhidos entre seus piores inimigos. A coalizão dos inimigos do Movimento se tornava mais estreita a cada dia, pois reunia, em um único círculo interno, os partidos, os judeus, as forças satânicas e o chefe de Estado!

VII. O Papel de Nicolae Titulesco.

Para termos uma visão geral da perseguição de 1933, devemos também levar em conta o que acontecia em outras partes da Europa.

Hitler chegara ao poder. Isso teve o impacto de um terremoto na política mundial. Cada Estado teve de rever sua política externa em razão dos problemas criados pela Nova Alemanha. Entre todos os Estados, o mais preocupado era a Rússia Soviética, que se considerava uma possível vítima da máquina de guerra alemã assim que esta fosse reconstruída.

Para evitar ficar sozinha diante da ameaça alemã, a União Soviética começou a buscar febrilmente a amizade de todas as nações que se sentiam ou poderiam vir a se sentir ameaçadas por Hitler, propondo-lhes uma Frente Popular contra uma possível agressão. As propostas da União Soviética foram recebidas com frieza. A Grã-Bretanha, em especial, não

escondia suas reservas. Via na Alemanha Nacional-Socialista uma força capaz de fortalecer a paz na Europa; somente uma Alemanha forte poderia contrabalançar a pressão esmagadora exercida pela Rússia Soviética sobre os Estados pequenos e médios da Europa Oriental. Na França, embora houvesse uma atmosfera mais favorável a um entendimento com a URSS, também existia um grande número de círculos favoráveis a um acordo com a Alemanha.

A ofensiva diplomática soviética no Ocidente teria fracassado não fosse por algumas figuras políticas que, traindo os interesses de seus próprios povos, se tornaram instrumentos dessa potência determinada a conquistar nosso continente. Esses políticos, provenientes de vários países europeus, colaboraram estreitamente com os bolcheviques para destruir o "cordão sanitário" que mantinha a Rússia Soviética isolada da Europa Central e Ocidental. Cada um deles usou sua posição de destaque no próprio aparelho estatal para tentar retirar a Rússia da quarentena diplomática a que até então estivera submetida e colocá-la entre os Estados civilizados, integrando-a em todos os organismos internacionais.

Um desses agentes do comunismo mundial, do mais alto escalão, e um dos mais zelosos e eficazes defensores da União Soviética foi o romeno Nicolas Titulesco, ministro das Relações Exteriores no gabinete nacional-camponês de Vaida e, posteriormente, nos governos liberais até 1936. Há algo de estranho, até mesmo de bizarro, no fato de que o ministro das Relações Exteriores de um país claramente ameaçado pelo bolchevismo não encontrasse nada melhor para fazer do que multiplicar iniciativas nas capitais do Ocidente, buscando o reconhecimento da União Soviética como uma força de paz e estabilidade na política europeia!!

Os interesses romenos não poderiam ter sido mais mal defendidos do que por esse homem. Um ministro das Relações Exteriores, caso fosse patriota e tivesse consciência da geopolítica de seu país, teria agido na direção oposta. Teria lutado com todas as suas forças para manter a Rússia Soviética fora dos assuntos europeus e teria acolhido o ressurgimento do poderio militar alemão como uma garantia adicional da segurança do Estado romeno. Mas Nicolae Titulesco não tinha o menor interesse pelos

interesses romenos e não se preocupava em defender a Romênia como país. **Ele era um agente da conspiração bolchevique contra o nosso continente.**

Não há dúvida de que o renascimento político e militar da Alemanha constituía uma ameaça à existência da Rússia Soviética.

A nova situação na Europa Central preocupava Titulesco. As forças obscuras do bolchevismo, das quais Titulesco fazia parte, entraram imediatamente em ação para tentar afastar a ameaça alemã das fronteiras soviéticas. Para garantir o êxito da salvação dos soviéticos, era essencial vincular o destino de Moscou ao maior número possível de Estados europeus, de modo que, em caso de um ataque alemão, esses Estados corressem em seu auxílio, conforme os pactos assinados, e a explosão se espalhasse de maneira generalizada.

Titulesco, um agente eficaz do lobby antirromeno, empenhou-se com a energia do desespero para que a Rússia Soviética pudesse entrar na "Europa". Usou todos os seus contatos e todos os recursos de sua inteligência refinada para realizar aquilo que as forças obscuras do comunismo mundial lhe haviam pedido: que a Rússia Soviética, erguida sobre uma montanha de crimes, ingressasse na Família Europeia das Nações. Graças aos esforços de Titulesco, Beneš e seus correligionários, a Rússia Soviética foi admitida na Sociedade das Nações e assinou diversos Pactos de Não Agressão com Estados fronteiriços, entre eles a Romênia.

Contrariando todo o bom senso, Titulesco valeu-se de seu cartão de visitas (ministro das Relações Exteriores da Romênia) para defender, nas capitais ocidentais, a causa da Rússia Soviética — inimiga declarada de seu país. Abusando de sua posição oficial, afirmava por toda parte que o povo romeno, em nome da própria segurança, exigia um acordo com a Rússia!

Por meio de tais declarações — mentirosas e abusivas —, ele induziu os círculos governamentais ocidentais ao erro, pois se dizia nessas capitais: se um país vizinho da União Soviética não teme o bolchevismo e procura

melhorar suas relações com ela, como afirma Titulesco, então, com maior razão, as potências ocidentais nada têm a temer.

Titulesco empenhou-se em desarmar a postura anticomunista do Ocidente; apresentava os futuros pactos entre a Rússia e as democracias como uma ajuda à Romênia, aliada dessas nações, e a todos os povos do Leste seriamente ameaçados pelo *expansionismo hitlerista*.

Titulesco, contudo, jamais perdeu de vista a política interna da Romênia. Com um governo consciente de suas responsabilidades, sua traição jamais poderia ter se concretizado. A seus olhos, uma vitória nacionalista na Romênia teria representado a morte do plano dos elementos pró-comunistas na Europa. A União Soviética corria o risco de ficar isolada na Europa e exposta a um ataque alemão — com o consentimento da maioria dos povos do Leste Europeu. A Romênia, personificada por Titulesco, constituía uma peça central no plano de salvação da Rússia, que buscava integrá-la à estrutura política e militar do Ocidente. O jogo sinistro de Titulesco não deveria ser perturbado por uma mudança indesejável no cenário político romeno.

O forte crescimento da Guarda de Ferro o preocupava. Diante da ofensiva nacionalista na Romênia, Titulesco reagiu com a energia de um desesperado. Exortou o governo a adotar as medidas mais radicais para esmagar o Movimento. Disse ao governo que falava em nome das democracias ocidentais, especialmente da Grã-Bretanha e da França; que, se a Guarda de Ferro continuasse a crescer no mesmo ritmo, a posição internacional da Romênia se enfraqueceria em Londres e Paris e ele já não poderia assumir qualquer responsabilidade pelas futuras fronteiras do país. Os Tratados de Paz, sobre os quais se havia constituído a Grande Romênia, estavam ameaçados por Hitler e, caso fossem atacados em um único ponto, todo o edifício erguido em Versalhes desmoronaria. Segundo Titulesco, a eliminação da Guarda de Ferro era vital para a integridade territorial do Estado romeno.

Titulesco exagerava deliberadamente a ameaça alemã, ao mesmo tempo que ocultava os verdadeiros perigos representados pela URSS. Se existia uma ameaça hitlerista, escreveu Mota, apenas um Estado poderoso,

animado pelo espírito da Guarda de Ferro, seria capaz de resistir a ela com êxito. A destruição da Guarda de Ferro só poderia ter enfraquecido a posição internacional da Romênia, qualquer que fosse a situação.

Titulesco fazia um jogo duplo: nas capitais ocidentais, em nome dos interesses romenos, buscava incluir Moscou na manutenção do *status quo* europeu; na Romênia, por sua vez, apresentava-se como o porta-voz autorizado das grandes democracias ocidentais, transmitindo suas opiniões. O Ocidente, dizia ele, está preocupado com as atividades da Guarda de Ferro e se pergunta o que o governo está fazendo, que medidas está tomando para conter o crescimento dessa tendência "pró-nazista". Na realidade, Titulesco não estava a serviço da Romênia nem da Europa Ocidental. Era simplesmente um agente das forças secretas que manipulavam tanto os países ocidentais quanto o seu próprio país. Buscava a aniquilação do Movimento Legionário, para que a Romênia não fosse capaz de seguir uma linha política independente, baseada em seus próprios interesses, nem de se libertar do domínio das forças da conspiração comunista.

VIII. A Política do Partido Liberal.

Embora o Partido Nacional Camponês tivesse dado provas mais do que suficientes de seu empenho em reprimir os *"distúrbios legionários"*, os adversários do Movimento estavam sempre insatisfeitos com Vaida Voevod, presidente daquele governo. Ele era fraco demais para o gosto deles, ainda muito ligado ao seu passado nacionalista, quando havia combatido a opressão magiar, para voltar-se seriamente contra o Movimento. A imprensa do Partido Liberal acusava-o de *"condescendência para com o Movimento"*, de *"flertar com a extrema direita"* e exigia sua destituição. A imprensa estrangeira, incitada por Titulesco, fazia as mesmas acusações, exigindo que se pusesse fim às agitações "hitleristas" na Romênia; caso contrário, o país corria o risco de perder sua credibilidade política e financeira no exterior.

Livrar-se de Voevod era fácil, mas muito mais difícil era encontrar o partido e o chefe de governo dispostos a desempenhar o odioso papel de carrascos da juventude romena, pois, naquele momento, o rei só se mostrava disposto a entregar-lhes o poder sob uma condição: o partido e seu líder teriam de concordar em mandar a juventude nacionalista para as prisões ou para os cemitérios.

O Partido do Povo era numericamente fraco demais, e seu líder, o marechal de campo Averesco, jamais teria aceitado o poder em tais condições. Os demais grupos políticos eram ainda mais fracos e, portanto, nem sequer podiam ser cogitados para o cargo.

Assim, o único candidato à execução desse mandato sangrento era o Partido Liberal. Esse partido não possuía base popular, mas contava com membros enérgicos e disciplinados. Além disso, seu passado o credenciava para esse papel implacável e brutal. Não havia ele cometido os primeiros assassinatos políticos da Romênia! Já dera muitas provas de sua *"fibra"* quando assassinou 11.000 camponeses em 1907.

Havia, porém, um problema para entregar o poder a esse partido. Suas relações com o rei Carol estavam estremecidas. John Duca, chefe do Partido Liberal, havia se manifestado contra a restauração de 8 de junho de 1930 e se opunha ainda mais à amante do rei, Helen Lupesco. Por sua vez, o rei e a senhora Lupesco nutriam um ódio profundo pelo líder do Partido Liberal. Para superar essa aversão, o rei foi submetido a intensa pressão por grupos de dentro e de fora do país, a fim de que reconhecesse os serviços que Duca poderia prestar *"à causa"* naquele momento.

A questão legionária bloqueava o caminho e unia todos os grupos políticos, para além de suas divergências de interesses e personalidades. O rei Carol ressentia-se da influência crescente de Corneliu Codreanu sobre a juventude; Lupesco pressionava o rei a perseguir os legionários, em solidariedade a seus correligionários; o Partido Liberal via seu futuro ameaçado pelo crescimento do nacionalismo; e Titulesco, como eminência parda da conspiração comunista, recusava-se a colaborar com qualquer governo que não adotasse medidas enérgicas para eliminar *"a ameaça da Guarda de Ferro"*.

No que dizia respeito ao Partido Liberal, a condição de que a Guarda de Ferro fosse destruída não lhe era desagradável. O Partido Liberal não era um partido de massas. Sua única possibilidade de sobrevivência política consistia em evitar uma ruptura com a fonte do poder: a Coroa. Só poderia chegar ao governo de cima para baixo, isto é, por concessão do fator constitucional. Além disso, uma vez nomeado para dirigir o país, seria obrigado a manipular as eleições para garantir uma maioria parlamentar. Se o sistema político tivesse funcionado — como esperava Codreanu — com uma aplicação honesta da Constituição, esse partido teria sido varrido do cenário político. O Partido Liberal jamais teria chegado ao governo do país por meio de eleições livres. Sua extrema impopularidade o impedia de participar de uma disputa política honesta, permitindo que o país escolhesse livremente entre os diferentes grupos políticos.

Diante da crescente popularidade do Movimento Legionário, o Partido Liberal sabia que estava completamente acabado. Quando, portanto, pediram a John Duca que combatesse a Guarda de Ferro por todos os meios possíveis, como condição prévia para assumir o poder, ele concordou.

Embora Duca tivesse várias reservas a esse respeito, como admitem diversas figuras políticas, e fosse até atormentado por pressentimentos de uma morte violenta, no fim as razões partidárias prevaleceram, pois a eliminação do Movimento era considerada essencial para a sobrevivência do Partido Liberal.

O Partido Nacional Camponês não se encontrava na mesma situação. Era um partido de massas, com uma base sólida, e, portanto, não dependia no mesmo grau do apoio da Coroa. A atuação política de Codreanu não ameaçava sua existência. Se necessário, era até possível imaginar uma alternância no governo entre os legionários e os nacional-camponeses, excluindo definitivamente os liberais. Naturalmente, os líderes desse partido se alegravam em particular com a possibilidade de um confronto entre liberais e legionários. A ala marxista do partido via essa luta como uma confirmação de sua linha ideológica, enquanto a ala conservadora

especulava sobre a possibilidade de ver a juventude legionária, desorientada e sem liderança, buscar refúgio nas fileiras de seu partido.

A partir do verão de 1933, *Viitorul* (Futuro), órgão oficial do Partido Liberal, desencadeou uma campanha virulenta contra o Movimento, ao mesmo tempo que acusava o primeiro-ministro Voevod de condescendência para com os *"agitadores"* da Guarda de Ferro. Tratava-se de um convite direto aos judeus estrangeiros para que pressionassem o rei da Romênia a levar o Partido Liberal ao poder, pois essa era a única maneira de se livrarem do pesadelo da Guarda de Ferro.

"Naquele momento", escreveu Codreanu, "nós, como nação, havíamos chegado ao degrau mais baixo, para grande humilhação da Romênia. Dois estadistas, John Duca e Nicolae Titulesco, vinculavam a ascensão do Partido Liberal ao poder ao apoio político dos banqueiros judeus de Paris, motivados, por um lado, pelas possibilidades de explorar as riquezas do país e, por outro, pelo desejo de garantir a posição de seus correligionários na Romênia.

Tudo isso sob uma condição muito clara: exterminar, por todos os meios, o Movimento Legionário.

E assim, como desfecho de mais de dez anos de sofrimento, eles nos prepararam, para que nada nos faltasse, a coroa da morte."

IX. Eleições Sangrentas.

Vasile Marin complementa a declaração de Codreanu mencionada anteriormente, revelando perante quem John Duca havia assumido o compromisso de destruir a Guarda de Ferro. Após o atentado contra Duca, Marin escapou da prisão pela polícia. Durante o inverno de 1933-34, viveu escondido, recusando-se a se entregar. Por experiência própria, quando ficara detido por 19 dias sem mandado judicial, ele sabia o que significava a lei na Romênia e quanta confiança se podia depositar nas "investigações" das autoridades.

No entanto, enquanto esteve escondido, não permaneceu inativo. Esforçou-se para mostrar às pessoas com quem mantinha contato os abusos do governo liberal e as mentiras escandalosas sobre aquilo que se chamava de “conspiração da Guarda de Ferro”, apresentadas pouco a pouco pelas autoridades políticas.

Desse período sobreviveram três cartas importantes, de grande valor documental, escritas por Vasile Marin. Uma foi endereçada a Nicolae Iorga, outra a Grigore Iunian, líder do Partido Camponês Radical, e a terceira a Charles Maurras, que Marin conheceu durante seus estudos na França.

Em sua carta a Maurras, encontramos o seguinte:

“Essa obra de bandidos remonta ao governo do falecido Duca, que contava com o apoio das Finanças Internacionais, especialmente do Banque de Paris et Pays Bas, bem como com a proteção do gabinete maçônico do sr. Chautemps; tudo isso coroado pelo apoio da burguesia do sr. Titulesco, um dos porta-vozes dos banqueiros internacionais na Romênia.”

Em 7 de novembro de 1933, a pedido do rei, Voevod apresentou sua renúncia. O chefe do Partido Liberal, John Duca, recebeu a incumbência de formar o novo governo. O Parlamento foi dissolvido e novas eleições foram convocadas para 20 de dezembro de 1933.

Ao saber disso, o Capitão ordenou às equipes de propaganda da Legião que evitassem qualquer forma de provocação. Nas regiões em que não podiam entrar, era melhor não fazer propaganda. Era preferível perder vários milhares de votos a dar essa satisfação ao governo.

Mas o governo não se limitou à questão da propaganda. Criou uma nova forma de provocação que não podia ser evitada: ordenou ao Poder Executivo que impedisse os legionários de apresentar candidatos. De acordo com a legislação romena, as eleições estavam sob a jurisdição do Poder Judiciário. Os órgãos do Executivo eram excluídos do mecanismo eleitoral. A Comissão Eleitoral Central, as Comissões Eleitorais Departamentais e todas as seções eleitorais eram supervisionadas pelos

magistrados. As listas de candidatos dos diferentes partidos eram depositadas nos tribunais onde funcionava a Comissão Eleitoral Departamental.

Com a nova tática, os tribunais foram colocados sob o controle da polícia e, assim que os legionários apareciam, os policiais se lançavam sobre eles, revistavam-nos, confiscavam as listas e os obrigavam a seguir a pé de uma delegacia para outra. Em alguns departamentos, para maior segurança, os tribunais eram cercados pela polícia, e qualquer pessoa considerada suspeita era impedida de entrar.

Em tal situação, como seria possível evitar a provocação?!

O desafio do governo havia ido longe demais. Poderia a Legião curvar-se diante de tamanhos abusos? Poderia voltar atrás em sua decisão de apresentar candidatos para evitar provocar a ira do governo, o que equivaleria, para todos os efeitos, a abandonar as eleições? Essa atitude não apenas teria incentivado os abusos do governo, mas também eliminado a possibilidade de a Legião participar da vida política; e esse procedimento seria, naturalmente, adotado por todos os governos. Ao lutar para apresentar seus candidatos, o Movimento lutava por sua existência política, por seus direitos e por seu prestígio, sob a proteção das leis do Estado.

Travou-se em todo o país uma luta feroz entre as autoridades e os legionários: de um lado, as autoridades tentavam impedir a apresentação dos candidatos; de outro, os legionários procuravam apresentá-los. Em alguns departamentos, os legionários conseguiram entrar nos tribunais recorrendo a diversas estratégias; em outros, foram necessários verdadeiros confrontos para chegar ao gabinete da Comissão Eleitoral. O professor Basile Cristesco só conseguiu chegar ao tribunal de Giurgiu de arma em punho. Houve casos em que a polícia chegou a ocupar o interior dos tribunais. Delegações legionárias foram detidas e tiveram seus documentos confiscados no momento em que abriam a porta do gabinete do presidente.

Nessa demonstração de força, os legionários não se deixaram subjugar. Cada unidade teria considerado uma desonra não conseguir apresentar seus candidatos. A capacidade de sacrifício dos legionários acabou triunfando sobre o aparato de terror do governo. O Movimento conseguiu apresentar candidatos em 66 dos 71 departamentos. Enquanto isso, o apoio popular ao Movimento crescia enormemente e, na mesma proporção, aumentava o ódio ao Partido Liberal.

O método empregado pelo governo nessas eleições — impedir a apresentação de candidatos — era, sem dúvida, a maneira mais fácil de provocar quantos incidentes quisesse. Mas essa grave violação da legislação eleitoral não foi o principal aspecto da perseguição. Havia outro, ainda mais trágico. Pela primeira vez, o assassinato foi utilizado como meio de destruir o Movimento. Prisões, espancamentos e tudo o mais já não bastavam, e o governo foi muito além: o legionário passou a ser diretamente exposto à morte. Era uma verdadeira "temporada de caça", em que se podia atirar impunemente. Os policiais eram incentivados por seus superiores a abrir fogo contra os legionários. Aqueles que se mostrassem implacáveis na luta contra os *"perturbadores do Estado"* seriam recompensados pelo governo *"por sua bravura a serviço do país"*.

A ordem para derramar sangue inocente veio diretamente de Duca, chefe do governo. Foi Victor Iamandi, subsecretário de Estado do Ministério da Justiça, quem supervisionou a execução da política de extermínio da Legião.

A primeira vítima do terror liberal foi o estudante Virgil Teodoresco, de Constanța, morto por um sargento da polícia enquanto colava cartazes. O assassinato de Teodoresco inspirou Ion Mota, que estivera presente em seu funeral como representante do Capitão, a escrever o comovente artigo *Cabeças de madeira* para a publicação legionária *The Axe*, em 7 de dezembro de 1933:

"A testa de nosso camarada era bem arredondada, sua cabeça, muito pesada; e, no entanto, apesar de tudo, como foi leve para aqueles que o abateram. Com que facilidade resolveram tudo! Algumas formalidades civis, alguns interrogatórios, a autorização para o sepultamento — tudo

se deu rapidamente e de acordo com o protocolo. Hoje foi ele; amanhã serão outros. Com o tempo, as autoridades adquirirão verdadeira experiência nesses assuntos, e tudo será resolvido com ainda mais facilidade. Por que não criar um novo departamento governamental para essa nova tarefa: a limpeza social mediante o envio para o outro mundo dos indesejáveis da Romênia de hoje, indesejáveis que, apesar de tudo, são espiritualmente os elementos mais puros de nossa juventude, os mais patrióticos, os melhores nas escolas e nos exames, os melhores e mais queridos filhos de nossas famílias, o sonho levado a cabo pelo rei Carol. Pessoas de caráter. Jovens que sabem que nesse caminho os aguardam toda espécie de sacrifícios, toda espécie de insultos e nenhum benefício pessoal, mas que aceitam com alegria esse martírio pela Nação e pela Cruz.

É por isso que os assassinos de nosso camarada, assim como os instigadores do "sistema das cabeças de madeira", assumiram um pesado fardo diante de Deus, diante da Justiça do futuro e do julgamento da história romena."

Alguns dias depois, ocorreu outro assassinato em Iași. Os estudantes da cidade mandaram celebrar uma missa por seu camarada assassinado em Constanța. O exército chegou, interrompeu a procissão e obrigou os estudantes a se refugiarem no Salão Cultural Cristão. O exército cercou o local e manteve o cerco por três dias. Um operário legionário, Nitza Constantin, lançou vários pães aos estudantes sitiados, por cima da cabeça dos soldados que formavam o cordão de isolamento. Um deles abriu fogo contra ele, e Nitza Constantin caiu morto na hora.

Não foi realizada nenhuma investigação judicial neste caso, assim como não havia sido no anterior. O assunto foi abafado, e esses dois assassinatos, cometidos pelas forças da lei e da ordem, foram tratados como "incidentes eleitorais". O sargento da polícia que havia matado Teodoresco foi simplesmente transferido para outra cidade, não como punição, mas porque o governo temia que os legionários atentassem contra sua vida. Da mesma forma, a questão de quem atirou em Nitza Constantin foi deixada de lado. Pouco depois, o Centro soube da morte da terceira

vítima do terror liberal: o legionário Ion Balaianu morreu no hospital de Giurgiu em consequência das torturas. E a lista dos mortos estava apenas começando.

O governo decidira criar uma atmosfera de medo, havia despertado o gosto pela violência, e a polícia se lançava ferozmente contra os legionários onde quer que os encontrasse. Mas o governo alimentava planos ainda mais sombrios. Sua intenção era provocar um confronto entre legionários e policiais para matar o próprio Codreanu e justificar sua morte como mais um "incidente eleitoral".

Ciente do perigo, o Capitão não deixou Bucareste, contrariando seu hábito de visitar vários departamentos durante as campanhas eleitorais.

No entanto, o terror não produziu os resultados desejados pelo governo. As autoridades não haviam conseguido impedir o Movimento de apresentar seus candidatos nem de conquistar um apoio popular cada vez maior. As acusações, difundidas pela imprensa governista, de que o Movimento "era anarquista e terrorista" já não tinham peso entre o povo. Relatórios enviados ao Ministério da Justiça alertavam que, se o Movimento participasse das eleições, obteria um número considerável de votos, e a ameaça que o governo pretendia eliminar se tornaria ainda maior. Foi por isso que o Movimento não chegou a participar das eleições. Antes de se tornar primeiro-ministro, John Duca concordou em proibir a Legião pela terceira vez.

X. A Proibição do Movimento Legionário.

O governo havia decidido que a proibição da organização legionária não ocorreria antes do encerramento do prazo para a apresentação das candidaturas. Somente anunciando-a naquele exato momento a medida produziria todos os seus efeitos. Em outras palavras, caso houvesse sequer um dia livre, existiria a possibilidade de os legionários apresentarem outros candidatos, sob uma denominação criada para esse fim, o que frustraria os propósitos do Conselho de Ministros. Para eliminar essa

possibilidade, o documento que anunciava a proibição do Movimento só foi publicado na noite de 9 para 10 de dezembro, depois da qual, de acordo com a legislação eleitoral, nenhuma outra candidatura poderia ser apresentada.

É significativo que a proibição da Guarda de Ferro não tenha sido feita por Decreto Real, mas tenha resultado de uma decisão do Conselho de Ministros. Embora o rei estivesse profundamente envolvido na conspiração para destruir o Movimento Legionário, não quis apor sua assinatura a tal decreto, deixando que toda a responsabilidade recaísse sobre John Duca.

Agindo às pressas e improvisando à medida que avançava, o governo tornou-se alvo de ridículo. O documento do Conselho de Ministros anunciava a dissolução da *Legião do Arcanjo Miguel* e da *Guarda de Ferro*, embora nenhum desses grupos estivesse registrado na Comissão Eleitoral Central. Essas organizações já haviam sido dissolvidas em 1931. O Movimento apresentara seus candidatos sob a denominação de *"Associação Corneliu Zelea Codreanu"*, nome que o Capitão já havia utilizado nas eleições gerais de 1932. Depois de algumas horas, o governo percebeu que as disposições do documento do Conselho de Ministros não se aplicavam às listas legionárias e, por isso, complementou-as com uma nova decisão, que estabelecia que a proibição também se estendia à *"Associação Corneliu Zelea Codreanu"*. O sofrimento estava apenas começando!

Após a proibição, o governo ordenou a prisão de todos os legionários, desde seu Chefe até o recruta mais recente. A política romena jamais fora conhecida por seu respeito à lei. Apesar das garantias constitucionais, os cidadãos muitas vezes se viam sem qualquer recurso diante das manipulações do Poder Executivo. No entanto, nunca se tinha visto uma perseguição como aquela. Mais de 11.000 pessoas foram arrancadas de suas casas e lançadas na prisão. Segundo as leis do país, nenhum cidadão podia permanecer detido por mais de 24 horas sem acusação formal. Duca suprimiu todos os direitos constitucionais e, ilegalmente, colocou-se no lugar da autoridade competente para ordenar as prisões. Os detidos não

eram prisioneiros da lei; haviam sido levados pelo governo e mantidos à força na prisão. As prisões não foram efetuadas pelas autoridades civis nem pelo exército, mas pela polícia e pelos prefeitos dos departamentos. Nenhum detido foi submetido a investigação por um juiz de instrução ou por um promotor. Não foi expedido um único mandado de prisão. Duas semanas depois, quando as eleições já haviam sido "vencidas" pelo governo, todos foram libertados sem qualquer intervenção dos tribunais.

Mota e Marin, por exemplo, permaneceram 19 dias na prisão militar de Jilava. Fizeram um pedido após outro para que sua situação fosse esclarecida e fossem levados perante os tribunais. Chegaram até a fazer uma greve de fome de cinco dias. Enviaram protestos por toda parte, inclusive ao rei. Procuraram advogados em todas as instâncias, pedindo-lhes que fizessem algo para pôr fim àquelas detenções ilegais. Tudo em vão! Ninguém respondeu a seus apelos! Quando finalmente foram libertados, o diretor da prisão, coronel Izet, concordou em lhes fornecer, a pedido deles, declarações que atestavam a natureza ilegal das detenções. De posse desses documentos, recorreram à Justiça, exigindo a punição de Victor Iamandi, subsecretário de Estado do Interior.

Entre os detidos estavam muitas figuras de destaque da elite da capital: o príncipe Alexander Cantacuzène, o poeta Radu Gyr, o escritor e jornalista Michael Polichroniade, o engenheiro Virgil Ionesco, os advogados Vasile Marin e Ion Moța, entre outros. Muitas prisões em todo o país mantinham detidas várias personalidades importantes: os advogados Ilie Garneata e Corneliu Georgesco, fundadores do Movimento Legionário, o professor Basil Cristesco, o professor Ion Codreanu, o arcipreste Ion Moța, o advogado Mille Lefter, o professor Nicolae Patrasco e inúmeros outros.

Com essas prisões em massa, o governo pretendia semear o terror no coração do povo: *"Quem se associar a esses subversivos deixará de contar com a proteção da lei"*, repetia-se de todas as formas imagináveis. Era possível ser preso, maltratado ou morto sem que as autoridades competentes interviessem. Desse modo, o governo lançou uma advertência inequívoca ao país e traçou uma linha divisória entre a massa do povo

romeno, que suportava os abusos em silêncio, e aquele grupo de “dissidentes” e “agitadores”. A advertência também se dirigia aos pais, levando-os a proibir que seus filhos se associassem àqueles “extremistas”, pois disso dependia a vida deles. Quando se trata de preservar a ordem pública, o Estado não recua diante de nada, mesmo correndo o risco de parecer cruel e desumano, mesmo correndo o risco de atingir inocentes.

A manutenção dos legionários na prisão também visava a um objetivo imediato, diretamente ligado à situação eleitoral do governo. A corrente favorável ao Movimento era tão forte que o governo temia ser derrotado caso os legionários fossem libertados após a proibição. Previa-se que votariam nos partidos de oposição e fariam propaganda em favor deles, com o objetivo de enfraquecer os liberais. Mantendo-os atrás das grades durante as eleições, o governo evitava qualquer possível revés. Codreanu, aliás, havia dado ordens, na manhã de 10 de dezembro, após a proibição, para que os legionários votassem nos partidos de oposição: na Transilvânia, em Jules Maniu; no Antigo Reino e nas demais províncias, em George Bratianu e no marechal Averesco.

O Capitão havia estimado, de forma conservadora, que os votos legionários chegariam a cerca de 200.000. Os legionários presos não representavam apenas 11.000 votos a menos, mas também 11.000 propagandistas ativos que, em liberdade, teriam impedido a vitória do governo nas eleições que se aproximavam.

XI. General Cantacuzène.

Durante aqueles dias sombrios, o Capitão teve a sorte de contar com o general Cantacuzène ao seu lado. Descendente da família imperial dos Cantacuzène de Bizâncio, por meio de um ramo que se estabelecera nos Principados Romenos, o general tinha entre seus antepassados uma longa e ininterrupta linhagem de figuras importantes e até mesmo de príncipes reinantes.

Durante a Primeira Guerra Mundial, da qual emergiu a Grande Romênia, o general havia combatido ao lado de suas tropas de fronteira nos montes Cárpatos, em um dos setores mais árduos de toda a frente. Daí veio seu apelido, *Granicerul* (Guarda de Fronteira). Coberto de glória, tendo recebido as mais altas condecorações tanto na Romênia quanto no exterior, tornara-se uma figura lendária do Exército romeno.

Como os homens de sua geração, ele havia retornado da frente com o desejo de ver seu país não apenas maior em extensão, mas também renovado nos planos político e social. Agora, o general Cantacuzène estava profundamente decepcionado com a atuação dos partidos. Todos os setores do Estado estavam corroídos pela corrupção, e os estrangeiros haviam se tornado os verdadeiros senhores do país. Depois de deixar o exército, ingressou em um grupo político cujo objetivo era punir os culpados e eliminar a corrupção da vida pública: *"A Liga de Vlad, o Empalador"*, liderada por Gregory Filipescu. Pouco tempo depois, percebeu que se tratava apenas de um grupo de fachada da camarilha corrupta romena, criado para conter o descontentamento popular.

Revoltado com essa primeira experiência, não tinha intenção de passar por uma segunda. Em relação ao Movimento, mantinha distância, como tantos homens honestos, enganados pelas campanhas difamatórias dos partidos. No verão de 1933, assim como muitos moradores da capital, foi visitar o Campo de Trabalho de Bucureștii-Noi, onde estava sendo construída a Casa Verde. Aquela obra o deixou admirado. Nela, descobriu um mundo que tocava o coração de um soldado: o espírito de sacrifício, o desejo de criar, a disciplina, a dignidade humana. Entre aqueles jovens, que dormiam em barracas e comiam em latas, que amassavam barro sob um calor sufocante e trabalhavam entoando canções patrióticas, sentiu-se como se estivesse novamente entre seus soldados na frente de batalha. Parecia-lhe reviver os melhores dias da grandeza nacional.

Havia, portanto, outro país, diferente daquele que conhecera desde a guerra. Na Guarda de Ferro, tão difamada, encontrara aquele punhado de homens empenhados em salvar a nação do colapso. Acabara de descobrir uma nova razão para viver. Dedicou os últimos anos de sua vida a conduzir

essa juventude corajosa e íntegra rumo ao governo do país. Protegeu-os, colocou em ação e à disposição do Movimento tudo o que possuía: sua pequena fortuna, seu enorme prestígio no exército e na vida pública e até a própria vida.

Imediatamente após tomar conhecimento da proibição, o Capitão entregou o comando do Movimento ao general Cantacuzène e retirou-se do cenário político. Na manhã de 10 de dezembro de 1933, o general realizou seu primeiro ato em favor do Movimento, transmitindo a ordem do Capitão sobre como os legionários e seus apoiadores deveriam votar.

Muitos legionários se apressaram até a casa do General em busca de informações e ordens. Sem que ele tivesse desejado isso, o General se tornou, naquelas circunstâncias dramáticas, o pilar central do Movimento. Sua casa, no número 3 da rua Gutenberg, transformou-se na sede secreta da organização. Legionários procurados pela polícia encontraram refúgio ali. As autoridades não se atreveram a forçar a entrada. Seu prestígio na capital era tamanho que nem mesmo um governo à margem da lei se arriscaria a enfrentá-lo.

O General tratava com as autoridades à distância e sem muita cerimônia. Inspirava os legionários que o procuravam e atacava violentamente os liberais. Falava com franqueza ao mundo, atribuindo ao governo a responsabilidade por tudo o que aconteceu e proclamando que a proibição não ficaria sem resposta. Como os conhecia, limitou-se a aguardar a resposta dos legionários.

XII. A Morte Violenta de Duca.

As eleições haviam terminado. Na véspera de Natal, a maioria dos legionários foi libertada. No entanto, abriu-se uma exceção para os líderes: eles foram obrigados a passar a festa da Natividade na prisão, sob o olhar de guardas desdenhosos. Era uma crueldade inútil, concebida pelo governo para humilhar as almas sofridas daqueles homens.

A opinião pública se revoltou com o caso, e protestos surgiram por todo o país: eclesiásticos, figuras políticas dos partidos de oposição, professores universitários, generais — todos exigiam o fim dessas detenções arbitrárias.

Em algumas regiões, os protestos surtiram efeito; pressionadas pela opinião pública, as autoridades foram obrigadas a libertar os legionários. Em outras, porém, continuaram a cumprir à risca as ordens do governo. Ion Mota, Vasile Marin e Sterie Ciumetti permaneceram na prisão e só foram libertados na tarde de 29 de dezembro de 1933. O destino velava por eles, pois, às nove da noite daquele mesmo dia, John Duca, primeiro-ministro do país e líder do Partido Liberal, tombou morto nos degraus da estação de Sinaia, abatido por três legionários.

A opinião pública aguardava uma resposta. As injustiças cometidas pelo governo haviam gerado no país um espírito de revolta e uma tensão explosiva. Era possível cortar aquela atmosfera com uma faca. De onde viria o golpe de misericórdia? Ninguém sabia, mas todos pensavam que as coisas não poderiam parar por ali. A história da Legião não podia terminar com a vitória da força bruta. O fatalismo pairava sobre a política romena. Duca havia se colocado numa posição insustentável, atraindo para si todo o ódio e toda a hostilidade. Tornara-se detestado até mesmo nas fileiras dos outros partidos. As eleições haviam sido conduzidas de maneira tão ultrajante e com tamanha selvageria que a oposição fora literalmente dizimada. Um partido tão impopular quanto o Partido Liberal obtivera uma maioria esmagadora nas eleições de 20 de dezembro.

Assim que o assassinato de Duca se tornou conhecido, causou forte impacto, mas não provocou surpresa. O comentário — do mais humilde cidadão aos líderes políticos — era o mesmo em toda parte: *“Era apenas uma questão de tempo!”*

Os autores do atentado eram três estudantes: Nicolae Constantinesco, Doru Belimace e Constantin Caranica. A partir de então, ficariam conhecidos na história da Legião como os ***NICADORI***, palavra formada por sílabas de seus nomes cristãos.

Nicolae Constantinesco era um aluno brilhante da Academia de Comércio. Durante o verão, fora gravemente ferido quatro vezes em confrontos com a polícia. Enquanto estava na Transilvânia, a proibição o pegara de surpresa. Constantin Caranica e Doru Belimace também eram estudantes. Faziam parte de um grupo de jovens intelectuais macedônios que, depois da guerra, haviam ido para a Romênia a fim de prosseguir os estudos universitários. Perseguidos em seu país de nascimento, a Grécia, porque se recusavam a renegar seu país de origem, a Romênia, tiveram a infelicidade de constatar que não eram tratados de forma melhor na própria Romênia. Feridos em seu orgulho nacional, recorreram ao único homem capaz de compreender seu sofrimento: *Corneliu Codreanu*.

A ideia de atentar contra a vida de Duca havia surgido na mente de Nicolae Constantinesco enquanto ele estava preso em Făgăraș. Esse espírito de revolta que havia dentro dele rompeu os limites da disciplina legionária, levando-o à decisão de matar o homem que considerava responsável pelas desgraças da Legião e por todo o sangue derramado. Ainda na prisão, expôs seu plano a um companheiro de cela, Toader Ioras, e os dois decidiram que, assim que fossem libertados, iriam a Bucareste, conseguiriam armas e matariam Duca na primeira oportunidade.

Na realidade, mal saiu da prisão, Constantinesco pôs seu plano em prática com determinação absoluta. No entanto, em vez de seguir seu plano original, tomou como cúmplices os dois macedônios, Belimace e Caranica, que considerava mais firmes e espiritualmente mais preparados para uma ação desse tipo.

O primeiro-ministro havia sido convocado para uma audiência com o rei em Sinaia, em 29 de dezembro de 1933. Precisava retornar à capital naquela mesma noite. Informados de seus deslocamentos, os três legionários também foram a Sinaia e passaram o dia ali, aguardando a volta de Duca. Ele surgiu nos degraus, dirigindo-se ao trem. Constantinesco gritou seu nome; Duca se virou e recebeu vários tiros na cabeça. A morte foi instantânea. Constantinesco se entregou imediatamente às autoridades. A tarefa de Belimace e Caranica era lançar rojões nos

degraus para semear o pânico entre os guarda-costas de Duca. Ambos também foram presos algumas horas depois.

O Capitão havia escapado da prisão na noite de 9 para 10 de dezembro, pois soubera com várias horas de antecedência da decisão do governo de proibir o Movimento. Deixara a sede e estava escondido na capital. Codreanu sabia que, naquelas circunstâncias, o governo não hesitaria em assassiná-lo. Na atmosfera de terror que reinava no país, não era difícil acreditar que algum oficial pudesse atirar nele, alegando que resistira à prisão.

É evidente que um homem perseguido como um animal não poderia se dedicar a tramar complôs nem, pelas mesmas razões, dirigir a organização. Além disso, enquanto o Capitão era procurado pela polícia em toda parte e passava de um esconderijo seguro a outro, o líder do grupo responsável pelo assassinato, Constantinesco, estava preso em Făgăraș.

Desde suas primeiras declarações, Nicolae Constantinesco revelou seu conflito de consciência. Estava disposto a demonstrar *diante de testemunhas e com testemunhas* que se encontrava na prisão quando tomou a decisão de matar Duca. Depois de libertado, procurou cúmplices para a tarefa e aguardou o momento de agir. Não havia se encontrado com Codreanu nem mantido contato com nenhum dos líderes da Legião. Era o único responsável por seu ato. A liderança do Movimento Legionário não tivera qualquer participação no atentado. Se ele havia rompido a disciplina legionária, fora num momento de profunda perturbação, porque já não suportava os golpes e as humilhações das autoridades. Ao mesmo tempo, quisera vingar os crimes cometidos pelo governo contra ele e seus camaradas.

Essas declarações não agradaram ao governo. Eles queriam uma conspiração, uma conspiração a qualquer custo, porque somente uma conspiração lhes permitiria envolver a liderança da Legião no atentado. Como a conspiração não existia, trataram de criar uma com documentos falsificados pela polícia.

Durante o inquérito, os três estudantes foram submetidos a terríveis torturas para que deles fossem arrancadas as declarações que o governo desejava. Heroicamente, resistiram a esses métodos. Sabiam perfeitamente das consequências catastróficas que qualquer declaração feita nos termos pretendidos pelo governo teria para a Legião, mesmo que fosse obtida sob tortura. Lutaram corajosamente contra a fraqueza de seus corpos exaustos e ensanguentados. Felizmente, naquela época, a polícia romena ainda não conhecia *"as avançadas técnicas policiais dos soviéticos"*; caso contrário, teria conseguido o que queria.

A morte de Duca provocou explosões de fúria inimagináveis no Partido Liberal. O governo fora decapitado justamente quando celebrava sua vitória eleitoral, uma vitória alcançada por meio do esmagamento da Legião. O ministro da Justiça ordenou a prisão e o encarceramento de todos os legionários do país, a maioria dos quais havia sido libertada poucos dias antes. Dessa vez, o número de detidos foi muito maior do que na proibição anterior: mais de 18.000 legionários.

As cenas de terror do início de dezembro se repetiram em escala dez vezes maior. Jovens que sequer haviam tido tempo de saber do assassinato foram presos no meio da noite, arrancados do seio de suas famílias, tratados como criminosos perigosos e novamente encarcerados, sem que acusação alguma lhes fosse imputada. O governo não efetuou prisões diretamente relacionadas ao assassinato, o que exigiria o cumprimento de certas formalidades legais; simplesmente prendeu todos os legionários e até mesmo amigos e simpatizantes do Movimento, como fizera na época da proibição.

Como o governo justificou essas ações?

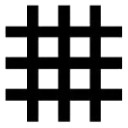
"Para descobrir os líderes da "conspiração legionária" que custara a vida do primeiro-ministro" — respondeu o porta-voz parlamentar. Naturalmente, ninguém se convenceu. Uma conspiração, por definição, envolve um pequeno número de pessoas. O encarceramento de milhares não poderia ter qualquer relação com algo assim. Foi um ato de pura vingança por parte do Partido Liberal e, ao mesmo tempo, um meio de intimidar a população. Não foram apenas os responsáveis pela morte de

Duca que tiveram de sofrer as consequências de seu ato, mas todos os membros, pelo simples fato de pertencerem a *“essa organização criminosa”*.

Todo o ódio dos liberais se concentrou em Corneliu Codreanu. Para ele, não poderia haver justiça nem piedade. Victor Iamandi, subsecretário de Estado da Justiça, havia dado ordens urgentes à polícia: caso ele caísse em suas mãos, deveriam matá-lo o mais depressa possível. Sua prisão e seu assassinato eram considerados apenas uma questão de dias. Nas províncias, já se espalhara o boato de que Codreanu havia sido baleado, a fim de acostumar tanto a opinião pública quanto os legionários à ideia de sua morte.

Entre os últimos prisioneiros libertados de Jilava na tarde de 29 de dezembro estava Sterie Ciumetti, tesoureiro da organização e conhecido pela polícia como um dos últimos a ter visto o Capitão, dada a importância de sua posição. Na noite da morte de Duca, Ciumetti, mal havia voltado para casa, foi novamente preso e submetido a torturas terríveis para que revelasse o paradeiro do Capitão. A polícia supunha que Ciumetti mantivera contato com o líder ou sabia onde ele estava escondido. Não conseguiram arrancar absolutamente nada dele. Enfurecidos com sua resistência sobre-humana, os oficiais o mataram e lançaram seu corpo, crivado de balas, às margens de um lago perto de Bucareste. O inquérito instaurado posteriormente terminou com a suspensão do processo contra os oficiais culpados.

Todo o peso do Estado foi mobilizado para prender o Capitão. O país inteiro foi revirado de cima a baixo. Nas montanhas, nos mosteiros e nos povoados mais distantes, a polícia chegava ameaçando e aterrorizando a população. O Capitão continuava em liberdade. Escondido em Bucareste, era um milagre que conseguisse escapar daqueles que haviam jurado caçá-lo.



XIII. Em uma Atmosfera de Violência.

A morte repentina de Duca dera ao governo a oportunidade de inundar novamente o país com as velhas mentiras sobre o Movimento Legionário: *“uma organização terrorista”* que promovia *“o culto à violência”*; um movimento que pretendia chegar ao poder por meio de um golpe de Estado para instaurar uma *“ditadura sangrenta”*.

Especialmente na França, graças à relação entre os principais jornais parisienses e Titulesco, a morte de Duca foi comentada da maneira mais depreciativa possível em relação ao Movimento. O atentado de Sinaia, escreveu a imprensa francesa, não deixa dúvidas quanto ao caráter terrorista desse grupo, e é lamentável que governos anteriores tenham tolerado suas atividades subversivas.

Não se encontrará uma única linha nos materiais legionários que possa ser interpretada como uma crença do Movimento na violência. Ao contrário dos comunistas e dos fascistas, Codreanu havia repudiado claramente a ideia de tomar o poder pela ação direta. As teorias de Sorel não o atraíam. Codreanu não criara o Movimento com a intenção de transformá-lo em um instrumento de revolta contra a ordem vigente. Na formação política ministrada aos legionários, insistia especialmente na necessidade de agir sempre dentro dos limites da lei. A luta do Movimento sempre respeitara plenamente a ordem devidamente constituída do Estado. A propaganda legionária era formulada de acordo com a lei do país: *“Tantos direitos nos são concedidos pela Constituição; procuraremos atuar politicamente até onde ela nos permitir”* — ensinava Codreanu.

Sem dúvida, o Movimento Legionário havia erguido a bandeira de uma revolução. Toda revolução visa mudar a ordem vigente. Mas a revolução legionária não se restringia à esfera política; ia além da política. Trazia a marca de uma transformação muito mais profunda, que atuava sobre os fundamentos espirituais do Indivíduo e da Nação. O Movimento buscava criar um novo tipo de romeno, fiel a valores morais e nacionais absolutos. As mudanças políticas e sociais ocupavam um plano secundário, como subproduto das mudanças espirituais. A vitória do Movimento deveria

surgir como consequência de um “processo” interior de convencimento que se realizaria na consciência nacional. Quando esse processo conquistasse a grande maioria da nação, a vitória viria por si só, pois uma maioria de indivíduos apoiando o Movimento garantiria uma maioria legionária no Parlamento e em qualquer referendo.

Naturalmente, a condição prévia para a ascensão normal do Movimento ao poder era que as leis do Estado fossem respeitadas por todos os partidos. O Movimento Legionário se comprometera a não ultrapassar os limites constitucionais vigentes, mas exigia que todos os partidos assumissem o mesmo compromisso em suas relações com o Movimento.

Para sustentar as acusações injustas feitas contra o Movimento, o governo apresentou à opinião pública, como prova documental, uma série de ações violentas cometidas por membros da Legião desde sua fundação, ainda sob a liderança de Codreanu: os casos Manciu e Vernischesco, os inúmeros confrontos com a polícia e a mais recente ação sangrenta, o assassinato de Duca. Ao apresentar esses acontecimentos isolados como um quadro completo, retirados de seus contextos, não há dúvida de que o governo conseguiu dar certa aparência de fundamento a essas acusações.

E, no entanto, tudo não passava de uma farsa! Quem desejasse obter informações objetivas sobre esses “crimes” e compreendê-los deveria também se interessar pelo que os havia precedido. Essas ações não haviam sido praticadas por iniciativa legionária como meros atos de terrorismo inútil e gratuito. Não foram os legionários que começaram a atacar as autoridades porque sua ideologia os impelisse à violência como único meio de chegar ao poder. Muito pelo contrário. Foi o governo que tomou a iniciativa; foram as autoridades que primeiro investiram contra os legionários; foram elas que os prenderam, espancaram, torturaram e mataram. A *“violência legionária”* fora apenas uma resposta ao terror e à violência de seus adversários. Em todos os casos, os legionários agiram em legítima defesa. As provocações haviam atingido o auge da brutalidade sob o governo liberal, no outono de 1933, quando suscitaram a reação dos *“Nicadori”*.

O governo perpetuava essa confusão, agindo sem temer qualquer censura. Era absolutamente impossível publicar algo sobre os crimes cometidos por ele. Por ordem do governo, cidadãos haviam sido mortos enquanto exerciam seus legítimos direitos políticos. O simples ato de afixar um cartaz custara a vida de Virgil Teodoresco.

Como pode um governo conquistar respeito quando tira a vida daqueles que tem o dever de proteger? Com seus próprios excessos, o governo destruíra a base legal de sua autoridade. Transformara as relações jurídicas entre governantes e governados em relações de força. Os legionários de modo algum se insurgiam contra a lei e a ordem; apenas se opunham à violação delas por aqueles que, detendo temporariamente as rédeas do poder, convertiam-nas em privilégios e expunham ao ridículo as instituições do Estado.

Pode alguém conter sua repulsa ao ver que homens honestos e leais já não encontram no Estado qualquer amparo para a proteção de seus direitos? Ou ao ver que os oprimidos, levados ao desespero por golpes, injustiças e humilhações, infligiram aos tiranos uma merecida retaliação? Esse era o contexto e a atmosfera em que ocorreu a violência atribuída aos legionários.

Tais reações são naturais e previsíveis. Nenhum homem que não tenha perdido o senso de honra e que ainda conserve dentro de si um mínimo de dignidade humana pode aceitar para sempre golpes e insultos. Chega um momento em que ele precisa escolher entre a mentalidade de um escravo e a atitude de um homem livre.

Os ataques dirigidos contra os legionários não os tinham como alvo apenas enquanto indivíduos. A brutalidade possuía um significado mais profundo, de natureza política e espiritual. Eles eram perseguidos por pertencerem ao Movimento Legionário. Não era a primeira vez, no caso Duca, nem seria a última, que os legionários se viam diante da escolha entre ceder perante um Estado terrorista ou recorrer à violência para sobreviver. Se se tratasse de um grupo político comum, fundado em interesses pessoais, não há dúvida de que seus membros teriam cedido ao primeiro sinal de pressão do governo e buscado satisfazer seus interesses

em outro lugar. O Movimento Legionário, porém, possuía uma estrutura e uma mentalidade diferentes. Era um instrumento do destino nacional. A covardia de seus membros diante de tamanha injustiça e de abusos de poder em tal escala teria ameaçado os caminhos do progresso histórico do povo romeno. O problema era extremamente complexo. Os legionários poderiam ter adotado uma postura mais discreta e sofrido menos. Mas não eram movidos por interesses pessoais: **consideravam-se investidos de uma missão**; haviam prestado um juramento solene a serviço de seu país.

Como dizia Mota, para eles a política era uma religião. Não viam nela um meio de satisfazer seus desejos pessoais, mas de construir e fortalecer a Nação. Por isso, o inimigo precisava ser enfrentado a qualquer custo; era vital deter a avalanche de ilegalidades e crimes que ameaçava aniquilar o Movimento e reduzir o país à escravidão. Era indispensável fazer o gesto necessário para impor respeito pela Legião. Os legionários, como indivíduos, podiam morrer, mas não o Movimento nem seus preciosos ideais. Sem essa ação "extrema", realizada com plena consciência de sua importância, o Movimento teria sido eliminado da vida política muito antes. Se Duca tivesse sobrevivido, depois de todos os seus crimes, podendo vangloriar-se de que, com a ajuda de métodos desse tipo, *"talvez um pouco mais intensos, embora necessários, os jovens acabariam se acalmando"*, o caso da Guarda de Ferro teria sido encerrado em 1933. Nesse trágico dilema em que seus adversários colocaram o Movimento tantas e tantas vezes, ele sempre escolheu o caminho da honra. Sempre surgiam *"anjos vingadores"*, homens da elite plenamente convencidos da importância de seu sacrifício, para que, além de seu martírio, a Guarda de Ferro pudesse continuar avançando vitoriosamente.

Depois da proibição, Corneliu Codreanu fizera circular, de seu esconderijo, um boletim no qual denunciava os crimes do governo Duca contra uma organização política que se mantivera rigorosamente dentro dos limites da lei:

"Desde julho", afirmou ele, "a Guarda de Ferro não havia organizado nenhuma reunião pública, não havia causado qualquer perturbação, não havia impresso material de propaganda nem entrado em

conflito com nenhuma autoridade pública. A única atividade da Guarda havia sido um trabalho de educação e construção. Construímos o Salão em Bucureşti-Noi.

Trabalhamos ali e sentimos o coração se encher de alegria ao vermos o fruto de nosso esforço comum erguer-se cada dia mais alto sob a bênção de Deus.

Esses homens não eram culpados de qualquer delito, não atacaram ninguém; nem sequer saíram do caminho!

Foi nesse contexto que o senhor Duca chegou ao poder com suas constantes ameaças de proibir a Guarda de Ferro — em conformidade com os compromissos assumidos com banqueiros estrangeiros, os verdadeiros senhores da Romênia.

O que poderia ter justificado a proibição da Guarda?

1. Nossa atitude? Nossas atividades? Problemas graves ou sequer de menor importância? Ação subversiva? Terrorismo? Dificilmente! Nada disso existia.

2. Ou talvez um temor justificado de que disputássemos o poder? De modo algum! Na verdade, não trabalhamos pensando no presente. Trabalhamos pensando no futuro. Não pedimos nem queremos ser o governo. Além disso, pouco nos importa quem de fato governa. Isso nos é inteiramente indiferente. O que nos interessa é a Romênia de amanhã e, por essa razão, gostaríamos de participar, na devida proporção — para nossa própria formação —, de todas as atividades do momento: Parlamento, jornalismo, ciência, arte e assim por diante. Rejeitamos igualmente a acusação que constantemente nos lançam de que estamos preparando um golpe de Estado. Um golpe de Estado pressupõe o desejo de governar imediatamente.”

Aliás, nunca se tratou de nos impedir de tomar uma iniciativa violenta ou cometer alguma ilegalidade; ao contrário, houve uma tentativa de nos impedir, por meio da violência, de seguir o caminho da legalidade.

E agora uma pergunta direta: como esse homem com coração de fera, o Sr. John Duca, justifica todo o sangue que derramou, o sangue romeno de nossos camaradas inocentes?

Até mesmo o recurso aos tribunais nos foi negado, como se fôssemos cães raivosos. Nossos incontáveis pedidos de reparação legal não obtiveram resposta. Dezenas de milhares de jovens, que conhecem e respeitam a postura adotada pelos tribunais de países estrangeiros em casos semelhantes, sofrem enquanto desejam conservar sua fé nas virtudes da justiça romena.

É possível que, em um país onde existe justiça, homens contra os quais nenhuma acusação pode ser formulada sejam torturados durante semanas a fio sem conseguir obter reparação de forma alguma?

No entanto, a verdadeira justiça, e não aquela que se compra nos tribunais, deve reconhecer nossos direitos. É a ela que recorremos.

Queridos camaradas, que passarão o Natal na prisão, com o corpo alquebrado e o coração aflito, não se deixem abater por esse isolamento, pois Deus não está contra nós e, portanto, jamais poderemos ser vencidos. Cerraremos novamente nossas fileiras dispersas, e a Guarda de Ferro sairá desse sofrimento mais forte do que nunca."

XIV. O Julgamento.

As prisões de todo o país haviam se tornado insuficientes para abrigar todos os legionários detidos. Por meio de sucessivas triagens realizadas pelas autoridades provinciais, no início de fevereiro de 1934, a maioria dos legionários presos foi libertada. Aqueles que, após as investigações locais, eram considerados perigosos e suspeitos de algum envolvimento nos atentados permaneceram detidos e depois foram enviados a Bucareste para novas investigações. Desse modo, todos os legionários das províncias e os que haviam sido presos na capital foram concentrados na prisão militar de Jilava.

Jilava era uma fortaleza desativada nos arredores de Bucareste. Suas casamatas, construídas no subsolo, eram usadas como celas de detenção. As paredes dessas celas transpiravam umidade, e delas escorria água constantemente. A palavra “jilava” significa úmido.

O sol só conseguia alcançar o pátio interno por um breve período durante a manhã e, para ver o céu, era preciso olhar para cima. Uma permanência prolongada naquela prisão arruinava para sempre a saúde de um homem. Por isso, ela era usada apenas como prisão provisória para aqueles que seriam entregues aos tribunais militares.

Após a morte de Duca, o rei confiou a presidência do Conselho de Ministros ao Dr. Angelesco, ministro da Educação Nacional. Ele permaneceu como primeiro-ministro por apenas alguns dias, sendo substituído, em 3 de janeiro de 1934, por outro liberal, George Tataresco. O novo governo decretou estado de emergência e impôs a censura por seis meses. Do ponto de vista da ordem pública, essas medidas eram desnecessárias. Ninguém perturbava a paz, a não ser o próprio governo, que, por meio da detenção ilegal de milhares de cidadãos, provocava um descontentamento permanente entre a população.

O estado de emergência foi instaurado para criar um clima propício ao terror. Também tinha um objetivo igualmente importante para o governo: garantir a condenação da liderança da Legião. De fato, em períodos normais, o julgamento dos assassinos e de seus cúmplices teria de ser levado ao Tribunal da Coroa, diante de um júri civil, procedimento que, dadas as experiências anteriores de repressão governamental, não produziria o efeito desejado. Naquela época, os liberais eram detestados por todos, sem exceção, de modo que se podia ter certeza de que não apenas a liderança da Legião seria absolvida, mas também os autores do assassinato.

Decretado o estado de emergência, a instrução e o julgamento do assassinato de Sinaia passaram à jurisdição dos tribunais militares. Além disso, essa interpretação do decreto foi manipulada, pois o assassinato de Duca ocorrera antes da proclamação do estado de emergência e, portanto, o julgamento pertencia, legal e inequivocamente, à jurisdição do Tribunal

da Coroa. Pouco importava ao governo que o decreto fosse aplicado retroativamente! Havia muito tempo ele perdera todo o senso de proporção no que dizia respeito às leis do país. Para conseguir a condenação dos líderes da Legião, o que representava mais um crime depois dos milhares cometidos até então?

No entanto, os governos da Grande Romênia haviam acumulado experiências amargas em seus processos contra a Guarda de Ferro. Nem os Tribunais da Coroa nem os Tribunais de Magistrados haviam se submetido às exigências do Poder Executivo. À medida que aumentava o número de ataques contra os legionários, o Judiciário restabelecia o equilíbrio entre os poderes do Estado, proferindo, quase sem exceção, veredictos de absolvição.

A postura digna do Poder Judiciário levou os inimigos da Legião ao desespero. Todas as tentativas de destruir o Movimento por meio da lei haviam fracassado. Restava apenas uma opção para a camarilha monarquista e o Partido Liberal: a lei militar.

Acreditava-se que os tribunais militares, compostos por oficiais, seriam menos influenciados pela opinião pública do que os tribunais civis. Se necessário, caso o julgamento não tomasse o rumo desejado pelo governo, uma ordem vinda de cima poderia lembrar aos oficiais qual era seu “dever”.

No início de março de 1934, quase todos os legionários presos em Jilava foram libertados, ficando entregues à justiça militar, além dos três autores do assassinato, um grupo de 52 pessoas. Entre os acusados estavam Corneliu Codreanu, o general Cantacuzène, o professor Ion Codreanu, Ion Mota, o engenheiro Clime, Ion Banea, Nicolae Totu e outros. Todos eles, considerados pelo governo integrantes do núcleo dirigente da Legião, estavam destinados a apodrecer na prisão.

Era evidente que um grupo tão numeroso não poderia ter sido responsável apenas pelo assassinato. Uma conspiração não envolve cinquenta pessoas, sobretudo naquelas circunstâncias, quando todos os líderes estavam escondidos ou presos. Que participação no assassinato

poderia ter tido Ion Mota, que permanecera na prisão até a tarde de 29 de dezembro e só fora libertado algumas horas antes de o atentado ocorrer?

Depois de começar com prisões em massa e, em seguida, libertar os detidos por etapas, o governo queria dar a impressão de que agira com objetividade e no interesse do caso. Ou seja: à medida que as investigações avançavam, libertava os “inocentes”, mantendo encarcerado apenas um pequeno número de líderes, que teriam de responder perante a justiça por seus atos. Ao separar a massa de legionários da liderança, depois que todos haviam passado por um labirinto de investigações, pretendia-se tornar ainda mais evidente a suposta culpa dos dirigentes.

O julgamento fora marcado para 17 de março de 1934, perante o Conselho Militar do Segundo Corpo de Exército, reunido no Quartel de Malmaison, em Bucareste. A participação do general Cantacuzène nesse julgamento desempenhou um papel providencial. Por ser general, ele só poderia ser julgado por seus pares, de modo que o tribunal teve de ser composto exclusivamente por generais. O presidente do tribunal era o general Ignat, e os demais membros eram os generais Costandache, Comanesco, Dona e Filip. O general Petrovicesco fora nomeado promotor do Rei.

A composição incomum desse Conselho Militar, formado por um grupo de generais famosos do Exército romeno, favoreceu muito a defesa. Os generais estavam no fim da carreira e podiam julgar o caso com maior independência do que um oficial de patente inferior, que temeria ver sua carreira prejudicada caso o veredicto favorecesse os acusados.

O Capitão ainda estava foragido quando o julgamento teve início. O governo já não o procurava com a mesma intensidade de antes. Como não fora possível matá-lo nos primeiros dias após o assassinato, passou a ser conveniente para o governo que o julgamento prosseguisse sem ele. O fato de o Capitão ter desaparecido e não ter comparecido ao julgamento criava uma forte suspeita de culpa, que poderia ser usada contra ele durante o processo. Se um homem foge da justiça, deve ter algo a esconder.

O governo se enganou e se alegrou cedo demais com a ausência do Capitão no julgamento. Ele não fugira da justiça; estava apenas se escondendo da polícia, que recebera do subsecretário de Estado Victor Iamandi a ordem de matá-lo. Codreanu não temia a morte; queria apenas que o país soubesse quem o havia matado, quem era responsável por seu assassinato. Não queria ser vítima de uma mão desconhecida, como poderia ter acontecido após a proibição do Movimento ou logo depois da execução de Duca. Foi com base nessas considerações que justificou ter escapado das autoridades, ao prestar sua primeira declaração perante o Conselho Militar.

Três dias antes do julgamento, um novo boato se espalhou pela capital e foi depois confirmado pela imprensa: Corneliu Codreanu havia se apresentado ao Conselho Militar acompanhado pelo coronel Zavoianu — em cuja casa se refugiara por último — e pelo padre Grigore Cristesco, professor de Teologia da Universidade de Bucareste. Segundo a declaração que prestou no quartel-general militar, ele precisava desses dois homens para que pudessem atestar, a qualquer momento, que se entregara voluntariamente e que não fora descoberto nem preso pela polícia.

Concluídas as formalidades preliminares com o registro do depoimento de Codreanu, o Conselho Militar decidiu que já não havia nenhum obstáculo ao julgamento e que ele poderia começar em 17 de março de 1934, conforme previsto.

O julgamento começou em circunstâncias favoráveis ao Movimento. Ao se entregar voluntariamente ao Conselho Militar, Codreanu pôs fim às insinuações difundidas pelo governo de que estava escondido por covardia, a fim de escapar de todo o rigor da lei. Além disso, o colegiado julgador era composto pela elite do oficialato, e a presença do general Cantacuzène no banco dos réus elevava o nível dos debates e impunha respeito aos juízes.

O fato de ele estar sentado ao lado dos líderes da Guarda de Ferro dava a impressão de que a conspiração da qual eram acusados não existia. Companheiro de armas e de sofrimento dos juízes, o general Cantacuzène era conhecido em todo o Exército por seu caráter ínte seu caráter íntegro.

Portanto, era inconcebível que aquele homem honrado tivesse dado seu apoio e sua amizade a conspiradores contrários ao Estado.

Assim que o julgamento começou, os pontos fracos da acusação começaram a aparecer. A suposta conspiração contra Duca se desfez como fumaça, quando se constatou que não passava de uma grotesca fabricação da polícia. Depois de ouvir os depoimentos das testemunhas de defesa, não restou dúvida na mente dos juízes de que o assassinato de Duca havia sido planejado apenas pelos três autores da execução. As outras acusações principais — movimento terrorista, movimento secreto, anarquismo, ameaça à segurança do Estado etc. — foram derrubadas uma a uma pelas absolvições anteriormente proferidas pelos tribunais do país, que já haviam inocentado o Movimento Legionário dezenas de vezes.

Além disso, esse julgamento desmascarou o governo liberal. Cada ato arbitrário, cada ilegalidade, cada crime por ele cometido foi exposto à luz, voltando-se contra o próprio governo como uma série de acusações. A expressão inicialmente severa dos generais que atuavam como juízes desapareceu. Os membros do Conselho e os acusados sentiram a mesma profunda emoção ao ouvir as testemunhas descreverem os sofrimentos que haviam suportado. Diante das torturas e das humilhações impostas a milhares de homens, a execução pareceu uma reação natural, até mesmo necessária, à crueldade das autoridades. No Parlamento, um deputado liberal chegou a perguntar ao governo se era a Guarda de Ferro ou o próprio governo que estava sendo julgado perante o Conselho Militar.

O rumo tomado pelo julgamento preocupava o governo. Seus problemas aumentaram ainda mais quando os líderes dos partidos de oposição — Maniu, Vaida-Voevod, o marechal Averesco e Octavian Goga — se ofereceram como testemunhas de defesa. Todos eles haviam discordado da proibição do Movimento e condenado o governo pelo encarceramento ilegal de milhares de homens. E o fato que causou a maior sensação durante o julgamento foi a presença de Constantin Argetoianu entre as testemunhas de defesa, justamente o homem que havia proibido a Guarda de Ferro em 1932. O ódio acumulado contra os liberais em todos

os partidos de oposição era tamanho que eles se esqueceram de sua antiga hostilidade ao Movimento e passaram a oferecer ajuda aos legionários.

Quando chegou a vez de o promotor do Rei, general Petrovicesco, tomar a palavra, o governo sofreu uma nova e cruel surpresa: o promotor retirou todas as acusações contra o general Cantacuzène, Codreanu, Mota e todos os demais líderes do Movimento e pediu sua absolvição, considerando culpados apenas os três autores do atentado. Um acontecimento raro nos anais da justiça mundial.

Assim, o governo foi tomado pelo medo. A absolvição dos líderes do Movimento Legionário era praticamente certa. Era difícil acreditar que o Conselho Militar fosse mais severo do que o promotor militar e condenasse aqueles que o general Petrovicesco, num heroico ato de consciência ao cumprir seu dever, havia declarado acima de qualquer suspeita. De que poderiam ter servido todas as prisões e torturas, todos os insultos e mentiras dirigidos contra a Legião, todo o terror desencadeado durante mais de quatro meses, todos os abusos morais cometidos pelo Partido Liberal por meio dessas medidas, que haviam gerado contra ele uma imensa onda de impopularidade?

A situação era extremamente grave e tensa, pois parecia que o governo não tinha outra saída senão abandonar o poder sob as vaias de todo o país. Era o desfecho lógico de uma derrota ignominiosa.

Um dia antes de ser proferido o veredicto, ocorreu uma intervenção inesperada vinda de cima, que ameaçou comprometer o curso da justiça. O governo se viu impotente para impedir a absolvição dos líderes da Legião. Toda a sua autoridade havia se dissipado ao longo dos debates judiciais. Restava, porém, uma última maneira de obter a condenação dos acusados e salvar o governo: o rei intervir pessoalmente, pedindo aos generais do Conselho Militar que condenassem os líderes da Guarda de Ferro.

O governo, Helen Lupescu e todo o séquito dela fizeram o máximo para convencer o rei a tomar essa medida e a exercer toda a sua autoridade como chefe de Estado para mudar o desfecho do julgamento. O rei convocou o general Uica, ministro do Exército, ao Palácio e ordenou que

ele comunicasse aos generais do Conselho Militar que *"é desejo de Sua Majestade, o Rei, que os acusados sejam considerados culpados"*. O general Uica assim fez.

Os membros do Conselho Militar ficaram consternados. O rei os convidava a proferir uma sentença contrária às conclusões a que haviam chegado após uma investigação minuciosa. Como militares, só podiam obedecer à ordem recebida do Chefe Supremo do Exército.

No último momento, a situação foi salva pelo general Moruzi: ele era um grande amigo do general Cantacuzène e, ao mesmo tempo, mantinha excelentes relações com o rei Carol. Ao saber da ordem dada pelo rei por intermédio do general Uica, recusou-se a acreditar que ela tivesse vindo do Palácio. Acreditava tratar-se de uma manobra do Partido Liberal, realizada com a anuência do general Uica e sem o conhecimento do Palácio.

Os generais do Conselho Militar imploraram que ele verificasse a autenticidade da ordem recebida por intermédio do general Uica. Caso fosse realmente uma ordem do rei, eles, na condição de militares, não poderiam se esquivar e teriam de cumpri-la. O general Moruzi correu ao Palácio e informou o rei da situação criada no Conselho Militar por intermédio do ministro do Exército:

"*Se os acusados forem condenados em consequência da intervenção de Vossa Majestade*", disse-lhe o general Moruzi, "*já não serão condenados pela justiça, mas por Vossa Majestade*".

"*Meu caro Moruzi*", respondeu o rei, apavorado ao ver sua manobra desfeita, "*peço-lhe que vá imediatamente ao Conselho Militar e diga aos generais que estão livres para julgar de acordo com sua consciência*".

O general Moruzi retornou às pressas ao Conselho Militar e explicou a seus companheiros de armas o resultado de sua audiência com o rei. Todos respiraram aliviados.

Na Sexta-feira Santa, 5 de abril de 1934, o Conselho Militar proferiu o veredicto: Nicolae Constantinesco, Doru Belimace e Constantin Caranica foram condenados a trabalhos forçados perpétuos. Todos os demais acusados foram absolvidos, à frente deles o general Cantacuzène e

Corneliu Codreanu. A Legião saía da prisão coroada com os louros da vitória.

XV. Um Documento Esclarecedor.

Na abertura do Parlamento, na primavera de 1934, a oposição, indignada com os resultados eleitorais fraudados, que haviam reduzido drasticamente sua representação, lançou ataques ferozes contra o governo. Por ocasião da aprovação da Mensagem do Rei, todos os líderes dos partidos de oposição se sucederam na tribuna do Parlamento, denunciando os abusos cometidos pelo governo para garantir a si próprio uma maioria parlamentar.

Nessa ocasião, também foi levantada a questão da Guarda de Ferro, de sua proibição e das prisões ilegais realizadas em todo o país. Os oradores exigiram a libertação das vítimas da vingança do Partido Liberal e a instauração de inquéritos judiciais. No decorrer desses debates acalorados, Octavian Goga, líder do Partido Nacional Cristão, e Grigore Iunian, líder do Partido Camponês Radical, destacaram-se pela defesa enérgica da juventude legionária. O primeiro presidia um grupo de direita, enquanto Iunian representava a esquerda na política romena. Este último havia se afastado do Partido Nacional Camponês e fundado seu próprio partido, com um programa mais radical. Nas últimas eleições, conseguira, com grande dificuldade, alcançar os 2% dos votos exigidos pela legislação eleitoral para obter representação e, assim, contava com quatro deputados no Parlamento.

No entanto, embora sua posição estivesse muito distante dos ideais legionários, aquele homem não podia aceitar o espetáculo sangrento oferecido ao país pelo Partido Liberal. Grigore Iunian era “um coringa” na política romena do pós-guerra. Democrata convicto, exigia a aplicação rigorosa da Constituição e o pleno respeito à vontade popular. O terror desencadeado pelo Partido Liberal durante as eleições e o atentado de Sinaia o haviam revoltado; por isso, decidira intervir de coração em favor

dos milhares de legionários que permaneciam na prisão sem o devido processo legal, arbitrariamente detidos pela polícia.

Vasile Marin, profundamente comovido com o discurso proferido por Grigore Iunian na Câmara, no qual ele denunciava o partido governista, acusando-o abertamente de ser responsável pela tensão no país, enviou-lhe uma carta de agradecimento em seu próprio nome e em nome de todos aqueles que não podiam se manifestar. Na mesma carta, apresentou-lhe novos fatos sobre a situação dos prisioneiros, pedindo que prosseguisse em seu corajoso trabalho de esclarecer a opinião pública.

A carta de Vasile Marin, tanto pela personalidade de quem a escreveu — ele próprio um advogado brilhante e homem de vasta cultura — quanto pelas revelações que traz sobre a campanha de terror em curso, constitui um documento único nos anais legionários, que nenhum historiador poderia ignorar. É um documento singular pela riqueza e precisão de suas informações, bem como pela origem delas. Não se trata de material reelaborado posteriormente, de memórias. Essa carta não foi escrita ***DEPOIS*** dos acontecimentos trágicos, mas ***DURANTE*** esses acontecimentos, por um homem que viveu pessoalmente, dia após dia, hora após hora, o drama de ser perseguido e que, mantendo a lucidez, não se deixou dominar pelos acontecimentos, mas, ao contrário, registrou-os com clareza.

Levando em conta a importância vital dessa carta para o esclarecimento deste capítulo da história romena, juntamente com duas outras cartas de Vasile Marin das quais falamos em um capítulo anterior, nós a publicamos na íntegra, tal como permaneceu em seus escritos.

6 de março de 1934.

Prezado Sr. Iunian,

Li com profunda emoção e grande prazer intelectual o discurso coerente e vigoroso que o senhor proferiu na Câmara por ocasião da

aprovação da Mensagem do Rei. Creio, com toda a sinceridade, que esse discurso, acima de tudo pelas numerosas verdades que contém, oferece uma bela lição de ética política e um catecismo de civilidade, além de ser heroico nestes tempos de repugnante covardia de sentimentos e de pensamento. Fiquei profundamente impressionado com o talento demonstrado na defesa de nossa causa, bem como com a argumentação rigorosa com que o senhor enfrentou a retórica do jogo parlamentar de certos indivíduos que há muito perderam o sentido das palavras que proferem e dos atos que praticam.

Com meus mais profundos agradecimentos, os de meus camaradas presos e os daqueles que, como eu, vivem foragidos dentro das fronteiras de um país que já não parece nos pertencer, peço-lhe que considere certos fatos que precisam ser levados em conta e que, acredito, lançarão luz sobre o impressionante cenário montado para preparar um julgamento perverso e farsesco da Guarda de Ferro. Tanto mais agora, quando a verdade já não pode ser ouvida em lugar algum.

É vital que a parcela esclarecida da opinião pública deste país saiba — por menor que tenha se tornado após essa maré de vileza que inundou nossa pátria desde a chegada ao poder desse bando de exploradores — que nosso julgamento está ocorrendo perante a polícia, e não diante de verdadeiros tribunais.

Os 5.000 legionários e não legionários encarcerados por todo o país não foram “presos”, como se afirmou no Parlamento, mas “recolhidos” por ordem dos prefeitos de polícia, e não por determinação das autoridades judiciais civis ou militares. A prova mais evidente disso é que as prisões só estão começando agora, dois meses após o recolhimento, como demonstram as declarações do censor do Conselho Militar. Essas “triagens” de que tanto se fala não passam de poeira lançada aos olhos da opinião pública, para fazê-la acreditar que estão em curso investigações sérias, ao fim das quais apenas os “**culpados**” permanecerão detidos. Pois bem, o plano foi montado de maneira diabólica; sabia-se perfeitamente que pessoas sem qualquer relação com o caso estavam sendo recolhidas, mas elas continuaram detidas como “figurantes” durante as investigações:

depois que esses figurantes foram separados dos verdadeiros membros da Guarda de Ferro, estes últimos ficaram, aos olhos de todos, com a aparência de culpados. A técnica é simples e não deixa de ser engenhosa; de um lado, transmite-se certa tranquilidade à opinião pública; de outro, aqueles considerados “indesejáveis” são mantidos presos ao bel-prazer alheio.

Além disso, essas prisões não têm qualquer fundamento legal. Como exemplo, posso citar meu próprio caso. A casa onde moro já foi revistada três vezes e, em todas elas, a polícia, em grupos de cinco a dez agentes, chegou entre a meia-noite e as três da manhã. Em nenhuma dessas “visitas”, nem mesmo naquela ocorrida há duas semanas — quando o caso já deveria estar em estágio avançado e teria sido possível proceder dentro da lei —, a polícia seguiu o procedimento legal: não houve intimação, mandado de busca nem mandado de prisão. Assim, e o mesmo acontece com meus camaradas presos e foragidos, embora a Justiça não esteja à minha procura, a repressão policial prossegue sem cessar, dia e noite.

Com toda a seriedade que estas minhas declarações exigem, revelo-lhe outro fato de extrema importância. Graças a certas pessoas leais à nossa causa, eu sabia que o tribunal militar não estava à nossa procura, pois não dispunha de prova alguma contra nós; também sabia que os promotores do Rei aconselhavam aqueles que se interessavam pelo destino dos foragidos a “tomar cuidado com a polícia”.

Ao lhe dar conhecimento dessas coisas, apelo para sua bondade e peço-lhe que revele o método por trás desse suposto processo: os tribunais militares — sejam ou não competentes, o que agora não nos interessa — não estão à nossa procura; quem nos persegue são a polícia e os serviços de segurança; uma vez detidos, após cinco ou seis dias de investigações preliminares, surgem “provas” feitas sob medida, que dão fundamento legal ao mandado de prisão e são mantidas de reserva. Eis, meu caro Sr. Iunian, como está sendo preparado o processo do “vil assassinato de Sinaia” e como todos os principais membros da Guarda de Ferro são apresentados como participantes da “conspiração”.

Passando agora a outro capítulo deste doloroso episódio, li, na resposta do subsecretário de Iassy à sua contundente acusação, que essas medidas haviam sido tomadas em razão da "natureza secreta da Guarda de Ferro, cuja índole violenta culminou no assassinato de Sinaia". Nessa passagem, nessa vil insinuação, encontra-se toda a hipocrisia da mentalidade liberal que, em desespero, acusa uma organização inteira, que sempre lutou abertamente, à luz do dia, de ter cometido um ato que apenas três de seus membros praticaram após uma terrível crise de consciência. Mas a insinuação acima revela outro aspecto do problema: nós, legionários, não podemos, como esse homem pomposamente afirma, ser levados "perante os tribunais por causa de nossa natureza subversiva e secreta".

A prova irrefutável é constituída por toda a série de processos movidos contra a Guarda de Ferro, sempre com as mesmas alegações, pelo governo do Sr. Vaida, que, desejando empregar "meios de persuasão", torturou-nos, quebrou nossos ossos e nos enviou acorrentados para Visani, Chier, Teius, Harsova e outros lugares do país e que, além disso, por intermédio do inesquecível Tilea, montou, a partir de todos os inquéritos e prisões, a acusação de falsificação em Rasinari.

Pois bem, todos esses processos, seja perante os tribunais civis de Tighina, Radauti, Caransebes, Arad, Alba Julia, Cluj e Constanta, seja perante o Conselho Militar ou o Tribunal de Apelação, e nos quais tive a honra de atuar como advogado de defesa, foram vencidos pela Guarda de Ferro. Tenho comigo as provas das sentenças proferidas em todo o país. Quanto ao bacharel em Direito pela Faculdade de Iassy, hoje elevado à condição de ministro por servir a interesses antinacionais, recordemos o princípio jurídico: non bis in idem.

Passo agora, com sua licença, à própria existência dessa infame conspiração, da qual teria surgido o lamentável assassinato de Sinaia; não consigo conter minha indignação ao ver como foram tecidos os fios que acabaram reunidos numa combinação terrível. Pela nobre causa da Justiça e em respeito à Verdade, pedimos-lhe, meu caro Sr. Iunian, que continue a desmascarar todos esses deturpadores da lei.

Em toda esta luta contra nós, empreendida por um governo de forças satânicas e estupidez arraigada, o atentado de Sinaia surge como um episódio lamentável. Não foi a culminação de uma ação preparada por nós, pois nenhum de nós a desejou nem recomendou. Não existiu conspiração alguma, ao contrário do que afirmam todos os boatos daqueles que querem esmagar a Guarda de Ferro. Além disso, esses senhores sabem disso perfeitamente, assim como os fantoches ministeriais da imprensa ligada ao governo, cujo principal representante é o Sr. Seicaru, que afirmou entre amigos "que isso certamente é um mistério, mas um mistério necessário, pois dele provém a salvação do Estado burguês e — horribile dictu! — da democracia".

De acordo com as confissões dos três jovens que realizaram o atentado, obtidas por métodos dos quais Torquemada teria se orgulhado, está claro que eles próprios organizaram o ataque, sem qualquer incitamento, e o executaram pensando que, com esse ato, vingariam e responderiam a uma série de injustiças, além de punirem a atividade antinacional de um governo inteiramente a serviço de interesses antirromenos. Agora, o sistema opressivo, escravo da vingança liberal, não se contenta em perseguir apenas aqueles que declararam — e uma investigação honesta confirma — ter cometido esse ato, movidos pela ideia de agir a serviço da justiça; procura estender seu aparato repressivo a todos e, valendo-se de um único fato, contra todas as provas e numa flagrante negação da justiça, tenta envolver um Movimento inteiro no mesmo processo para destruí-lo e, se possível, implicar também aqueles que simpatizam com ele, como, por exemplo, no caso de Nae Ionesco.

A resposta do subsecretário de Estado, um monumento à emotividade e à imprecisão, contém mais uma negação insolente da verdade.

O que ele diz? O seguinte: "Em 29 de dezembro, quando ocorreu o assassinato de Sinaia, já não havia um único detido em nenhuma das prisões do país. As formalidades haviam sido concluídas e, em conformidade com as leis vigentes, eles seriam levados perante os respectivos tribunais".

Devo dizer que jamais esperaria ouvir, mesmo do mais liberal dos homens, nascido e educado na escola da hipocrisia, uma afirmação tão desonesta.

Meu caro Sr. Iunian, fui justamente um dos últimos detidos de Jilava e fui libertado em 29 de dezembro de 1933, às 15h30. Nesse mesmo dia, Ion Mota, Sterie Ciumetti e eu fomos postos em liberdade.

Como se podem afirmar tais coisas da tribuna ministerial, quando não fomos submetidos nem sequer a uma aparência de inquérito? Levado à força na mesma noite da proibição da Guarda de Ferro, em 9 de dezembro, fui transportado de Sighisoara, na Transilvânia, onde era candidato eleitoral pela Legião, para Bucareste. Primeiro passei pelas celas da Prefeitura de Polícia e depois fui levado para Jilava sem a menor formalidade legal. Permaneci detido ali, com meus camaradas, durante 19 dias. É aí que surge um paradoxo: somos justamente nós, os detidos, que exigimos um inquérito e um julgamento, enquanto as autoridades se recusam a realizá-los. Empregamos todos os meios ao nosso alcance para que se abrisse um inquérito ou, ao menos, fossem expedidos mandados de prisão; fizemos greve de fome, protestamos nas colunas dos jornais, recorremos ao rei, pedimos ao primeiro-promotor do Tribunal de Ilfov que investigasse pessoalmente a detenção ilegal de vários cidadãos. Ele não apenas deixou de cumprir seu dever, como também, por intermédio de terceiros, fez-nos saber que não podia sequer tomar conhecimento dos fatos do caso, pois corria o risco de perder o cargo.

Diante desse inacreditável abuso de poder, solicitamos, por meio de uma Carta Aberta publicada no Cuvantul e dirigida ao procurador-geral do Estado junto ao Tribunal de Apelação, que, por um lado, tomasse conhecimento de nossa situação e, por outro, levasse a julgamento o primeiro-promotor por sua recusa em fazer justiça. Esse novo pedido, formulado exatamente pelos mesmos motivos, também não produziu efeito algum. Isso nos levou a exigir que o procurador-geral do Estado junto ao Tribunal de Cassação levasse a julgamento o procurador-geral do Estado junto ao Tribunal de Apelação.

Essa era, meu caro Sr. Iunian, a situação jurídica daqueles para os quais "as formalidades legais necessárias já haviam sido concluídas" em 29 de dezembro. Essas detenções não passavam de meros recolhimentos, e nosso único protetor, o coronel Izet, comandante da Prisão Militar de Jilava, disse a alguns de nós que, se fosse necessário interpretar a lei ao pé da letra e se ele não temesse por sua própria segurança e pela de sua família, teria aberto as portas da prisão e nos dito: "Por favor! Não posso mantê-los presos nem por mais um minuto".

Outra coisa. Ao sairmos, ele nos entregou declarações que atestavam nossa detenção ilegal, as quais guardamos em segurança e que um dia usaremos como provas na ação judicial que pensamos em mover, tanto para obter indenização quanto para exigir a punição dos burocratas arbitrários que ordenaram nosso recolhimento. No entanto, naquela mesma noite ocorreu o assassinato de Sinaia, o que permitiu ao governo, recorrendo aos métodos de bandidos chineses, aproveitar a oportunidade para se livrar da vergonha que o cobria.

Relatamos-lhe tudo isso para que o senhor tome conhecimento e, por seu intermédio, também a Romênia profunda, não a oficial. Não dispomos de uma imprensa regiamente paga com os parcos recursos de nosso país, nem de emissoras de rádio à nossa disposição da manhã à noite para desfazer os equívocos da opinião pública. Tampouco contamos com a influência da hierarquia da Igreja, nem com uma multidão de clientes políticos que espalham suas mentiras pelos quatro cantos do país.

Em meio a essa confusão, sistematicamente promovida, a justiça do governo significa confisco, tortura, prisão e recolhimento de mulheres, mulheres que nada tinham a ver com o Movimento. Esposas ou namoradas eram tomadas como reféns, à maneira dos bandidos, e torturadas para que se obtivesse alguma informação sobre seus maridos ou namorados — a Sra. Codreanu, por exemplo.

Fala-se em conspiração, em ameaças à segurança do Estado, em violência e assim por diante. Pergunto ao senhor e a todas as pessoas de boa-fé do país: mesmo que, por algum milagre, fosse possível considerar verdadeiras as tortuosas declarações ministeriais, que sentido teve a

detenção e a prisão do Dr. Nicolae Rosu, o escritor, que sequer é membro da Guarda de Ferro? Qual é sua culpa? Ter tentado, na qualidade de médico-legista e patriota romeno, esclarecer o caso Ciumetti. O Dr. Rosu, o conspirador, é culpado de ter identificado e fotografado o corpo de uma "pessoa desconhecida", um cadáver levado ao necrotério e que, por acaso, era o de Sterie Ciumetti.

Eis o crime grotesco, a culpa de um homem envolvido num processo ao mesmo tempo doloroso e revoltante.

Estão aqui expostos fatos dos quais o senhor também tem conhecimento e pelos quais tomei seu precioso tempo. Certamente perdoará por isso um homem que viveu tudo o que lhe descreveu e em cuja palavra peço que acredite. De onde estou, procuro contribuir, com o pouco que sei, para esclarecer coisas que não podem continuar para sempre, nem mesmo em nosso país tão tolerante e, ouso dizer, contaminado pela covardia.

Contra um governo que leva tudo ao extremo, contra um governo dilacerado pela força dos instintos mais baixos, contra os líderes da hipocrisia e sua vingança, sua voz autorizada descerá como uma espada vingadora da Justiça. Sua voz, colocada a serviço da verdade e da sinceridade, será uma fonte de luz. Revele esses fatos, mostre-os ao país tal como são e, assim, o senhor servirá à grande causa da Justiça e conquistará a gratidão dos melhores filhos deste país.

*XVI. T*raição*.*

A absolvição do Movimento Legionário abalara tanto a posição do governo Tataresco que o rei decidiu substituí-lo, embora não tivesse nenhum motivo especial para estar insatisfeito com ele. O rei apreciava a astúcia de Tataresco e se entendia com ele muito melhor do que com a velha guarda liberal, mas, dadas as circunstâncias, a substituição dos liberais era inevitável.

O rei escolhera o marechal Averesco para sucedê-los. Justamente quando a crise estava praticamente resolvida, a esposa do marechal morreu, e ele teve de deixar a capital e seguir para Turnu-Severin para o funeral. Tataresco aproveitou a ausência do marechal para acertar as coisas no Palácio. Quando o marechal voltou à capital, já não se falava em mudar o governo. A partir de então, o Partido Liberal permaneceu no poder graças à habilidade de George Tataresco, que demonstrara ao rei as vantagens de manter seu governo.

Ligadas à pretendida mudança de governo, ocorreram certas perturbações nas fileiras do Movimento. Enquanto estava preso em Jilava, Michael Stelescu começara a reunir ao seu redor alguns jovens, com o objetivo de formar um grupo pessoalmente fiel a ele. Depois de libertado — ele também participara do julgamento —, sua tendência dissidente se fortaleceu. As forças empenhadas em destruir a Legião, percebendo suas ambições políticas, seduziram-no, aconselhando-o a abandonar Codreanu e prometendo-lhe três ministérios no governo que seria chefiado pelo marechal Averesco, caso conseguisse conquistar para si parte do Movimento. A questão não teve desdobramentos porque o governo não chegou a ser formado. Stelescu, no entanto, continuou em contato com a camarilha monarquista e, pouco depois, recebeu outra oportunidade de trabalhar pela destruição da Legião.

Depois do fracasso do Palácio e dos liberais, após desencadearem a perseguição, os inimigos dos legionários já não podiam arriscar um ataque direto ao Movimento. A queda de Duca os preocupava e os obrigava a mudar de tática. Daquele momento em diante, passariam a trabalhar para destruir a Legião por meio de intrigas e divisões. Ou seja: descobrir dentro do Movimento elementos dispostos a fazer o jogo deles e conquistá-los com dinheiro e outras promessas.

Michael Stelescu era feito da matéria de que são feitos os traidores. Era presunçoso e vaidoso. Considerava-se cada vez mais igual ao Capitão. Faltavam-lhe tanto bom senso quanto visão. Inegavelmente, fizera sacrifícios pelo Movimento e participara de suas lutas, mas seus méritos, por maiores que fossem, não podiam ser comparados aos do Capitão.

Corneliu Codreanu era, de longe, o mais corajoso dos legionários. Criara aquele Movimento e, por meio de suas lutas, de seus sofrimentos e de seus sacrifícios, dera-lhe vida, futuro e força. Stelescu, cegado por uma ambição sem limites, perdera todo o senso de valores e a virtude da lealdade.

O ressentimento que Stelescu procurava alimentar não produziu resultado algum. Sua maneira de abordar os companheiros mais próximos e as insinuações que espalhava aqui e ali entre a massa dos legionários demoravam a surtir efeito. Os legionários mantinham uma lealdade inabalável a Codreanu; seu prestígio se tornara ainda maior depois da perseguição. Às tentativas de intriga e divisão, os legionários respondiam cerrando cada vez mais as fileiras em torno do Capitão.

Michael Stelescu, consumido pela ambição, passava de uma crise de abatimento a outra. Por intermédio de seu cunhado, Luca Gheorghiade, entrou em contato com a camarilha monarquista do Palácio. A essa altura, eles já haviam perdido a esperança de destruir o Movimento por dentro. Por isso, concentraram seus esforços em Stelescu, tentando convencê-lo a tirar a vida de seu chefe. Resolvida essa questão, não haveria limites para ele. Os legionários o reconheceriam como líder e, trabalhando em estreita colaboração com o Palácio, ele garantiria para si um futuro brilhante.

Seduzido por essa perspectiva atraente, Stelescu aceitou a terrível tarefa e começou a arquitetar seu plano sombrio. A morte de Codreanu pelas mãos de um legionário seria a maneira ideal de destruir o Movimento. Os antigos inimigos permaneceriam à distância, como espectadores, sem qualquer envolvimento direto, tendo apenas de se alegrar ao ver os legionários destruindo uns aos outros.

O plano do assassinato foi concebido da seguinte maneira:

1. O atentado precisava ser organizado de modo que Stelescu permanecesse acima de qualquer suspeita. Só assim poderia tirar proveito das convulsões que irromperiam no Movimento após o desaparecimento do Capitão e tomar para si a liderança da organização.

2. O atentado precisava ser justificado. Poderia espalhar-se que Codreanu traíra o Movimento, que mantinha contato com Helen Lupescu e que fora graças a ela que escapara da morte após a última perseguição.

3. O atentado deveria ser cometido por um legionário indignado com o comportamento escandaloso do Capitão. Sua consciência limpa o teria levado a usar a pistola. O autor do atentado desejaria vingar o sacrifício de tantas almas, enganadas por Corneliu Codreanu.

4. O jovem escolhido para atirar em Codreanu precisava ser convencido de que, ao matá-lo, prestaria um grande serviço à Legião. Para isso, era necessário encontrar um jovem inexperiente, sem autocontrole e facilmente influenciável.

Com dinheiro fornecido pelo governo, Stelescu organizou, durante o verão de 1934, um acampamento de repouso em Budachi, na Bessarábia, às margens do mar Negro, para legionários doentes ou debilitados que haviam saído das prisões. O estranho naquele acampamento era que não eram levados ao mar Negro apenas os mais necessitados, mas também aqueles que eram pessoalmente leais a Stelescu ou que pareciam dispostos a se unir a ele. Entre seus colaboradores mais próximos estava Vasile Cotea, um jovem de 19 anos que acabara de concluir a Escola Normal. Ele foi o instrumento escolhido por Stelescu para matar o Capitão.

Ele foi levado ao acampamento de Budachi por duas razões: primeiro, para ser preparado psicologicamente para o atentado; segundo, para que, por meio dele, fosse testada a reação dos legionários quando a integridade política e moral do Capitão fosse posta em dúvida.

Orientado por Stelescu, Cotea começou a provocar discussões sobre Codreanu com outros legionários, bradando sua insatisfação: *“O Capitão está se afastando da linha política do Movimento”*, *“o Capitão está a serviço de Helen Lupescu”* e outras mentiras do mesmo tipo. Os episódios se multiplicaram. A maioria dos legionários reagiu e pediu a Stelescu, na condição de chefe do acampamento, que esclarecesse a posição de Cotea. Ele prometeu tomar providências, mas nada fez. Cotea continuou a atacar o Capitão. Certo dia, chegou ao ponto de arrancar uma fotografia do

Capitão que estava na barraca e rasgá-la diante de vários legionários. Indignados, eles relataram o ocorrido a Stelescu. Este não apenas deixou de puni-lo, como se esperava, mas ainda procurou desculpá-lo: *"É um rapaz que ainda não amadureceu, mas, no fundo, tem uma boa alma. Não deve ser levado a sério"*.

Stelescu precisava reunir o maior número possível de testemunhas de que Cotea havia se manifestado violentamente contra o Capitão; assim, no momento do atentado, poderia alegar-se que ele agira num instante em que *"estava desequilibrado"*.

Um grupo de legionários do acampamento de Budachi não ficou satisfeito com as respostas de Stelescu. Eles deixaram abertamente o acampamento e voltaram a Bucareste para relatar ao engenheiro Clime os estranhos acontecimentos que haviam presenciado. Ele lhes disse que não falassem sobre aquilo com ninguém e que voltassem discretamente para casa. Informado da atmosfera que reinava no acampamento de Budachi, o Capitão deu ordens para que os movimentos de Stelescu fossem mantidos sob a mais rigorosa vigilância. Ninguém suspeitava que a traição de Stelescu chegaria ao ponto de conspirar contra a vida do líder. Acreditava-se que Stelescu estivesse preparando uma cisão, nada mais; o acampamento de Budachi servia de fachada para conquistar simpatizantes.

Vasile Cotea também deixou o acampamento de Budachi após uma breve permanência e foi para a casa de uma conhecida figura política do departamento de Ramnic-Sarat, onde começou a aprender a atirar. Depois de adquirir habilidade suficiente com um revólver, Cotea, no fim de julho de 1934, seguiu para outro acampamento legionário no monte Rarau, na Bucovina, onde, sob a direção pessoal do Capitão, havia começado a construção de uma casa de repouso para legionários. Ali, segundo a confissão que faria mais tarde, deveria procurar uma oportunidade para atirar no Capitão.

A caminho de Rarau, no trem que o levava à Bucovina, percebeu que não conseguiria realizar o atentado. Algo o inquietava e o fazia recuar. Voltou e confessou sua fraqueza a Stelescu. Este o submeteu a outro período de preparação espiritual, fortaleceu sua determinação e, ao

perceber que ele era incapaz de disparar, convenceu-o a usar veneno em vez de uma arma.

Luca Gheorghiade, cunhado de Stelescu, forneceu o veneno. Era cianeto de potássio. Enquanto isso, no início de agosto, o Capitão deixara o acampamento de Rarau e seguira para Carmen Sylva, na Dobruja, às margens do mar Negro, para cuidar da saúde. Foi ali que organizou, em um pequeno terreno, um acampamento legionário de repouso para os enfermos da Legião.

Muitos legionários estavam hospedados em Carmen Sylva. Alguns para aproveitar os banhos de lama de Techir-Ghiol, mas a maioria, sobretudo os jovens das *Fraternidades da Cruz*, para ver o Capitão. Este costumava mantê-los consigo durante vários dias. Seguindo o plano, Cotea deveria misturar-se a um grupo de visitantes legionários, aproveitar-se da hospitalidade do Capitão e, num momento de distração, despejar o cianeto em sua comida.

Depois de combinar com Cotea o assassinato de Codreanu por envenenamento, Stelescu procurou garantir para si um álibi que o colocasse acima de qualquer suspeita. Por acaso, justamente naquele período, de 10 a 14 de agosto de 1934, realizava-se em Ramnic-Sarat um congresso de estudantes da Oltênia, o que oferecia a Stelescu uma oportunidade ideal para estar presente.

Durante a ausência de Stelescu, Totu conseguiu conquistar a confiança de Cotea, apresentando-se como um dos envolvidos na conspiração. Em 5 de setembro de 1934, Totu, acompanhado de outros dois legionários, levou Cotea de carro sob o pretexto de seguirem para Carmen Sylva. Ao perceber que falavam abertamente sobre todo o plano, Cotea já não teve dúvidas de que sua ação contava com o apoio de alguns dos membros mais antigos da Legião. Fortaleceu-se nele a convicção de que faria algo grandioso ao matar o Capitão.

Sua alegria desapareceu de repente quando percebeu que o carro parava diante da casa do general Cantacuzène, no número 3 da rua Gutenberg. A primeira pessoa a recebê-lo foi o Capitão, que lhe tocou o

rosto e perguntou com tristeza: “Então, Cotea, o que foi que eu lhe fiz para que você quisesse me matar?”

Chorando, Cotea revelou toda a conspiração. Para obter provas materiais da tentativa de envenenar o Capitão, um grupo de legionários, liderado pelo general Cantacuzène e por Codreanu, entrou na casa de Luca Gheorghiade. No quarto e no armário indicados por Cotea, encontraram o frasco de cianeto de potássio.

Stelescu soube na prisão que o plano de envenenamento havia fracassado. Temendo a reação dos demais legionários presos com ele, acertou com as autoridades sua transferência para a prisão de Craiova e, posteriormente, foi libertado.

De posse das provas, Codreanu convocou um Conselho de Honra em 25 de setembro de 1934, composto por 23 chefes legionários, presidido pelo general Cantacuzène, perante o qual Stelescu foi intimado a comparecer. Diante do Conselho, Cotea repetiu suas declarações:

O Conselho de Honra, composto pelos antigos companheiros de armas de Stelescu, declarou por unanimidade que, em relação à Legião e ao Capitão, ele era culpado de Alta Traição. Com base nessa declaração, o Capitão decidiu expulsar Stelescu por tempo indeterminado. No entanto, levando em consideração seu histórico anterior, deixou-lhe aberta a possibilidade de reabilitação e de retorno às fileiras:

“Concedo a Stelescu o direito — por mais tempo que isso leve e a meu critério — de comparecer perante o mesmo Conselho de Honra, convocado por mim para esse fim, e demonstrar que, por meio de árduo sacrifício, recuperou a honra perdida e expiou o pecado cometido.”

Jon Mota: Legionário e Mártir.

O Período de Expansão (1935–1937)

Em uma carta dirigida aos legionários no início de 1935, Corneliu Codreanu resumiu a perseguição sofrida pelo Movimento e anunciou o início de uma nova etapa em seu desenvolvimento:

Camaradas,

Chegou ao fim o ano mais difícil, o mais árduo que tivemos de atravessar em nossa luta; talvez o mais difícil que a juventude romena tenha enfrentado em vários séculos.

Os fatos: 18.000 prisões, 18.000 lares invadidos à força por selvagens, banhados em sangue inocente; 300 enfermos nas prisões, 16 mortes, várias delas de pessoas enterradas vivas.

Camaradas,

Tudo isso passou; o ferro de nossa Guarda, depois de atravessar esse fogo e, em seguida, as águas de uma traição ultrajante, que mais tarde será reconhecida como tal, transformou-se em aço bem temperado.

Hoje, nossa alma está igualmente bem temperada e, no limiar de 1935, estamos prontos para entrar novamente na luta, com uma vontade e uma coragem mais firmes do que nunca.

O ano que se inicia será um ano de sucesso para nós. O Movimento Legionário crescerá como uma avalanche e conquistará vitórias extraordinárias.

A todos vocês, camaradas que sofreram e que, depois de tantas provações, permaneceram inabaláveis em sua fé, sem se curvar sob a onda de insultos e mentiras, envio meus votos de felicidade, alegria e vitória para 1935.

Ajoelhem-se e rezem pelos mortos que velam por nós e por aqueles que jazem sob a terra.

Avante, queridos legionários. Orgulhem-se do ano que passou e marchem com confiança ilimitada rumo ao ano que começa”.

Um otimismo avassalador, a decisão de retomar a luta com coragem renovada e a confiança no futuro da Legião foram também traços característicos da atividade legionária durante todo o período de 1935 a 1937. A circular expressava o *"espírito de ataque"* que impulsionaria o Movimento ao longo dos anos seguintes. Saindo vitorioso da perseguição, ele avançaria mais uma vez, envolto na aura de uma força irresistível.

Quem ainda poderia se opor a ele depois dessa extraordinária vitória? A aliança das forças do mal fora desfeita ao longo de um julgamento sensacional. Os inimigos haviam sido derrotados, enquanto o prestígio do Movimento crescera aos olhos da nação.

Durante essa nova etapa, a Legião enfrentará menos obstáculos em seu caminho, e suas atividades poderão se desenvolver com maior liberdade. A perseguição não cessará por completo, mas já não terá a mesma intensidade de antes. Não haverá mais assassinatos nem prisões em massa. Os anos de 1935 a 1937 constituem um período relativamente tranquilo na história da Legião, período que o Capitão aproveitou plenamente para completar a estrutura legionária. Essa é a fase de expansão do Movimento, durante a qual a organização se consolida, o número de membros cresce dez vezes e sua doutrina é aperfeiçoada.

No plano político, o Movimento desafiará os velhos partidos. É uma avalanche que, como previu o Capitão, se espalhará por todo o país. Ao fim desse período, a tendência geral do povo romeno era alistar-se em massa sob a bandeira da Legião. Os outros partidos observavam impotentes a preocupante diminuição de seus apoiadores e, sobretudo, a alienação generalizada da juventude.

O Capitão havia se tornado o fator central da vida política romena, em torno do qual giravam os problemas daquele período. Todo político se perguntava: o que Codreanu está fazendo? O que ele está pensando? Que novas ações está iniciando? Como impedir sua ascensão ao poder?

O período de expansão começa com a circular de 1º de janeiro de 1935 e termina com a vitória eleitoral de 20 de dezembro de 1937.

Ao narrar esse período, acrescentei algo novo em comparação com os anteriores: um breve comentário no início de cada ano, destinado a oferecer ao leitor uma visão geral dos acontecimentos abordados. Considerei necessário inserir essas breves introduções porque cada um dos três anos que compõem o período de expansão — 1935, 1936 e 1937 — possui um caráter distinto e contornos bem definidos. Cada qual é marcado por uma expressão típica do Movimento, sem cujo conhecimento corre-se o risco de comprometer a verdadeira compreensão da história legionária nesse período.

Evidentemente, a narrativa desses acontecimentos não se limita rigorosamente aos anos indicados. Às vezes, o relato, com suas características, situações particulares, problemas e ações do Movimento, passa de um período a outro, como é natural.

A. 1935.

A Reorganização do Movimento.

Depois dos golpes sofridos, o corpo legionário precisou passar por um período de reorganização. Durante o ano de 1935, a Legião dedicou-se a essa tarefa e retomou suas atividades. Além disso, o Capitão agiu com grande prudência, avançando de maneira progressiva e sistemática nas áreas em que encontraria menor resistência. Mas era um avanço irresistível, que superava todos os obstáculos, legais e ilegais, erguidos em seu caminho.

Os antigos alicerces foram complementados por novas formas de expressão. O Movimento não apenas se reconstruiu, mas cresceu e se desenvolveu como uma árvore que, sob o efeito benéfico do sol da primavera, se ergue cada vez mais alto e lança novos ramos. Com extraordinária habilidade política, o Capitão compreendeu com absoluta clareza que chegara o momento de o Movimento se afirmar em outros campos.

No plano político, o ano de 1935 caracterizou-se por uma grande fluidez de ação. Para se defender das intrigas do Palácio e da oposição constante do Partido Liberal, o Capitão estabeleceu relações amistosas com todos os grupos políticos de oposição, na medida em que estes aceitavam a política e a independência da Legião. Desse modo, garantiu-lhe certa proteção política durante o período de reconstrução, quando ela se encontrava mais vulnerável a ataques.

O inimigo já não atacava frontalmente; a lição de Sinaia o fizera refletir. Recuados em seus esconderijos, discutiam entre si como repetir, desta vez com êxito, as táticas que haviam fracassado em 1933 — 1934: “Estabeleceram para si o mesmo objetivo, mas por meios diferentes”.

No entanto, o Movimento Legionário já não era o mesmo. Grandes transformações haviam lhe assegurado um novo lugar na vida política romena.

I. A Formação do Partido “Tudo pela Pátria”.

A *Legião do Arcanjo São Miguel*, assim como a ***Guarda de Ferro***, havia sido proibida em 1931–1932. O grupo *“**Associação Corneliu Zelea Codreanu**”*, nome sob o qual o Movimento participara das eleições de 1932, teve o mesmo destino em 1933. Para impedir a reconstrução do Movimento, o governo Tataresco fez aprovar às pressas pelo Parlamento uma lei para a *“defesa do Estado”*, inspirada em outra semelhante existente na Tchecoslováquia. De acordo com os artigos dessa lei, os membros de uma organização política proibida só poderiam retomar a atividade política em outro partido depois de transcorrido um ano da data da proibição.

A *“Associação Corneliu Zelea Codreanu”* havia sido proibida em 10 de dezembro de 1933. Portanto, o prazo legal para que seus membros retomassem a atividade política expirou em 10 de dezembro de 1934. Nesse mesmo dia, o Chefe da Legião escreveu uma carta ao general Cantacuzène, na qual solicitava sua ajuda para fundar um novo partido, em cujo âmbito os membros da Legião pudessem voltar legalmente à atividade política. O próprio Codreanu manteria a linha anterior da Legião e da Guarda de Ferro, na esperança de derrubar por meios legais essa proibição ilegal. No novo agrupamento político, reservou para si o direito de cuidar da formação de seus membros.

O novo partido *“Tudo pela Pátria”* nasceu alguns meses depois, em 20 de março de 1935, sob a presidência do general Cantacuzène. O primeiro ato do novo chefe do partido foi dirigir-se à Comissão Eleitoral Central para escolher o símbolo eleitoral entre uma lista de símbolos elaborada pela Comissão. Na Romênia, não havia candidatos individuais, de modo que cada partido precisava apresentar-se ao eleitorado sob a forma de um símbolo próprio. O general escolheu um quadrado com dois pontos no centro:

Cumprida essa formalidade, o general publicou um Manifesto dirigido ao país. Na primeira metade, o Manifesto reproduzia a carta de Codreanu ao general; na segunda, afirmava, em estilo militar claro e

conciso, que assumia a direção do novo partido e determinaria seu rumo no âmbito da política romena.

Na verdade, o partido *"Tudo pela Pátria"* era apenas uma cobertura legal para o Movimento, e nada mudou em sua estrutura organizacional. O partido era a forma política por meio da qual o Movimento podia atuar naquelas circunstâncias. O Movimento, entidade viva, possuía uma ordem interna que seus membros respeitavam, para além dos altos e baixos da vida política.

Do ponto de vista estrutural, o Partido e o Movimento eram inseparáveis. O Partido funcionava de acordo com as regras estabelecidas no *Nestleader's Manual* e não possuía outras formas de expressão além das do Movimento.

A única diferença entre o Movimento e o Partido era que este último tinha à frente o general Cantacuzène. Era ele quem tratava com os círculos do poder estabelecido e com os demais partidos. Mas essa divisão da liderança não alterava a posição do Capitão. Assim como o corpo legionário não havia sido dividido para formar o novo partido, também a liderança suprema não era compartilhada. Havia um único chefe: Corneliu Codreanu. O general era apenas um soldado a seu serviço, investido de uma importante função política dentro do Movimento. Ele só havia fundado o novo partido depois de receber do Capitão uma ordem expressa para fazê-lo.

Havia, no entanto, uma divisão de tarefas entre Codreanu e o general. O Capitão, essencialmente dedicado à formação, raramente intervinha em questões políticas e, mesmo assim, apenas quando surgia um assunto de especial importância. O general era o homem de ação. Estudava as organizações, participava das reuniões públicas e intervinha nos conflitos entre as autoridades e os legionários com seu prestígio e sua coragem proverbial.

O General prestou os maiores serviços ao Capitão em suas relações com o governo e o Palácio. Sempre que se preparava um golpe contra o partido, bastava uma carta do General, dirigida a um membro da camarilha

monarquista, para deter as maquinações como que por encanto. Nessas cartas, o General não media palavras com o governo nem com Helen Lupesco e não hesitava em lembrá-los do destino de Duca. As advertências do General, fossem feitas com polidez ou de outra maneira, sempre produziam o efeito desejado.

As funções estavam admiravelmente bem divididas. O Capitão preparava os quadros e assegurava a eficiência do Movimento em todas as suas atividades políticas. O General cuidava do trabalho político oficial e procurava proteger o Movimento de seus numerosos inimigos.

II. A Criação das Regiões.

Em 5 de junho de 1935, *The Main Principles of the All for the Fatherland Party* foi publicado e assinado por seu chefe, o general George Cantacuzène.

O novo elemento introduzido por esse partido na estrutura do Movimento Legionário foi a criação das "Regiões". Ao todo, foram previstas 13 regiões, abrangendo todo o país. Em geral, o Capitão utilizou as fronteiras das antigas províncias históricas para criar as regiões, sem, contudo, fazer disso um critério absoluto; às vezes, alguns departamentos de uma província eram incorporados a outra por serem mais fáceis de controlar a partir de determinado centro e também para demonstrar que a unidade política do povo romeno estava acima das questões relativas às antigas divisões históricas.

Com a criação das regiões, a *"base organizacional"* do Movimento assumiu sua forma definitiva. Ela era composta pelos seguintes elementos: Ninho, Guarnição, Distrito, Departamento, Região. A capital possuía uma organização própria, formada por quatro setores correspondentes à sua estrutura administrativa. Os Ninhos da capital e das outras grandes cidades do país eram agrupados em Famílias de Ninhos, que correspondiam às guarnições das aldeias e cidades menores. As Famílias de Ninhos, por sua

vez, formavam seus respectivos setores. Além disso, a capital contava com uma organização singular chamada *Rasletii* (Os Solitários). Como o próprio nome indica, essa organização destinava-se a incorporar os elementos legionários de passagem, isto é, os legionários que residiam apenas temporariamente na capital ou que, embora morassem ali em caráter permanente, não estavam vinculados a nenhuma das organizações do setor. Com o passar do tempo, porém, a organização dos *Solitários*, concebida inicialmente como uma estrutura transitória de adaptação, tornou-se tão poderosa que passou a ser mais importante do que os próprios Setores. Não apenas os legionários vindos do interior, mas também um grande número de legionários de Bucareste ingressou nas fileiras dos *Solitários*. Os intelectuais, em particular, demonstravam preferência por essa organização, a tal ponto que, por volta de 1937, os *Solitários* haviam se tornado a unidade de elite da capital.

No início de outubro de 1935, realizou-se em Bucareste a primeira **Conferência Nacional de Chefes Regionais**. Durante três dias, sob a presidência do Capitão, foram discutidos todos os problemas organizacionais do Movimento e o estágio de desenvolvimento alcançado.

Codreanu definiu o papel e os poderes dos Chefes Regionais e ressaltou a importância da educação legionária. Fez uma distinção importante entre os elementos que pertenciam ao Movimento antes de 1933 e os que haviam ingressado após a perseguição: somente os primeiros tinham o direito de ser chamados de *"Legionários"*; os demais eram apenas *"**Membros do Movimento**"*.

Para que um membro se tornasse legionário, precisava provar seu valor ao longo de três anos de atividade ininterrupta. Ser "um legionário", segundo as novas regras, significava ter alcançado o nível mais elevado de filiação na hierarquia do Movimento.

No Movimento Legionário havia *"**funções**"* e *"**graus**"*. As funções eram: Chefe de Ninho, Chefe de Guarnição, chefe de uma Família de Ninhos, Chefe de Setor, Chefe de Distrito, Chefe de Departamento, Chefe Regional e Chefe do Corpo Legionário — todas de caráter temporário. O grau era permanente. Era concedido a legionários veteranos que haviam

demonstrado uma militância excepcional em diversas áreas: organização, educação, campos de trabalho, comércio, propaganda, doutrina legionária e assim por diante. Sua concessão baseava-se em uma seleção feita pelo Chefe da Legião entre as fileiras legionárias. Os graduados constituíam os quadros já testados do Movimento: sua elite, seu inabalável núcleo duro. Para se tornar um “graduado”, o legionário precisava dedicar-se por inteiro aos ideais do Movimento Legionário.

Um legionário graduado não precisava exercer uma função. Podia ser apenas um simples membro de ninho. No entanto, sua influência no funcionamento do ninho era muito grande: ele zelava para que tudo corresse bem, auxiliava o novo Chefe de Ninho com sua experiência e seus conselhos, cuidava da formação dos novos membros e dirigia regularmente os locais e os campos de trabalho. Durante as perseguições, quando a organização visível desaparecia de cena, o legionário graduado de mais alto grau assumia o comando de seus camaradas presos ou dos grupos que se reuniam secretamente. Quando o contato com o Centro era interrompido, os graduados tomavam as iniciativas exigidas pelas circunstâncias.

Para ser nomeado Chefe de Departamento ou chefe de qualquer estrutura superior, o legionário não precisava ser graduado. Além disso, assim que seu mandato terminava, ou quando era afastado do comando pelo Centro, ele deixava de ter qualquer poder sobre a organização que havia dirigido. Então voltava às fileiras ou recebia uma nova tarefa. As funções duravam apenas um ou dois anos, no máximo três; os graus eram definitivos.

A ordem dos graus legionários era a seguinte:

Legionário.

Instrutor Legionário.

Comandante Legionário Ajudante.

Comandante Legionário.

Comandante da Anunciação.

O grau de Comandante da Anunciação, o mais elevado do Movimento, foi criado pelo Capitão em 2 de dezembro de 1936. Inicialmente, foi concedido a seus camaradas da primeira hora entre os estudantes, aqueles que mais tarde se uniram para fundar a Legião: Ion Mota, Corneliu Georgescu, Ilie Garneatsa e Radu Mironovici.

No mesmo dia, os engenheiros George Clime e John Blanaru e o advogado Mille Lefter receberam esse grau. Eles haviam pertencido à Liga Cuzista, mas desde o início haviam aderido à nova organização legionária.

Com a criação das regiões e a instituição do grau de Comandante da Anunciação, o Movimento atingiu seu apogeu, tanto no âmbito das funções quanto no dos graus.

III. A Política Externa do Novo Partido.

Assim, da mesma forma que, em sua estrutura interna, o novo partido *"Tudo pela Pátria"* difere apenas nominalmente das antigas organizações legionárias, no plano externo ele não se afasta nem um centímetro da linha traçada por Codreanu nos anos anteriores.

Desde cedo, ainda nos tempos de estudante, o Capitão manifestou sua simpatia pelos movimentos nacionalistas da Europa e pelos Estados nascidos dos esforços desses movimentos, que mais tarde ficariam conhecidos como as Potências do Eixo.

"Há", disse ele, "uma corrente natural de simpatia entre todos aqueles que, em diferentes partes do mundo, servem à sua nação, assim como há uma corrente de simpatia entre todos aqueles que trabalham para destruir as nações".

Seu coração e o de todos os nacionalistas romenos, por afinidade ideológica e espiritual, batiam em uníssono com o de todos os nacionalistas da Europa. Cada triunfo das forças patrióticas e cristãs de outros países era visto pela juventude romena como uma vitória pessoal e uma confirmação de sua própria luta. Sentiam-se no caminho da verdade

porque, em outros países, as mesmas ideias que professavam haviam se imposto na vida pública!

A Marcha sobre Roma de Mussolini, em outubro de 1922, surpreendera Codreanu em Berlim, onde ele prosseguia seus estudos. Estas são suas próprias palavras ao tomar conhecimento da vitória do movimento fascista na Itália:

"Foi em Berlim, e quase ao mesmo tempo, que recebi a notícia da façanha do fascismo: a Marcha sobre Roma e a vitória de Mussolini. Estou tão feliz como se a vitória tivesse ocorrido em meu próprio país.

Mussolini, o cavaleiro que esmagou o dragão sob seus pés, pertence ao nosso mundo; é por isso que todas as cabeças do dragão se lançam contra ele, jurando matá-lo. Para nós, ele será um farol que nos dará esperança; será a prova viva de que a hidra pode ser vencida".

De seu pensamento depreende-se claramente que todos aqueles que defendem uma política nacionalista sentem uma tendência natural a procurar uns aos outros e a formar uma frente comum contra os que trabalham pela destruição de seus países.

Quando o Movimento Legionário se tornou uma organização poderosa, convertendo-se em uma força incontestável na vida pública romena, Codreanu superou *"a fase da simpatia natural"* que marcara sua juventude. Passou a examinar com olhar crítico os interesses da Romênia no contexto da vida internacional. Dessa vez, já não era o jovem idealista que falava, mas o estadista, consciente de seus deveres para com a nação. Isso porque ele compreendeu prontamente que a *aproximação* da Romênia com um Estado nascido de uma Revolução Nacional poderia não favorecer seus interesses fundamentais, como a história nos mostrou repetidas vezes.

Codreanu tinha a satisfação de afirmar que nada precisava mudar em seus primeiros sentimentos a respeito do fenômeno nacionalista na Europa, e que os interesses centrais da Romênia, por volta de 1930–1933, estavam em perfeita harmonia com as tendências dos movimentos de direita. Esses movimentos se opunham ferozmente ao bolchevismo, e a Romênia era ameaçada, às margens do Dniester, por um Estado bolchevique que

promovia a ideia da revolução mundial e da destruição da ordem nacional e cristã do mundo.

A primeira declaração solene de Codreanu sobre política externa, na qualidade de líder do jovem grupo nacionalista e de deputado, ocorreu em 3 de dezembro de 1931, por ocasião da aceitação do Decreto Real:

Honoráveis deputados, olhem para a Europa. Há dois extremos poderosos em ascensão: a extrema-direita e a extrema-esquerda. Em algum momento, um desses extremos terá de vencer. Por isso, pergunto aos senhores, sobretudo àqueles que sempre se curvam diante da Europa, temendo a mais leve rajada de vento: em uma Europa na qual um desses extremos acabará triunfando, os senhores serão capazes de resistir à mesma tendência?

Quanto à nossa posição, caso seja necessário escolher entre esses dois extremos, estamos entre aqueles que acreditam que o sol nasce em Roma, e não em Moscou".

Roma era o polo orientador do nacionalismo europeu, enquanto a Moscou da hidra bolchevique estendia seus tentáculos em direção ao nosso país.

O Capitão escolheu Roma não apenas por simpatia pelos demais movimentos nacionalistas, nem somente porque Roma havia dado origem, dois mil anos antes, à nossa identidade étnica, mas também porque as circunstâncias da política externa romena exigiam uma *aproximação* com a Itália. Para a Romênia, o inimigo número um era a Rússia Soviética, e todos aqueles que pudessem nos ajudar a impedir a invasão do país pelo Exército Vermelho tornavam-se nossos aliados naturais. O antigo sistema de alianças, garantido pelo poder francês no continente, encontrava-se em crise devido à pressão dos dois extremos; a Romênia era obrigada a buscar uma nova orientação, aproximando-se de um deles.

Na época da fundação do partido *"Tudo pela Pátria"*, em março de 1935, as razões que haviam dado origem à declaração do Capitão em 1931 haviam se tornado evidentes por si mesmas. Ninguém podia mais negar que o mundo avançava rapidamente em direção a esses extremos e que, em

nome de sua própria segurança, a Romênia precisava escolher Roma. Em janeiro de 1933, Hitler tornou-se chanceler da Alemanha e, desde então, acumulou vitórias. Graças à vitória nacional-socialista na Alemanha, o nacionalismo europeu havia se tornado a força política e militar dominante no continente.

Um mês após a fundação do partido *"Tudo pela Pátria"*, o general Cantacuzène delineou a política externa da nova agremiação. Em um manifesto publicado em abril de 1935, defendeu a ideia de uma *"Liga Europeia Anticomunista"*, cujo núcleo seria formado por França, Alemanha e Itália, e à qual a Romênia deveria se juntar como quarta potência. De certo modo, tratava-se de uma continuação da ideia do *"Pacto dos Quatro Estados"* de 1933, que, como sabemos, fracassou porque o Parlamento francês não o ratificou.

O general Cantacuzène não considerava oportuna a entrada da Inglaterra nessa aliança anticomunista, pois os interesses britânicos não coincidiam com os da Europa. Somente por meio de uma coalizão desse tipo, afirmou o general, seria possível evitar que a Europa fosse submetida ao domínio de Moscou e garantir a paz em todo o continente.

IV. O Congresso de Montreux.

Nos dias 16 e 17 de dezembro de 1934, realizou-se em Montreux o congresso dos movimentos nacionalistas europeus. A reunião havia sido convocada pelos *Comitês de Ação pela Universalidade de Roma*, liderados pelo senador fascista, general Eugenio Coselschi.

Esse encontro permanecerá como uma data memorável na história do nacionalismo, um acontecimento de importância capital para o destino da Europa. O congresso foi a primeira e última tentativa de formar uma frente unificada dos movimentos nacionalistas, independentemente do estágio de desenvolvimento político em que cada um se encontrava. Alguns mal começavam a crescer, outros já haviam se fortalecido consideravelmente, enquanto vários já haviam conquistado o poder estatal.

Por trás da ideia desses comitês estava o próprio Mussolini. Como indica o nome da organização, Mussolini procurava promover, sob a égide do fascismo vitorioso, a unificação gradual das forças de renovação nacional na Europa. Esperava, assim, poder enfrentar, com forças unidas, a coalizão liberal-bolchevique que, naquele momento, havia dado os primeiros passos para cercar e destruir a Itália e a Alemanha.

Caso a visão de Mussolini tivesse se concretizado, tal como fora concebida em Montreux, o destino da Europa provavelmente teria sido diferente, pois o que sempre faltou aos combatentes nacionalistas de todo o mundo — embora jamais faltasse a seus inimigos — foi a coordenação de seus esforços a serviço de seus interesses comuns.

O movimento nacional-socialista alemão não participou do congresso nacionalista de Montreux. Suas tendências hegemônicas na Europa eram incompatíveis com uma cooperação genuína entre outros movimentos semelhantes. Isso também explica a falta de interesse do Terceiro Reich em criar uma frente comum contra inimigos comuns. Posteriormente, devido ao rápido crescimento do poder de Hitler e à crescente dependência de Mussolini em relação a Berlim, os *Comitês de Ação pela Universalidade de Roma* foram relegados ao segundo plano por seus fundadores e, por fim, desapareceram do campo de interesse da política fascista.

A Guarda de Ferro havia sido convidada para o congresso de Montreux. Codreanu nomeara Ion Mota como representante da organização legionária. Embora a reunião tenha ocorrido no final de 1934, as contribuições de Ion Mota, do ponto de vista espiritual, devem ser situadas no período de **expansão** que se inicia em 1935. Trata-se de uma ação ofensiva do Movimento Legionário que antecipa, no plano externo, a circular de Ano-Novo de 1935. Veremos que Ion Mota, durante esse congresso, orientou a adaptação de algumas das resoluções ao espírito legionário. Além disso, entrou em confronto público com Nicolae Titulesco, que também estava em Montreux, obrigando-o a recuar, completamente derrotado.

Ion Mota estava muito bem preparado, tanto pelos idiomas que dominava quanto pelos conhecimentos jurídicos e políticos que possuía, para enfrentar qualquer adversário no campo das questões internacionais. Aluno brilhante, havia concluído seus estudos na Universidade de Grenoble em 1932, um ano antes de Corneliu Codreanu, com uma tese sobre “Segurança Jurídica na Comunidade das Nações”.

Embora a tese de seu trabalho não agradasse em absoluto à maioria de seus professores em Grenoble, que tinham uma visão diferente das coisas, a banca examinadora — diante de sua lógica implacável e de sua vasta erudição — teve de ceder e aprová-lo com distinção, recomendando que a tese fosse enviada a outras universidades francesas.

A Liga das Nações foi um tema ao qual ele se dedicou por muito tempo. Em 15 de dezembro de 1929, como convidado do Centro Estudantil de Bucareste, proferira aos estudantes uma conferência intitulada: *“A Liga das Nações — Seu Ideal, Suas Fraquezas e Seus Perigos”*. A conclusão a que chegou, tanto na conferência quanto em sua tese de doutorado, foi a seguinte: na Comunidade das Nações não há segurança jurídica, embora, aparentemente, ela pareça fundamentar-se no direito. A solução das controvérsias internacionais — função básica desse organismo — não se apoia em normas abstratas, característica própria do Direito, pela simples razão de que ainda não se chegou a um conjunto universalmente reconhecido de normas de direito internacional. Assim, a Comunidade das Nações não saberia resolver os conflitos entre as nações com base na justiça do direito, mas apenas em função da complexidade política do momento, conforme o caso e os interesses predominantes deste ou daquele grupo de Estados-membros. As decisões tomadas serão ditadas pela justiça política e conduzirão à sua supremacia, em vez da supremacia do direito abstrato, o que significa que, nas relações internacionais, prevalece o arbítrio.

O trabalho de Mota sobre a segurança jurídica da extinta Liga das Nações conserva sua validade ainda hoje, pois seus argumentos se aplicam com a mesma precisão à atual Organização das Nações Unidas, fundada com o mesmo espírito e os mesmos defeitos da Liga das Nações.

Em seu discurso aos representantes dos movimentos nacionalistas de 16 países europeus, Mota concentrou-se na essência das discussões de Montreux: *"a universalidade de Roma"* e a unidade da frente nacionalista mundial. Cheio de admiração pela grande obra política e doutrinária de Mussolini, e reconhecendo o papel de liderança do Fascismo na construção de uma nova unidade europeia, Mota fala do *"mundo fascista de amanhã"*; isto é, de uma comunidade de povos na qual deveriam prevalecer o espírito e a experiência do Fascismo.

O apoio de Mota à universalidade da *"Nova Roma"* não significa que o Movimento Legionário tenha nascido sob a inspiração do Fascismo ou que tenha tomado como modelo aquilo que Mussolini fizera na Itália. A Legião é a expressão de realidades especificamente romenas. Na verdade, o surgimento do Movimento Legionário coincide com um fenômeno generalizado de reestruturação da vida dos povos, presente em toda a Europa; é por isso que se pode atribuir à Legião certo parentesco com o movimento italiano e, por vezes, incluí-la no *"mundo fascista"*.

Eis os pontos importantes do discurso proferido por Mota em Montreux:

"O problema que temos diante de nós, o da construção de uma nova unidade, diz respeito especialmente a mim. Será necessário fazer o impossível para que o mundo fascista de amanhã não se divida em vários blocos que lutem entre si. O problema da Universalidade de Roma deve ser, antes de tudo, uma preocupação nossa. Devemos avançar rumo a uma base comum sobre a qual possamos prosseguir amanhã.

Como já afirmou o presidente do Congresso, só podemos esperar uma coisa: que o mundo fascista de amanhã forme um todo, sob todos os pontos de vista. Não devemos estabelecer para nós mesmos objetivos grandiosos demais, mas precisamos reconhecer que cada povo tem o direito de resolver seus próprios problemas específicos, nos quais ninguém tem o direito de interferir. No entanto, por outro lado, é perfeitamente justo que, nas grandes questões internacionais, permaneçamos unidos, para não comprometer a unidade fascista de amanhã".

Dando prosseguimento a seu discurso, Mota analisa duas questões cujo adiamento poderia comprometer a unidade europeia de amanhã:

"Uma delas é a existência atual de vários organismos que estudam problemas comuns aos movimentos nacionalistas. Esses centros de estudo e ação teriam de chegar a um entendimento entre si na primeira oportunidade. Além disso, deveriam ser convidados a participar das futuras reuniões dos "Comitês".

A segunda questão diz respeito a um dos principais fatores para a construção de um bloco único, europeu e mundial. Esse fator consiste em não ignorar nem deixar de lado nenhum grande problema internacional. E, entre esses problemas, encontra-se a Questão Judaica, que é muito grave para alguns países, especialmente para a Romênia".

Embora a Questão Judaica não estivesse na pauta do Congresso, ela foi levada à discussão após as observações de Mota, e o debate foi concluído com a seguinte resolução unânime:

"O Congresso, considerando que cada Estado, em virtude do princípio da soberania nacional, é o único competente para decidir, em seu próprio território, a atitude que deve adotar em relação aos cidadãos, grupos, raças e religiões existentes dentro de suas fronteiras e, levando em conta tanto o direito natural quanto a moral, declara que a Questão Judaica não deve ser entendida como uma campanha de ódio contra os judeus.

No entanto, considerando que, em muitos países, certos grupos judaicos exercem, aberta ou secretamente, uma influência nociva sobre os interesses morais e materiais da Nação, formando uma espécie de Estado dentro do Estado, reivindicando toda sorte de direitos, mas recusando-se a cumprir os deveres correspondentes e trabalhando, desse modo, para a destruição da civilização cristã, o Congresso denuncia a atividade sinistra de tais elementos e declara-se disposto a combatê-los".

Ion Mota tampouco deixou de denunciar as perseguições promovidas pelo governo romeno, justamente quando representava a Legião diante dos dignitários estrangeiros que participavam do Congresso. Teve de suportar

uma grave ofensa por parte de Nicolae Titulesco, que o magoou ainda mais profundamente por atingir o bom nome de seu país.

Nicolae Titulesco, ministro das Relações Exteriores da Romênia, estava hospedado no mesmo hotel que os delegados do Congresso. Por insistência dele, a polícia suíça entrou no quarto de Mota para realizar uma busca minuciosa à procura de armas. Como nada encontrou, a polícia se retirou, pedindo desculpas e explicando que havia sido alertada de que estava sendo preparado um atentado contra o ministro romeno.

Mota, depois de ser vítima dessa busca, escreveu uma carta contundente a Titulesco, na qual o acusava de ter cometido aquele ato vil. O destinatário não se irritou. Muito pelo contrário: apareceu no salão do Congresso e, com toda a inocência, manifestou sua indignação pelo que havia acontecido com Mota *"na livre e civilizada Suíça"*. Mota não se deixou enganar pelo tom conciliador de Titulesco e respondeu-lhe em termos tão dignos que impressionou toda a plateia. Não apenas rejeitou as declarações de Titulesco, como também o acusou, juntamente com o governo de Bucareste, de ser culpado de injustiças, abusos, mentiras e falsificações.

Concluiu pedindo aos participantes que observassem um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da perseguição promovida pelo governo romeno. Em silêncio absoluto, todos os delegados se levantaram, enquanto Titulesco deixava o salão sob seus olhares de desprezo.

V. A Atitude do Governo.

Ainda não havia se passado um ano desde a sangrenta perseguição do inverno de 1933–1934, e o Movimento já se encontrava em plena reorganização. Como o governo reagiu ao partido *"Tudo pela Pátria"* e ao retorno dos legionários à atividade em todas as áreas?

O governo liberal de Tataresco já não estava disposto a medir forças com o Movimento. A morte violenta de Duca não apenas havia semeado o

medo entre os principais membros do partido, como também o enfraquecera e desorientara.

Antes de 1933, o Partido Liberal havia sofrido uma cisão: George Bratianu, filho de John Bratianu, afastara-se dos antigos quadros que haviam eleito Duca chefe do partido e formara um Partido Liberal dissidente, ao qual aderiram sobretudo os jovens. Após a morte de Duca, o antigo Partido Liberal começou a se desintegrar. Outro membro do clã, Dinu Constantin Bratianu, havia sido eleito chefe do partido, mas o Palácio impôs George Tataresco como chefe de governo. Desse modo, o Partido Liberal perdeu sua tradicional liderança unificada.

Na realidade, havia dois chefes: um, Tataresco, agia a mando da camarilha monarquista; o outro, Dinu Bratianu, representava os interesses do partido. Na disputa entre os dois, o primeiro sempre saía vitorioso, pois podia contar com o apoio da Coroa e com o exercício efetivo do poder. Os antigos quadros não estavam nem um pouco dispostos a abrir mão das vantagens proporcionadas pelo governo. O servilismo de Tataresco diante da Coroa manteria o Partido Liberal no poder até o fim da legislatura — no outono de 1937.

Outro fator que impediu a repetição de uma perseguição nos moldes da de 1933 foi a personalidade do novo dirigente. Tataresco não estava disposto a arriscar a própria vida para destruir o Movimento. Era um homem de compromissos e acordos, um político oportunista que rejeitava posições rígidas. Em suas relações com o Movimento, adotou como regra nunca pressionar em excesso. É certo que, sob seu governo, a perseguição não cessaria nem por um instante, mas Tataresco evitava ir longe demais, para não provocar contra-ataques desesperados.

A posição do governo coincidia com a nova estratégia da camarilha monarquista. Nos corredores do Palácio, decidira-se mudar de tática. Ao constatarem que o Movimento sobrevivera ao terror e que a perseguição apenas aumentara seu prestígio, os conspiradores do Palácio resolveram empregar métodos mais sutis, porém igualmente eficazes, para destruí-lo: mentiras, intrigas, disputas. O novo plano da camarilha monarquista tinha por objetivo:

1. Desacreditar o Chefe da Legião por meio de campanhas na imprensa e da disseminação, entre o público, de rumores sutis provenientes de "fontes confiáveis".

2. Usar Michael Stelescu como elemento sensacionalista na campanha contra Corneliu Codreanu.

3. Tentar afastar Mota do Capitão, acenando-lhe com a possibilidade de ocupar um cargo no governo.

4. Criar grupos nacionalistas controlados pelo Palácio, a fim de semear a confusão entre o público, especialmente entre os jovens.

5. Criar organizações estatais, patrocinadas pelo Rei, às quais os jovens seriam obrigados a aderir, para que escapassem à influência da Guarda de Ferro.

Teremos oportunidade de voltar detalhadamente a todas essas manobras nos capítulos seguintes.

Por ora, vamos nos concentrar em revelar as manobras mais pérfidas empreendidas pela camarilha monarquista para desacreditar o Capitão.

Todos sabiam que Helen Lupesco, a *"rainha sem coroa da Romênia"*, em estreita colaboração com seus correligionários, era responsável por todos os golpes desferidos contra o Movimento. Agora, essa mesma Helen Lupesco havia espalhado, nos círculos "bem-informados" da capital, que Codreanu só tivera a vida poupada graças à proteção que ela lhe proporcionara. Contava-se que, em circunstâncias graves, quando Codreanu era perseguido pela polícia após o assassinato de Duca, sua mão misteriosa o havia retirado do perigo e salvado sua vida. Que verdade havia nesses rumores que circulavam pelos cafés de Bucareste e que chegaram a inquietar até os legionários?

Evidentemente, em determinado momento, o Capitão se encontrara em uma situação difícil, sem encontrar casa nem amigo algum que pudesse escondê-lo. Vagando pelas ruas de Bucareste, lembrou-se de um deputado que conhecera na época em que ele próprio ocupava uma cadeira no Parlamento. Chamava-se Cernaianu. Certa vez, esse homem lhe dissera,

nos corredores do prédio do Parlamento: *“Senhor Codreanu, caso algum dia se encontre em uma situação difícil e pense que eu possa lhe ser útil, venha à minha casa!”*

Pensando nessa demonstração de amizade e lembrando-se do endereço do deputado, dirigiu-se até lá na esperança de conseguir se esconder. Quando ele chegou, Cernaianu empalideceu de medo:

“O que o senhor está fazendo aqui, Sr. Codreanu?”

“O senhor não disse que, se algum dia eu me encontrasse em uma situação difícil, poderia recorrer à sua ajuda? Esse momento chegou. Peço que me esconda por alguns dias em sua casa, pois, se a polícia me encontrar, eles me matarão.”

“Sr. Codreanu, o senhor não sabe que sou casado com uma prima da Sra. Lupesco?”

“Não, eu não sabia.”

O Capitão desconhecia esse fato e jamais suspeitara que um homem que havia oferecido seu apoio ao Chefe da Guarda de Ferro pudesse ser casado com uma prima de Helen Lupesco. Agradeceu-lhe e partiu imediatamente. Toda a conversa não durou mais que dois minutos e ocorreu no corredor da casa. Quinze minutos depois, a polícia chegou à residência de Cernaianu. Ao que parece, o primo por afinidade de Lupesco telefonara para o Palácio enquanto eles ainda conversavam no corredor.

Eis os fatos que deram origem ao inacreditável rumor de que Codreanu só conseguira salvar a vida graças à Sra. Lupesco.

Depois desse rumor, surgiu outro ainda mais inacreditável: o assassinato de Duca teria ocorrido com a anuência do Palácio. O Rei queria livrar-se de Duca. Havia pressionado este último a proibir a Guarda de Ferro, mas, por outro lado, queria deixar claro a Codreanu que não aprovava esse abuso do governo. Para demonstrar sua desaprovação, teria se recusado a proibir a Guarda de Ferro por Decreto Real. Na realidade, a proibição fora anunciada por meio de uma simples declaração do Conselho de Ministros. Por esses meios tortuosos, o Rei pretendia incentivar

Codreanu a se vingar, deixando subentendido que, caso o Movimento reagisse, isso não o incomodaria e que tal reação gozaria de imunidade prévia. Assim, a maneira como o julgamento transcorreu e a absolvição dos principais membros da Guarda de Ferro teriam demonstrado, à luz desses novos indícios, o acordo firmado entre o Rei e Codreanu a respeito do assassinato de Duca.

Esse rumor é falso do começo ao fim. Na realidade, o rei Carol e Duca haviam formado uma frente comum contra o Movimento. O Rei só havia entregado o poder a Duca sob a condição de que a Guarda de Ferro fosse proibida. Também é possível que o Palácio tivesse previsto que, se Duca também desaparecesse de cena, mataria dois coelhos com uma cajadada só.

Qualquer que fosse a verdade a esse respeito, caso isso tenha ocorrido nos círculos da camarilha monarquista, não poderia ser atribuído a um acordo com Codreanu. O Capitão havia sido condenado à morte, ainda antes do assassinato de Duca. Se os acontecimentos tomaram um rumo imprevisto, se o Capitão saiu vivo dessa terrível provação, isso só pode ter sido obra da Providência!

VI. Sob a censura e o Estado de Emergência.

Depois do atentado em Sinaia, o governo decretou o estado de emergência e impôs a censura em todo o país por um período de seis meses. Decorrido esse prazo, essas medidas excepcionais foram prorrogadas por mais seis meses e, depois, renovadas automaticamente a cada seis meses. O país não desfrutou de um único momento de liberdade durante todo o período de governo liberal. Esses abusos ocorreram em uma suposta democracia parlamentar, embora, nos quatro anos anteriores, nada de incomum tivesse acontecido no país, nem houvesse qualquer grave ameaça à ordem pública que pudesse justificar a prorrogação de tais medidas.

A manutenção dessas medidas excepcionais havia sido imposta pelo Palácio e não desagradava a George Tataresco, chefe do governo. Foi sob a cobertura da censura e do estado de emergência que o rei Carol pôde saquear o país impunemente e lançar as bases de seu poder pessoal ditatorial. A censura e o estado de emergência voltavam-se contra toda a oposição, mas sobretudo e especialmente contra a Legião, a única força política capaz de se opor com firmeza aos planos criminosos do rei.

Por meio da censura, o governo proibiu a publicação dos jornais legionários — e não apenas das publicações reconhecidas como tais, mas também de grandes diários como Calendarul e Cuvantul, que combatiam o governo liberal por causa das ilegalidades cometidas contra o Movimento Legionário durante o ano de 1933. Esses dois jornais haviam sido suspensos após a morte de Duca, e seus editores, Nichifor Crainic e Nae Ionesco, foram lançados na prisão ao lado de milhares de legionários responsabilizados pelo atentado. Após um longo período de detenção, eles foram excluídos da investigação. No entanto, a proibição de seus jornais foi mantida, apesar de as acusações contra eles terem se mostrado absurdas e, para completar o cúmulo, de os líderes da Guarda de Ferro terem sido absolvidos em massa nesse meio-tempo.

Quanto aos demais jornais que se mostravam dispostos a publicar artigos e informações favoráveis ao Movimento, eram sistematicamente impedidos pela tesoura da censura.

Por outro lado, nenhuma restrição era imposta à imprensa hostil ao Movimento. Naturalmente, ela desfrutava de total liberdade para atacar o Capitão e a liderança da maneira mais ultrajante possível. Assim, essa mesma censura, que impedia os legionários de responder aos ataques e restabelecer a verdade, protegia abertamente aqueles que inundavam a opinião pública com mentiras sobre a Legião.

Vejamos o caso Stelescu. Após a tentativa de assassinato de Codreanu, em vez de reconhecer seu erro e procurar se reabilitar seguindo a orientação indicada pelo Capitão, Stelescu retornou aos senhores que o haviam instigado a cometer esse crime e colocou-se inteiramente a serviço deles. Com dinheiro proveniente dos fundos secretos do governo, fundou

uma revista, *Cruciada Romanismului* (*A Cruzada pelo Romenismo*), na qual atacava violentamente o Capitão. Além disso, atribuía a si próprio méritos ao menos iguais aos de Codreanu na fundação da Legião; depois, alegava ter demonstrado muito mais dedicação e espírito de sacrifício do que o Chefe da Legião; por fim, afirmava ter abandonado o Capitão porque tinha certeza de que este havia traído os princípios da organização.

Todas essas mentiras eram alardeadas naquele pasquim, sem que os legionários tivessem outra possibilidade de reação a não ser permanecer em silêncio e cerrar os dentes. A censura cuidava para que nenhuma resposta do Movimento aparecesse em lugar algum para desmentir o mentiroso.

O jornal de Stelescu não causou nenhum impacto sobre a massa dos legionários e atraiu apenas um punhado de figuras marginais. Quanto mais Stelescu se percebia incapaz de dividir a organização, mais violentos se tornavam seus ataques. E tudo isso sob o olhar benevolente do censor.

Não era apenas *Cruciada Romanismului* que atacava, mas praticamente toda a imprensa: os jornais dos partidos, a imprensa judaica, a chamada imprensa independente, todos repetiam essas mentiras e insultos gratuitos. Para um legionário, abrir um jornal havia se tornado algo repugnante, pois ele só encontrava artigos venenosos contra eles. Todos se ocupavam do Movimento com a intenção e o prazer sádico de atacá-lo, mesmo quando os artigos aparentavam certa objetividade. Era, na verdade, o cúmulo da perfídia! O Capitão era o alvo de todos esses ataques. Era contra ele que todos se voltavam. Todo o ódio, toda a mentira eram lançados sobre ele numa explosão de fúria por ter escapado em 1933-34.

Em meio a essa campanha de mentiras e intrigas, nenhum legionário vacilou. Eles cerraram fileiras em torno do Capitão, suportando em silêncio as humilhações e injustiças. O espírito dos legionários durante essa campanha da imprensa foi admiravelmente descrito pelo Capitão no primeiro boletim de março de 1935:

“*Legionários,*

Posso imaginar como deve ser dolorosa para vocês a falta de informações e notícias no interior de nossas aldeias. Essa ausência se deve à censura e à perseguição.

Somente más notícias, insultos e mentiras chegam aos seus ouvidos, na esperança de que a dúvida acabe se apoderando de suas almas e de que vocês abandonem a luta. Todos os traidores do país lançam implacavelmente lama e veneno sobre nossas feridas, recebidas ao enfrentarmos tantos perigos nas batalhas passadas.

Em meio a essa névoa, a esse desconhecido, sem conselhos nem ordens, dezenas de milhares de legionários marcham orgulhosamente, guiados apenas pelo instinto justo, pela honra e por uma fé inabalável na vitória da bandeira legionária.

Que imagem impressionante! Essa legião, espalhada por toda a nação e privada de sua liderança, prossegue em sua marcha, com a mesma serenidade, pelos caminhos da vitória; segura de si, contra toda maquinação, contra todo obstáculo, contra toda ação traiçoeira.

Quanta honra está agora ligada ao nome do legionário, que viverá para sempre!

Que outra organização no mundo, e não apenas na Romênia, seria capaz de permanecer fiel a si mesma nas circunstâncias infames em que se encontra?”

VII. O Ataque dos Estudantes.

A primeira leva de legionários que rompeu *“o muro de ódio e mentiras”* erguido em torno da Legião após a grande perseguição foi formada pelos estudantes. O Movimento Legionário, como mostramos na primeira parte deste livro, nasceu das inquietações que agitaram a geração de 1922. Após o colapso da Liga Cuzista, os ideais dessa geração encontraram expressão na Legião e foram salvos do esquecimento graças aos princípios do Movimento fundado por Codreanu. Não surpreende que,

depois da perseguição de 1933-34, tenham sido novamente os estudantes a dar os primeiros sinais de vida no período de expansão do Movimento.

Antes de relatarmos o papel dos estudantes na reconstrução do Movimento, devemos nos deter por um momento e examinar sua postura durante o período de 1927-33, isto é, no intervalo entre a fundação da Legião e o desencadeamento da grande perseguição.

A geração estudantil de 1922 já havia deixado a universidade quando a Legião tomou forma, em 1927. Naquela época, uma nova geração havia ingressado na universidade. O espírito da geração estudantil de 1922 foi então transmitido a essa nova geração, e os protestos em torno do mesmo tema prosseguiram com igual veemência, culminando no Congresso de Oradea Mare, em 1928.

No entanto, o que os estudantes de 1927 já não possuíam era uma linha política clara. A luta prosseguia, mas já não havia ninguém para orientá-la, e os governos manipulavam com facilidade aquela massa desarticulada. Já não existiam conselheiros de envergadura nem organizações políticas com as quais os estudantes pudessem manter contato estreito, alguém que transformasse suas ideias em ação criadora. A desilusão provocada pelo professor Cuza levou-os a se manterem afastados das duas facções da antiga Liga. Poderíamos descrever a atitude dos estudantes naqueles anos como de “anseio”.

Durante esse período, uma parcela dos estudantes, uma minoria, foi atraída pelos antigos partidos políticos. A grande maioria, porém, aguardava o surgimento de algo que seguisse a linha das antigas convicções nacionalistas. Desta vez — e é nisso que reside a diferença em relação à geração de 1922 —, os estudantes já não se mostravam dispostos a aderir a um novo agrupamento político com o mesmo entusiasmo. Haviam se tornado mais céticos e mais críticos em seus julgamentos.

Sem dúvida, o nome de Corneliu Codreanu exercia grande atração sobre a juventude universitária, mas nem mesmo sua fama parecia oferecer garantias suficientes para que os estudantes deixassem de lado suas reservas. O colapso da Liga havia provocado tamanha confusão entre eles

que precisavam de algum tempo para que a fumaça se dissipasse. Somente vários anos depois, após um longo período de esclarecimento, foi possível restabelecer uma ação unificada entre os estudantes, que então se voltaram para a organização política cuja missão era representar seus ideais na vida política do país.

O retorno dos estudantes à luta política ocorreu lentamente. Durante o primeiro ano após a fundação do Movimento, apenas algumas dezenas de estudantes aderiram a ele. Por volta de 1929, já havia várias centenas de estudantes em suas fileiras, e foi somente em 1932 que o Movimento conquistou uma influência predominante no meio estudantil.

A conquista dos estudantes havia sido realizada por meio de uma única ação desenvolvida em duas frentes: uma iniciativa de baixo para cima, com a multiplicação dos ninhos entre os estudantes. Após vários anos de trabalho, os ninhos estudantis legionários haviam se multiplicado a tal ponto que o Capitão se viu obrigado a agrupá-los em estruturas de nível superior. Todos os ninhos formados por estudantes do mesmo departamento passaram a constituir o *Grupo Estudantil Legionário Departamental*, enquanto todos os Grupos Estudantis Departamentais de uma mesma universidade foram reunidos em um *Centro Estudantil Legionário*. Havia tantos Centros Estudantis Legionários quantas eram as universidades.

Paralelamente à ação de baixo para cima, desenvolvia-se uma ação de cima para baixo no âmbito profissional, cujo objetivo era assumir a direção das organizações estudantis. Em cada cidade universitária havia um Centro Estudantil Oficial, que representava todas as Faculdades e Escolas de Ensino Superior. Por sua vez, os Centros Estudantis integravam a União Nacional dos Estudantes Cristãos Romenos, com sede em Bucareste. Tanto os comitês do Centro Estudantil de cada universidade quanto o Comitê da União eram constituídos por meio de eleições.

Embora fossem minoria, os estudantes legionários lançaram-se à luta com tanta energia, inteligência e habilidade que, em 1934, todos os comitês dirigentes das organizações estudantis do país estavam nas mãos dos legionários. Em sete anos, a semente legionária havia crescido como o

grão de mostarda do Evangelho, transformando-se em uma árvore vigorosa, nutrida pela seiva do meio estudantil.

Todos os estudantes do país se reuniam uma vez por ano em uma Conferência Anual, realizada em uma das maiores cidades romenas. Como de costume, a Conferência Anual dos Estudantes ocorria em 10 de dezembro, para celebrar e preservar a memória daquele dia, 10 de dezembro de 1922, quando o movimento estudantil nacionalista irrompera com toda a força. Devido aos obstáculos impostos pelo governo, a Conferência não pôde ser realizada regularmente, nem todos os anos nem na mesma data tradicional. Após a perseguição de 1933-34, realizou-se uma conferência de dimensões razoáveis, embora improvisada, em uma estância termal: Baile Herculane (As Termas de Hércules), em 20 de abril de 1934, quando o clima político e a boa vontade do governo permitiram sua realização.

A participação legionária nessa Conferência fora mínima e não conseguira influenciar claramente o rumo dos acontecimentos, pois a sentença de absolvição dos líderes da Guarda de Ferro só havia sido divulgada em 5 de abril e, entre os acusados, encontravam-se também os líderes estudantis. Além disso, foi precisamente nesse momento que Stelescu começou seu trabalho de minar a autoridade do Capitão. Por fim, outros grupos políticos haviam enviado seus homens à Conferência para tumultuar a situação. Foi, portanto, uma conferência bastante apagada, sem impacto sobre o meio universitário e que não estabeleceu linhas claras de ação.

Prosseguindo nesse episódio, os estudantes legionários das universidades, mal saídos da perseguição, lançaram-se mais uma vez à luta com um ânimo extraordinário. Enquanto as estruturas legionárias de base retomavam pouco a pouco suas atividades em 1935, e somente após a fundação do partido *“Tudo pela Pátria”*, os estudantes legionários já empregavam todas as suas forças na primavera de 1934; no fim daquele mesmo ano, haviam alcançado todos os objetivos estabelecidos pelo Capitão. Em 20 de dezembro de 1934, o legionário Traian Cotiga foi eleito presidente da União Nacional dos Estudantes, o que significava que toda a

estrutura da organização estudantil do país estava nas mãos dos legionários.

A Conferência Anual dos Estudantes do ano seguinte realizou-se em Craiova, na Oltênia, entre 17 e 19 de abril de 1935. Essa Conferência marcou uma nova etapa na história do movimento estudantil, caracterizada pelo predomínio do novo espírito legionário. Os ideais dos estudantes e a organização política chamada a concretizá-los voltaram a se unir, formando um bloco coeso. Repetia-se a situação de 1923, quando a Liga de Defesa Nacional-Cristã acolhera as aspirações dos estudantes e as transportara para o plano da luta política. Desta vez, porém, à frente da organização política que lutava lado a lado com os estudantes não estava um homem fraco como o professor Cuza, mas um homem dotado de todas as qualidades de um grande líder, temido por seus inimigos e seguido com lealdade inabalável por seus homens.

A Conferência Estudantil de Craiova foi esmagadoramente legionária. Embora os debates transcorressem em plena liberdade, ninguém se levantou para defender pontos de vista diferentes dos apresentados pelos representantes legionários. O espírito da Legião envolveu os milhares de participantes como um líquido invisível. Canções legionárias foram entoadas por toda a massa de estudantes. Todos os oradores, dirigentes dos Centros Estudantis Universitários, eram legionários. Todos exaltaram o Capitão e demonstraram sua lealdade inabalável aos ideais do Movimento. A Conferência de Craiova foi uma manifestação de espírito e juventude que mostrou com clareza que os estudantes haviam assimilado e incorporado em si a espiritualidade legionária.

Ion Mota foi o presidente honorário da Conferência. Era uma homenagem prestada não apenas a um célebre precursor, mas a toda a geração de combatentes nacionalistas de 1922. Em resposta à honra que lhe fora concedida, Mota enviou uma mensagem à Conferência, posteriormente publicada no *Cuvantul Studentesc* (*A Palavra Estudantil*), sob o título *“O Essencial”*. Não se tratava de uma resposta convencional, mas de um apelo que recordava aos estudantes seus deveres para com a luta nacionalista:

“Não basta”, disse Mota, “reafirmar os ideais dos estudantes; uma conferência estudantil não pode ser reduzida a uma simples exibição de ideologia; uma conferência deve ser uma oportunidade para examinar a capacidade interior dos estudantes de alcançar seus objetivos. É inútil falar de ideais se, ao mesmo tempo, não se buscam os meios pelos quais esses ideais serão concretizados.

Qual é a capacidade de sacrifício da juventude reunida nesta conferência? Somente pela fusão da vida pessoal do estudante com seu ideal é que se pode assegurar a realização deste último.

O essencial é o espírito de sacrifício.

Todos nós possuímos a mais formidável dinamite, a mais avançada arma de guerra, mais poderosa que tanques e metralhadoras: nossas próprias cinzas! Todo poder deste mundo está fadado a ruir; o que permanece são as cinzas dos bravos combatentes, mortos pela Justiça e por Deus!”

Na mesma conferência, foi amplamente distribuído o livreto *The Romanian of Tomorrow*, de Alexandru Cantacuzène. Em afirmações concisas, Cantacuzène denunciava os males que afligiam a sociedade romena e traçava um retrato do romeno ideal concebido pelo Capitão: um homem corajoso, generoso, desinteressado e sempre disposto a se sacrificar pela justiça e pela liberdade do povo.

VIII. A Associação do Movimento Estudantil da Geração de 1922.

Alarmados com o rápido crescimento da influência legionária no meio estudantil, o governo e as forças ocultas que o controlavam tentaram aproveitar o espírito dessa juventude, desviando-o para uma via que pudessem controlar. Essas manobras não tiveram verdadeiro êxito, nem durante as Conferências Estudantis de Băile Herculane e Râmnicul Sărat, nem depois, por meio do acampamento de repouso de Stelescu em

Budachi, na Bessarábia. O meio estudantil havia percebido o perigo e se aproximava cada vez mais do Movimento.

No entanto, a camarilha monarquista do Palácio, cuja capacidade de urdir intrigas e preparar armadilhas não conhecia limites, dispunha de um plano alternativo particularmente audacioso e traiçoeiro. Tratava-se de nada menos que minar o movimento estudantil, a fim de impedir que a energia do meio universitário alimentasse as estruturas de base do movimento legionário. O plano fora concebido de tal maneira que as novas gerações dificilmente teriam suas convicções abaladas. O objetivo era levá-las, pouco a pouco e sem que percebessem o que estava acontecendo, a cair sob o controle de certos elementos ligados, ainda que remotamente, ao Palácio. O ardil era sutil: Nacionalismo? Sim! Antijudaísmo? De acordo! Manifestações? Certamente! Até tumultos, se necessário! Mas tudo deveria ocorrer *"dentro dos limites permitidos pelos órgãos oficiais"*.

Mas por intermédio de quem o governo pretendia pôr em prática esse plano para desviar a juventude de seu caminho? Os responsáveis pela operação pensaram em recorrer aos antigos líderes do Movimento Estudantil de 1922 que não haviam ingressado na Guarda de Ferro. Para compreender melhor a estratégia da camarilha monarquista em todas as suas ramificações, é necessário, antes de tudo, explicar o que havia acontecido com os antigos líderes do movimento estudantil de 1922 depois que deixaram a universidade:

1. Os mais corajosos e determinados haviam ingressado no Movimento Legionário e prosseguido na luta sob a liderança de Codreanu. O principal exemplo desse grupo de combatentes foi Ion Mota.

2. Um segundo grupo, formado por pessoas excelentes, mas sem constância na luta, deixou-se absorver pela vida profissional e passou a participar da vida pública de maneira cada vez mais distante. Entre elas, devemos recordar as grandes figuras da vida estudantil de Bucareste: o Dr. Ion Simionesco, o Dr. Constantin Danulesco e o engenheiro Popesco-Botosani.

3. Um terceiro grupo de combatentes nacionalistas permaneceu fiel ao professor Cuza e chegou a acompanhá-lo quando a Liga se fundiu com o partido de Octavian Goga.

4. Na quarta categoria, devemos incluir aqueles que se valeram do prestígio conquistado no movimento estudantil para obter cargos lucrativos no Estado ou em grandes empresas, o que os levou, consequentemente, a renunciar em definitivo a qualquer atividade nacionalista.

5. Por fim, há aqueles que, incapazes de se estabelecer profissionalmente e seguir uma carreira, passaram a viver de expedientes, ingressaram nas fileiras dos informantes da polícia ou do serviço de segurança (***Siguranța***), oferecendo seus serviços indignos contra os antigos companheiros.

Foi recorrendo à escória desses grupos, isto é, aos informantes da polícia, que a conspiração permanente do Palácio procurou, a qualquer custo, atrair para sua teia os antigos líderes estudantis dos grupos 2, 3 e 4 e transformá-los em uma força de oposição a Codreanu e àqueles que o haviam seguido em sua cruzada. Em outras palavras, pretendia mobilizar a geração de 1922 contra seus legítimos herdeiros, contra aqueles que não haviam traído seus ideais nem por um instante.

O plano foi rapidamente posto em prática e, de certo modo, de surpresa. No início de 1935, foi fundado em Bucareste o *Bloco Estudantil de 1922*, sob a liderança do engenheiro Popesco-Botosani. Naturalmente, aqueles que apareciam à frente desse movimento não podiam ser acusados de colaborar com o governo, pois eles próprios haviam sido vítimas de planos concebidos em benefício deste. Eram homens de renome, conhecidos na vida pública, usados para encobrir as intenções obscuras do plano governamental.

Assim, ao lado das organizações estudantis oficiais, dominadas pelos legionários, surgiu um agrupamento paralelo que se vangloriava de representar com maior fidelidade as aspirações dos estudantes.

O aparecimento do Bloco poderia ter provocado uma enorme confusão entre os estudantes e até destruído, pela base, sua unidade de

propósitos. A resposta legionária não tardou. Para impedir que o novo agrupamento explorasse os estudantes, Codreanu incumbiu Mota de criar uma organização com objetivos semelhantes aos do Bloco, mas que ficaria sob o controle do Movimento.

Mota tinha infinitamente mais legitimidade para reunir a geração de 1922 do que aqueles que, nos anos seguintes, haviam abandonado as fileiras nacionalistas e se perdido nas vicissitudes da vida, ou do que aqueles que, pior ainda, haviam passado a servir justamente àqueles contra quem antes haviam lutado.

Disciplinado e eficiente, Mota pôs-se a trabalhar. No início de abril de 1935, reuniu em Bucareste todos os antigos estudantes da geração de 1922, assim como todos aqueles que, desde então, haviam exercido funções nas organizações estudantis. Ele acreditava, com toda razão, que a geração de 1922 não podia se limitar a representar apenas aquele ano. A geração de 1922 representava algo muito mais importante: simbolizava uma nova orientação, um novo espírito nacional, que deveria acolher todos os estudantes que compartilhavam das mesmas convicções. À geração de 1922 pertenciam todos aqueles estudantes que, depois disso, em ondas sucessivas, ao ingressarem na universidade, haviam abraçado os mesmos ideais.

No entanto, para evitar a impressão de que, com essa organização ampliada, o Movimento buscava objetivos eleitorais, Mota restringiu a participação dos estudantes mais recentes àqueles que haviam exercido cargos importantes nos Centros Estudantis.

Da mesma forma, para ressaltar a diferença entre sua organização e o Bloco, Mota deu à nova entidade o nome de ***Associação do Movimento Estudantil da Geração de 1922***.

As reuniões da nova Associação ocorreram no Salão dos Estudantes de Medicina, o mesmo local onde se realizavam regularmente as reuniões organizadas pelo Centro Estudantil de Bucareste. Legionários de todas as universidades do país compareceram em grande número, constituindo assim a maioria do público.

No início da cerimônia de abertura, ocorreu um incidente doloroso que, por um momento, ofuscou a alegria sentida por tantos colegas universitários, vindos de lugares distantes, ao se reencontrarem. Quando o salão já estava quase lotado e restavam apenas alguns lugares vagos, todos no fundo, Stelescu entrou. Todos permaneceram imóveis, em uma atmosfera de silêncio sepulcral. Ninguém esperava uma provocação tão aberta, depois da campanha que ele havia desencadeado contra Codreanu em seu semanário, *Cruciada Romanismului*.

Depois de lançar um olhar atento pelo salão e perceber a atmosfera carregada, sentou-se em uma poltrona, muito menos confiante do que quando havia chegado. A reunião foi aberta e escolheu-se a Comissão Provisória. Em seguida, Mota se levantou e, sem olhar na direção de Stelescu nem mencionar seu nome, intimou-o, em nome de todos os presentes, a deixar o salão, nos seguintes termos:

"Depois de tudo o que fez, depois de todos os ataques infames que lançou contra o Capitão nas páginas de um jornal pago pelo inimigo, é indigno que esse homem permaneça entre nós."

Embora transbordasse de indignação, Mota havia falado em tom comedido. No entanto, pela maneira como acentuava cada palavra, pela expressão dura e implacável de seu rosto, demonstrava tamanha firmeza que Stelescu não teve outra escolha senão deixar o salão. Caso contrário, todos teriam avançado sobre ele para expulsá-lo à força. Compreendendo que a batalha já estava perdida e que qualquer demora poderia ser fatal para ele, Stelescu se levantou e saiu como uma sombra. O salão respirou aliviado, e as discussões puderam começar.

Como o governo reagiu à reunião convocada por Mota? Contava com a margem de manobra de que dispunham o Bloco Estudantil e os dirigentes dessa organização de infiltração — homens, aliás, de boa-fé, mas inteiramente incapazes de compreender que não passavam de peões em um jogo que os ultrapassava e cujo objetivo era simplesmente destruir o movimento estudantil. O governo esperava provocar tamanha confusão entre os delegados que a reunião acabaria dividida e desarticulada. Isso significaria a vitória do Bloco e o confirmaria como único representante da

geração de 1922. Foi por essa razão que, a princípio, o governo não apenas deixou de proibir — como poderia ter feito — a reunião organizada por Mota, mas, ao contrário, incentivou a participação dos membros do Bloco no encontro realizado no Salão dos Estudantes de Medicina.

As discussões do primeiro dia foram dominadas pelo duelo oratório entre Mota e Danulesco. Este último, defendendo o ponto de vista do Bloco, atacou enfaticamente a presença, no salão, de qualquer pessoa que não pertencesse à geração de 1922. Segundo ele, essas pessoas não possuíam as qualificações necessárias para representar a geração de 1922 e, portanto, a reunião estava sendo realizada de maneira irregular. Exigiu que, antes de se abordarem os aspectos fundamentais da questão, fosse decidido quem pertencia à geração de 1922 e que aqueles que não atendessem aos critérios fossem excluídos.

Mota refutou essa ideia, demonstrando que era impossível limitar-se ao período da geração de 1922, pois ela abrangia todos aqueles que, ao longo dos anos, haviam lutado pelos mesmos ideais. Essa “geração” só poderia chegar ao fim quando já não houvesse estudantes dispostos a beber dessa fé. Seria, portanto, a pior das injustiças excluir das fileiras dos combatentes nacionalistas aqueles que haviam transmitido a tocha da fé nacionalista às novas gerações, assim como eles próprios a haviam recebido das mãos da heroica geração de 1922. Formavam um todo e, caso se cometesse o erro de fragmentá-los segundo divisões artificiais, isso só poderia beneficiar os inimigos do movimento nacionalista.

A esmagadora maioria dos presentes se levantou e aplaudiu entusiasticamente as palavras de Mota, enquanto os representantes do Bloco, em evidente minoria, participaram das discussões isolados e resignados. Danulesco, percebendo o ambiente no salão e compreendendo que tudo estava perdido, abandonou a reunião em sinal de protesto, seguido por seus amigos.

Ion Mota foi escolhido presidente da ***Associação do Movimento Estudantil da Geração de 1922***, cujo comitê era formado, em sua maioria, por legionários.

Desesperado ao ver que o plano de fazer fracassar a reunião no Salão dos Estudantes de Medicina havia falhado, o governo mostrou sua verdadeira face ao proibir, no dia seguinte, a continuação da conferência. Mas já era tarde demais. A Associação havia sido constituída, tendo Mota à frente.

IX. Os Campos de Trabalho.

Uma das maiores realizações de Corneliu Codreanu, em benefício de todo o povo romeno e, em especial, de sua juventude, foi a criação do *“campo de trabalho”*.

Convém lembrar que o primeiro campo de trabalho foi iniciado pelo Capitão em Ungheni, em 1924, quando ainda atuava ao lado do professor Cuza. Com os tijolos fabricados nesse campo, foi posteriormente construído em Iași o Salão Cultural Cristão. A pedra fundamental desse salão foi lançada em 13 de setembro de 1925.

Após a fundação da Legião, o campo de trabalho de Ungheni foi reaberto na primavera de 1928; os trabalhos foram retomados para dar continuidade à construção do salão, cuja obra havia sido interrompida no ano anterior.

As dificuldades inerentes à construção de uma nova organização, o número reduzido de legionários nos primeiros anos, as preocupações do Capitão, o assédio constante das autoridades e os resultados educacionais insuficientes do campo de trabalho fizeram com que o ritmo das obras diminuísse. Esse trabalho permaneceu suspenso até 1933. No verão de 1933, porém, o Capitão decidiu construir em Vișani, no distrito de Buzău, um dique de seis quilômetros destinado a proteger da inundação várias aldeias e suas plantações. Em um capítulo anterior, mostramos por que essa iniciativa não pôde ser concluída. O governo proibiu a continuação dos trabalhos, e as várias centenas de legionários que ali se haviam reunido foram presos e, depois, dispersados.

No entanto, no início de agosto de 1933, o Capitão retomou a ofensiva de trabalho e lançou as bases do Campo de Bucureștii-Noi, em um dos subúrbios da capital. Ali começaram as obras de um salão destinado aos legionários feridos em combate, edifício que mais tarde ficaria conhecido como *Casa Verde*. A perseguição de 1933 interrompeu os trabalhos em Bucureștii-Noi, e os legionários foram obrigados pelo governo a trocar seu trabalho frutífero no campo pelas paredes úmidas das prisões.

Encerrada a perseguição durante a primavera e o verão de 1934, campos de trabalho surgiram em várias regiões do país. Em Bucareste, as obras da Casa Verde não puderam prosseguir porque o edifício ainda estava ocupado pela polícia; por outro lado, outro campo foi aberto na região de Giulești, também próxima da capital, em terras doadas ao Movimento por um benfeitor, Dimitrie Micesco. Nessas terras, os legionários cultivavam hortaliças e fabricavam tijolos. O chefe do campo era o estudante Ion Caratanase, um legionário de coragem incomparável que, mais tarde, integrou a equipe encarregada de punir o traidor Stelescu.

Foi no Campo de Giulești que o Capitão condecorou o general Cantacuzène com a *Cruz Branca*, distinção reservada aos legionários que se destacavam por atos de bravura. O próprio Campo de Giulești durou apenas alguns meses, pois, em 17 de agosto de 1934, a polícia chegou e expulsou os legionários.

Ainda no verão de 1934, foi criado o primeiro campo de trabalho da Transilvânia. Um grupo de estudantes da Universidade de Cluj, sob a liderança do Dr. Ion Banea, iniciou a construção de uma escola em Dealul Negru, uma aldeia na região dos Moți, uma das mais pobres da Romênia.

Ao mesmo tempo, no distrito de Cotiugenii Mari, na Bessarábia, outro grupo de legionários trabalhou na reconstrução de uma igreja em ruínas, sob a liderança do advogado Traian Puiu.

Encerrada a perseguição durante a primavera e o verão de 1934, campos de trabalho surgiram em várias regiões do país. Em Bucareste, as obras da Casa Verde não puderam prosseguir porque o edifício ainda estava ocupado pela polícia; por outro lado, outro campo foi aberto na

região de Giulești, também próxima da capital, em terras doadas ao Movimento por um benfeitor, Dimitrie Micesco. Nessas terras, os legionários cultivavam hortaliças e fabricavam tijolos. O chefe do campo era o estudante Ion Caratanase, um legionário de coragem incomparável que, mais tarde, integrou a equipe encarregada de punir o traidor Stelescu.

Foi no Campo de Giulești que o Capitão condecorou o general Cantacuzène com a *Cruz Branca*, distinção reservada aos legionários que se destacavam por atos de bravura. O próprio Campo de Giulești durou apenas alguns meses, pois, em 17 de agosto de 1934, a polícia chegou e expulsou os legionários.

Ainda no verão de 1934, foi criado o primeiro campo de trabalho da Transilvânia. Um grupo de estudantes da Universidade de Cluj, sob a liderança do Dr. Ion Banea, iniciou a construção de uma escola em Dealul Negru, uma aldeia na região dos Moți, uma das mais pobres da Romênia.

Ao mesmo tempo, no distrito de Cotiugenii Mari, na Bessarábia, outro grupo de legionários trabalhou na reconstrução de uma igreja em ruínas, sob a liderança do advogado Traian Puiu.

Na Bucovina, outra província do norte da Romênia, o próprio Capitão lançou as bases de um novo campo. No início de julho de 1934, chegou com uma equipe de legionários ao monte Rarău e começou a construir uma casa de refúgio. Codreanu amava a natureza. Assim que tinha um momento livre, corria para ela, fosse para a montanha, fosse para o mar. Tinha uma predileção especial pelo monte Rarău. Foi ali que superou as feridas morais infligidas por Manciu e também ali que tomou a austera decisão de não suportar mais novas humilhações.

O Campo de Rarău ficou sob a responsabilidade de Vasile Iasinschi, chefe legionário da Bucovina, e foi concluído em tempo recorde. Uma construção imponente foi erguida naquele ninho de águia.

No início de agosto de 1934, o Capitão deixou Rarău e se instalou às margens do Mar Negro, em Movila-Techirghiol, onde criou um campo de repouso para legionários enfermos.

Ao observarmos um mapa da Romênia, percebemos que o fenômeno dos campos de trabalho havia se espalhado por todo o país. No verão de 1934, não havia uma única província que não contasse com pelo menos um campo de trabalho voluntário. Tomando como modelo os campos fundados pelo próprio Capitão, os núcleos locais do Movimento lançaram-se com entusiasmo à mesma atividade. Talvez não fosse muito, mas o fenômeno dos campos de trabalho se difundiu por toda parte, despertando o interesse de todos os legionários. Partindo de algumas obras isoladas, perdidas na vastidão do país, o dinamismo legionário encontrara uma nova forma de se afirmar, que produziria frutos espetaculares nos anos seguintes.

Acrescentemos que, enquanto surgiam os campos de trabalho, os legionários prosseguiam tranquilamente com sua atividade de reorganização e propaganda. Restabeleciam contatos, cerravam fileiras, mas, de resto, evitavam se expor. Essa era a ordem do Capitão: paz e paciência. Em tal atmosfera, ele acompanhava com paixão os rumos da política romena, a fim de avaliar quando as forças legionárias poderiam voltar a se manifestar abertamente.

Por que, quando a atividade política do Movimento estava totalmente paralisada, o Capitão reuniu os legionários nos campos de trabalho? O que o levou a adotar esse caminho?

O governo viu-se em uma situação incômoda, até mesmo dolorosa. Gostaria de ter interrompido essa forma de atividade legionária, como já fizera em vários lugares, mas não dispunha de fundamentos legais que justificassem tal medida e, além disso, teria de enfrentar a desaprovação pública: com que fundamento se pode impedir um homem de trabalhar?! Como proibir obras de utilidade pública, como a construção de uma escola, uma igreja ou uma casa de repouso? Depois da derrota sofrida no recente julgamento dos legionários, os liberais apenas se tornariam ainda mais odiados aos olhos da nação.

A atividade dos campos de trabalho não podia ser punida nem com a invocação do estado de emergência, nem com o recurso aos artigos da recente lei de defesa do Estado. Foi por essa razão jurídica que os campos

de trabalho puderam funcionar, garantindo assim a continuidade do espírito legionário entre as massas populares.

Durante o verão de 1935, após a fundação do partido *"Tudo pela Pátria"*, o número de campos de trabalho aumentou de 5 para 20. Além dos campos, surgiram as chamadas *"frentes de trabalho"*, muito mais numerosas. Um campo de trabalho reunia certo número de homens, a partir de 30 e podendo chegar a 300; devia durar pelo menos um mês — embora normalmente durasse três — e tinha como objetivo realizar alguma obra importante: uma igreja, uma escola, um dique, uma estrada, uma casa de repouso ou um asilo.

Dadas as dimensões e as dificuldades envolvidas na instalação de um campo de trabalho, ele só podia ser criado com o apoio da estrutura legionária departamental.

Uma frente de trabalho era composta por pelo menos cinco pessoas e devia durar no mínimo cinco dias; a obra a ser realizada era de proporções modestas: consertar uma ponte em um vale, limpar um cemitério, erguer um Calvário, limpar uma fonte, reformar a casa de um camponês pobre. Qualquer ninho legionário podia organizar uma frente de trabalho, enquanto um campo precisava ser criado com a aprovação do Capitão.

Os legionários que trabalhavam nas frentes e nos campos recebiam um certificado assinado pelo general Cantacuzène, na qualidade de chefe do Partido, e por Codreanu, na qualidade de chefe da educação legionária.

Durante o verão de 1936, o movimento dos campos e das frentes de trabalho atingiu seu auge. Quase todos os departamentos — 71 ao todo — possuíam um campo de trabalho e frentes que se estendiam por milhares de localidades. Em quase todas as aldeias, os legionários concluíam alguma obra de utilidade pública. Por todo o país, dezenas de milhares de legionários trabalhavam de coração para ajudar o povo. Os estudantes, em vez de descansarem nas montanhas ou à beira-mar, passavam as férias nos campos, revolvendo a terra com os pés sob o sol escaldante, ao lado de operários e camponeses.

Os campos de trabalho mais importantes de 1935 e 1936 foram:

O Campo de Cluj, na Transilvânia, onde se iniciou a construção de uma residência estudantil.

O ***Campo de Arnota***, na Oltênia, onde foi aberta na rocha uma estrada que levava ao mosteiro de mesmo nome.

O ***Campo do Monte Rarău***, na Bucovina, onde tiveram continuidade as tarefas iniciadas pelo Capitão no verão de 1934.

O ***Campo do Monte Susai-Predeal***, na Valáquia, onde se iniciou a construção de um mausoléu destinado a abrigar os ossos dos soldados mortos naquele local durante a Primeira Guerra Mundial.

O ***Campo da Casa Verde***, em Bucareste, onde prosseguiram as obras do salão destinado aos legionários feridos.

O ***Campo Carmen Sylva***, na Dobruja, onde foram realizadas melhorias no litoral do Mar Negro e onde Codreanu pretendia construir, mais tarde, um sanatório. Esse campo era dirigido pessoalmente pelo Capitão, e foi ali que se formaram os quadros de liderança dos demais campos.

A força que impulsionou o surgimento do primeiro campo de trabalho — o de Ungheni, em 1924 — foi uma necessidade material: os nacionalistas de Iași não dispunham de uma sede onde pudessem se reunir. No entanto, a criação do primeiro campo de trabalho voluntário em solo romeno produziu efeitos que ultrapassaram em muito a realização de seu objetivo material: rompeu o ódio entre as classes, segundo o qual o trabalho manual — nos campos, nas oficinas e nas fábricas — rebaixava o Homem e deveria ser deixado às camadas mais baixas da sociedade.

Com a fundação do Movimento, a ideia do campo de trabalho voluntário adquiriu outros significados. Os homens que ali trabalhavam já não eram recrutados exclusivamente entre os estudantes, mas em todas as classes sociais. Estudantes, operários, camponeses, profissionais liberais, funcionários públicos, professores universitários, artesãos, príncipes de sangue e intelectuais — todos trabalhavam em harmonia com o trabalho criador. Ali se forjou uma comunidade nacional, vitoriosa sobre as antigas barreiras. Homens de origens sociais muito diferentes comungavam espiritualmente no esforço comum. Todos sentiam que seu trabalho nos

campos era apenas o prelúdio das grandes realizações coletivas do futuro, realizações que mudariam a face do país. Sem apagar as diferenças naturais de origem social, sem buscar o nivelamento deliberado e absurdo dos homens, o esforço comum dos legionários contribuiu para a criação do Homem Novo, um indivíduo livre do egoísmo interesseiro, capaz de dedicar sua vida a ideais nacionais mais elevados.

A partir de 1936, o Capitão passou a enfatizar cada vez mais o papel educativo dos campos. *"O campo"*, escreveu ele em uma circular dirigida aos estudantes, *"tem uma função educativa. Todos os que saem de um campo ficam marcados pelo selo legionário. Ninguém receberá qualquer graduação ou função se não tiver passado por um campo, seja qual for sua idade"*.

Em suma, o campo cumpria várias funções na vida legionária:

- criava riqueza material para a organização.

- aumentava o patrimônio do povo romeno.

- demonstrava que os males que afligiam o país podiam ser curados pela união de esforços, em vez de se desperdiçarem energias em disputas estéreis entre partidos.

- reunia romenos de diferentes origens sociais.

- funcionava como escola da educação legionária.

X. O Comércio Legionário.

Os trabalhos nos campos estavam a pleno vapor — estamos agora em 14 de setembro de 1935 — quando Codreanu lançou os legionários em uma nova luta, à qual deu o nome de "batalha do comércio legionário".

Essa iniciativa nasceu, assim como os campos de trabalho, de uma necessidade material. Os legionários que trabalhavam na sede central — e prestavam seus serviços gratuitamente — não tinham outra maneira de ganhar a vida. Para se alimentar e se vestir, não lhes restava alternativa

senão recorrer à família e aos amigos mais próximos. No entanto, não se podia exigir que homens jovens, no auge da vida, vivessem de esmolas ou de expedientes provisórios.

Assim, Codreanu pensou em criar um Fundo destinado exclusivamente aos legionários que trabalhavam na sede central. Por que os próprios legionários não poderiam entrar no comércio e até se tornar bons comerciantes?

Não era uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, essa ideia entrava em choque com a mentalidade predominante na sociedade romena: o comércio era visto como uma atividade inferior. Um funcionário público, mesmo mal remunerado, gozava de muito mais consideração na sociedade do que um comerciante próspero. A juventude se afastava do comércio e seguia o caminho das profissões liberais ou do funcionalismo público. Chegava-se até a afirmar, em certos círculos partidários, que o romeno “não tinha aptidão para o comércio”. (!) Era necessário, portanto, destruir a qualquer custo e o mais rapidamente possível essa mentalidade derrotista e degradante. Era preciso demonstrar que o romeno era tão capaz de fazer bons negócios quanto o judeu, o grego, o armênio e o árabe, que, naquela época, dominavam as atividades comerciais do país.

Tomada a decisão, surgiu o problema de como reunir o capital necessário para os primeiros investimentos. Naquela época, a Legião era tão pobre que a receita da organização mal bastava para cobrir as despesas da pequena equipe que trabalhava na sede central. Mas o Capitão não era homem de recuar diante de um obstáculo como esse. Dois meses depois de decidir lançar os legionários no comércio, em 14 de novembro de 1935, inaugurou a primeira empresa comercial do Movimento: uma cooperativa de consumo, que registrou com o nome de **Cooperativa Legionária** e que funcionava em uma ala da sede da Legião, na rua Gutenberg, nº 3.

Em dois meses, os trâmites administrativos haviam sido concluídos, as instalações preparadas, as mercadorias adquiridas e um sistema de reposição organizado. Todos os detalhes essenciais para a abertura da loja haviam sido providenciados pessoalmente por ele. Supervisionara as obras de adaptação, examinara as mercadorias encomendadas, definira os preços

e treinara os funcionários. Até então, nunca se envolvera com negócios, mas seu olhar de águia não deixava escapar nenhum detalhe: desde a cuidadosa disposição da loja até o asseio dos funcionários.

As mercadorias vinham de todas as regiões do país e eram entregues a crédito. Nesse aspecto, era fundamental que a organização funcionasse sem falhas. De acordo com uma lista elaborada pelo Capitão, os Agrupamentos Departamentais enviavam ao Centro tudo o que havia de útil em seus departamentos: os melhores vinhos, os melhores queijos ou outros gêneros alimentícios. À medida que as mercadorias eram vendidas, o fornecedor era pago, o que o incentivava a enviar mais.

Assim como acontecera com os campos, essa cooperativa foi um sucesso imediato: havia sido criado um meio de sustento para a equipe da sede. Uma vez iniciada a atividade, Codreanu descobriu novas ideias e possibilidades ilimitadas. A experiência comercial adquirida pelo Movimento Legionário revelou-se um modelo digno de imitação, capaz de servir a todo o povo romeno. A ideia de que os romenos não tinham aptidão para o comércio não passava de um preconceito e de uma mentira infame. A prova foi dada pelos legionários, que obtiveram pleno êxito. Seu modesto empreendimento criara raízes e crescia continuamente. Por que todos os romenos não poderiam fazer o mesmo? Com seu exemplo eloquente, os legionários abriram para seus compatriotas um caminho em um campo que, até então, estivera praticamente reservado aos estrangeiros. **O novo empreendimento legionário estava prestes a se transformar em uma escola de comércio para todo o povo romeno.**

O Capitão não se deixou limitar pelo aspecto material do problema nem pelos resultados que poderiam ser obtidos por meio dessa atividade comercial, por mais promissores que fossem. O êxito imediato nem sempre justifica a ação humana. Uma escola de comércio a serviço de todo o povo romeno precisava necessariamente se fundamentar em certos princípios que também atendessem à dimensão espiritual. Em outras palavras, Codreanu buscava igualmente revelar e definir os fundamentos éticos do comércio.

Quais são os princípios de um comércio saudável, perguntava-se Codreanu, de um comércio que não deve estar a serviço de um negociante ganancioso, que não deve se basear na exploração do consumidor, que continua sendo um empreendimento viável, mas é, ao mesmo tempo, uma atividade a serviço de toda a comunidade?

Na circular de 29 de setembro de 1935, ele estabeleceu os "princípios" que regeriam a futura cooperativa legionária:

Primeiro lema: *"Aqui não se vendem mercadorias de má qualidade".*

Segundo lema: *"Aqui são vendidos apenas os melhores produtos fabricados pelo povo romeno".*

Terceiro lema: *"O comércio legionário vende a preços justos".*

A observância desses princípios elementares não poderia causar qualquer prejuízo ao comércio em si, considerado apenas sob a perspectiva econômica. Ao vender artigos de boa qualidade a preços razoáveis, a clientela aumentava continuamente, as mercadorias eram vendidas com maior rapidez e o lucro, embora menor por unidade, tornava-se expressivo graças ao grande volume de vendas. Portanto, era essencial para a prosperidade do negócio que o comerciante se contentasse com um lucro modesto.

O Capitão foi ainda mais longe em seu desejo de assentar o comércio sobre fundamentos nacionais e morais. Mais importante do que o lucro obtido era a atitude dos homens que trabalhavam nesse campo. Os princípios estabelecidos e mencionados acima pressupunham que os homens tivessem respeito por si próprios. Um comerciante se rebaixa quando oferece ao cliente mercadorias de má qualidade a preços injustos. **Ao respeitar o cliente, ele respeita a si mesmo.** Entre o cliente e o comerciante estabelecem-se relações honrosas. A boa reputação de um comerciante é muito mais importante do que o lucro adicional que ele obtém enganando o cliente. O comércio é um serviço prestado à comunidade. O comerciante é alguém que desempenha uma função na sociedade, assim como o professor, o médico e o sapateiro, e que, em troca desse serviço, tem direito a uma remuneração, a um pequeno lucro. *"O*

comércio legionário”, dizia Codreanu, *“é um comércio cristão, fundamentado no amor ao próximo, não no roubo; um comércio baseado na honra”*.

Do ponto de vista nacional, o Capitão acreditava que o ingresso dos legionários no comércio constituía uma nova etapa na história de seu povo. Uma parte considerável da economia nacional, até então deixada nas mãos de estrangeiros, precisava ser reconquistada. Em uma de suas circulares, datada de 29 de setembro de 1935, declarou:

“Somos chamados a percorrer um novo caminho com o mesmo êxito e a mesma glória daqueles que já trilhamos três vezes até hoje.

Conquistamos a vitória no domínio da espada, no das prisões e no dos campos de trabalho.

Pela primeira vez, a fé legionária ingressará no campo dos negócios.

Temos sofrido inconscientemente os efeitos de uma mentalidade deturpada e vivido sob sua tirania: a de que o romeno não sabe fazer negócios.

Hoje, queremos destruir, romper essa mentalidade e demonstrar que, também nesse caminho, o legionário será o vencedor”.

A maior parte do comércio estava, até então, nas mãos dos judeus. Isso não se devia ao fato de os romenos não serem bons comerciantes, mas ao fato de os judeus agirem como um bloco que minava sistematicamente a posição dos comerciantes romenos. Estes últimos, abandonados pelo Estado, ignorados por seus compatriotas e obrigados, além disso, a lutar contra uma burocracia corrupta, viram-se isolados em suas próprias cidades e confrontados por toda a comunidade judaica. Sozinhos, sem a ajuda de ninguém, diante de milhares de comerciantes judeus bem-organizados e amparados por sua comunidade, os romenos foram sendo gradualmente esmagados, graças a forças econômicas desiguais. Um após outro, fecharam suas lojas, venderam suas casas e desapareceram dos principais centros comerciais, em consequência da ofensiva dos judeus.

Codreanu, consciente do grande perigo que ameaçava os centros comerciais das cidades, partiu para o ataque, mas da única maneira capaz de salvar o comércio romeno. Não incitou os jovens a gritar, como faziam os cuzistas, “Abaixo os judeus!”, nem os instigou a quebrar as vitrines dos judeus ou a maltratá-los; pelo contrário, incentivou-os a ingressar no comércio e a travar a batalha no terreno em que os judeus afirmavam sua superioridade. A juventude romena precisava aprender a administrar negócios, reconquistar dos judeus o terreno perdido, empregando o método da concorrência leal.

Para poder enfrentar o exército econômico judaico, bem organizado, os romenos também precisavam entrar na batalha como uma força unida. Codreanu defendia, portanto, a criação de *“um exército”* de comerciantes romenos. Ao *“bloco judaico”*, dominante no comércio, era preciso contrapor *“o bloco romeno”*, ardoroso e determinado a vencer. A Legião, com seus quadros disciplinados e desinteressados, podia empreender essa batalha mesmo sem capital, formando a vanguarda do futuro bloco de comerciantes romenos, imbuídos do espírito legionário. Graças ao trabalho obstinado dos legionários e ao apoio do público, reuniu-se o capital inicial; e esse capital, conquistado com o suor de seu rosto, seria reinvestido na criação de outros empreendimentos, até que todo o comércio do país estivesse em mãos romenas.

Veremos como, nos anos seguintes, esse grandioso projeto começou a se concretizar. Da modesta cooperativa da rua Gutenberg nasceram outros empreendimentos, prósperos e poderosos, em todas as principais cidades do país.

XI. As Equipes de Conferencistas.

Ao lado dos campos de trabalho, do comércio legionário e da ampla mobilização estudantil, durante esse período de transição de 1934-35, quando a organização mal havia saído de uma fase de terror atroz, tratava de suas feridas e retornava lentamente à atividade política, *“as equipes de conferencistas”* ocupam um lugar de honra na luta para revigorar a Legião.

Impedido de atuar na esfera política, Codreanu teve de conceber novas formas de atividade para as forças legionárias que não as colocassem em conflito com a lei. Imediatamente após a fundação do partido *"Tudo pela Pátria"*, os novos meios de afirmação da Legião, embora instituídos legalmente, depararam-se com inúmeras dificuldades. Em primeiro lugar, era preciso combater a conspiração da imprensa, conduzida pelos judeus ou pelos antigos partidos; a imprensa inimiga também se beneficiava da proteção do censor, que só atingia a Legião e deixava livre todo e qualquer caminho para atacá-la. Enquanto em 1933 o Movimento contava com 17 publicações, agora já não possuía nenhuma.

No entanto, o Capitão compensara a fraqueza temporária da base da organização por meio dos campos de trabalho, do comércio, das organizações estudantis e, por fim, das equipes de conferencistas. Dotado de um apurado senso estratégico e impossibilitado de avançar na frente principal com a necessária liberdade de ação, procurou manobrar pelos flancos, visando ao mesmo objetivo: **despertar a nação de sua apatia e de seu desespero.**

Em que consistia a equipe de conferencistas?

Era um grupo de personalidades da elite, de renome nacional, às quais o Capitão confiara a missão de viajar incessantemente pelas cidades do interior e proferir conferências sobre temas culturais.

Sua simples chegada a uma região, sem que fizessem a menor referência à Legião, despertava interesse e apoio à Legião.

Entre as figuras eminentes dessa equipe, destacaram-se por suas frequentes viagens e pelos resultados frutíferos: Nae Ionesco, professor de Lógica e Metafísica da Universidade de Bucareste; os advogados Ion Mota e Vasile Marin; e o poeta Radu Gyr. Cada um deles havia se destacado tanto na profissão que escolhera quanto na vida pública do país.

Nae Ionesco era o herói das novas gerações de estudantes e intelectuais; Ion Mota era o combatente "*sem medo e sem mácula*", profundo conhecedor do direito; Vasile Marin era um dos jovens advogados da capital que haviam assumido numerosas causas legionárias e

vencido todas elas; Radu Gyr era um dos poetas mais talentosos da nova geração e havia enriquecido a poesia lírica romena com uma profusão de novos temas inspiradores. Além disso, os quatro eram excelentes oradores, extremamente sensíveis à atmosfera do salão e sabiam entrar em comunhão espiritual com o público.

Como funcionava essa equipe?

Codreanu havia delineado uma ideia geral, que foi transmitida às estruturas legionárias das províncias para que se encarregassem de convidar conferencistas autorizados pelo Centro. Toda a dificuldade estava nesses convites, pois eles não podiam ser feitos pela organização legionária local. As autoridades jamais permitiriam esse tipo de atividade sob os auspícios da Legião. A única possibilidade era fazer com que esse "convite" partisse de outra entidade local.

Graças às relações de amizade dos chefes legionários em suas respectivas regiões, foi possível fazer com que uma *"associação cultural"*, um *"Fórum de Conferencistas"* ou um *"círculo artístico"* incluísse em sua programação, além das próprias conferências, pelo menos um dos nomes sugeridos pelo Centro. Dessa forma, mesmo que as autoridades quisessem impedir Mota, Ionesco ou Gyr de falar, teriam de enfrentar os protestos das entidades sob cujos auspícios as conferências seriam realizadas. Um conflito constante com essas associações dificilmente seria desejável. Do mesmo modo, o nome da Legião jamais era mencionado no cartaz que anunciava a conferência, muito menos entre as personalidades que recebiam o conferencista e o apresentavam ao público. Os legionários lotavam o salão e acolhiam o orador com aplausos estrondosos.

Uma segunda característica dessas conferências era o fato de que os temas jamais faziam referência ao Movimento. Os conferencistas abordavam questões gerais: um grande acontecimento nacional, uma figura histórica de destaque, uma questão cultural ou filosófica e assim por diante. No entanto, ao longo da exposição, comentários legionários sutis eram incorporados naturalmente ao conjunto da fala. Assim, ao falar da *"nova geração"*, era impossível não fazer alusão ao Movimento

Legionário, herdeiro e intérprete permanente das mais nobres aspirações de nosso povo.

Os resultados dessas conferências foram impressionantes. Os antigos preconceitos, incutidos por uma imprensa tendenciosa e pelos quais normalmente se julgava a Legião, derretiam como neve ao sol diante dos argumentos e da fé dos oradores. Os padrões de pensamento fossilizados das províncias começavam a se voltar para o Movimento Legionário, como o Capitão havia previsto.

O autor deste livro pôde constatar pessoalmente os efeitos dessa tática na província do Banato, onde estava à frente do grupo legionário de Lugoj. Nessa cidade, haviam sido organizadas três conferências, em intervalos razoáveis, para Mota, Ionesco e Gyr.

Mota chegou no fim de 1934 e falou sem fazer a menor referência ao Movimento; os tempos não eram propícios. Mas ele era legionário, e todos sabiam disso. Sua presença e seu discurso criaram uma atmosfera de simpatia pela Legião, tirando-a do gueto ao qual os velhos partidos gostariam de confiná-la.

Alguns meses depois, em 1935, surgiu a renomada figura do professor Ionesco. O gelo já havia sido quebrado. Portanto, era possível falar com um pouco mais de franqueza e abordar certos assuntos que, um ano antes, teria sido impossível mencionar.

Por fim, em 1936, chegou o poeta Radu Gyr, com sua verve e seu lirismo. Já não havia qualquer reserva. Ele falou abertamente sobre o movimento nacionalista, pois sentia que o público estava espiritualmente preparado. O entusiasmo despertado por sua conferência foi tamanho que os legionários e simpatizantes, indo além das instruções recebidas, organizaram-se em colunas e realizaram uma marcha impressionante. A cidade inteira ressoou com canções legionárias.

Os resultados dessas conferências se refletiram no número de adesões que vieram em seguida. Padres, professores, docentes, advogados, engenheiros, funcionários públicos e operários vieram em grande número

fortalecer nossas fileiras, destruindo a mentira corrente de que apenas a “escória” da sociedade ingressava na Legião.

XII. O Homem Íntegro.

Depois da tempestade de 1933-34, Codreanu teve a imensa satisfação de constatar que os legionários haviam superado com êxito as provas do combate e da prisão. Ao longo dessas provações, consolidou-se o homem de fé, o homem de coragem, o homem de sacrifício, o homem que não temia o sofrimento, a tortura nem a morte. O comportamento nos campos de trabalho havia demonstrado que os legionários compreenderam a natureza construtiva do trabalho e que a Romênia só poderia ser reconstruída por meio de um esforço coletivo e disciplinado.

Ainda assim, o Capitão não estava satisfeito. Continuava a perceber fragilidades na formação legionária. Isso porque, em sua concepção, ser legionário significava alcançar uma combinação harmoniosa de qualidades, e não apenas desenvolvê-las de forma unilateral, por mais perfeitas que fossem.

Após o Movimento retomar suas atividades no início de 1935, o que mais preocupava Codreanu na formação dos legionários era incutir neles a ideia do “homem íntegro”. Ele havia constatado, com pesar, que, para a maioria dos legionários, ainda contaminados pela velha mentalidade, a noção de “retidão” não estava suficientemente clara. O que Codreanu entendia por “retidão” não se limitava às questões geralmente reunidas sob a rubrica de “conduta honesta”, como a honestidade no trato com o dinheiro alheio, fosse ele público ou privado. Sua concepção era muito mais ampla. O “homem íntegro” era aquele que, tanto na aparência quanto na realidade, procurava fazer com que suas ações exteriores correspondessem às suas motivações interiores. Não agia de forma incorreta o legionário que alegava não dispor de recursos suficientes para cumprir uma tarefa que lhe fora confiada por seus chefes? Não agia de forma incorreta o legionário que assumia determinadas tarefas e depois não as levava adiante? Não agia de forma incorreta o legionário que dizia

ser corajoso, mas que, no calor da batalha, abandonava seus companheiros ou fugia? Não agia de forma incorreta o legionário que professava excessiva lealdade a seu chefe apenas para renegá-lo nos momentos difíceis? Não agia de forma incorreta o legionário que ia à igreja e fingia exteriormente seguir a espiritualidade cristã do Movimento, mas que, no íntimo, era ateu? Quanto ao trato com o dinheiro público, não bastava que o legionário não se apropriasse dele por meios fraudulentos; era igualmente necessário que vigiasse para impedir que outros o desviassem ou o utilizassem de maneira indevida. A negligência em relação ao dinheiro público era considerada uma falta.

Eis como Codreanu descreveu o "homem íntegro" em 20 de julho de 1936:

"Até agora, criamos o homem de fé, o homem de coragem, o homem de sacrifício. Agora precisamos do homem íntegro.

Irrepreensível em todos os aspectos: consigo mesmo, em suas relações com o mundo exterior — atitude positiva, fé profunda, respeito e assim por diante —, perante a organização, seus camaradas, seus chefes, seu país e Deus.

Existem no mundo o homem ardiloso, o intermediário, o impostor, o dissimulado, o trapaceiro.

Queimem, nas chamas mais ardentes, a lembrança desses homens. Um legionário não pode ser como eles. Deve trazer consigo a marca do homem íntegro.

Os legionários devem agir de tal maneira que ser íntegro como um legionário se torne a norma".

E acrescentou, em outra ocasião, em 12 de novembro de 1936:

"Agir de forma incorreta não significa apenas ser ladrão. Também significa falta de cuidado, de ordem, de escrúpulos e de rigor com o dinheiro que não lhe pertence.

Não podemos pretender governar, criticar e condenar políticos corruptos se nós mesmos não formos íntegros".

Em todas as circulares publicadas durante esse período, o Capitão enfatizou o “homem íntegro”. Ele considerava que, sem a formação do “homem íntegro”, uma profunda revolução espiritual não poderia triunfar. Muitos dos males que afligem a vida das nações decorrem do fato de que os homens tendem a parecer melhores e maiores do que realmente são. Impelidos por ambições mesquinhas, assumem tarefas que excedem suas capacidades. O Capitão pedia aos legionários que não usassem máscaras, que não “*posassem de legionários*”, que não se julgassem melhores do que eram, mas permanecessem eles mesmos, com seus defeitos, suas limitações e suas capacidades. Em outras palavras, pedia-lhes “*que tivessem caráter*”. Que estabelecessem seus próprios limites de sacrifício, mas que, uma vez aceita livremente uma tarefa, mantivessem a palavra dada. Ele preferia muito mais um sacrifício modesto, mas realizado com consciência e amor. Um varredor de rua que cumpre seu trabalho com dedicação é muito mais digno de admiração do que um burocrata de alto escalão preguiçoso, negligente ou inútil.

XIII. Uma nova Ideia de Punição.

No campo da educação, Corneliu Codreanu não era um teórico abstrato e estéril. Não se limitava a indicar onde se encontrava o bem e a recomendá-lo aos outros; era também um educador. Os princípios estabelecidos eram rapidamente aplicados à estrutura do movimento que liderava.

Muitas vezes, sua preocupação com a educação o levava a percorrer o caminho inverso: isto é, da ação aos princípios, dos atos concretos à concepção legionária da vida. Como Chefe do Movimento, conhecia inúmeros fatos do mundo legionário, tanto bons quanto ruins. Jamais perdia uma oportunidade de destacar seu valor educativo. A maioria dessas observações, por ter sido feita oralmente, perdeu-se para nós. Algumas delas, contudo, encontram-se em suas *Circulares*.

As observações de Codreanu de caráter educativo costumam se resumir a duas ou três frases, mas sua concisão em nada diminui sua importância. Nelas se reflete toda a maneira de pensar do Capitão, assim como o céu se reflete em uma gota de vinho.

A recusa de um legionário em cumprir a punição que lhe fora imposta pelo Conselho Legionário de Justiça deu a Codreanu a oportunidade de definir o significado da punição na doutrina legionária. Ele introduziu novas ideias que enriqueceram o próprio conceito de punição. Todo homem, dizia ele, foge da punição por considerá-la infamante, algo que abala sua personalidade. Em completo contraste com essa mentalidade, Codreanu revela o lado construtivo da punição, seu sentido criador, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Ele transforma a punição em um elemento que edifica o "homem íntegro".

"Quero tornar conhecido a todos os legionários, por meio desta circular, que, quando cometem um erro ou se afastam do caminho legionário, devem reconhecer sua falta e pagar por ela mediante a punição. O legionário poderá dizer: 'Errei, mas paguei por isso. Portanto, não devo nada a ninguém'.

Em segundo lugar, gostaria de ver desaparecer da mentalidade legionária a ideia de que pagar, por meio da punição, por um mal cometido é algo vergonhoso. Não! É algo sagrado, pois repara a injustiça cometida e restabelece o equilíbrio que havia sido destruído.

Ninguém é um fracassado por ter sido punido; todos fracassamos quando fechamos os olhos para os erros dos legionários, quando nos afastamos do modo de vida legionário, de nossas próprias leis, em virtude das quais vivemos como legionários neste mundo".

Na visão de Codreanu, portanto, a punição é um instrumento pedagógico do mais alto valor educativo, que deve ser aproveitado ao máximo por um líder. Os benefícios educativos da punição são os seguintes:

Ela liberta o indivíduo de um fardo espiritual. Sentindo-se culpado perante o Movimento, ele já não pode atuar com a mesma pureza de antes.

Uma vez cumprida a punição, retorna a um estado de pureza perante a organização.

Isso não pesa na consciência dos demais camaradas. Uma vez expiado o erro, aquele que antes era culpado já não deve nada a ninguém. Retorna à luta com os mesmos direitos. Ninguém pode acusá-lo, pois sua falta foi redimida.

No plano moral, aceitar uma punição equivale a reparar o mal cometido.

Uma organização que encobre as faltas de seus membros está perdida, pois vive graças a determinadas leis. Se essas leis forem transgredidas hoje por uma pessoa, amanhã por outra, sem que a liderança reaja, a organização deixa de ser o que é ou se transforma em outra coisa, numa mera associação de interesses e facções.

A punição preserva o patrimônio político e espiritual do Movimento, ao mesmo tempo que salva a personalidade do legionário que a aceita.

XIV. As Maquinações do Palácio.

Quem observasse as extraordinárias realizações do Movimento em 1935 — a reestruturação e a expansão da organização, o florescimento de sua doutrina e assim por diante — poderia imaginar que o governo havia deixado os legionários em paz, permitindo-lhes seguir seu caminho sem obstáculos, e que somente graças à liberdade de que desfrutavam eles haviam conseguido afirmar-se com tanto vigor.

Nada poderia estar mais longe da verdade. A perseguição havia enfraquecido, é certo; perdera a ferocidade do inverno de 1933-34, mas não cessara por um só instante. Cada passo adiante dado pelos legionários era pago com sofrimentos intermináveis: insultos, ameaças, prisões, torturas e processos. Sobretudo processos, processos intermináveis. Não era sequer possível enumerá-los, de tão numerosos que eram. Não havia um único tribunal no país que não tivesse de julgar casos desse tipo. No entanto, em todas as sentenças proferidas, os legionários eram

sistematicamente absolvidos. O Judiciário do país mostrou-se digno: recusou-se a permitir que o transformassem em arma do Poder Legislativo. Cada sentença de absolvição dos legionários tornava-se, na mesma medida, uma sentença de condenação das ilegalidades do governo.

Por que motivos os legionários eram presos e arrastados perante os tribunais? Pelo simples fato de usarem na lapela uma insígnia de São Miguel Arcanjo, seu patrono; por cantarem em grupo uma canção patriótica ou legionária; por entrarem nas aldeias marchando em formação; por fundarem "ninhos"; por distribuírem panfletos do partido *Tudo pela Pátria*; e por muitas outras acusações igualmente mesquinhas, absurdas ou ilegais. Em suma, para o governo, qualquer forma de promover o novo partido constituía uma acusação contra seus membros.

A juventude legionária era obrigada a suportar um duplo sacrifício: lutar pelo Movimento e, ao mesmo tempo, pagar um tributo de sofrimento ao governo que a odiava. Mas, embora combatesse em duas frentes, nada conseguia deter sua vitalidade. Todas as barreiras erguidas pelo governo para retardar o avanço da nova vida ruíam uma após outra. As leis mais severas perderam sua força, o governo se cansou de desferir golpe após golpe contra os legionários e, por fim, até mesmo as autoridades começaram a sentir a força de atração daquele fenômeno.

Em apenas um lugar a vigilância não arrefeceu: *o Palácio Real*. Sem se render, a camarilha monarquista urdia novas intrigas para destruir o Movimento Legionário. O ataque frontal fracassara com a morte de Duca e com o veredito de "inocente" no processo contra a Guarda de Ferro; também haviam fracassado as tentativas de assassinar Codreanu a tiros ou envenená-lo. Seu agente direto, Stelesco, foi então obrigado, pelos mesmos círculos, a empreender uma nova campanha de difamação contra o Chefe da Legião. Seu efeito foi mínimo. Os partidários de Stelesco podiam ser contados nos dedos de uma só mão. Os antigos partidos estavam desnorteados.

O que fazer? Somente a incansável camarilha monarquista era capaz de conceber conspirações incessantes para aniquilar o Movimento. Não dispunha ela de todos os poderes e recursos econômicos do Estado? Não

era o Rei um instrumento maleável nas mãos de Helen Lupesco? E, nas fileiras dos antigos partidos, não havia um número suficiente de pessoas sem escrúpulos, prontas a cometer os atos mais vis em troca de uma parcela do poder ou de uma generosa recompensa? Portanto, nem tudo estava perdido!

No novo plano elaborado pela camarilha monarquista, o ataque frontal foi deixado de lado e urdiu-se um amplo movimento de pinça contra a organização; a originalidade desse plano residia no fato de que deveria ser executado com a ajuda dos partidos de oposição.

Como mostramos nos momentos oportunos, durante a perseguição de 1933-34, os partidos políticos de oposição haviam se mostrado favoráveis ao Movimento. Os líderes desses partidos haviam testemunhado em favor dos membros da Guarda de Ferro em seu julgamento.

Após a vitória judicial, os partidos de oposição e a Legião mantiveram relações cordiais, mas com intenções distintas: cada partido esperava atrair o Movimento para sua órbita, tanto na expectativa de ser recompensado pelos serviços prestados durante a perseguição quanto pela promessa feita aos legionários de um acesso mais fácil ao poder. Ao tentar absorver o Movimento, buscavam revigorar seus próprios quadros apáticos e envelhecidos com o sangue dinâmico da juventude legionária. Cada partido sonhava com alguma forma de fusão com o Movimento, mas sob condições que garantissem a predominância dos antigos quadros de seu partido.

Codreanu, embora grato pela ajuda prestada por esses partidos durante a perseguição, não podia permitir um desfecho tão trágico para a Legião, pelo qual Virgil Teodoresco e Sterie Ciumetti já haviam sacrificado a vida. À medida que os antigos partidos perceberam que Codreanu não estava disposto a aceitar uma fusão, suas relações com o Movimento esfriaram. Esse jogo prolongou-se por vários anos. Voltemos aos anos de 1934-36. Durante esse período, primeiro um e depois outro dos partidos de oposição tentaram atrair a juventude legionária para sua esfera de influência. Por fim, todos compreenderam que era impossível transformar a Legião em instrumento de suas ambições.

A camarilha monarquista logo compreendeu as vantagens que poderia obter de uma união entre o Movimento e um dos partidos de oposição, pois, se o Movimento fosse absorvido por um deles, esse partido, por sua vez, poderia ser manipulado com mais facilidade pelo Palácio. Por isso, durante todo esse período, a camarilha monarquista incentivou as tendências de *aproximação* com qualquer um dos partidos de oposição. Quando um partido fracassava em seus esforços e não conseguia enfraquecer a vigilância do Chefe da Legião, outro era orientado pelo Palácio a buscar a colaboração do Movimento. Essas manobras cuidadosamente planejadas variavam, mas o objetivo permanecia constante: absorver o Movimento Legionário por um partido de tendências nacionalistas que, por sua vez, pudesse ser controlado diretamente pelo Palácio.

Um após outro, tentaram-se os planos mais ousados: fizeram-se propostas diretas a Codreanu para que se fundisse com outro partido; tentou-se romper a unidade do Movimento comprando alguns chefes legionários; houve tentativas de separar Codreanu das fileiras legionárias e assim por diante. No âmbito desse plano, a camarilha monarquista, liderada por Lupesco, incentivou e financiou grupos políticos e jornais antijudaicos com o objetivo de enganar as novas gerações.

A camarilha monarquista tinha planos de longo prazo, e seu objetivo supremo era a instauração de uma ditadura pelo Rei. Para alcançar esse fim, era necessário, antes de tudo, esmagar todos os agrupamentos políticos existentes, tanto os antigos partidos quanto o Movimento Legionário. Os dois objetivos harmonizavam-se perfeitamente, pois um regime inteiramente controlado pelo Palácio pressupunha, acima de tudo, a destruição de toda oposição, qualquer que fosse sua orientação política.

XV. Os Partidos de Oposição e o Movimento.

Entre 1933 e 1937, o país foi governado pelo Partido Liberal. Nesse período, a oposição era composta pelos seguintes grupos políticos:

O Partido Nacional Camponês, liderado por Jules Maniu.

A Frente Romena, uma dissidência política surgida em 1935 no partido mencionado acima, liderada pelo Dr. Vaida Voevod.

O Partido Popular, liderado pelo marechal Averesco.

O Partido Nacional Agrário, uma dissidência surgida em 1934 no grupo de Averesco, liderado por Octavian Goga.

O Partido Liberal Dissidente (chamado de "Georgista"), liderado pelo professor George Bratianu.

O Partido Camponês, liderado pelo Dr. Nicole Lupu — uma dissidência do partido de Maniu.

O Partido Camponês Radical, liderado por Gregory Iunian — uma terceira dissidência do partido de Maniu.

O Partido Agrário, liderado por Constantin Argetoianu.

O Partido Nacional Democrático, liderado pelo professor Nicolae Iorga.

A Liga de Defesa Nacional Cristã, liderada pelo professor Cuza.

O partido "Tudo pela Pátria" (a Legião), liderado pelo general Cantacuzène.

Os dois principais partidos de oposição eram *o Partido Nacional Camponês*, liderado por Jules Maniu, e *o partido "Tudo pela Pátria"*. Os demais grupos não passavam de pequenas e instáveis formações políticas. Não contavam com apoio popular e, na verdade, só existiam graças à personalidade de seus líderes. As diferenças entre os programas políticos dessas formações eram mínimas. Seus membros estavam prontos para abandonar seus princípios e seus líderes de uma hora para outra, caso surgisse uma oportunidade de chegar ao poder.

Foi nessa atmosfera nebulosa e instável da oposição que a camarilha monarquista estendeu seus tentáculos. O expediente com que contava para atraí-los era atiçar-lhes o gosto pelo poder. Todos esses grupos à deriva tinham um denominador comum: odiavam o antigo Partido Liberal,

odiavam o governo e, em particular, seu líder, George Tartaresco, a quem consideravam um arrivista e usurpador.

O Rei, por sua vez, sabia explorar com grande sutileza os ressentimentos dos líderes dos partidos menores. A todos os que o procuravam para pedir uma mudança de governo, respondia em termos ambíguos, levando-os a acreditar que *"ele também concordava com o ponto de vista deles, mas, naquele momento, não dispunha de ninguém para substituir o governo. Se ao menos conseguisse encontrar homens dispostos a colaborar fielmente com a Coroa, a situação mudaria já no dia seguinte. Naturalmente, isso não poderia ocorrer com o Partido Nacional Camponês enquanto fosse liderado por Jules Maniu, fervoroso inimigo da Coroa, nem com a Guarda de Ferro. A juventude legionária era excelente, mas, sob sua liderança atual, era inútil. Se essa juventude pudesse atuar em outra organização política, então, evidentemente, seria possível considerar sua participação no governo"*.

De acordo com as ideias sugeridas pelo Rei, restavam apenas os partidos menores como possíveis sucessores de Tartaresco. Mas eram fracos demais para aspirar ao governo por conta própria. Por isso, o Rei os incentivava a ampliar sua base eleitoral, fosse recrutando militantes dos antigos partidos, fosse atraindo a juventude da Guarda de Ferro. Mostrava-se entusiasmado com a ideia de uma união entre um desses partidos e a Guarda de Ferro. Uma vez que esta fosse dominada por meio da união com um dos partidos menores, o Rei já não encontraria resistência alguma a seu plano de tornar-se o governante absoluto do país.

A seguir, veremos como se desenvolveram as relações entre o Movimento e os pequenos partidos de oposição, como o desejo destes de atrair a juventude legionária esbarrou na intransigência do Capitão e como, por fim, frustrada essa esperança, eles próprios entraram em conflito com o Movimento.

Após a derrota sofrida na primavera de 1934, atribuída com toda a razão a Helen Lupesco, o marechal Averesco, chefe do Partido Popular, tornou-se um inimigo implacável da camarilha monarquista, posição que

expressou publicamente nas colunas do jornal do partido, *Indreptarea* (Reparação).

O que o velho marechal não conseguiu impedir, porém, foi a infiltração de membros da camarilha monarquista nos principais cargos de seu próprio partido. O homem da camarilha monarquista no círculo de Averesco era o general Radesco, que, após a ocupação soviética do país, desempenhou um papel de destaque.

O general Radesco conseguiu convencer o marechal de que Codreanu não passava de um oportunista da pior espécie, de que tivera a vida poupada graças a Lupesco e de que, naquele momento, estava sendo usado pelo Palácio como um peão no jogo destinado a destruir os antigos partidos. Depois dele próprio, o verdadeiro e autêntico representante da juventude nacionalista deveria ter sido Stelesco, que, ao romper com Codreanu, havia desmascarado publicamente a duplicidade do antigo chefe. A intriga surtiu efeito e, a partir daquele momento, o marechal voltou-se para Stelesco, ao mesmo tempo que passou a demonstrar por Codreanu o mesmo desprezo que nutria pela camarilha monarquista.

O general Radesco desempenhou perfeitamente o papel que seus mandantes ocultos lhe haviam destinado. Apoiado por outros conselheiros envolvidos nessa questão, Radesco sugeriu ao marechal que utilizasse Stelesco para afastar de Codreanu a juventude nacionalista e alinhá-la a si próprio. Desse modo, os quadros do partido seriam rejuvenescidos, a popularidade do marechal aumentaria e o Partido Popular voltaria a ser um fator importante na vida do país. A proposta parecia ainda mais interessante por ter surgido depois que Octavian Goga, seu principal colaborador, deixou o partido, levando consigo um grande número de quadros e fundando o Partido Nacional Agrário.

A inconcebível relação entre uma grande figura nacional, como o marechal Averesco, e um lixo moral como Stelesco levou Ion Mota a escrever uma *"Carta Aberta"* ao marechal, na primavera de 1935, que os legionários afixaram nos muros da capital. Referindo-se à campanha de mentiras da qual participava o Partido Popular, aliado a Stelesco, Mota chamou a atenção do marechal para o fato de que seu passado e seus

grandes feitos militares não lhe permitiam destruir a obra que ele próprio havia iniciado nem tornar-se, na velhice, o coveiro da Grande Romênia. Ao se associar aos inimigos do Movimento Legionário, o marechal estava, na realidade, aliando-se àqueles que procuravam minar o futuro da nação. Esse caminho, porém, estava vedado a todos e, sobretudo, àqueles que haviam conquistado mérito eterno na criação do Estado romeno.

Essa carta teve um efeito positivo, principalmente entre os legionários que não sabiam o que pensar da relação entre o marechal e Stelesco. As relações entre o marechal Averesco e a Guarda de Ferro tornaram-se ainda mais tensas após essa carta. O marechal continuou apoiando as atividades de Stelesco, e essa atitude levou ao rompimento com o Movimento.

Para sair do isolamento após a deserção de Goga e fortalecer sua posição política, o marechal Averesco aliou-se ao Partido Liberal Dissidente de George Bratianu. Sem se fundirem, os dois partidos decidiram formar uma frente eleitoral unida e apoiar-se mutuamente em todas as ocasiões. A camarilha monarquista, que também tinha seus homens no Partido Liberal Dissidente, conseguiu convencer George Bratianu a adotar, em relação ao Movimento, a mesma atitude do marechal Averesco. Em 1935, os dois chefes concordaram em apoiar Michael Stelesco contra Corneliu Codreanu. Consideravam Stelesco um autêntico representante da nova geração e o convidaram a participar das atividades conjuntas dos dois partidos.

Em consequência da colaboração com Stelesco, as relações entre o Movimento Legionário e os dois partidos, excelentes entre 1933 e 1934, começaram a esfriar no fim de 1934; a tensão aumentou na primavera de 1935, levando a um conflito aberto no outono daquele mesmo ano. O rompimento foi provocado pelo fato de que, em uma reunião conjunta dos dois partidos, suas lideranças permitiram que o grupo de Stelesco se aliasse à frente averescano-georgista. O Capitão ficou indignado com tamanha traição. Correndo o risco de se isolar politicamente, publicou uma circular em 30 de setembro de 1935, anunciando que as relações entre o partido *“Tudo pela Pátria”* e os dois grupos estavam encerradas:

“Como sabem, todos nós mantivemos até agora uma boa opinião, e até mesmo amizade, pela obra de George Bratianu e do marechal Averesco.

Esses sentimentos foram manifestados durante as eleições de 1933 e em outras ocasiões, sem que pedíssemos em troca nada além de simples cortesia.

Há cerca de um ano, circula entre os membros dessas duas organizações uma série de mentiras anônimas, muitas vezes datilografadas e impressas às centenas, nas quais nós, legionários, com nossas lutas passadas e nosso orgulho, somos constantemente enlameados e reduzidos a meros servidores de Lupesco e da Força Oculta, com a qual qualquer contato constitui uma desonra.

Ontem, durante uma reunião da Frente Averescano-Georgista em Bucareste, permitiu-se que um lixo moral (Stelesco) lesse uma declaração de apoio.

Compreendemos, diante desse fato, que todas as pontes entre nós estão rompidas. De agora em diante, por poucos que sejamos:

***1.** Fica proibido todo contato, qualquer que seja sua natureza, com essas organizações.*

***2.** Ficam rompidas as relações pessoais entre os legionários e qualquer membro dessas organizações.*

Só estendemos a mão legionária àqueles que, por seus atos, demonstram saber o que significa a Honra e a defendem”.

A camarilha monarquista havia, assim, conseguido romper a frente de amizades políticas do Movimento. Dois partidos que, por suas posições políticas e pelo patriotismo de seus líderes, tinham a obrigação moral de lutar ao lado da Legião contra as forças sinistras do internacionalismo, que pretendiam perpetuar seu domínio sobre a Romênia, foram manipulados por esses mesmos grupos de tal modo que acabaram considerando Codreanu — o inimigo número um do Poder Oculto — como protegido desse poder e inimigo deles!

Outro líder partidário interessado em conquistar a juventude legionária era Octavian Goga.

O chefe do Partido Nacional Agrário havia se manifestado em apoio ao Movimento Legionário durante a perseguição; fora um dos poucos líderes políticos que, no Parlamento, denunciaram os abusos e os crimes do governo. Posteriormente, compareceu ao julgamento como testemunha de defesa, prestando um brilhante depoimento em favor dos líderes da Guarda de Ferro. Alimentava a esperança de que, em retribuição a essas demonstrações de amizade, Codreanu se uniria a seu grupo, levando consigo a juventude legionária.

Naturalmente, o Capitão guardava no coração a mais profunda gratidão pelo apoio que Goga prestara ao Movimento naqueles tempos difíceis, mas, como nos demais casos semelhantes, não podia levar essa gratidão ao ponto de cometer suicídio político. Era isso que significaria uma união com o Partido Nacional Agrário de Goga. Goga não dispunha de uma equipe política capaz de promover com sabedoria os ideais do nacionalismo romeno. Ao lado de elementos de verdadeiro valor, havia, inclusive na direção do partido, um grupo de pessoas duvidosas. O partido não possuía uma liderança homogênea e consciente de sua missão nacional.

Além dessa fraqueza, Goga pretendia tratar Helen Lupesco com cautela, para não despertar a ira do Rei, de quem dependia sua carreira política. Queria chegar ao poder a qualquer custo; mas o poder só poderia ser alcançado por intermédio do Rei, que afastava sistematicamente todos aqueles que se opunham à camarilha monarquista. Confiar o destino da Legião a Octavian Goga era um risco grande demais para o Capitão, pois ele não podia ter certeza de que os ideais pelos quais tantos jovens haviam lutado e morrido seriam concretizados na vida pública da Romênia. Codreanu se opunha à união com outros grupos mais ou menos nacionalistas não por ambição, mas porque temia que eles não servissem ao interesse nacional. O Movimento Legionário, a única organização que não era controlada pelo Poder Oculto, corria o risco de desaparecer no tumulto político do sistema partidário.

Vendo que o Movimento não estava disposto a se unir a ele, Goga voltou-se para a Liga do professor Cuza, ou, mais precisamente, para o que restava dessa organização outrora poderosa. As negociações foram coroadas de êxito. Os dois partidos se fundiram sob o nome de Partido Nacional Cristão. Goga foi eleito chefe do novo partido.

A camarilha monarquista incentivou a fusão. Sua ideia era muito simples: o novo partido não representava qualquer perigo para a camarilha monarquista nem para a minoria judaica. Seu programa antijudaico — herança do cuzismo —, embora virulento no papel, poderia ser atenuado, retardado ou completamente eliminado a qualquer momento, caso o partido tivesse a oportunidade de chegar ao governo. Por outro lado, a camarilha monarquista obteria vantagens consideráveis com essa fusão: a agitação antijudaica, desencadeada pelo novo partido no país, acabaria se voltando contra o Movimento, reduzindo sua popularidade.

Essa perda de impulso do Movimento era vital para seus planos. A Guarda de Ferro constituía um inimigo muito mais temível e temido pela camarilha monarquista do que o Partido Nacional Cristão, embora seu programa antijudaico fosse muito mais moderado do que o do professor Cuza, adotado por Goga. A utilidade imediata de um grupo como esse era de outra natureza. O Movimento Legionário não podia ser manipulado, direta nem indiretamente, ao passo que o partido recém-fundado era suscetível às ideias do Palácio.

Após a fusão, o novo partido lançou-se na vida política do país com o objetivo evidente de acabar com o Movimento. Sua propaganda assumiu formas extremas. Seus jovens faziam manifestações ruidosas, vestindo camisas azuis e braçadeiras com a suástica. Exibiam um antijudaísmo exacerbado para atrair a atenção das multidões. As autoridades quase não os incomodavam, como se sua propaganda não lhes causasse preocupação alguma. Durante o mesmo período, os legionários continuavam a sofrer golpe após golpe, submetidos às mesmas restrições à propaganda e à mesma repressão violenta de antes.

Essas manifestações antijudaicas não produziram os resultados desejados nem transformaram o Partido Nacional Cristão em um partido

de massas. Sua popularidade não aumentou com a fusão, permanecendo a mesma de início: uma simples união de quadros e de apoio eleitoral. A confusão provocada entre o público por essas explosões ruidosas e por essa aparente coragem diante da Questão Judaica durou pouco. Havia superficialidade demais nessa exibição de forças mal conduzidas.

Outro pretendente à mão da Legião era Vaida Voevod. O ex-presidente do Conselho havia se afastado de Jules Maniu e, na primavera de 1935, também lançara as bases de um novo grupo político, chamado Frente Romena.

O surgimento do novo partido causou enorme sensação. Voevod não apenas abandonara o Partido Nacional Camponês, mas também mudara de orientação política; da democracia cosmopolita que até então o caracterizara, dera uma guinada radical em direção aos partidos de direita. O programa do partido, condensado na fórmula *numerus valachicus*, na realidade apenas retomava, de forma diluída, a reivindicação do movimento estudantil de 1922 pelo *numerus clausus*. Voevod exigia que fosse estabelecida uma cota racial nas universidades e nas profissões liberais. Não gostava da expressão *numerus clausus* por suas conotações antijudaicas, mas, em essência, o *numerus valachicus* tinha o mesmo objetivo.

O Movimento Legionário recebeu com alegria a adesão de Voevod ao nacionalismo. Na época, Ion Mota escreveu um artigo — em *The Student Word*, de 20 de março de 1935 — no qual enaltecia o velho combatente transilvano e lhe dava as boas-vindas às fileiras daqueles que, desde 1922, lutavam para restituir ao povo romeno seus direitos históricos:

"Foi por isso que, mais do que quaisquer outros, nos sentimos profundamente reconfortados. Sentimos uma alegria semelhante a um bálsamo sobre nossas antigas feridas quando vimos o Sr. Voevod juntar-se à nossa dolorosa e sangrenta causa, também ele curvado sob o doloroso peso do romenismo perseguido. Sofrimentos que ele tomou sobre os ombros, assim como fez nossa juventude odiada e desprezada, do mesmo modo que esse mesmo Sr. Voevod já havia assumido com êxito outras responsabilidades romenas".

Voevod havia sido antijudaico na juventude. Quando estudante em Viena, conhecera o célebre prefeito da capital dos Habsburgos, Dr. Lueger, e participara ativamente de seu movimento antijudaico. Mais tarde, ao se dedicar por completo à luta pela emancipação política dos romenos da Transilvânia, perdera o contato com os círculos antijudaicos de sua juventude.

Na Grande Romênia, como ministro do Interior entre 1928 e 1930 e, depois, como presidente do Conselho entre 1932 e 1933, ele tivera de enfrentar os problemas provocados na vida política do país pelo surgimento do Movimento Legionário. Sua atitude em relação à Legião era ambivalente. Em algumas ocasiões, respeitava a lei do país; em outras, passava por cima dela, seguindo o exemplo dado por todos os partidos e governos.

No íntimo, Voevod simpatizava com a juventude da Guarda de Ferro, revivendo nas ações dela sua própria juventude turbulenta. Enquanto esses sentimentos e lembranças prevaleciam em seu espírito, concedia ao Movimento relativa liberdade para se desenvolver; mas, quando as pressões exercidas pelo Palácio ou pelas fileiras de seu próprio partido se tornavam intensas demais, ele obedecia às suas exigências. Ao longo de sua vida política, passou de um extremo ao outro. Quando era “chamado à ordem”, esquecia seu passado nacionalista e sua simpatia pela juventude nacionalista, deixando à polícia *carte blanche* para lidar com os legionários. O violento ataque no dique de Visani ocorreu quando Voevod era primeiro-ministro.

É fácil imaginar a emoção e a alegria despertadas entre os legionários pela notícia de que Voevod havia abandonado sua política traiçoeira e decidido agir abertamente ao lado dos partidos nacionalistas. No entanto, no mesmo artigo, Ion Mota, embora muito mais jovem que Voevod, tomou a liberdade de advertir o velho político transilvano sobre as dificuldades e os perigos que o aguardavam em razão dessa nova postura. O Movimento Legionário, com sua longa experiência na luta nacionalista, declarou estar pronto para oferecer-lhe orientação e apoio.

Voevod começou a organizar a Frente Romena, primeiro nas províncias e depois, como coroamento de sua obra, na capital. Na recepção a Vaida na estação ferroviária e no trajeto até a sede de seu partido, os legionários compareceram em grande número. Vestindo a camisa verde, marchando em colunas e entoando canções patrióticas, conduziram-no em triunfo pelas ruas da capital. Foi assim que o Capitão procurou homenagear o retorno desse valoroso homem da Transilvânia ao caminho do nacionalismo.

Uma multidão imensa recebeu o ex-presidente do Conselho com incrível entusiasmo. Muitos esperavam que houvesse uma colaboração frutífera para o país entre o "leão da Transilvânia" e o jovem Chefe da Legião, Codreanu. Teria sido um grande passo em favor do interesse nacional.

Esse final feliz não estava destinado a acontecer e, além disso, jamais poderia ter acontecido. Voevod não possuía a força de espírito necessária para romper definitivamente com os poderes ocultos. A formação da Frente Romena não foi uma iniciativa genuína, uma conversão do líder transilvano aos ideais da geração de 1922, como os legionários esperavam. Ele havia rompido com Maniu e formado a nova organização porque o Palácio assim lhe sugerira. Ao lançar a Frente Romena, o Rei procurava matar dois coelhos com uma cajadada só: enfraquecer o partido de Maniu e diluir o movimento nacionalista. Ao lado da Guarda de Ferro e do Partido Nacional Cristão, surgia agora um terceiro grupo que também afirmava defender cotas raciais. O Rei esperava que os legionários, impressionados com a chegada do grande líder transilvano à arena nacionalista, se filiassem à Frente Romena. Nem sequer se descartava a possibilidade de que o próprio Codreanu fosse seduzido pela promessa de um governo no qual figuraria ao lado de Voevod, fundindo-se assim com o novo grupo.

A camarilha monarquista não teve mais sorte com a Frente Romena do que tivera com outras iniciativas semelhantes dirigidas ao Movimento Legionário. Corneliu Codreanu e todos os legionários viram com bons olhos o surgimento da nova formação nacionalista e até lhe prestaram

ajuda de tempos em tempos, mas nada além disso. As águas de dois rios não se misturam.

Dois anos depois, a prudência do Capitão foi confirmada pelos acontecimentos, e aqueles que haviam depositado suas esperanças em Voevod sofreriam uma grande decepção. No outono de 1937, quando o Rei mais uma vez encarregou Tataresco de formar um governo e convocar novas eleições, Voevod, atendendo a um pedido do Palácio, concordou em integrar a lista do Partido Liberal. Sua decisão equivalia à dissolução da Frente Romena, que ocorreu mais tarde. A partir de então, não se voltou a ouvir falar desse grupo. Organização artificial, criada e mantida apenas para servir aos interesses obscuros da camarilha monarquista, desapareceu sem deixar vestígios assim que deixou de ser útil à nova estratégia do Palácio. Mais tarde, durante a ditadura real, Voevod tornou-se Conselheiro Real e, depois, presidente da Câmara, aceitando sem resistência a orientação da nova autocracia.

A tática do Capitão diante das tentativas dos “partidos de direita” de atrair o Movimento para si era muito sutil. Embora compreendesse perfeitamente que todas aquelas “formações nacionalistas de última hora” haviam sido criadas e manipuladas pelo Palácio, ele não denunciou desde o início suas origens obscuras. Teve a paciência de esperar e permitir que elas próprias se revelassem. Às manobras do Palácio, respondia entrando no jogo, mas sabendo sempre exatamente o momento de recuar, sem assumir compromissos políticos formais. Em sua alma, ainda restava uma centelha de esperança: a de que aqueles líderes, possuidores de um respeitável passado político a serviço da nação, não se rebaixassem à condição de fantoches da camarilha monarquista; de que ocorresse uma mudança em suas consciências e eles aderissem à verdade nacionalista.

A posição de Codreanu não era fácil. Frequentemente procurado por um ou outro dos grupos recém-fundados, ele lhes prestava apoio. Para os legionários, zelosos do prestígio e da pureza da organização, essas decisões às vezes pareciam pouco razoáveis, e por isso murmuravam. Não compreendiam as ponderações do Capitão que o haviam levado a adotar uma atitude amistosa em relação às formações pseudonacionalistas.

Codreanu não podia criar inimizades inúteis nem tinha o direito de agir de maneira que aumentasse consideravelmente o número de seus inimigos. Se, porém, esses grupos ultrapassassem certos limites, atacando ou ofendendo o Movimento, ele não hesitava em pôr as coisas em ordem, como fizera com a frente averescano-georgista. Para conseguir preservar essas necessidades táticas, confiava na disciplina legionária e na confiança que os legionários depositavam nele para conduzi-los.

No entanto, em determinado momento, ele precisou intervir com vigor para pôr fim às críticas que lhe eram dirigidas, sobretudo por alguns chefes provinciais que, distantes da agitação da capital, não enxergavam todo o campo de batalha. Em uma circular datada de 20 de setembro de 1936, explicou aos legionários que seu dever era confiar no Chefe e que a liberdade deste consistia em poder manobrar como julgasse conveniente, a fim de garantir a vitória final:

"Nas eleições de distrito, departamento ou Parlamento, somente quando os partidos concorrentes tiverem solicitado o apoio do Comando Central os legionários receberão instruções para votar de acordo com elas.

Os legionários cumprirão à risca a ordem recebida, sem perguntas, sem dúvidas, sem murmurações, ainda que, pessoalmente, estejam em conflito com aqueles a quem devem ajudar. Isso porque nenhum legionário, seja ele quem for, tem o direito de impedir ou prejudicar uma grande manobra política empreendida pela liderança central da Legião. Toda manobra tem por objetivo a vitória final. Somente quem se opõe a essa vitória, quem carece de confiança ou de visão, levantará questionamentos. O verdadeiro legionário permanecerá inabalável e depositará confiança ilimitada na liderança, que avança com firmeza de ferro".

Leituras Complementares.

✠ Para meus Legionários, Corneliu Zelea Codreanu.

✠ Anotações da Prisão de Jilava, Corneliu Zelea Codreanu.

✠ Manual do Chefe, Corneliu Zelea Codreanu.

✠ O que é o Nacionalismo, Horia Sima.

✠ Técnica de luta contra o Comunismo, Horia Sima.